



**Mary Wollstonecraft**

**REIVINDICAÇÃO  
DOS  
DIREITOS  
DA MULHER**

EDIÇÃO COMENTADA  
DO CLÁSSICO FEMINISTA





## ***Sobre Reivindicação dos direitos da mulher*** **Diana Assunção**

No fim do século XVIII, logo após a França ser palco da maior revolução burguesa da história, que exigia liberdade, igualdade e fraternidade, diversos questionamentos passaram a clamar pela extensão de tais direitos a toda a humanidade, e não apenas aos homens brancos europeus: o primeiro surgiu na colônia francesa no Haiti, que já em 1791 deu início a sua revolução negra; logo em seguida, em 1792, fez-se ouvir o protesto feminista de Mary Wollstonecraft, de Londres, que exigia justiça para as mulheres, excluídas do papel de cidadãs pela Constituição Francesa recém-promulgada. Foram, portanto, as próprias ideias iluministas que influenciaram Mary a enfrentar grandes nomes como Jean-Jacques Rousseau e Alexander Pope, os quais, apesar de se basearem na razão, guardavam para a mulher um lugar inferior na sociedade. Mary Wollstonecraft sustentava que a dependência econômica das mulheres, bem como sua impossibilidade de acesso à educação racional, transformava-as em seres infantis e resignados. A obra *Reivindicação dos direitos da mulher* é considerada uma das fundadoras do feminismo, escrita em um momento anterior ao das grandes lutas proletárias, quando a burguesia ainda carregava uma missão revolucionária. As ondas seguintes do feminismo internacional já teriam como palco o mundo capitalista, em que a burguesia não somente deixaria de ter esse papel como conduziria a humanidade aos massacres das duas guerras mundiais, convertendo o mundo em uma suja prisão. Para dar continuidade à obra de Mary Wollstonecraft, hoje o protesto feminista precisa ser também anticapitalista e se ligar à classe trabalhadora, a classe revolucionária da nossa época. É um grande acerto a Boitempo resgatar essa voz contra a cruel opressão cotidiana, uma voz que continua viva em milhões de mulheres – meninas, negras, indígenas e imigrantes em todo o mundo.

**Mary Wollstonecraft**

**REIVINDICAÇÃO  
DOS  
DIREITOS  
DA MULHER**



## SUMÁRIO

PREFÁCIO, *Maria Lygia Quartim de Moraes*

Carta ao Sr. Talleyrand-Périgord, antigo bispo de Autun

Nota

Introdução

1. Considerações sobre os direitos e os consequentes deveres da humanidade
2. Discussão sobre a opinião prevalecente a respeito do caráter sexual
3. Continuação do mesmo assunto
4. Observações sobre o estado de degradação a que, por causas diversas, se encontra reduzida a mulher
5. Censuras a alguns dos escritores que têm tornado as mulheres objeto de piedade, quase de desprezo
6. O efeito que tem sobre o caráter uma associação prematura de ideias
7. A modéstia considerada em toda a sua amplitude, e não como virtude sexual
8. A moralidade enfraquecida por noções sexuais referentes à importância de uma boa reputação
9. Dos efeitos perniciosos que surgem das distinções inaturais estabelecidas na sociedade
10. Afeto parental
11. O dever aos pais
12. Sobre a educação nacional
13. Alguns exemplos da insensatez que a ignorância das mulheres gera e reflexões conclusivas sobre o aperfeiçoamento moral que a revolução nas maneiras femininas naturalmente produziria

CRONOLOGIA

MARY WOLLSTONECRAFT EM QUADRINHOS, *Fred Van Lente e Ryan Dunlavey*

### **Nota da edição**

As notas de rodapé numeradas são de autoria de Mary Wollstonecraft e constam da edição original; já as notas da edição brasileira, que podem tanto vir em uma chamada exclusiva e destacada com asterisco como entre colchetes após uma das notas da autora, serão sempre acompanhadas de “(N. E.)”.

## PREFÁCIO

*Maria Lygia Quartim de Moraes*

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres – hora de devolver-lhes a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo.<sup>[1]</sup>

### *Mary Wollstonecraft e o nascimento do feminismo*

**E**is um texto escrito em fins do século XVIII que continua atual. Por sua defesa veemente da igualdade entre os gêneros, *Reivindicação dos direitos da mulher* pode ser considerado o documento fundador do feminismo. Publicado em 1792, em resposta à Constituição Francesa de 1791, que não incluía as mulheres na categoria de cidadãs, o livro denuncia os prejuízos trazidos pelo enclausuramento feminino na exclusiva vida doméstica e pela proibição do acesso das mulheres a direitos básicos, em especial à educação formal, situação que fazia delas seres dependentes dos homens, submetidas a pais, maridos ou irmãos.

Outra marca distintiva de *Reivindicação* é o fato de ter sido escrito por uma mulher numa época em que a vida pública era circunscrita aos homens. Sua autora, a inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), foi uma intelectual libertária, uma ativista das causas dos oprimidos, cuja militância antiescravagista é hoje reconhecida oficialmente com sua introdução formal no panteão dos abolicionistas ingleses. Como outras mulheres intelectuais e emancipacionistas, Mary enfrentou obstáculos de natureza variada no decorrer da vida. Sua infância foi prejudicada pela violência paterna; foi autodidata; enfrentou os limites sociais de seu tempo para conseguir conquistar a autonomia financeira e sofreu os

preconceitos moralistas com respeito à sua vida sexual e afetiva. À época do lançamento da *Reivindicação*, porém, já era uma intelectual de prestígio nos círculos de vanguarda da sociedade inglesa.

Extremamente revolucionária para a época, a *Reivindicação* foi traduzida para vários idiomas, tornando-se um referencial teórico para outras mulheres, precursoras do feminismo contemporâneo. O texto trata da condição de opressão da mulher na sociedade inglesa num período histórico marcado pelos ideais iluministas e pelas profundas transformações que o capitalismo industrial traria para o mundo. E, apesar da distância histórica que diferencia a situação das mulheres de hoje em relação à realidade de Mary Wollstonecraft, a luta pela igualdade de gêneros continua atual.

### *Um breve mergulho na Europa do século XVIII*

O desenvolvimento do capitalismo industrial na Inglaterra foi o propulsor das profundas transformações ocorridas na Europa no século XVIII. A Inglaterra era o maior império colonial de então, dominando o tráfico negreiro e explorando suas colônias na África e na América, por meio do sistema de *plantation*. Esse sistema estabelecia uma organização triangular em que os comerciantes ingleses propiciavam a monocultura de cana-de-açúcar nas colônias das Antilhas e da América Central, vendiam o açúcar na Europa e com os lucros compravam africanos escravizados em seus países de origem. Os Estados Unidos tinham declarado sua independência, e a França vivia o período radical da Revolução de 1789. Os ingleses e inglesas que apoiavam a causa da liberdade dos EUA e, em seguida, a Revolução Francesa foram perseguidos e chamados de traidores a partir do momento em que a Inglaterra declarou guerra à França.

Mary participava ativamente do movimento abolicionista inglês, um dos mais bem-sucedidos movimentos sociais da história moderna, atraindo para sua causa milhares de ativistas. O movimento partira da ação de 22 religiosos ingleses, em 1787, e logo se espalhou por meio da organização de comitês que pressionavam o Congresso com petições e também desenvolviam sua militância porta a porta, distribuindo panfletos que denunciavam as terríveis condições de vida dos escravos nas plantações inglesas do Caribe e das Antilhas. A pressão do movimento foi fundamental para a abolição do comércio de escravos no Império Britânico em 1807.

## *O feminismo na idade das luzes*

*Esclarecimento (Aufklärung) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. Sapere aude! Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é portanto a divisa do Esclarecimento*<sup>[2]</sup>.

Assim Kant, contemporâneo de Mary, inicia sua *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?*, que nos ajuda a entender a revolução teórica e política do *ousar saber* que inspirou aqueles que militavam pela abolição da escravidão e pela igualdade de todos os seres humanos. E a importância da emancipação do pensamento. Como veremos, as ideias emancipacionistas de Mary Wollstonecraft e de sua contemporânea francesa Olympe de Gouges (1748-1793) alimentaram-se do legado iluminista e, ao mesmo tempo, enriqueceram-no. Ambas, à sua maneira, ousaram contestar o discurso dominante em que se apoiava a subordinação da mulher ao homem como um dado da natureza. Ambas participaram ativamente da vida política de seus países, como feministas e como abolicionistas.

Um ambiente social acolhedor; um grupo de estudos; uma célula política lutando pelos direitos dos escravos – tais circunstâncias criaram grupos por afinidade nos quais os homens que tinham absorvido a cultura iluminista, que lutavam pela abolição da escravatura e pela emancipação da humanidade das garras da ignorância eram os mesmos que defendiam os direitos das mulheres. O marquês Nicolas de Condorcet (1743-1794), filósofo, matemático e enciclopedista, defendia publicamente as mesmas teses que Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges, como testemunha seu *Sur l'admission des femmes au droit de cité*. Indignado com a exclusão das mulheres na Assembleia Constituinte, ele enfatiza o absurdo de se falar em igualdade de direitos enquanto metade do gênero humano é privada de cidadania. Pergunta ele: como se pode falar em direitos iguais quando uma assembleia de 300 ou 400 homens se outorga a prerrogativa de decidir sobre o destino 12 milhões de mulheres? Além do mais, prossegue, para que essa exclusão não fosse um ato de tirania, seria necessário provar que os direitos naturais das mulheres não são os mesmos dos homens, ou provar que elas não podem exercê-los. Pois aquele que vota contra o direito de outro, por causa de sua religião, cor ou sexo, está ao mesmo tempo abjurando

seus direitos.

O feminismo iluminista de Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges compartilha da mesma crença na importância da educação e na universalidade de direitos, fazendo eco a Condorcet. É um feminismo que se opõe à escravidão dos africanos e indígenas e à escravidão doméstica. Ambas viveram tempos históricos em que a mulher estava excluída da educação formal, das universidades e das possibilidades de uma carreira de nível superior. E em que o casamento a transformava numa dependente legal do marido, que não podia gerir os próprios bens nem trabalhar sem consentimento. É a eterna menoridade como destino das mulheres.

Olympe de Gouges viveu tempos revolucionários, marcados pelos ideais de igualdade e liberdade. Ela se insere nas agitações políticas da França escrevendo panfletos, tratados políticos, peças de teatro e artigos sobre a questão da mulher. Participando ativamente dos dramáticos anos que se sucederam à queda da Bastilha, Olympe dirige o jornal *L'Impatient*, funda, em 1793, a Sociedade Popular das Mulheres e publica, em 1791, a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, basicamente uma contraproposta da *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, na qual “homem” não era usado como sinônimo de “humanidade”, mas como representante do sexo masculino, o que lhe garantia o direito à cidadania. Em alguns pontos, o texto é ainda mais radical do que a *Reivindicação*, pois propugna não somente a igualdade dos direitos da mulher à educação, mas ao voto e à propriedade privada, aos cargos públicos, ao reconhecimento dos filhos nascidos fora do casamento e à herança.

Gouges, como Wollstonecraft, abraça a causa da abolição da escravatura, a criação de instituições de apoio a mães solteiras e de um teatro para a dramaturgia feminina. Pacifista, como continuam sendo as feministas contemporâneas<sup>[3]</sup>, Olympe opõe-se à pena de morte. Quanto a isso, mais uma vez o pensamento das duas mulheres se aproxima, pois também Mary Wollstonecraft se chocaria com os desmandos da Revolução Francesa e escreveria um panfleto de denúncia. No ano seguinte, Olympe de Gouges seria presa e, três meses depois, guilhotinada por fazer essas mesmas críticas, tendo seu corpo jogado na vala comum.

A trajetória de Mary Wollstonecraft não foi menos incendiária nem trágica: ela e os irmãos viviam sob o jugo do pai, um déspota doméstico que não somente dilapidou os bens da família em negócios desastrosos, como os obrigou

a constantes mudanças de residência. Aos dezenove anos, Mary sai de casa e passa a se sustentar por meio de um emprego doméstico, insatisfatório. Em 1774, junto com a irmã Eliza, que ajudara a escapar de um marido violento, ela funda uma escola em Newington Green, comunidade com forte presença de livres pensadores<sup>[4]</sup>. Essa experiência de ensino dá início a sua intensa atuação em prol da educação feminina. Em 1774, publica o panfleto *Thoughts on the Education of Daughters: with Reflections on Female Conduct, in the More Important Duties of Life* e passa a dedicar-se à literatura, tornando-se tradutora e conselheira de Joseph Johnson, editor de textos radicais. Em 1788, com o lançamento da revista *Analytical Review*, Mary começa a contribuir regularmente para a publicação, o que lhe dá acesso à vanguarda intelectual e artística da Inglaterra, incluindo Thomas Paine, William Blake e Henry Fuseli, admirador de Rousseau, assim como Mary. O entusiasmo dela por Fuseli transformou-se em amor e, como o artista era casado, Mary propôs à mulher dele que compartilhassem o marido. Ao fazer tal proposição, veementemente rechaçada, Mary agiu com absoluto desrespeito pela monogamia obrigatória e, principalmente, assumiu o papel ativo de sujeito do desejo. É essa coragem em expor seus sentimentos e desejos que constitui seu precioso legado e, ao mesmo tempo, sua vulnerabilidade.

Dessa maneira, a *Reivindicação dos direitos da mulher* resulta tanto de uma trajetória de lutas militantes de Mary como de seus enfrentamentos contra a moral sexista e conservadora da época. O romantismo que impregnava a sociedade inglesa colaborou para o tumulto de sua vida afetiva: “como mulher de razão e mulher de natureza, ela personifica a complexa tensão e as fissuras do Iluminismo [...]. Equilibrando-se entre a Era da Razão e a primeira onda do Romantismo, Wollstonecraft lutou para reconciliar razão e sensibilidade em sua vida e em seus escritos”<sup>[5]</sup>.

Interessada em acompanhar a Revolução Francesa de perto, Mary viaja para a França em 1792, vindo a conhecer o comerciante norte-americano Gilbert Imlay, por quem se apaixona profundamente. Esse é um período em que os ingleses passam a ser malvistas na França, levando o cônsul dos Estados Unidos a celebrar um casamento civil que permitiu a Mary passar por norte-americana. Fanny Imlay, a filha do casal, nasce em 1794 em Havre, mas as constantes viagens a trabalho de Gilbert, bem como sua infidelidade, complicam a relação do casal até que ele enfim abandona Mary. Ela atravessa um período conturbado

e, muito fragilizada, tenta o suicídio por duas vezes<sup>[6]</sup>. Ao mesmo tempo, dá continuidade à redação de seus textos críticos, focalizando a violência assumida pela Revolução Francesa. O volume 1 do livro, publicado em 1794, intitula-se *An Historical and Moral View of the Origin and Progress of the French Revolution and the Effect It Has Produced in Europe*.

Em abril de 1796, Mary toma a iniciativa de escrever para o jornalista e filósofo inglês William Godwin e eles passam a se encontrar regularmente, mantendo também uma intensa correspondência, que acompanha o tocante processo de aproximação dessas duas inteligências e a descoberta da atração física criada pela convivência. Poucos meses depois, tornam-se amantes, em uma relação baseada no respeito mútuo e no companheirismo. Dadas as restrições legais que oprimiam as mulheres casadas, ambos optam por, no início, não formalizar o matrimônio, fazendo isso apenas posteriormente, quando Mary engravida, tendo em vista o estatuto legal da criança prestes a nascer. Infelizmente, quando Mary parecia ter encontrado “a harmonia doméstica e o amor”<sup>[7]</sup>, uma septicemia decorrente do parto causa sua morte, aos 38 anos, dez dias depois do nascimento de sua segunda filha, batizada Mary Wollstonecraft Godwin, que viria a obter grande reconhecimento, sob o nome Mary Shelley, como autora de *Frankenstein*.

Após a trágica morte de Mary Wollstonecraft, William Godwin comprovou sua fidelidade ao legado político da esposa: tratou de organizar os escritos inéditos, uma novela inacabada e a correspondência entre ambos. Ademais, publicou, em 1798, o livro *Memoirs of the Author of “A Vindication of the Rights of Woman”*, que pode ser considerado a primeira biografia moderna. Nele, numa linguagem direta, numa narrativa sem retoques, Godwin acompanha a trajetória de Mary desde a infância, ressalta sua luta pela autonomia profissional, menciona as diversas transgressões às regras de conduta, tais como a relação sexual e afetiva com Imlay, que resultou em uma criança ilegítima, além do desespero de Mary ao se dar conta do progressivo afastamento do homem que amava e suas duas tentativas de suicídio. Só alguém que amasse Mary tal como ela era poderia expor com tanta simplicidade e respeito tais fatos íntimos de sua vida. William o faz de maneira a não omitir a complexa subjetividade de Mary, sua postura arrebatada no amor que a colocava mais como sujeito do desejo do que no lugar de ser desejado. Para ele, a melhor homenagem a ela seria mostrar a força literária e política de seus textos, sem esconder as conquistas, os infortúnios

e os amores dessa mulher inteligente e vulnerável, mas ao mesmo tempo senhora de suas escolhas.

A teórica e ativista francesa Flora Tristan (1803-1844), ponto de mutação na história das lutas feministas por ser a primeira defensora da unidade dos operários do mundo inteiro, no livro *Promenades dans Londres: ou L'aristocratie et les prolétaires anglais*, em que dissecava o cotidiano vazio e cheio de formalidades das mulheres de classe média inglesas, recomenda a leitura de *Reivindicação* e, como contraponto à falta de perspectivas dessas mulheres, ressalta a extraordinária importância da obra de Mary Wollstonecraft.

### *Nísia Floresta e os primórdios do feminismo no Brasil*

No Brasil do século XVIII, o Iluminismo era uma ideia fora do lugar, vale dizer, incompatível com o sistema colonial e escravagista que dominou o país até o século XIX. Dionísia Pinto Lisboa (1810-1885), conhecida como Nísia Floresta e apontada como uma das primeiras feministas brasileiras, também tem, assim como Mary e Olympe, o mérito de ter infringido as normas e convenções de sua época. Mas tinha o privilégio de ser uma filha das classes dominantes nordestinas a quem o pai, um português esclarecido para a época, casado com uma viúva de família poderosa no Rio Grande do Norte, presenteara com uma educação esmerada, possibilitando viagens constantes à França e a convivência com círculos positivistas. Auguste Comte, como se sabe, foi um ardoroso defensor dos direitos da mulher. Dionísia, aos treze anos, casa-se com Manuel Alexandre Seabra de Melo, dono de grandes extensões de terra, vizinhas ao Sítio Floresta, onde ela morava, mas o casamento não dura muito e logo ela volta a viver com a família. Inconformado com a separação, Manuel persegue a ex-mulher durante alguns anos, ameaçando processá-la por abandono do lar e, mais tarde, por adultério. Mas a grande tragédia que Nísia enfrentou, aos dezoito anos, foi o assassinato do pai a quem ela admirava muito, um homem generoso e defensor dos mais fracos, que foi morto da mesma maneira como hoje são assassinados os que se opõem aos grandes proprietários rurais: por obra de um pistoleiro contratado por uma família poderosa.

Em 1830, ela passa a viver em Olinda com Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem tem três filhos. Aos 22 anos, muda-se com a família para Porto Alegre, provavelmente para se distanciar das ameaças do ex-marido. É quando

começa a usar o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, sendo Nísia diminutivo de Dionísia, agregando Floresta em homenagem ao sítio em que nascera, Brasileira como afirmação de sua nacionalidade e, finalmente, Augusta em homenagem ao companheiro. Em 1832, publica *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, o qual qualificou como uma tradução livre da *Reivindicação dos direitos da mulher*. De acordo com a historiadora Maria Lucia Garcia Pallares Burke, porém, tal obra seria a tradução de *Woman not Inferior to Man*, de autoria desconhecida (publicada sob o pseudônimo de “Sophia”) e, por sua vez, composta de trechos retirados de *De l'Égalité des deux sexes, discours physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire des préjugés*, originalmente publicado em 1673 por François Poullain de La Barre<sup>[8]</sup>. É preciso lembrar que, em pleno século XIX, especialmente em um país como o Brasil, que apenas havia muito pouco tempo se tornara independente de Portugal, o acesso à informação não era fácil, o que infelizmente possibilitava erros desse tipo. Seja como for, porém, o trabalho de Nísia trouxe o feminismo para o debate no país e, após a morte de Manuel Augusto, ela própria coloca em prática seus ideais feministas ao fundar, em 1837, o Colégio Augusto (cujo nome provavelmente foi uma homenagem ao homem amado, mas também a Auguste Comte, de quem era admiradora), que permitia o acesso das meninas às mesmas disciplinas ensinadas nos colégios masculinos. O baixo padrão cultural das classes dominantes e as regras patriarcais vigentes à época reduziam a educação própria para mulheres às chamadas prendas domésticas. Os viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil no século XIX deixaram inúmeros relatos a respeito. As meninas de família aprendiam a ler, escrever e tocar piano, assim como poucas noções do idioma francês. E casavam-se. As escravas faziam os trabalhos domésticos e eram analfabetas<sup>[9]</sup>.

### *Três rotas que levam a um mesmo destino*

A trajetória de Nísia nos ajuda a entender os limites de nossa democracia e as dificuldades dos movimentos sociais brasileiros. É difícil fazer uma comparação com as sufragistas europeias de então porque o Brasil praticamente entrou no século XX atado à escravidão. Na Primeira República, só votavam os homens alfabetizados com renda suficiente e, como se não bastasse, existia apenas um partido, o republicano<sup>[10]</sup>. Nesse sentido, Nísia Floresta pertence ao panteão das

mulheres de elite emancipadas, uma pequena vanguarda que não conheceria muitas seguidoras.

Aí reside a grande e fundamental diferença com relação a Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft. Essas duas feministas europeias inauguraram a idade do feminismo como movimento social que emergiu juntamente com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Um feminismo que defendia a República laica e a cidadania plena para todos. Um feminismo como movimento de radicalização da democracia. E, para além da esfera dos discursos, um feminismo de sujeitos do próprio desejo, de superação da dependência financeira.

Mas a força exemplar dessas três mulheres está na coerência entre seus projetos emancipacionistas e suas escolhas de vida. Elas partilham de um mesmo projeto de emancipação das mulheres que deve começar pelo acesso à educação e pela inclusão na vida pública. Todas as três transgrediram os códigos de gênero de sua época, ocupando-se da política, militando em prol de seus ideais, escrevendo, atuando, ensinando, abrindo escolas. Assim como vivendo em uniões livres e tendo filhos fora do casamento.

A leitura da *Reivindicação* de Mary Wollstonecraft desperta um sentimento de admiração por essa jovem mulher, capaz de superar tantos obstáculos, que lutou obstinadamente para ser feliz e foi muito além dos limites que seu tempo permitia.

A força do argumento de Mary está no fato de que ela não nega a inferioridade intelectual das mulheres de seu tempo, mas atribui a exclusiva responsabilidade disso aos preconceitos e limites sociais enfrentados por suas contemporâneas. As mulheres de seu meio eram educadas para o casamento e para serem sustentadas pelo marido. Segundo o modelo dominante, a beleza era o principal atributo, e a grande virtude da mulher estava em ser a guardiã do lar. No entanto, uma vez casadas, perdiam toda e qualquer autonomia, ficando à mercê da autoridade masculina. Ora, diz ela, assim as potencialidades da mulher permanecem reprimidas e, quando uma mulher quer se comportar como um ser humano, é logo tachada de masculina.

O espantoso é constatar como a desqualificação das reivindicações das mulheres hoje, como ontem, passa pela acusação de que são “mal amadas”, “machonas” etc. E muitas mulheres renegam as feministas com medo de, dessa forma, serem rotuladas. No Brasil de meados dos anos 1970, foi preciso muita determinação para que um grupo de mulheres lançasse um jornal com a

profissão de fé feminista. Mesmo entre a oposição à ditadura, poucos eram os grupos de mulheres que assumiam tal direcionamento. Pode-se então aquilatar os ataques de que foram vítimas o texto e a pessoa de Mary Wollstonecraft.

Finalmente, a força da *Reivindicação*, que torna atual, não datado, um texto de 1792, reside tanto na construção do argumento quanto na modernidade da escrita. É marcante o estilo direto e vivo com que Mary apresenta seus argumentos. Mas sua maior atualidade está em ter sido a primeira a demonstrar que “ninguém nasce mulher”, lançando os fundamentos ontológicos da teoria dos gêneros. Para se ter uma dimensão da importância histórica do texto de Mary, basta lembrar que foram necessários cerca de 150 anos para que o *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, viesse à luz. São essas algumas das razões que garantem a atualidade desse texto fundador – e pelas quais Mary Wollstonecraft merece nosso respeito e admiração.

São Paulo, fevereiro de 2016

---

[1] Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, ver p. 69 deste volume.

[2] Immanuel Kant, *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?* (trad. Luiz Paulo Rouanet, Brasília, Casa das Musas, 2008).

[3] “O feminismo nunca matou ninguém. O machismo mata todos os dias”, como bem denuncia a Marcha Mundial das Mulheres.

[4] Essa localidade, ao norte de Londres, era uma comunidade rural na qual os não conformistas e dissidentes ingleses refugiaram-se durante o século XVII. Em 1758, o dr. Richard Price, libertário e republicano, mudou-se para lá a fim de ocupar o lugar de ministro da Igreja Unitária.

[5] Sheila Rowbotham, “Introduction”, em *A Vindication of the Rights of Woman* (Londres/Nova York, Verso, 2010), p. vii-viii; aqui em tradução livre.

[6] Fanny, por sua vez, suicida-se em 1816, aos 22 anos, deixando uma carta em que explica seu ato por ter tido um nascimento desafortunado e ter sido uma fonte de problemas para todos.

[7] Sheila Rowbotham, “Introduction”, cit., p. viii.

[8] Ivania Pocinho Motta, *A importância de ser Mary* (São Paulo, Annablume, 2009), p. 14-5.

[9] *Viagem ao Brasil: 1865-1866* (São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre, Companhia Editora Nacional, 1938), escrito por Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, traz inúmeras referências à condição

feminina no Rio de Janeiro, bem como o registro do mal-estar que as brasileiras sentiam com respeito ao jugo doméstico. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/viagem-ao-brasil-1865-1866>>; acesso em: 11 fev. 2016.

[10] Até 1930, apenas no Rio Grande do Sul havia mais de um partido político.

## Ao Sr. Talleyrand-Périgord, antigo bispo de Autun<sup>[a]</sup>

Prezado senhor,

Tendo lido com grande prazer um escrito que o senhor publicou recentemente, dedico-lhe este volume – a primeira dedicatória que já escrevi – para induzi-lo a uma leitura atenta e porque acredito que o senhor me entenderá, o que não suponho ocorrer com muitos dos que se consideram homens de espírito, os quais talvez venham a ridicularizar os argumentos que não puderem rebater. Mas, senhor, o respeito que tenho por seu entendimento vai ainda mais longe, tão longe que confio que não deixará meu trabalho de lado apenas por concluir apressadamente que estou errada, já que não compartilha da mesma opinião que eu sobre o assunto. E, perdão pela franqueza, mas devo observar que o senhor tratou o tema de maneira superficial demais, contentando-se em considerá-lo como sempre foi feito, quando os direitos do homem, por não aludirem aos da mulher, eram rebaixados como quiméricos. Por essa razão, agora recorro ao senhor a fim de avaliar o que proponho a respeito dos direitos da mulher e da educação pública; e o faço com um tom firme de amor à humanidade, porque meus argumentos, senhor, são ditados por um espírito desinteressado – eu advogo por meu sexo, não por mim mesma. Há muito tempo considero a independência a grande bênção da vida, a base de toda virtude; e tal independência quero garanti-la sempre, pela contenção de minhas necessidades, ainda que eu vá viver em uma terra deserta.

É, então, um afeto por todo o gênero humano que faz minha pena escrever rapidamente para apoiar o que acredito ser a causa da virtude; e a mesma razão me leva a desejar de modo sincero ver a mulher em uma posição a partir da qual avance, em vez de ser refreada, para o progresso desses gloriosos princípios que dão substância à moralidade. De fato, minha opinião sobre os direitos e deveres da mulher brota com tanta naturalidade de tais princípios fundamentais que me

parece quase impossível que algumas das mentes abertas, responsáveis por dar forma a sua admirável constituição, não concordem comigo.

Existe na França, sem dúvida, uma difusão mais ampla do conhecimento do que em qualquer parte do mundo europeu, o que atribuo em grande medida à natureza das relações sociais há muito existentes entre os sexos. É verdade – expresso meus sentimentos com liberdade – que na França a própria essência da sensualidade tem sido extraída para regalar os voluptuosos, e uma espécie de luxúria sentimental tem prevalecido, o que, associado ao sistema de má-fé ensinado por todo o teor de seu governo político e civil, conferiu um tipo sinistro de sagacidade ao caráter francês, apropriadamente chamado de  *finesse* ; disso flui de maneira natural um refinamento de modos que fere a substância, ao banir a sinceridade da sociedade. E a modéstia – a feição mais bela da virtude! – tem sido até mais grosseiramente insultada na França do que na Inglaterra, a ponto de suas mulheres tratarem como  *pudica*  aquela atenção à decência, observada de modo instintivo pelos brutos.

Maneiras e moral são tão ligadas que têm sido frequentemente confundidas; mas, ainda que as primeiras devessem ser apenas o reflexo natural da última, quando causas diversas produzem maneiras artificiais e corruptas, adquiridas muito cedo, “moralidade” torna-se uma palavra sem sentido. A reserva pessoal e o respeito sagrado pelo asseio e pela delicadeza na vida doméstica, que as mulheres francesas quase desprezam, são os pilares graciosos da modéstia; mas, longe de desdenhá-los, se a chama pura do patriotismo tocou seu coração, elas devem se esforçar para melhorar o senso moral de seus concidadãos, ensinando os homens não apenas a respeitar a modéstia nas mulheres, mas também a adquiri-la eles mesmos, como o único caminho para merecer-lhes a estima.

Na luta pelos direitos da mulher, meu principal argumento baseia-se neste simples princípio: se a mulher não for preparada pela educação para se tornar a companheira do homem, ela interromperá o progresso do conhecimento e da virtude; pois a verdade deve ser comum a todos ou será ineficaz no que diz respeito a sua influência na conduta geral. Como se pode esperar de uma mulher que ela colabore, se nem ao menos sabe por que deve ser virtuosa? A não ser que a liberdade fortaleça sua razão, até que ela compreenda seu dever e veja de que maneira este está associado ao seu bem real. Se as crianças têm de ser educadas para entender o verdadeiro princípio do patriotismo, suas mães devem ser patriotas; e o amor à humanidade, do qual surge naturalmente uma série de

virtudes, só pode nascer caso seja considerado o interesse moral e civil da humanidade; mas, hoje, a educação e a situação da mulher deixam-na fora de tais indagações.

Nesta obra, formulo muitos argumentos que me parecem conclusivos para demonstrar que a noção prevalecente a respeito do caráter sexual subverteu a moralidade e sustento que, a fim de tornar mais perfeitos a mente e o corpo humanos, a castidade deve predominar de modo mais universal; e essa castidade nunca será respeitada no mundo masculino até que a pessoa da mulher deixe, por assim dizer, de ser idolatrada, quando um pouco de bom senso e de virtude embelezarem-na com os grandiosos traços da beleza mental ou a interessante simplicidade do afeto.

Considere tais observações, senhor, de maneira desapaixonada, pois um lampejo dessa verdade pareceu surgir a sua frente quando observou “que ver metade da raça humana excluída pela outra metade de toda participação no governo era um fenômeno político impossível de explicar de acordo com princípios abstratos”. Se é assim, em que se apoia sua constituição? Se os direitos abstratos do homem sustentarão o debate e a explanação, os da mulher, por analogia, não serão submetidos à mesma análise, embora uma opinião diferente prevaleça neste país, baseada nos muitos argumentos que o senhor utiliza para justificar a opressão da mulher – a prescrição.

Considere – dirijo-me ao senhor enquanto legislador – se, no momento em que os homens lutam por sua liberdade e pelo direito de julgar por si mesmos sua própria felicidade, não é inconsistente e injusto subjugar as mulheres, ainda que o senhor creia firmemente estar agindo da melhor maneira para lhes promover bem-estar. Quem fez do homem o juiz exclusivo, se a mulher compartilha com ele o dom da razão?

Esse é o tipo de argumentação dos tiranos de qualquer espécie, do fraco rei ao fraco pai de família; estão todos ávidos por esmagar a razão, no entanto sempre afirmam usurpar seu trono somente para ser úteis. Não agem vocês de maneira similar quando *forçam* todas as mulheres, ao negar-lhes os direitos civis e políticos, a permanecer confinadas na família, tateando no escuro? Porque certamente o senhor não afirmará que um dever não fundado na razão seja uma obrigação. Se esse é, de fato, o destino das mulheres, os argumentos podem ser tirados da razão e, assim, magnificamente sustentados; quanto mais conhecimento as mulheres adquirirem, mais elas se prenderão a seu dever –

compreendendo-o –, pois, a menos que o entendam, a menos que sua moral seja fixada no mesmo princípio imutável que a dos homens, nenhuma autoridade conseguirá forçá-las a cumpri-lo de maneira virtuosa. Elas podem ser escravas convenientes, mas a escravidão terá seu efeito constante, degradando o senhor e o abjeto dependente.

Mas, se as mulheres devem ser excluídas, sem voz, da participação dos direitos naturais da humanidade, prove antes, para afastar a acusação de injustiça e inconsistência, que elas são desprovidas de razão; de outro modo, essa falha em sua NOVA CONSTITUIÇÃO sempre mostrará que o homem deve de alguma forma agir como um tirano, e a tirania, quando mostra sua face despudorada em qualquer parte da sociedade, sempre solapa a moralidade.

Tenho afirmado e mostrado repetidamente o que me parecem ser argumentos irrefutáveis, derivados da realidade, a fim de provar minha asserção de que as mulheres não podem ser confinadas à força aos afazeres domésticos; pois, por mais que sejam ignorantes, elas intervirão em assuntos mais importantes, negligenciando os deveres privados apenas para perturbar com truques astutos os planos ordenados da razão, que se elevam acima de seu entendimento.

Além disso, enquanto elas forem preparadas somente para adquirir dotes pessoais, os homens procurarão o prazer na variedade, e maridos infiéis farão esposas infiéis; tais seres ignorantes, de fato, serão bastante desculpáveis quando, não tendo sido ensinados a respeitar o bem público nem sendo considerados merecedores de quaisquer direitos civis, tentarem fazer justiça por si mesmos, mediante a retaliação.

Aberta, assim, na sociedade a caixa dos males, o que preservará a virtude privada, a única segurança da liberdade pública e da felicidade universal?

Deixe, então, que se elimine qualquer coerção *estabelecida* na sociedade e, prevalecendo a lei comum da gravidade, os sexos ocuparão seus devidos lugares. E, agora que leis mais equitativas estão formando seus cidadãos, o casamento pode se tornar mais sagrado: os jovens podem escolher esposas por motivos de afeto, e as donzelas podem permitir que o amor tome o lugar da vaidade.

O pai de família não irá, assim, debilitar sua constituição nem degradar seus sentimentos visitando uma prostituta, tampouco esquecerá, ao obedecer ao chamado do desejo, o propósito para o qual foi criado. E, quando o bom senso e a modéstia garantirem a amizade de seu esposo, a mãe não negligenciará seus

filhos para praticar as artes do coquetismo.

Mas, até que os homens se tornem atentos aos deveres de pais, é inútil esperar que as mulheres passem no quarto das crianças aquele tempo que elas, “com a sabedoria de sua geração”<sup>[b]</sup>, preferem passar diante do espelho; porque tal exercício de astúcia é apenas um instinto natural que lhes permite obter de forma indireta um pouco daquele poder do qual são injustamente excluídas; pois, se não for permitido às mulheres desfrutar de direitos legítimos, elas tornarão viciosos não só os homens, mas elas mesmas, a fim de obter privilégios ilícitos.

Desejo, senhor, suscitar na França algumas investigações desse tipo; e, se estas levarem à confirmação de meus princípios, quando sua constituição for revisada, pode ser que os Direitos da Mulher sejam respeitados, caso seja plenamente provado que a razão exige esse respeito e clama em voz alta por JUSTIÇA para metade da raça humana.

Respeitosamente,  
M. W.

---

[a] Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838) foi bispo de Autun e político ativo durante a Revolução Francesa. Seu *Rapport sur l'instruction publique* (1791) foi apresentado e discutido na Assembleia Constituinte. Apenas na última página do documento, após afirmar o caráter perfectível da razão e a necessidade da instrução pública para os homens, o autor faz alusão à educação das mulheres, que ainda era de responsabilidade exclusiva da família. (N. E.)

[b] A citação da autora é uma paráfrase do Evangelho de São Lucas, 16:8. (N. E.)

## NOTA

Quando comecei a escrever esta obra, eu a dividi em três partes, supondo que um dos volumes conteria uma discussão completa dos argumentos que me pareciam surgir naturalmente de alguns princípios fundamentais; mas, uma vez que novos exemplos surgiram enquanto eu avançava, apresento agora ao público apenas a primeira parte.

Entretanto, muitos temas a que fiz alusão superficialmente requerem uma investigação particular, em especial as leis relativas às mulheres e a consideração de seus deveres peculiares. Estes fornecerão ampla matéria para um segundo volume<sup>[a]</sup>, que será publicado em seu devido tempo para elucidar alguns dos sentimentos e completar muitos dos esboços iniciados no primeiro volume.

---

[a] O segundo volume nunca foi concretizado; no entanto, a condição jurídica da mulher veio a ser o principal tema do romance póstumo de Wollstonecraft, *Maria: or, The Wrongs of Woman*. (N. E.)

## INTRODUÇÃO

**D**epois de considerar a página da história e de refletir sobre a realidade atual com ansiosa solicitude, os mais melancólicos sentimentos de dolorosa indignação têm deprimido meu espírito, e lamento ver-me obrigada a confessar que ou a natureza estabeleceu grande diferença entre um homem e outro, ou a civilização que até agora conhecemos tem sido muito parcial. Repassei vários livros escritos sobre o tema da educação e, pacientemente, observei a conduta dos pais e da administração das escolas; qual foi o resultado? Uma profunda convicção de que a educação negligenciada de meus semelhantes é a principal causa da miséria que deploro e de que as mulheres, em particular, são tornadas fracas e infelizes por uma variedade de causas concomitantes, originadas de uma conclusão precipitada. A conduta e as maneiras das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio; pois, tal como as flores plantadas em um solo rico demais, a força e a utilidade são sacrificadas à beleza, e suas folhas garbosas, após agradarem a um olhar exigente, murcham e caem do galho, muito antes de atingirem a maturidade. Atribuo a causa desse florescimento estéril a um sistema de educação falso, extraído de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mães racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes.

Por conseguinte, em um tratado sobre os direitos e os costumes das mulheres, não se deve negligenciar as obras que foram escritas particularmente para o aperfeiçoamento delas, em especial quando se afirma, em termos explícitos, que a mente feminina é debilitada por um refinamento falso; que os livros de

instrução, escritos por homens de gênio, apresentam a mesma tendência que as produções mais frívolas; e que, à verdadeira maneira maometana, elas são tratadas como um tipo de ser subordinado, e não como parte da espécie humana, quando se reconhece na razão perfectível o nobre elemento de distinção que eleva os homens acima da criação bruta e coloca um cetro natural em uma mão débil.

Contudo, o fato de eu ser mulher não deve levar meus leitores a supor que pretendo sublevar com violência o debatido tema da igualdade ou inferioridade do sexo; mas, como o assunto interpõe-se em meu caminho e não posso transpô-lo sem expor à interpretação errônea a principal tendência de meu raciocínio, deter-me-ei um momento para expressar, em poucas palavras, minha opinião. No ordenamento do mundo físico, observa-se que a fêmea, sob o ponto de vista da força, é, em geral, inferior ao macho. Essa é a lei da natureza – e não parece que possa ser suspensa nem revogada a favor da mulher. Certo grau de superioridade física não pode, portanto, ser negado – e é uma nobre prerrogativa! Mas, não contentes com tal preeminência natural, os homens se empenham em nos afundar ainda mais, apenas para converter-nos em objetos de atração momentânea; e as mulheres, inebriadas pela adoração que os homens, sob a influência dos sentidos, dedicam a elas, não procuram obter no coração deles um interesse duradouro nem se tornar amigas daqueles que encontram diversão em sua companhia.

Estou ciente de uma inferência óbvia. Tenho ouvido exclamações de todas as partes contra mulheres masculinas, mas em que se baseiam? Se com essa denominação os homens pretendem censurar o entusiasmo delas por caçar, atirar e jogar, unir-me-ei cordialmente ao clamor; mas, se forem contra a imitação das virtudes masculinas ou, dito de modo mais adequado, contra a obtenção desses talentos e virtudes, cujo exercício enobrece o caráter humano e eleva as fêmeas na escala dos seres animais, ao serem incluídas nos termos mais abrangentes da humanidade, devo pensar que todos aqueles que as observam com um olhar filosófico têm de desejar, a meu lado, que elas se tornem cada dia mais e mais masculinas.

Essa discussão naturalmente divide o assunto. Primeiro, considerarei as mulheres como criaturas humanas que, junto com os homens, são postas na Terra para desenvolver suas faculdades; depois, indicarei de forma mais particular suas designações peculiares.

Desejo também evitar um erro, no qual muitos escritores respeitáveis têm caído; pois a instrução que até agora tem sido destinada às mulheres é mais aplicável às *damas*, se o pequeno e indireto conselho difundido por *Sandford and Merton*<sup>[a]</sup> puder ser considerado exceção; dirigindo-me a meu sexo em um tom mais firme, dedico atenção particular às mulheres da classe média, porque elas parecem encontrar-se no estado mais natural. Talvez as sementes do falso refinamento, da imoralidade e da vaidade tenham sido sempre espalhadas pelos poderosos. Seres débeis e artificiais, criados acima dos desejos e afetos comuns de sua raça de forma prematura e inatural, minam os próprios fundamentos da virtude e propagam corrupção por toda a sociedade! Enquanto parte da humanidade, eles têm direito à misericórdia; a educação dos ricos tende a torná-los vaidosos e desamparados, e a mente em desenvolvimento não se fortalece mediante a prática daqueles deveres que dignificam o caráter humano. Vivem apenas para se divertir e, pela mesma lei que invariavelmente produz certos efeitos na natureza, eles logo dispõem apenas de divertimentos fúteis.

Mas, como me proponho a tratar separadamente os diferentes estratos da sociedade e o caráter moral das mulheres, por ora tal menção é suficiente; apenas aludi ao tema porque me parece que o significado de uma introdução seja dar um breve quadro do conteúdo que a obra apresenta.

Espero que meu próprio sexo me desculpe caso eu trate as mulheres como criaturas racionais, em vez de adular suas graças *fascinantes* e considerá-las como se estivessem em um estado de perpétua infância, incapazes de ficar sozinhas. Sinceramente, desejo mostrar em que consistem as verdadeiras dignidade e felicidade humanas. Desejo persuadir as mulheres a se esforçarem para adquirir força tanto da mente quanto do corpo e convencê-las de que as frases suaves, a susceptibilidade do coração, a delicadeza dos sentimentos e o gosto refinado são quase sinônimos de epítetos de fraqueza, e de que os seres que são apenas objeto de piedade e daquela espécie de amor que, por definição, lhe é próxima logo se tornarão alvo de desprezo.

Dispensando, então, aquelas belas frases femininas que os homens usam com condescendência para suavizar nossa dependência servil e desdenhando a débil elegância da mente, a sensibilidade notável e a suave docilidade dos modos, que são supostamente características do sexo mais frágil, desejo mostrar que a elegância é inferior à virtude, que o primeiro objetivo de uma ambição louvável é obter caráter enquanto ser humano, independentemente da distinção de sexo, e

que as considerações secundárias devem conduzir a essa simples pedra de toque.

Esse é um esboço aproximado do meu plano; e, se eu expressar minha convicção com o sentimento e a energia que sinto quando penso no assunto, alguns de meus leitores serão tocados pelos ditames da experiência e da reflexão. Animada por esse importante objetivo, abdicarei de escolher minhas frases ou polir meu estilo. Pretendo ser útil, e a sinceridade me fará sem afetações, já que, preferindo persuadir pela força de meus argumentos, em vez de deslumbrar pela elegância de minha linguagem, não perderei tempo com circunlóquios nem com a fabricação da retórica bombástica e túrgida dos sentimentos artificiais, que, vindos da cabeça, nunca chegam ao coração. Estarei preocupada com coisas, não com palavras! E, na ânsia de tornar as pessoas do meu sexo membros respeitáveis da sociedade, tentarei evitar aquela dicção floreada que se move lentamente dos ensaios aos romances e, destes, às cartas familiares e conversações.

Esses graciosos superlativos, que a língua pronuncia com fluência, viciam o gosto e criam uma espécie de delicadeza doentia que se afasta da verdade simples e sem adornos; e um dilúvio de falsos sentimentos e de sensações exageradas, sufocando as emoções naturais do coração, torna insípidos os prazeres domésticos, em vez de suavizar o exercício desses severos deveres que educam o ser racional e imortal para um campo de ação mais nobre.

A educação das mulheres, ultimamente, tem sido objeto de mais atenção do que no passado; contudo, elas ainda são consideradas um sexo frívolo, ridicularizadas ou vistas como dignas de pena pelos escritores que se esforçam, por meio da sátira ou da instrução, para melhorá-las. Reconhece-se que elas passam grande parte dos primeiros anos de vida adquirindo habilidades superficiais; enquanto isso, a força do corpo e da mente é sacrificada em nome de noções libertinas de beleza e do desejo de se estabelecer mediante o matrimônio – o único modo de as mulheres ascenderem no mundo. Como esse desejo faz delas meros animais, quando se casam comportam-se do mesmo modo que se espera das crianças – vestem-se, pintam-se e são apelidadas criaturas de Deus<sup>[b]</sup>. Certamente, esses seres frágeis servem apenas para um harém! Como se pode esperar que governem uma família com juízo ou cuidem das pobres crianças que trazem ao mundo?

Se, então, a partir do atual comportamento do sexo feminino e de seu apego prevaemente ao prazer, que ocupa o lugar da ambição e daquelas paixões mais nobres que abrem e expandem a alma, é justo deduzir que a instrução que as

mulheres receberam até agora tendeu apenas, com a constituição da sociedade civil, a fazer delas insignificantes objetos de desejo – meras propagadoras de tolos! –, se é possível provar que, ao dotá-las de uma educação formal sem cultivar seu intelecto, elas são tiradas de sua esfera de deveres e tornadas ridículas e inúteis quando passa o breve florescimento da beleza<sup>[1]</sup>, presumo que os homens *racionais* desculpar-me-ão por me esforçar em persuadi-las a se tornar mais masculinas e respeitáveis.

Na verdade, a palavra “masculina” é apenas incômoda; há pouco motivo para temer que as mulheres adquirirão coragem ou força moral em demasia, já que sua patente inferioridade no que diz respeito à força física deve torná-las em algum grau dependentes dos homens nas várias relações da vida. Mas por que tal dependência deve ser ampliada por preconceitos que atribuem um sexo à virtude e confundem as verdades simples com devaneios sensuais?

De fato, as mulheres são tão degradadas por noções equivocadas de excelência feminina que espero não acrescentar um paradoxo ao afirmar que essa fraqueza artificial produz uma propensão à tirania e gera a astúcia, oponente natural da força, que as leva a exhibir esses desprezíveis ares infantis que minam a estima, ainda que excitem o desejo. Deixemos os homens se tornarem mais castos e modestos e, se as mulheres não se fizerem mais sábias na mesma proporção, ficará claro que elas têm intelecto mais fraco. Parece desnecessário dizer que, agora, trato do sexo em geral. Muitas mulheres têm mais senso que seus afins masculinos; e, como nada prepondera onde existe uma luta constante por equilíbrio, sem o qual há naturalmente mais peso, algumas governam o marido sem degradar a si mesmas, porque sempre imperará o intelecto.

---

[a] O livro para crianças *The History of Sandford and Merton*, de Thomas Day (1748-1789), foi publicado em três volumes, nos anos de 1783, 1786 e 1789. Popular e admirada, a obra faz bastante uso das ideias de *Emílio, ou Da educação*, de Jean-Jacques Rousseau (ed. bras.: Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992). (N. E.)

[b] No original, “*nickname God’s creatures*”, citando *Hamlet*, de William Shakespeare. (N. E.)

[1] Um arguto escritor (de cujo nome não me recordo) pergunta: o que tem a fazer no mundo uma mulher que já passou dos quarenta anos?

## 1

# CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DIREITOS E OS CONSEQUENTES DEVERES DA HUMANIDADE

**N**o estado atual da sociedade, parece necessário remontar aos princípios básicos em busca das verdades mais simples e disputar cada palmo de espaço com o preconceito existente. Para abrir caminho, permitam-me fazer algumas perguntas, cujas respostas provavelmente parecerão tão inequívocas quanto os axiomas nos quais se baseia o raciocínio; contudo, quando se emaranham com os diversos modos de comportamento, são formalmente contraditos ou pelas palavras, ou pela conduta dos homens.

Em que consiste a preeminência do homem sobre a criação animal? A resposta é tão clara quanto a noção de que metade é menos do que o todo; na Razão.

Qual habilidade eleva um ser acima de outro? A virtude, respondemos espontaneamente.

Com que propósito as paixões foram implantadas? Para que o homem, ao lutar contra elas, pudesse obter um grau de conhecimento negado aos animais, sussurra a Experiência.

Consequentemente, a perfeição de nossa natureza e a capacidade de felicidade devem ser estimadas pelo grau de razão, virtude e conhecimento que distingue o indivíduo e direciona as leis que regem a sociedade. É também inegável, se observarmos a humanidade em seu conjunto, que o conhecimento e a virtude decorrem naturalmente do exercício da razão.

Assim simplificados os direitos e deveres do homem, é quase impertinente tentar ilustrar verdades que aparentam ser incontestáveis; contudo, sendo que preconceitos tão profundamente enraizados obscureceram a razão e qualidades tão espúrias usurparam o nome de virtudes, faz-se necessário percorrer o curso da razão, que tem sido confundido e envolvido em erro por várias circunstâncias

adventícias, comparando o simples axioma com os desvios casuais.

Os homens, em geral, parecem empregar a razão para justificar preconceitos, assimilados quase sem saber como, em vez de procurar desarraigá-los. A mente que forma com resolução seus próprios princípios deve ser forte, porque prevalece uma espécie de covardia intelectual que faz com que muitos homens recuem diante da tarefa ou simplesmente a façam pela metade. No entanto, as conclusões imperfeitas a que chegam são, com frequência, muito plausíveis, porque se constroem a partir de uma experiência parcial e de pontos de vista justificados, ainda que estreitos.

Remontando aos princípios básicos, os vícios escondem-se, com toda sua deformidade inata, de uma investigação minuciosa; mas um grupo de pensadores superficiais está sempre pronto a dizer que tal argumentação é uma falácia e que um critério de juízo fundamentalmente equivocado pode se mostrar proveitoso. Desse modo, a conveniência é sempre contrastada com os princípios básicos, até que a verdade se perde em um emaranhado de palavras, a virtude se perde nas formas e o conhecimento se transforma em um sonoro nada por causa dos preconceitos enganadores que assumem seu nome.

Dizer que a sociedade formada de maneira mais sábia é aquela cuja constituição se baseia na natureza do homem é algo tão forçosamente evidente para todo ser pensante que parece presunção esforçar-se para mostrá-lo. No entanto, as provas são necessárias, caso contrário o profundo domínio da prescrição nunca será abalado pela razão, haja vista que apelar para os costumes como argumento para justificar que os homens (ou as mulheres) sejam privados de seus direitos naturais é um dos sofismas mais absurdos que diariamente insultam o bom senso.

A civilização da maior parte dos povos europeus é muito parcial; mais ainda, questiona-se se eles adquiriram alguma virtude em troca da inocência, equivalente à infelicidade produzida pelos vícios que têm se alastrado para tapar a feiura da ignorância, e da liberdade que tem sido trocada por uma pomposa escravidão. O desejo de deslumbrar pela riqueza – a mais certa preeminência que o homem pode obter –, o prazer de comandar bajuladores e muitas outras avaliações complicadas e mesquinhas do intenso amor próprio contribuem para subjugar a maioria da humanidade e fazer da liberdade um instrumento conveniente para um falso patriotismo. Porque, enquanto grande importância for dada à posição social e aos títulos, diante dos quais o Gênio “tem de esconder

sua cabeça diminuída”<sup>[a]</sup>, será, com raras exceções, muito desafortunado para uma nação quando um homem de habilidades, sem posição ou propriedade, se destacar. Ai de mim! De que calamidades desconhecidas padeceram milhares para comprar um chapéu de cardeal a um aventureiro intrigante e obscuro, que ansiava estar à altura dos príncipes ou dominá-los, empunhando a tríplice coroa!

De fato, tanta tem sido a desgraça que brota de honras hereditárias, das riquezas e da monarquia que os homens de aguda sensibilidade quase proferiram blasfêmias a fim de justificar os desígnios da Providência. O homem tem se mantido tão independente do poder que o criou quanto um planeta sem lei, arremessado de sua órbita para roubar o fogo celestial da razão; mas a vingança do Céu, espreitando na sutil chama, assim como os males confinados de Pandora, castigou suficientemente sua audácia ao introduzir o mal no mundo.

Impressionado por tal visão da miséria e da desordem que permeiam a sociedade e cansado de se chocar contra tolos dissimulados, Rousseau enamorou-se da solidão e, sendo ao mesmo tempo um otimista, trabalhou com incomum eloquência para provar que o homem é naturalmente um animal solitário<sup>[b]</sup>. Iludido por seu respeito à bondade de Deus, que certamente deu a vida apenas para transmitir a felicidade – pois qual homem de bom senso e sentimento duvidaria disso? –, considera o mal positivo e obra do homem, sem levar em conta que exalta um atributo em detrimento de outro, igualmente necessário à perfeição divina.

Construídos sobre uma hipótese falsa, seus argumentos a favor de um estado de natureza são plausíveis, mas infundados. Digo infundados porque afirmar que um estado de natureza é preferível à civilização, em toda sua possível perfeição, é, em outras palavras, pôr em dúvida a sabedoria suprema; e a exclamação paradoxal de que Deus fez todas as coisas certas e de que o erro foi introduzido pela criatura que ele criou, sabendo o que fazia, é tão pouco filosófica quanto ímpia.

Quando aquele sábio Ser que nos criou e aqui nos colocou concebeu essa bela ideia, ele desejava, ao permitir que assim fosse, que as paixões desenvolvessem nossa razão, porque ele podia ver que o mal presente produziria o bem futuro. Poderia a criatura indefesa que ele chamou do nada libertar-se de sua providência e aprender, com audácia, a conhecer o bem praticando o mal, sem sua permissão? Não. Como pôde aquele enérgico advogado da imortalidade argumentar de modo tão inconsistente? Se a humanidade tivesse permanecido

para sempre no estado primitivo da natureza, que nem mesmo sua mágica pena pôde pintar como um estado em que uma só virtude firmou raízes, teria ficado claro, embora não para os errantes sensíveis e irrefletidos, que o homem nasceu para percorrer o ciclo da vida e da morte e para adornar o jardim de Deus com algum propósito que não poderia ser facilmente reconciliado com seus atributos.

Mas se, para coroar o conjunto, tivessem sido produzidas criaturas racionais às quais se permitisse crescer em excelência por meio do exercício de poderes estabelecidos para esse propósito, se a própria benignidade entendesse por bem dar existência a uma criatura acima dos animais<sup>[1]</sup>, que poderia pensar e aperfeiçoar-se, por que deveria aquele dom inestimável – pois era um dom – ser chamado, em termos diretos, de uma maldição, se o homem foi criado de modo que tivesse capacidade para elevar-se acima do estado em que se assenta apenas uma calma animal? Poderia ser considerada uma maldição se toda a nossa existência fosse limitada por nossa continuidade neste mundo; por que deveria a graciosa fonte da vida dar-nos paixões e poder de refletir somente para amargar nossos dias e inspirar-nos com noções errôneas de dignidade? Por que deveria ele conduzir-nos do amor a nós mesmos às sublimes emoções que a descoberta de sua sabedoria e bondade excita, se tais sentimentos não se puserem em ação para aperfeiçoar nossa natureza, da qual eles fazem parte<sup>[2]</sup>, e tornar-nos capazes de desfrutar de uma porção mais divina de felicidade? Convencida firmemente de que não existe mal no mundo fora dos desígnios divinos, baseio minha crença na perfeição de Deus.

Rousseau se esforça em provar que tudo *estava* certo originalmente; inúmeros autores, que tudo *está* certo agora; e eu, que tudo *estará* certo.

Mas, fiel à posição inicial, próxima a um estado de natureza, Rousseau celebra a barbárie e, apostrofando a sombra de Fabrício<sup>[c]</sup>, esquece que ao conquistar o mundo os romanos nunca sonharam em estabelecer sua própria liberdade em bases sólidas nem em ampliar o reino da virtude. Ávido por sustentar seu sistema, ele estigmatiza todo esforço de gênio como vicioso e, para expressar a glorificação das virtudes selvagens, exalta aquelas dos semideuses, que mal eram humanos – os brutais espartanos, que, em desafio à justiça e à gratidão, sacrificaram a sangue-frio os escravos que haviam se portado como heróis para resgatar seus opressores.

Desgostoso com a artificialidade dos modos e das virtudes, o cidadão de Genebra<sup>[d]</sup>, em vez de examinar meticulosamente o assunto, misturou o trigo

com o joio, sem indagar se os males que sua alma ardente rechaçava indignada era a consequência da civilização ou vestígios da barbárie. Mu o vício pi so- teando a virtude e uma aparente bondade ocupando o lugar da realidade; viu talentos curvados pelo poder em nome de propósitos sinistros e nunca pensou em seguir o rastro do gigantesco dano até o poder arbitrário, até as distinções hereditárias, que se chocam com a superioridade mental que naturalmente eleva um homem acima de seus semelhantes. Ele não percebeu que o poder régio, em poucas gerações, introduz o idiotismo na nobre estirpe e mantém firmes os engodos que tornam milhares ociosos e cheios de vícios.

Nada pode definir o caráter régio sob um ponto de vista mais desprezível do que os vários crimes que têm elevado os homens à dignidade suprema. Intrigas vis, crimes inaturais e todo tipo de vício que degrada nossa natureza têm servido de escada para essa eminência tão distinguida; ainda assim, milhões de homens consentem submissos que os membros inertes dos descendentes de tais ladrões gananciosos descansem tranquilos em seu trono ensanguentado<sup>[3]</sup>.

Que outra coisa, senão um pestilento vapor, pode pairar sobre a sociedade quando seu chefe máximo é instruído apenas na invenção de crimes ou na estúpida rotina de cerimônias infantis? Será que os homens nunca serão sábios? Será que nunca deixarão de esperar milho do joio e figos dos cardos?

Mesmo quando as circunstâncias mais favoráveis se fazem presentes, é impossível a qualquer homem adquirir conhecimento e força mental suficientes para desempenhar as funções de um rei, investido de um poder incontrolável. Como, então, tais funções devem ser violadas, quando sua própria elevação é um obstáculo insuperável para a obtenção tanto da sabedoria quanto da virtude; quando todos os sentimentos de um homem são sufocados pela adulação e a reflexão é anulada pelo prazer! Não há dúvida de que é loucura fazer com que o destino de milhares dependa do capricho de uma criatura fraca, cuja própria posição *necessariamente* a rebaixa diante do mais vil de seus súditos! Mas não se deve aviltar um poder para exaltar outro, pois qualquer poder inebria um homem fraco; e seu abuso prova que quanto mais igualdade existir entre os homens mais a virtude e a felicidade reinarão na sociedade. Essa máxima, contudo, bem como outras similares deduzidas da simples razão, levanta um clamor – a Igreja ou o Estado estão em perigo se não estiver implícita a fé na sabedoria dos tempos antigos; e aqueles que, estimulados pela visão da calamidade humana, ousam atacar a autoridade humana são insultados como os

que desprezam a Deus e são inimigos do homem. Essas são calúnias amargas que, porém, alcançaram um dos melhores homens<sup>[4]</sup>, cujas cinzas ainda pregam a paz e cuja memória exige uma pausa respeitosa quando se discutem temas tão caros a seu coração.

Depois de atacar a sagrada majestade dos reis, provocarei escassa surpresa ao acrescentar minha firme convicção de que toda profissão cujo poder consiste em uma grande subordinação de cargos é altamente prejudicial à moralidade.

Um exército permanente, por exemplo, é incompatível com a liberdade, porque a subordinação e o rigor são os nervos que sustentam a disciplina militar, e o despotismo é necessário para dar vigor às empreitadas dirigidas por uma vontade. Apenas alguns oficiais podem sentir o espírito inspirado pelas noções românticas de honra, uma espécie de moralidade fundada na moda dos tempos, enquanto o grosso do exército deve ser movido por ordens, como as ondas do mar; pois o forte vento da autoridade empurra a multidão de subalternos adiante com fúria impetuosa, e estes mal sabem ou se importam com o porquê.

Além disso, nada pode ser tão prejudicial à moral dos habitantes do campo quanto a residência ocasional de um grupo de jovens homens indolentes e superficiais, cuja única ocupação é o galanteio e cujas maneiras polidas tornam o vício mais perigoso ao ocultar sua deformidade sob alegres trajes ornamentais. Uma aparência de acordo com a moda, que não é mais do que um símbolo de escravidão e prova de que a alma não tem um caráter individual forte, submete a gente simples do campo à imitação dos vícios, quando não é possível captar as graças evasivas da cortesia. Cada unidade militar é uma cadeia de déspotas, que, sujeitando e tiranizando sem exercitar a razão, se torna um peso morto cheio de vício e insensatez para a comunidade. Um homem de posição ou fortuna, seguro de sua ascensão pelo interesse, não tem nada a fazer a não ser procurar algum capricho extravagante, enquanto o necessitado *cavalheiro*, que tem de ascender, como bem diz a frase, por mérito próprio, torna-se um parasita servil ou um torpe alcoviteiro.

Quanto aos oficiais da Marinha, aplica-se a mesma descrição, mas seus vícios assumem um aspecto diferente e mais grosseiro. Decididamente, são vistos como indolentes quando não cumprem os cerimoniais de seu posto; ao passo que a simples agitação dos soldados já pode ser caracterizada como indolência ativa. Confinados à companhia de homens, os primeiros adquirem certa inclinação para o humor e as brincadeiras maliciosas, enquanto os últimos, ao se misturar

frequentemente com mulheres bem educadas, adotam um inclinação sentimental. Mas o uso da mente também está fora de questão, quer se entreguem à gargalhada estrondosa ou ao sorriso cortês.

Permitam-me estender a comparação a uma profissão em que por certo o uso da mente é mais comum. Não tem o clero oportunidades superiores de aperfeiçoamento, ainda que a subordinação restrinja quase por igual suas faculdades? A submissão cega, imposta no seminário para formar a fé, serve de noviciado ao pároco, que deve obsequiosamente respeitar a opinião de seu reitor ou patrono se pretende ascender na profissão. Talvez não haja contraste mais impressionante do que o verificado entre o modo de andar servil e dependente de um pobre pároco e o porte cortês de um bispo. E o respeito e o desprezo que eles inspiram tornam igualmente inútil o exercício de suas funções distintas.

É de grande importância observar que o caráter de cada homem é em algum grau forjado por sua profissão. É possível que um homem sensato apenas dê a impressão de ser inteligente, o que desaparece quando sua individualidade é descoberta; já o homem comum e fraco raras vezes possui qualquer caráter que não aquele pertencente ao corpo – aparentemente, todas as suas opiniões foram tão impregnadas no tonel consagrado pela autoridade que não se pode reconhecer o fino vinho produzido por sua própria videira.

A sociedade, portanto, à medida que se torna mais esclarecida, deve ter muito cuidado para não estabelecer corporações de homens que necessariamente se tornarão viciosos ou tolos pela própria constituição de seu ofício.

Na infância da sociedade, quando os homens ainda estavam emergindo da barbárie, os chefes e os sacerdotes, lidando com as fontes mais poderosas da conduta selvagem – a esperança e o medo –, deveriam ter poder ilimitado. A aristocracia é naturalmente a primeira forma de governo. Mas, com interesses conflitantes logo perdendo seu equilíbrio, a monarquia e a hierarquia surgem da confusão das lutas ambiciosas, e o fundamento de ambas é assegurado por concessões feudais. Essa parece ser a origem do poder monárquico e sacerdotal e a aurora da civilização. Porém, tais materiais explosivos não podem ser contidos por muito tempo; e, ao achar saída em guerras estrangeiras e insurreições intestinas, o povo adquire algum poder no tumulto, o que obriga seus governantes a encobrir a opressão com alguma demonstração de direitos. Desse modo, como as guerras, a agricultura, o comércio e a literatura expandem a mente, os déspotas são compelidos a fazer com que a corrupção velada mantenha

firme o poder que, em sua origem, se instalou pela força aberta<sup>[5]</sup>. E essa venenosa gangrena se espalha com mais rapidez por meio do luxo e da superstição, refúgios seguros da ambição. O fantoche indolente da corte torna-se, primeiramente, um monstro luxurioso ou um sensualista exigente e, então, faz do contágio que seu estado inatural propaga o instrumento da tirania.

É a púrpura pestífera que converte o progresso da civilização em infortúnio e deforma a compreensão, até que os homens de sensibilidade se perguntem se a expansão do intelecto produz uma porção maior de felicidade ou de miséria. Mas a natureza do veneno indica seu antídoto; e, caso Rousseau tivesse dado um passo a mais na investigação, ou se seu olhar tivesse penetrado a atmosfera nebulosa que ele quase desdenhou respirar, sua mente ativa teria se lançado a contemplar a perfeição do homem no estabelecimento da verdadeira civilização, em vez de pegar seu feroz voo de volta para a noite da ignorância sensual.

---

[a] John Milton, *Paradise Lost*, obra poética publicada originalmente em 1667 (ed. bras.: *Paraíso perdido*, São Paulo, Editora 34, 2015). (N. E.)

[b] A autora se refere especialmente às ideias contidas em *A Discourse upon the Origin and the Foundation of the Inequality among Mankind*, de 1755 (ed. bras.: *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, São Paulo, Martins Fontes, 2005). (N. E.)

[1] Contrário à opinião dos anatomistas, cujos argumentos se baseiam na analogia da formação dos dentes, estômago e intestinos, Rousseau não admite que o homem seja um animal carnívoro. Distanciado da natureza por seu amor pelo método, ele discute se o homem é um animal gregário, ainda que o longo e indefeso estado da infância pareça mostrá-lo como particularmente impelido a emparelhar-se, que é o primeiro passo para a associação.

[2] O que você diria a um artesão, a quem tivesse pedido para fazer um relógio que mostrasse apenas a hora do dia, que, para provar sua engenhosidade, tivesse adicionado rodas a fim de transformá-lo em um relógio de repetição (as quais confundissem o mecanismo simples), caso ele argumentasse, para desculpar-se, que, se você não tivesse tocado uma certa mola, nunca teria descoberto nada, e ele teria se entretido ao fazer *um experimento* sem lhe causar nenhum mal? Você não replicaria, insistindo que, se ele não tivesse acrescentado tais rodas e molas desnecessárias, o acidente poderia não ter acontecido?

[c] Referência a Caio Fabrício Lusino, general romano respeitado por sua integridade pessoal. (N. E.)

[d] A autora se refere mais uma vez a Rousseau, nascido em Genebra. (N. E.)

[3] Há insulto maior aos direitos do homem do que o curso da justiça na França, onde um infante foi feito

instrumento do detestável “Dubois”? [A autora se refere ao cardeal francês Guillaume Dubois (1656-1723), primeiramente tutor e depois conselheiro de Filipe, duque de Orleans, o qual, por sua vez, foi regente da França durante a menoridade de Luís XV. (N. E.)]

[4] Dr. Price. [Richard Price (1723-1791), clérigo protestante, filósofo e fundador de academias dissidentes. Tinha grande reputação por seus conhecimentos matemáticos e por sua postura política e religiosa. (N. E.)]

[5] Os homens letrados espalham sementes que crescem e têm grande influência na formação da opinião; e uma vez que predomine a opinião pública por meio do exercício da razão, a derrubada do poder arbitrário não estará muito distante.

## 2

### DISCUSSÃO SOBRE A OPINIÃO PREVALECENTE A RESPEITO DO CARÁTER SEXUAL

A fim de explicar e desculpar a tirania do homem, diversos argumentos engenhosos têm sido apresentados para provar que os dois sexos, na busca da virtude, devem ter em vista objetivos bem diferentes – ou, para falar francamente, não se admite que as mulheres tenham suficiente força mental para obter aquilo que realmente merece o nome de virtude. No entanto, se reconhecermos que elas têm alma, poderíamos pensar que há apenas um caminho designado pela Providência conduzindo a *humanidade* à virtude ou à felicidade.

Então, se as mulheres não são um enxame de seres frívolos e efêmeros, por que deveriam ser mantidas na ignorância, sob o enganoso nome de inocência? Os homens se queixam, com razão, da insensatez e dos caprichos de nosso sexo, quando não satirizam de forma mordaz nossas paixões impetuosas e nossos vícios abjetos. Responderei: eis o efeito natural da ignorância! Será sempre instável a mente que se baseia apenas em preconceitos, assim como a correnteza avança com fúria destrutiva quando não há barreiras que contenham seu ímpeto. Desde a infância diz-se às mulheres, e elas aprendem pelo exemplo das mães, que um pouco de conhecimento da fraqueza humana, uma espécie de astúcia, um temperamento suave, uma obediência *exterior* e uma atenção escrupulosa a um conceito pueril de decoro farão com que elas obtenham a proteção do homem; e, se forem belas, todo o resto é desnecessário por, pelo menos, vinte anos de sua vida.

É assim que Milton descreve nossa primeira e frágil mãe; contudo, quando ele diz que as mulheres são feitas para a suavidade e a graça doce e atraente, não consigo entender a que se refere a menos que, no verdadeiro sentido maometano, ele pretenda privar-nos de alma e insinuar que somos seres

concebidos apenas para a graça doce e atraente e a obediência dócil e cega destinadas a satisfazer os sentidos do homem, quando ele não pode mais voar nas asas da contemplação<sup>[a]</sup>.

Como nos insultam grosseiramente aqueles que assim nos aconselham a nos tornarmos dóceis animais domésticos! Por exemplo, a cativante doçura, tão calorosa e frequentemente recomendada, que domina mediante a obediência. Que expressões infantis, e quão insignificante é o ser – pode ser imortal? – que concorda em reinar mediante métodos tão sinistros! “Certamente”, diz lord Bacon, “o homem é aparentado das bestas por seu corpo; e, se ele não for aparentado de Deus por seu espírito, ele é uma criatura vil e ignóbil!”<sup>[b]</sup>. De fato, me parece que os homens agem de maneira muito pouco filosófica quando tentam assegurar a boa conduta das mulheres, tratando de mantê-las sempre em um estado infantil. Rousseau foi mais consistente quando desejou deter o progresso da razão em ambos os sexos, porque, se os homens provarem os frutos da árvore do conhecimento, as mulheres poderão vir a prová-los; mas, do cultivo imperfeito que recebe agora seu intelecto, elas obtêm apenas o conhecimento do mal.

Crianças, admito, devem ser inocentes; mas, quando o epíteto é aplicado a homens ou mulheres, é só um eufemismo para a fraqueza. Porque, se admitirmos que as mulheres foram destinadas pela Providência a obter virtudes humanas e, pelo exercício do entendimento, podem chegar àquela estabilidade de caráter que é a base mais sólida para nossas esperanças futuras, a elas deve ser permitido voltar-se para a fonte da luz, e não serem forçadas a guiar o próprio curso pelo cintilar de um mero satélite. Milton, admito, tinha uma opinião diferente; ele apenas se curva ao indefensável direito da beleza, embora seja difícil tornar consistentes as duas passagens que agora pretendo contrastar. Mas grandes homens são frequentemente guiados por seus sentidos a tais incoerências:

Eva, adornada com uma *beleza perfeita*,  
Disse-lhe assim: Meu Autor e meu Senhor, o que me pedes  
Obedeço e *não discuto*; assim ordena Deus;  
Deus é *tua lei*, e tu, *a minha*: não saber mais nada  
É a *mais cara* ciência da Mulher e seu melhor *elogio*.

Esses são exatamente os argumentos que tenho usado com as crianças; mas acrescento: a razão de vocês ainda está sendo formada e, até que cheguem a

determinado grau de maturidade, vocês devem se voltar a mim para conselhos – depois, terão de *pensar* por si mesmas e contar apenas com Deus.

Não obstante, nos versos seguintes Milton parece concordar comigo, quando faz Adão assim discutir com seu Criador:

Não me tens feito aqui teu substituto,  
Pondo essas criaturas inferiores abaixo de mim?  
Entre *desiguais*, que sociedade  
Pode ser formada, que harmonia, que autêntico deleite?  
Já que tudo deve ser mútuo e na mesma proporção  
Entregue e recebido; mas em *disparidade*,  
Um intenso e o outro negligente, mal se podem  
Acomodar, mas logo nasce o tédio  
Falo de *companhia*, tal como a busco,  
Capaz de participar  
De todo deleite racional.

Levando-se em conta, então, as maneiras das mulheres e desconsiderando os argumentos sensuais, tracemos o que deveria ser um esforço para fazê-las cooperar, se a expressão não for forte demais, com o Ser supremo.

Entendo por educação individual – já que o sentido da palavra não está definido com precisão – a atenção à criança que lentamente aguçar os sentidos, formará o temperamento, regulará as paixões quando estas começarem a fermentar e fará funcionar o entendimento antes que o corpo alcance a maturidade, de modo que o homem só tenha de continuar, e não iniciar, a importante tarefa de aprender a raciocinar e pensar.

Para prevenir qualquer interpretação errônea, devo acrescentar que não acredito que a educação privada faça as maravilhas que alguns escritores otimistas têm lhe atribuído. Homens e mulheres devem ser educados, em grande medida, pelas opiniões e pelos modos da sociedade em que vivem. Em toda época, há uma corrente da opinião popular que prevalece, dando um caráter familiar, por assim dizer, ao século. Infere-se com justiça, então, que, até que a sociedade esteja constituída de modo diferente, não se pode esperar muito da educação. Entretanto, para meu propósito atual é suficiente afirmar que, seja qual for o efeito das circunstâncias sobre as habilidades, toda criatura pode tornar-se virtuosa pelo exercício de sua própria razão, porque, se apenas um ser tivesse sido criado com inclinações para o vício, isto é, positivamente mal, o que poderia salvar-nos do ateísmo? Ou, se nós adoramos um Deus, não é este Deus um

demônio?

Consequentemente, a educação mais perfeita é, em minha opinião, um exercício do entendimento, calculado o melhor possível para fortalecer o corpo e formar o coração. Em outras palavras, para possibilitar ao indivíduo alcançar tais hábitos de virtude que o tornarão independente. De fato, é uma farsa chamar de virtuoso um ser cujas virtudes não resultam do exercício de sua própria razão. Essa era a opinião de Rousseau em relação aos homens; eu a estendo às mulheres e afirmo com toda confiança que elas foram tiradas de sua esfera pelo falso refinamento, e não por um esforço para obter qualidades masculinas. Ainda assim, a homenagem régia que recebem é tão embriagadora que, até que os costumes dos tempos sejam alterados e se formem sobre princípios mais razoáveis, será impossível convencê-las de que o poder ilegítimo que obtêm ao se degradar é uma maldição e que devem retornar à natureza e à igualdade se quiserem assegurar a plácida satisfação gerada pelos afetos não sofisticados. Mas, nesta época, devemos esperar – esperar, talvez, até que os reis e os nobres, instruídos pela razão e preferindo a real dignidade do homem ao estado infantil, desfaçam-se de seus vistosos ornamentos hereditários; e se, então, as mulheres não renunciarem ao poder arbitrário da beleza, provarão ter *menos* inteligência do que o homem.

Acusem-me de arrogância; ainda assim, declaro acreditar firmemente que todos os escritores que têm tratado do tema da educação e das maneiras femininas, desde Rousseau até o dr. Gregory<sup>[c]</sup>, têm contribuído para tornar as mulheres mais artificiais e de caráter mais fraco do que elas realmente são; e, consequentemente, membros mais inúteis da sociedade. Eu poderia ter expressado essa convicção em um tom mais baixo, mas temo que pareceria um lamento afetado, e não a expressão fiel de meus sentimentos, do claro resultado que extraí da experiência e da reflexão. Quando chegar a essa parte do tema, chamarei a atenção às passagens que particularmente desaprovo nas obras dos autores citados, mas antes é preciso observar que minha objeção se estende à intenção geral desses livros, que, em minha opinião, tendem a degradar metade da espécie humana e a tornar as mulheres agradáveis às custas de toda sólida virtude.

Contudo, seguindo o raciocínio de Rousseau, se o homem alcançou um grau de perfeição da mente quando seu corpo atingiu a maturidade, seria próprio que, para fazer do homem e de sua esposa *um só*, a mulher se fiasse inteiramente no

intelecto dele; assim, a hera graciosa, abraçando o carvalho que a sustenta, formaria um todo no qual a força e a beleza seriam igualmente conspíquas. Mas, ai de mim, os maridos; assim, como suas companheiras, geralmente não passam de crianças crescidas – melhor dizendo, graças à libertinagem precoce, mal são homens no aspecto exterior –, e, se um cego conduz outro cego, não é necessário que alguém venha do céu para contar-nos a consequência.

Muitas são as causas que, no atual estado corrupto da sociedade, contribuem para escravizar as mulheres, paralisando seu entendimento e estimulando seus sentidos. Uma, talvez, que de forma silenciosa faz mais mal do que todas as restantes é a indiferença delas à ordem.

Fazer todas as coisas de modo regrado é o mais importante preceito, o qual as mulheres, que, de maneira geral, recebem apenas um tipo de educação desordenado, raras vezes levam em conta com o grau de exatidão observado pelos homens, dominados desde a infância pelo método. Essa espécie negligente de conjectura (pois que outro epíteto pode ser usado para indicar os esforços aleatórios de um tipo de senso comum instintivo, que nunca passou pela prova da razão?) impede de extrair generalizações dos fatos. Assim, elas fazem hoje o que fizeram ontem, meramente porque o fizeram ontem.

Tal desprezo pelo entendimento nas primeiras etapas da vida tem consequências mais funestas do que comumente se supõe, pois os poucos conhecimentos que as mulheres de mente forte adquirem são, por circunstâncias diversas, de um tipo mais volúvel do que o conhecimento dos homens e são obtidos mais pela pura e simples observação da vida real do que pela comparação daquilo que foi observado individualmente com os resultados de experiências generalizadas pela especulação. Levadas por sua situação de dependência e suas ocupações domésticas a estar mais em sociedade, elas aprendem aos poucos e, como para elas, em geral, o aprendizado é algo secundário, não se dedicam a nenhuma disciplina com o ardor e a perseverança necessários para dar vigor às faculdades e clareza ao julgamento. No atual estado da sociedade, um pequeno aprendizado é necessário a fim de respaldar o caráter de um cavalheiro, e os meninos são obrigados a se submeter a alguns anos de disciplina. Mas, no tocante à educação das mulheres, o cultivo do entendimento é sempre subordinado à obtenção de algum dote físico, mesmo quando o corpo, debilitado pelo confinamento e pelas falsas noções de modéstia, é impedido de alcançar a graça e a beleza que membros relaxados e pouco desenvolvidos nunca

exibem. Além disso, na juventude, suas faculdades não são estimuladas pela emulação; e, por não contarem com estudos científicos sérios, a sagacidade natural que porventura tenham volta-se cedo demais para a vida e as boas maneiras. Elas se estendem sobre os efeitos e modificações, sem procurar as causas, e as regras complicadas que governam o comportamento são um fraco substituto para os princípios fundamentais.

Como prova de que a educação dá essa aparência de debilidade às mulheres, podemos citar o exemplo dos homens militares, que são, como elas, soltos no mundo antes de ter recebido uma sólida formação intelectual ou moral. As consequências são similares: os soldados adquirem algum conhecimento superficial, arrancado da corrente turva da conversação, e, devido ao fato de estarem continuamente em sociedade, ganham o que é chamado de conhecimento do mundo; essa familiaridade com os modos e costumes tem sido frequentemente confundida com um conhecimento do coração humano. Mas pode o fruto imaturo da observação casual, que nunca passou pela prova do juízo, formado pela comparação entre especulação e experiência, merecer tal distinção? Soldados, tanto quanto as mulheres, praticam as virtudes menores com uma cortesia meticulosa. Onde está, então, a diferença sexual quando a educação foi a mesma? Todas as diferenças que posso discernir surgem da superior vantagem da liberdade, que permite aos soldados verem melhor a vida.

Fazer uma observação política talvez seja desviar do tema, mas, como surgiu naturalmente no curso de meu pensamento, não a deixarei passar em branco.

Os exércitos permanentes nunca podem consistir em homens resolutos e robustos; podem tornar-se máquinas bem disciplinadas, mas raramente contarão com homens sob a influência de paixões fortes ou com faculdades muito vigorosas. Quanto à profundidade de entendimento, eu me aventurarei em afirmar que esta é tão rara de ser encontrada no Exército quanto entre as mulheres; a causa, insisto, é a mesma. Pode ainda ser observado que os oficiais também dedicam especial atenção a si mesmos, amam a dança, os salões repletos de gente, as aventuras, as zombarias<sup>[1]</sup>. Assim como o sexo *frágil*, o negócio de sua vida é a galanteria; eles foram ensinados a agradar e vivem apenas para isso. Contudo, não perdem seu posto na distinção dos sexos, porque ainda são considerados superiores às mulheres, embora seja difícil descobrir em que consiste sua superioridade, para além do que já mencionei.

A grande desventura é esta: ambos adquirem modos antes de moral e um

conhecimento da vida antes de ter qualquer familiaridade, a partir da reflexão, com o grande esboço ideal da natureza humana. A consequência é natural. Satisfeitos com a natureza comum, tornam-se presas fáceis dos preconceitos e, adotando opiniões alheias, submetem-se cegamente à autoridade. Tanto que, se têm algum bom senso, é uma espécie de olhar instintivo que capta proporções e decide a respeito dos modos, mas que não lhes permite encontrar argumentos profundos nem analisar opiniões.

Não pode o mesmo comentário ser aplicado às mulheres? Quer dizer, pode-se levar o argumento ainda mais longe, porque as distinções inaturais estabelecidas na vida civilizada excluíram ambos de uma posição de utilidade. As riquezas e as honras hereditárias têm feito das mulheres nulidades, servindo apenas para dar valor à cifra numérica; e a indolência tem produzido um misto de galanteria e despotismo na sociedade, o que leva os próprios homens, escravos de suas amantes, a tyrannizar suas irmãs, esposas e filhas. Isto, é verdade, significa apenas mantê-las em seu lugar. Fortaleça a mente feminina, expandindo-a, e haverá um fim à obediência cega; mas, como o poder busca a obediência cega, os tiranos e os homens sensuais estão certos quando se esforçam por conservar a mulher no escuro, pois os primeiros querem somente escravas, e os últimos, um brinquedo. O homem sensual, de fato, é o mais perigoso dos tiranos, e as mulheres têm sido enganadas por seus amantes, tal como os príncipes por seus ministros, enquanto sonham que reinam sobre eles.

Faço alusão agora, sobretudo, a Rousseau, cuja personagem Sofia é, sem dúvida, cativante, embora me pareça totalmente inatural<sup>[d]</sup>. Seja como for, não pretendo atacar a estrutura superficial, mas o fundamento de sua personagem, os princípios sobre os quais sua educação foi construída; ou seja, por mais fervorosamente que eu admire o gênio desse hábil escritor, cujas opiniões frequentemente terei ocasião de citar, a indignação sempre toma o lugar da admiração, e a rígida carranca da virtude insultada apaga o sorriso da complacência que suas frases eloquentes costumam suscitar, quando leio seus devaneios voluptuosos. É esse o homem que, em seu ardor pela virtude, baniria todas as artes delicadas da paz e quase nos faria regressar à disciplina espartana? É esse o homem que se deleita em pintar as proveitosas lutas da paixão, os triunfos das boas disposições e os heroicos voos que liberam a alma ardente? Como esses poderosos sentimentos são rebaixados quando ele descreve o lindo pé e os ares sedutores de sua pequena favorita! Por ora, abandono o assunto e, em vez de

reprender severamente as efusões passageiras de uma sensibilidade vaidosa, apenas observarei que, seja quem for que tenha voltado um olhar benevolente para a sociedade, deve ter sido gratificado pela visão de um humilde amor recíproco, não dignificado pelo sentimento nem fortalecido por uma união de interesses intelectuais. As ninharias domésticas do cotidiano proporcionam assunto para conversas animadas, assim como carícias inocentes suavizam o peso da labuta, que não exige grande exercício mental nem capacidade de pensamento; todavia, a visão dessa felicidade comedida não desperta mais ternura do que respeito? Uma emoção similar à que sentimos quando as crianças ou os animais estão brincando<sup>[2]</sup>, ao passo que a contemplação das nobres lutas do mérito ofendido tem causado admiração e levado nossos pensamentos para aquele mundo onde a sensação dá lugar à razão.

Portanto, as mulheres têm de ser consideradas ou como seres morais, ou como tão fracas que devem ser inteiramente subjugadas pelas faculdades superiores dos homens.

Examinemos essa questão. Rousseau declara que uma mulher não deveria, nem por um momento, sentir-se independente, que ela deveria ser governada pelo temor de exercitar sua astúcia *natural* e feita uma escrava coquete, a fim de tornar-se um objeto de desejo mais sedutor, uma companhia *mais doce* para o homem, quando este quiser relaxar. Ele leva ainda mais longe o argumento que alega extrair dos indícios da natureza e insinua que verdade e força moral, pedras angulares de toda virtude humana, deveriam ser cultivadas com certas restrições, porque, no que diz respeito ao caráter feminino, a obediência é a grande lição a ser inculcada com extremo rigor.

Que bobagem! Quando surgirá um grande homem com força mental suficiente para dissipar a névoa que o orgulho e a sensualidade têm espalhado sobre o assunto? Se as mulheres são, por natureza, inferiores aos homens, suas virtudes devem ser as mesmas em relação à qualidade, se não ao grau, ou então a virtude é uma ideia relativa; conseqüentemente, sua conduta deveria ser fundamentada nos mesmos princípios e ter os mesmos objetivos.

Ligadas ao homem enquanto filhas, esposas e mães, seu caráter moral pode ser estimado pela maneira como desempenham esses simples deveres; mas o fim, o grande fim de seus esforços, deveria ser desenvolver suas próprias faculdades e obter a dignidade da virtude consciente. Elas podem tentar tornar seu caminho prazenteiro, mas nunca devem esquecer, assim como os homens, que a vida não

concede a felicidade capaz de satisfazer uma alma imortal. Não pretendo insinuar que ambos os sexos deveriam se perder em reflexões abstratas ou visões longínquas, a ponto de esquecer os afetos e deveres que têm diante de si e que são, na verdade, os meios designados para produzir o fruto da vida; pelo contrário, eu os recomendaria calorosamente, afirmando que proporcionam mais satisfação quando são considerados na sobriedade de sua verdadeira luz.

É provável que a opinião prevalecente de que a mulher foi criada para o homem tenha surgido da poética história de Moisés; todavia, como se supõe que muito poucos dos que pensaram seriamente sobre o tema sempre presumiram que Eva era, literalmente, uma das costelas de Adão, tal dedução deve ser esquecida ou admitida apenas como prova de que o homem, desde a mais remota Antiguidade, achou-a conveniente para exercer sua força, a fim de subjugar sua companheira, e utilizou sua invenção para mostrar que a mulher deveria ter seu pescoço sob jugo, porque toda a criação foi feita apenas para a conveniência e o prazer do homem.

Que não se conclua que eu desejo inverter a ordem das coisas. Já admiti que, pela constituição do corpo, os homens parecem ter sido concebidos pela Providência para atingir um grau maior de virtude. Falo coletivamente, do sexo no todo; mas não vejo nenhum motivo para concluir que suas virtudes deveriam diferir a respeito de sua natureza. De fato, como poderia ser assim, se a virtude possui apenas um padrão eterno? Portanto, se eu raciocino de forma lógica, devo afirmar que as virtudes seguem a mesma simples direção com tanto vigor como afirmo a existência de um Deus.

Segue-se, então, que a astúcia não deveria ser oposta à sabedoria, nem os pequenos cuidados aos grandes esforços, nem a suavidade insípida, envernizada com o nome da gentileza, contrária àquela fortaleza que somente as grandes perspectivas podem inspirar.

Dir-me-ão que a mulher perderia muitas de suas graças peculiares, e a opinião de um poeta célebre pode ser mencionada para refutar minha afirmação inadequada. Porque Pope disse, em nome de todo o sexo masculino:

Todavia nunca tão segura de suscitar nossa paixão,  
Como quando ela se aproximou de tudo que nós odiamos.<sup>[e]</sup>

Deixarei que os judiciosos determinem sob que luz tal gracejo coloca homens e mulheres. Enquanto isso, contento-me em observar que não posso descobrir

por que as mulheres, salvo por serem mortais, devem ser sempre degradadas, tornadas subservientes ao amor e à luxúria.

Sei que falar do amor de modo desrespeitoso é uma alta traição contra os bons sentimentos e a sensibilidade, mas desejo usar a linguagem simples da verdade e dirigir-me mais à cabeça do que ao coração. Tentar extirpar o amor do mundo corresponderia a ser mais quixotesco que Cervantes e igualmente ofender o bom senso, mas parece menos insensata a tentativa de restringir essa paixão tumultuada e provar que não deveria ser permitido destronar poderes superiores ou usurpar o cetro que o entendimento deve sempre empunhar.

Para ambos os sexos, a juventude é o tempo do amor, mas, nesses dias de prazer irrefletido, deveria ser feita uma provisão para os anos mais importantes da vida, quando a reflexão toma o lugar da sensação. Rousseau, porém, bem como a maioria dos escritores que têm seguido seus passos, defende com ardor que a educação das mulheres seja dirigida inteiramente a um objetivo: fazê-las agradáveis.

Deixem-me argumentar com os apoiadores dessa opinião que têm algum conhecimento da natureza humana se eles imaginam que o casamento possa erradicar um hábito de vida. A mulher que tem sido ensinada apenas a agradar logo descobrirá que seus encantos são raios de sol oblíquos e que estes não podem ter muito efeito sobre o coração de seu marido quando são vistos todos os dias, quando o verão passou e está findo. Terá ela, então, energia suficiente para procurar conforto em si mesma e cultivar suas faculdades adormecidas? Não seria mais racional esperar que ela tente agradar outros homens e, nas emoções suscitadas pela expectativa de novas conquistas, faça um esforço para esquecer a mortificação que seu amor ou orgulho receberam? Quando o marido deixa de ser um amante – e esse tempo virá inexoravelmente –, o desejo dela de agradar ou se fará lânguido, ou se tornará fonte de amargura; e o amor, talvez a mais evanescente de todas as paixões, dará lugar ao ciúme ou à vaidade.

Falo agora das mulheres que são reprimidas por princípios ou preconceitos. Tais mulheres, ainda que recuem diante de uma intriga com real repugnância, desejam ser convencidas pela homenagem da galanteria de que são cruelmente negligenciadas pelo marido; ou passam dias e semanas sonhando com a felicidade desfrutada pelas almas afins, até que sua saúde seja minada e seu espírito seja destruído pelo descontentamento. Como pode, então, a grande arte de agradar ser um objeto de estudo tão necessário? Só é útil para uma amante. A

esposa casta e mãe séria deveria considerar seu poder de agradar apenas como complemento exterior de suas virtudes e o afeto de seu marido como um dos confortos que tornam sua tarefa menos difícil e sua vida mais feliz. Mas, seja ela amada ou negligenciada, seu primeiro desejo deveria ser o de fazer-se respeitável, e não depositar sua felicidade em um ser sujeito às mesmas fraquezas que ela.

O ilustre dr. Gregory cometeu um erro similar. Respeito seu bom coração, mas desaprovo inteiramente seu celebrado [*A Father's*] *Legacy to His Daughters* [O legado de um pai para suas filhas].

Ele as aconselha a cultivar o gosto pela moda, porque isso, afirma, é natural nelas. Não consigo compreender o que querem dizer ele ou Rousseau quando usam com frequência esse termo indefinido. Se eles nos disserem que, em uma época preexistente, a alma era amante da moda e trouxe tal inclinação consigo no novo corpo, eu os ouviria com meio sorriso, como geralmente faço quando ouço um discurso sobre elegância inata. Mas, se o dr. Gregory quis dizer somente que o exercício das faculdades produzirá essa inclinação, eu o refuto. Não é natural, mas surge, como a falsa ambição do amor ao poder nos homens.

Ele vai ainda mais longe; de fato, recomenda a dissimulação e aconselha uma garota inocente a mentir sobre seus sentimentos e não dançar com vivacidade, quando a alegria do coração tornaria sua expressividade eloquente, sem fazer seus gestos imodestos. Em nome da verdade e do bom senso, por que não deveria uma mulher reconhecer que é capaz de fazer mais exercícios do que outra? Ou, em outras palavras, que ela tem uma constituição sadia. E por que, para sufocar a vivacidade inocente, deve-se dizer-lhe de forma obscura que os homens tirarão conclusões que ela nem cogita? Que o libertino tenha os pensamentos que quiser. No entanto, espero que nenhuma mãe sensata restrinja a natural franqueza da juventude dando conselhos tão indecentes. A boca exprime a generosidade do coração, e alguém mais sábio do que Salomão disse que o coração deveria ser purificado, mas que não seria necessário observar as cerimônias triviais, cuja realização escrupulosa não é difícil quando o vício reina no coração<sup>[1]</sup>.

As mulheres devem se esforçar para purificar seu coração, mas podem elas fazê-lo quando seus entendimentos incultos as tornam inteiramente dependentes dos sentidos em suas ocupações e distrações, quando não contam com atividades nobres que as coloquem acima das pequenas vaidades cotidianas ou que lhes permitam refrear as emoções selvagens que agitam o junco, sobre o qual toda

brisa passageira tem poder? Para ganhar o afeto de um homem virtuoso é necessária a afetação? A natureza deu à mulher uma estrutura mais fraca do que ao homem; mas, para garantir o afeto do marido, deve uma esposa, que por meio do exercício de sua mente e seu corpo no cumprimento de suas obrigações de filha, esposa e mãe tenha permitido a sua constituição física manter a força natural e equilibrar os nervos de forma saudável, pergunto eu, consentir em usar artimanhas e fingir uma delicadeza enfermiça, a fim de assegurar tal afeto? A debilidade pode provocar ternura e gratificar o orgulho arrogante do homem, mas as carícias condescendentes de um protetor não gratificarão uma mente nobre, que anseia e merece ser respeitada. A afetuosidade é um pobre substituto para a amizade!

Admito que, em um harém, todas essas artes são necessárias; o epicurista deve ter seu paladar aguçado, senão afundará na apatia; mas têm as mulheres tão pouca ambição a ponto de se satisfazer com tal condição? Podem elas passar a vida sonhando passivamente nos braços do prazer ou no langor do enfado, em vez de exercer seu direito de buscar prazeres razoáveis e se distinguir pela prática de virtudes que dignificam a humanidade? Certamente, ela não possui uma alma imortal, podendo desperdiçar a vida apenas adornando sua pessoa para entreter as lânguidas horas e suavizar as preocupações de um semelhante disposto a ser distraído por seus sorrisos e trejeitos, uma vez terminados os afazeres sérios da vida.

Além disso, a mulher que fortalece o corpo e exercita a mente, gerenciando sua família e praticando diversas virtudes, tornar-se-á uma amiga, e não uma humilde dependente de seu marido; e se ela, por possuir qualidades tão substanciais, merecer a consideração dele, não achará necessário esconder sua afeição nem fingir uma frieza estranha ao próprio temperamento para excitar as paixões de seu marido. De fato, se voltarmos na história, descobriremos que as mulheres que se distinguiram não foram nem as mais bonitas nem as mais gentis.

A natureza, ou, para falar com propriedade, Deus, fez todas as coisas certas, mas o homem realizou muitas invenções para arruinar tal obra. Faço agora menção à parte do tratado do dr. Gregory em que ele aconselha uma esposa a nunca deixar que o marido saiba a extensão de sua sensibilidade ou seu afeto. Precaução voluptuosa e tão ineficaz quanto absurda. O amor, por sua própria natureza, deve ser transitório. Buscar um meio secreto que o torne constante

seria tarefa tão insensata quanto procurar a pedra filosofal ou a grande panaceia; e a descoberta seria igualmente inútil, ou até perniciosa, para a humanidade. O vínculo mais sagrado da sociedade é a amizade. Bem disse um perspicaz autor satírico: “Se o amor verdadeiro é raro, mais rara ainda é a verdadeira amizade”<sup>[g]</sup>.

Essa é uma verdade óbvia, e sua causa, nada obscura, não escapará a uma breve análise.

O amor, a paixão comum, no qual a casualidade e a sensação tomam o lugar da escolha e da razão, é sentido de algum modo pela humanidade inteira; por isso, não é necessário falar agora das emoções elevadas ou inferiores que ele suscita. Essa paixão, naturalmente intensificada pela incerteza e pelas dificuldades, tira a mente de seu estado habitual e exalta os afetos; mas a segurança do matrimônio permite acalmar a febre do amor e traz de volta uma temperatura saudável, ainda que considerada insípida por aqueles que não têm intelecto suficiente, a fim de substituir a admiração cega e as emoções sensuais pela calma ternura da amizade e confiança do respeito.

Esse é – tem de ser – o curso da natureza. Amizade ou indiferença inevitavelmente sucedem ao amor. E tal constituição parece harmonizar-se perfeitamente com o sistema de governo que prevalece no mundo moral. As paixões são estímulos para a ação e abrem a mente, mas elas se rebaixam a meros apetites e tornam-se uma gratificação pessoal e momentânea quando o objeto de desejo é conquistado e a mente satisfeita descansa em seu deleite. O homem, que tinha alguma virtude enquanto lutava por uma coroa, muitas vezes se torna um tirano voluptuoso no momento em que esta enfeita sua testa; e, quando o amante não se perdeu no marido, o homem senil, presa dos caprichos infantis e dos ciúmes, negligencia os deveres sérios da vida, e as carícias que deveriam despertar segurança em seus filhos são desperdiçadas com uma criança crescida, sua esposa.

A fim de cumprir os deveres da vida e ser capazes de prosseguir com vigor nas várias ocupações que formam o caráter moral, um pai e uma mãe de família não devem continuar a se amar com paixão. Quero dizer que não devem se abandonar a essas emoções, que perturbam a ordem da sociedade e absorvem os pensamentos que poderiam ser empregados de outra forma. A mente que nunca foi absorvida por um objetivo carece de vigor – e ficará cada vez mais fraca, se tal situação perdurar.

Uma educação equivocada, uma mente estreita e inculta e muitos

preconceitos sexuais tendem a fazer as mulheres mais constantes do que os homens; mas não tocarei, por ora, nesse aspecto da questão. Irei ainda mais longe e adianto, sem julgar possível um paradoxo, que um matrimônio infeliz é, muitas vezes, bastante vantajoso para a família, e que a esposa negligenciada é, em geral, a melhor mãe. Esse seria quase sempre o resultado, se a mente feminina tivesse sido mais aberta, pois parece ser lei comum da Providência que o prazer do momento deve ser deduzido do tesouro da vida – a experiência – e que, quando colhemos as flores do cotidiano, deleitando-nos de prazer, não podemos ao mesmo tempo apanhar o fruto sólido do trabalho constante e da sabedoria. O caminho se estende diante de nós, e devemos virar à direita ou à esquerda; aquele que passa a vida indo de um prazer a outro não há de queixar-se se não adquirir nem sabedoria nem respeitabilidade de caráter.

Supondo, por um momento, que a alma não seja imortal e que o homem tenha sido criado apenas para este mundo, acho que teríamos razão em queixar-nos de que o amor, como uma paixão infantil, sempre se torna insípido e deixa de interessar os sentidos. Comamos, bebamos e amemos porque amanhã morreremos seria, de fato, a linguagem da razão, a moralidade da vida; e quem, senão um tolo, trocaria a realidade por uma sombra efêmera? Mas se, impressionados pela observação dos improváveis poderes da mente, abdicarmos de confinar nossos desejos ou pensamentos a um campo de ação comparativamente tão restrito, que aparenta ser grandioso e importante somente quando se conecta com perspectivas ilimitadas e esperanças sublimes, que necessidade há, então, de condutas falsas, e por que a majestade sagrada da verdade tem de ser violada, a fim de apoderar-se de um bem ilusório que destrói o próprio fundamento da virtude? Por que deve a mente feminina ser contaminada pelas artes do coquetismo para satisfazer a sensualidade dos homens e impedir que o amor se converta em amizade ou em ternura compassiva, quando não há qualidades sobre as quais a amizade possa ser construída? Deixemos que o coração honesto se manifeste e que a *razão* ensine a paixão a submeter-se à necessidade; ou que a digna busca da virtude e do conhecimento eleve a mente acima dessas emoções, que mais amargam do que adoçam o cálice da vida quando não são restritas aos devidos limites.

Não quero aludir à paixão romântica, que é concomitante do gênio. Quem pode cortar suas asas? Mas aquela grande paixão, sem comparação com os prazeres insignificantes da vida, só é fiel ao sentimento e se nutre dela mesma. As

paixões que foram enaltecidas por sua durabilidade sempre foram desafortunadas. Elas devem sua força à ausência e à melancolia que as constituem. A fantasia paira sobre uma forma de beleza vagamente percebida, mas a convivência pode transformar a admiração em desgosto ou, ao menos, em indiferença e permitir que a imaginação ociosa inicie um novo jogo. Com perfeita propriedade, de acordo com essa visão das coisas, Rousseau faz a dona de sua alma, Heloísa, amar Saint-Preux<sup>[h]</sup>, quando a vida se esgotava diante dela; mas isso não prova a imortalidade da paixão.

Do mesmo tipo é o conselho do dr. Gregory a respeito da delicadeza do sentimento, em que sugere à mulher que não a adquira, caso esteja determinada a se casar. Tal determinação, entretanto, perfeitamente consistente com seu conselho anterior, ele chama de *indelicada* e, com seriedade, persuade suas filhas a dissimulá-la, ainda que isso possa governar sua conduta, como se fosse indelicado ter os apetites comuns da natureza humana.

Nobre moralidade! É consistente com a prudência cautelosa da alma pequena, que não pode estender suas considerações além do presente minuto da existência. Se todas as faculdades da mente feminina hão de ser cultivadas apenas na medida em que respeitem sua dependência em relação ao homem; se uma mulher, quando consegue um marido, considera que atingiu a meta e, com orgulho mesquinho, descansa realizada com tão insignificante coroa, deixemos que se rebaixe satisfeita, elevada um pouco acima do reino animal por sua ocupação; mas, se na luta para obter a recompensa de sua alta vocação, ela olha além de sua vida presente, deixemos que cultive o entendimento, sem parar para considerar qual será o caráter do marido com quem está destinada a se casar. Deixemos que ela mesma decida, sem ficar ansiosa demais com a felicidade imediata, obter as qualidades que enobrecem um ser racional e, então, um marido rude e pouco elegante pode vir a chocar seu gosto, sem destruir sua paz de espírito. Ela não modelará sua alma em função das fraquezas de seu companheiro, mas sim para tolerá-las; o caráter dele pode ser uma provação, mas não um impedimento para a virtude.

Se o dr. Gregory limitasse seu comentário às expectativas românticas do amor fiel e dos sentimentos congeniais, recordaria que a experiência dissipa tudo aquilo que nenhum conselho é capaz de fazer-nos parar de desejar quando a imaginação é mantida viva às expensas da razão.

Confesso que frequentemente acontece de as mulheres que fomentaram uma

delicadeza de sentimentos romântica e inatural desperdiçarem sua<sup>[3]</sup> vida *imaginando* quão felizes teriam sido com um marido que as amasse com afeto crescente e fervoroso. Mas elas poderiam definir tanto casadas quanto solteiras e não seriam nem um pouco mais infelizes com um mau marido do que ansiando por um bom marido. Reconheço que uma educação apropriada, ou, para ser precisa, uma mente bem formada, permitiria a uma mulher suportar viver sozinha com dignidade; mas evitar o cultivo de seu gosto, temendo que seu marido pudesse ocasionalmente se opor a ele, equivale a renunciar à substância pelo irreal. Para dizer a verdade, não sei para que serve um gosto refinado, se isso não dá ao indivíduo mais independência em relação às contingências da vida; se não se abrem novas fontes de prazer, dependentes apenas da atividade solitária da mente. As pessoas de bom gosto, casadas ou solteiras, sem distinção, sempre serão desgostosas de tudo que suscita o interesse de mentes não menos atentas. O argumento não deve depender dessa conclusão, mas, em toda gama de prazeres, deve o gosto ser denominado uma bênção?

A questão é saber se proporciona mais dor ou prazer. A resposta decidirá a propriedade do conselho do dr. Gregory e mostrará quão absurdo e tirânico é instituir, assim, um sistema de escravidão ou tentar educar os seres morais segundo quaisquer outras regras que não aquelas deduzidas da razão pura, que se aplicam a toda a espécie.

A delicadeza dos modos, a paciência e a tolerância são qualidades tão amáveis e divinas que, em um estilo sublime e poético, a Divindade envolve-se nelas; e talvez nenhuma representação da sua bondade assegure com tanta força os afetos humanos como as qualidades que a mostram pródiga em misericórdia e disposta ao perdão. A gentileza, considerada sob esse ponto de vista, tem em si todas as características da grandeza, combinadas com as graças encantadoras da condescendência; mas assume um aspecto bastante diferente quando se trata do comportamento submisso da dependência, o apoio da fraqueza dos que amam porque necessitam de proteção – e é tolerante, pois deve suportar em silêncio as ofensas, sorrindo sob o chicote que não ousa desafiar. Por mais abjeto que pareça esse quadro, é o retrato de uma mulher bem educada segundo a opinião aceita de excelência feminina, apartada da excelência humana por certos argumentadores capciosos. Ou então eles<sup>[4]</sup> gentilmente restauram a costela e fazem um ser moral tanto do homem quanto da mulher; sem esquecer de dar a ela todos os “encantos submissos”.

Não nos é dito em que consiste a existência das mulheres quando não há casamento nem promessa de casamento. Pois, ainda que os moralistas concordem que o curso da vida pareça provar que diversas circunstâncias preparam o *homem* para uma vida futura, eles com frequência coincidem em suas opiniões ao aconselhar a *mulher* a se ocupar somente com o presente. Nesse terreno, recomenda-se sem cessar a gentileza, a docilidade e o afeto servil como as virtudes fundamentais do sexo; e, ignorando o arbítrio da natureza, um escritor declarou que a melancolia em uma mulher é característica masculina. Ela foi criada para ser o brinquedo do homem, seu chocalho, e deve tinir em seus ouvidos quando, dispensando a razão, ele escolhe divertir-se.

Realmente, recomendar a doçura de forma ampla é estritamente filosófico. O ser frágil deve esforçar-se para ser gentil. Mas, quando a paciência confunde o certo com o errado, deixa de ser uma virtude; e, por mais conveniente que seja encontrar uma companheira, tal companheira sempre será considerada inferior e inspirará apenas uma ternura insípida, que facilmente degenera em desprezo. Ainda assim, se os conselhos de fato tornassem um ser gentil, cuja disposição natural não admitisse tão fina polidez, isso resultaria em algum avanço; mas se, como facilmente demonstrado, esse conselho indiscriminado produz somente afeto, que impede o caminho do progresso gradual e do verdadeiro aperfeiçoamento da índole, o sexo feminino não é muito beneficiado, pois sacrifica sólidas virtudes para obter graças superficiais, mesmo que, durante alguns anos, estas proporcionem real ascendência a algumas mulheres.

Como filósofa, leio com indignação os epítetos plausíveis utilizados pelos homens para suavizar seus insultos; e, como moralista, pergunto qual é o significado de associações tão heterogêneas, tais como belos defeitos, debilidade amável etc.? Se existe um só critério de moral, um só arquétipo para o homem, parece que o destino deixou em suspenso as mulheres, de acordo com a lenda popular do ataúde de Maomé<sup>[i]</sup>; elas não possuem o instinto infalível dos brutos nem lhes é permitido fixar o olhar da razão sobre um modelo perfeito. Elas foram feitas para ser amadas e não devem aspirar ao respeito se não quiserem ser rejeitadas pela sociedade como sendo masculinas.

Mas vejamos o assunto sob outro ponto de vista. São as mulheres passivas e indolentes as melhores esposas? Limitando nossa discussão ao momento presente, vejamos como criaturas tão fracas desempenham seu papel. As mulheres que, com a assimilação de alguns dotes superficiais, reforçaram os

preconceitos vigentes contribuíram para a felicidade do marido? Elas exibem seus encantos apenas para entretê-lo? E as mulheres que, desde cedo, incorporaram noções de obediência passiva possuem caráter suficiente para gerenciar uma família e educar os filhos? Estão tão longe disso que, após observar a história da mulher, não posso deixar de concordar com os críticos mais severos e considerar o sexo feminino como a metade da espécie humana mais fraca e oprimida. O que revela a história senão as marcas da inferioridade e o modo como poucas mulheres se emanciparam do jugo exasperante do homem soberano? Tão poucas que as exceções me lembram uma hipótese engenhosa a respeito de Newton<sup>[j]</sup>: que ele era provavelmente um ser de ordem superior, preso acidentalmente em um corpo humano. Seguindo a mesma linha de pensamento, tenho sido levada a imaginar que as poucas mulheres extraordinárias que fugiram em direções excêntricas da órbita prescrita para seu sexo eram espíritos *masculinos*, confinados por engano em estruturas femininas. Mas, se não é filosoficamente possível pensar no sexo quando a alma é mencionada, a inferioridade deve depender dos órgãos; ou, então, o fogo celeste que fermenta a argila não é dividido em porções iguais.

Evitando, como tenho feito até agora, qualquer comparação direta entre os dois sexos em geral, ou reconhecendo com franqueza a inferioridade da mulher, de acordo com o atual estado de coisas, insistirei unicamente que os homens acentuaram essa inferioridade, levando as mulheres a um patamar quase abaixo das criaturas racionais. Deixemos espaço para que suas faculdades se desenvolvam e suas virtudes ganhem força e, então, decidiremos qual deve ser a posição do sexo feminino, por inteiro, na escala intelectual. Não obstante, devemos recordar que não peço um lugar para um pequeno número de mulheres ilustres.

É difícil para nós, mortais de visão limitada, dizer aonde podem chegar as descobertas e o progresso humanos, uma vez dissipadas as sombras do despotismo que nos fazem vacilar a cada passo; mas, quando a moralidade se assentar em bases sólidas, sem ser dotada de um espírito profético, eu me aventuro a predizer que a mulher será ou a amiga, ou a escrava do homem. Não questionaremos, como fazemos agora, se ela é um agente moral ou o vínculo que une o homem aos animais. Mas, se ficar claro então que, como os animais, elas foram criadas principalmente para o uso do homem, ele deixará com paciência que elas mordam o freio, sem ridicularizá-las com elogios vazios; se a

racionalidade delas for provada, ele não impedirá seu aperfeiçoamento apenas para satisfazer apetites sexuais. Ele não dará conselhos a elas, com toda a arte da retórica, para que submetam seu intelecto à autoridade do homem. Ele não afirmará, ao tratar da educação das mulheres, que elas não devem jamais possuir o livre uso da razão nem ousará recomendar astúcia e dissimulação para seres que estão adquirindo, do mesmo modo que ele, as virtudes da humanidade.

Se a moralidade tem um alicerce eterno, certamente só pode haver uma regra de direito, e quem quer que sacrifique a virtude, no sentido estrito, às conveniências do momento ou aqueles cujo *dever* é agir de tal modo vivem apenas o dia que passa e não podem ser criaturas responsáveis.

O poeta, então, estaria escarnecendo quando diz:

Se as mulheres fracas se perdem,  
As estrelas têm mais culpa do que elas.<sup>[k]</sup>

Porque é certo que as mulheres estão sujeitas à inquebrantável cadeia do destino, se for provado que elas não devem jamais usar a própria razão, jamais ser independentes, jamais se colocar acima da opinião comum nem sentir a dignidade de uma vontade racional, que se inclina apenas diante de Deus e frequentemente ignora que o universo contém outros seres além de si e do modelo de perfeição para o qual seu olhar ardente se volta, a fim de adorar atributos que, quando transformados em virtudes, poderão ser imitados em gênero, embora a intensidade domine a mente extasiada.

Digo, sem fazer maiores declarações, que, se a Razão oferece sua sóbria luz, se as mulheres são realmente capazes de agir como criaturas racionais, que não sejam tratadas como escravas nem como animais que, submetidos ao homem, dependem da sua razão; mas, ao contrário, cultivem sua mente, deem a elas o limite sublime e salutar dos princípios e deixem que alcancem a dignidade consciente, sentindo elas próprias que dependem apenas de Deus. Ensinem-nas, como aos homens, a se submeter à necessidade, em vez de atribuírem um sexo à moral para torná-las mais agradáveis.

Mais ainda, se a experiência provar que elas não podem atingir o mesmo grau de vigor mental, de perseverança e de força moral, deixemos que suas virtudes sejam do mesmo tipo, ainda que elas lutem em vão para obter o mesmo grau; e a superioridade do homem será igualmente clara, se não mais clara; e a verdade, uma vez que é um princípio simples, que não admite modificação, será comum a

ambos. A ordem da sociedade, como está estabelecida no momento, não seria invertida, pois a mulher teria apenas o lugar atribuído a ela pela razão e não poderia usar de artifícios para estabelecer o equilíbrio da balança, muito menos para invertê-lo.

Esses podem ser considerados sonhos utópicos. Agradeço àquele Ser que os inculcou em minha alma e me deu suficiente força mental para me atrever a exercer minha própria razão até que, tornando-me dependente apenas dele para o sustento de minha vida, vejo com indignação as noções errôneas que escravizam as pessoas de meu sexo.

Amo o homem como meu companheiro, porém seu cetro, real ou usurpado, não se estende até mim, a menos que a razão do indivíduo reclame minha homenagem – mesmo assim, a submissão é à razão, e não ao homem. De fato, a conduta de um ser responsável deve ser regulada pelas operações de sua própria razão; ou sobre que fundamento repousa o trono de Deus?

Parece-me necessário insistir nessas verdades óbvias, porque as mulheres têm sido isoladas, por assim dizer; e, enquanto elas têm sido despojadas das virtudes que deveriam cobrir a humanidade, têm sido adornadas com graças artificiais que lhes possibilitam exercitar uma breve tirania. Com o amor ocupando o lugar de toda paixão mais nobre em seu coração, sua única ambição é ser bela para suscitar emoção, em vez de inspirar respeito; e esse desejo ignóbil, tal como o servilismo nas monarquias absolutistas, destrói toda força de caráter. A liberdade é a mãe da virtude, e se as mulheres são, por sua própria constituição, escravas, e se não lhes é permitido respirar o ar vivo e vivificante da liberdade, elas devem continuar a definhar como planta exótica e a ser consideradas belas imperfeições da natureza. Lembremos também que elas são a única imperfeição.

Quanto ao argumento sobre o estado de sujeição em que o sexo feminino sempre foi mantido, ele se volta contra o homem. A maioria sempre foi subjugada pela minoria; e monstros, que mal apresentam algum discernimento da excelência humana, têm tiranizado milhares de semelhantes. Por que homens de talento superior têm se submetido a tal degradação? Porque não se reconhece universalmente que reis, considerados em conjunto, sempre foram inferiores em capacidades e virtudes ao mesmo número de homens tomados da massa comum da humanidade – contudo, não têm eles sido, e não são ainda, tratados com um grau de reverência que é um insulto à razão? A China não é o único país onde um homem vivo foi feito Deus. Os *homens* têm se submetido à força superior

para desfrutar com impunidade do prazer do momento, e as *mulheres* têm feito apenas o mesmo; portanto, até que seja provado que o cortesão, que servilmente submete a um homem seus direitos garantidos desde o nascimento, não é um agente moral, também não pode ser demonstrado que a mulher é essencialmente inferior ao homem porque ela sempre foi subjugada.

A força bruta tem governado o mundo, e a ciência da política está em sua infância, é evidente pela hesitação dos filósofos em dar ao homem um conhecimento mais útil do que essa distinção determinada.

Não prosseguirei nesse argumento senão para estabelecer uma inferência óbvia de que a humanidade, incluídas as mulheres, tornar-se-á mais sábia e virtuosa quando uma política sã difundir a liberdade.

---

[a] Todas as referências seguintes a John Milton, muito admirado no círculo do editor Joseph Johnson, aludem a *Paraíso perdido*. (N. E.)

[b] Francis Bacon (1561-1626), filósofo e político inglês, em *Essays*, “XVI: Of Atheism”. (N. E.)

[c] Dr. John Gregory (1724-1773) escreveu, em 1761, um dos livros mais populares na época sobre a conduta das mulheres, *A Father’s Legacy to His Daughters*. (N. E.)

[1] Por que as mulheres deveriam ser censuradas com petulante acrimônia por demonstrar paixão por um casaco escarlate? A educação recebida não as colocou mais no nível dos soldados do que no de qualquer outra classe de homens?

[d] Em *Emílio*, de Jean-Jacques Rousseau, a personagem Sofia é orientada de maneira a tornar-se a companheira ideal do protagonista, desenvolvendo maneiras convencionalmente femininas. (N. E.)

[2] Sentimentos análogos em minha mente são despertados pela amena descrição que Milton faz da felicidade paradisíaca; contudo, em vez de invejar o belo par, volto ao inferno com dignidade consciente ou orgulho satânico para alcançar objetivos mais sublimes. Do mesmo modo, quando contemplo algum nobre monumento da arte humana, descubro a emanção da Divindade na ordem que admiro, até que, descendo dessa altura vertiginosa, surpreendo-me a contemplar o mais grandioso de todos os espetáculos humanos, porque a imaginação rapidamente se situou em algum canto solitário, uma pária da sorte, pairando acima da paixão e do descontentamento.

[e] Alexander Pope, “Epistle II: Of the Characters of Women”, em *Moral Essays* (1731-1735). (N. E.)

[f] Nesta frase, à sua própria maneira, a autora se utiliza, respectivamente, de: Mateus 12:34 (“Pois a boca fala do que está cheio o coração”); Mateus 12:42 (“E eis que aqui está quem é maior do que Salomão”, ou seja, Jesus); Mateus 23:25 (“Porque limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estes estão repletos de avareza e cobiça”). (N. E.)

[g] François, duque de La Rochefoucauld, *Réflexions ou sentences et maximes morales* (1665). (N. E.)

[h] Jean-Jacques Rousseau, *Julie ou la Nouvelle Héloïse* (1761) (ed. bras.: *Júlia, ou, a nova Heloísa*, São Paulo, Hucitec, 2006). (N. E.)

[3] Por exemplo, o rebanho de romancistas.

[4] Vide Rousseau e Swedenborg. [Emanuel Swedenborg (1688-1772), cientista e místico sueco, desenvolveu teorias de correspondência entre o mundo natural e o espiritual que tiveram grande influência sobre a poesia romântica inglesa. (N. E.)]

[i] A autora se refere a uma antiga crença ocidental, segundo a qual a tumba de Maomé em Medina estaria suspensa entre o Céu e a Terra devido à ação de magnetismo. (N. E.)

[j] Isaac Newton (1643-1727), cientista inglês famoso por seus estudos acerca da Lei da Gravitação Universal – por isso a menção de Mary, a seguir, à “órbita” prescrita para as mulheres. (N. E.)

[k] Matthew Prior, *Hans Carvel* (1701). (N. E.)

### CONTINUAÇÃO DO MESMO ASSUNTO

A força física, que foi a distinção dos heróis, é hoje alvo de um desprezo tão imerecido que tanto os homens quanto as mulheres parecem considerá-la desnecessária – as mulheres, porque têm a fonte de seu poder indevido nas graças femininas e na fragilidade dócil; e os homens, porque parece contrária ao caráter de um cavalheiro.

É bastante claro que ambos passaram de um extremo ao outro, mas antes seria conveniente observar que o grau de credibilidade obtido por um erro vulgar deu força a uma conclusão falsa, na qual se confunde o efeito com a causa.

As pessoas de gênio com frequência têm prejudicado sua constituição por causa do estudo ou por falta de cuidado com a saúde, e a violência das paixões dá a medida de seu vigor intelectual, a espada destruindo a bainha, como diz o provérbio. Disso, os observadores superficiais concluíram que, geralmente, os homens de gênio são fracos ou, para usar uma expressão da moda, têm constituição delicada. No entanto, acredito que seja o contrário, pois em uma indagação diligente descobri que, na maioria dos casos, a força mental é acompanhada de força física superior – uma constituição naturalmente sã –, que não deve ser confundida com a resistência dos nervos e o vigor dos músculos, provenientes do trabalho corporal, quando a mente está em repouso ou somente dirige as mãos.

O dr. Priestley assinalou, no prefácio de sua biografia<sup>[a]</sup>, que a maioria dos grandes homens viveu mais de 45 anos. Se considerarmos a maneira irrefletida como esbanjaram forças no estudo de suas ciências favoritas, eles gastaram a lâmpada da vida, esquecidos das horas de repouso; ou quando, perdidos em sonhos poéticos, deram livre curso à imaginação, perturbando a alma a ponto de debilitar o corpo pelas paixões que surgiram da meditação – cujos objetos, estruturas quase sem fundamento, se desvanecem diante de olhos fatigados –,

eles deveriam ter físico de ferro. A mão de Shakespeare nunca esteve inerte para segurar o punhal da fantasia nem Milton tremeu quando conduziu Satã para longe dos confins de sua prisão lúgubre. Essas não eram divagações de imbecis nem efusões doentias de mentes destemperadas, mas a exuberância da imaginação, que, agindo em um estado de “sublime frenesi”, esquecia seus entraves materiais.

Estou ciente de que tal argumento me levaria além de onde se supõe que eu queira ir, mas sigo a verdade e, prendendo-me ainda a minha posição inicial, admitirei que a força física parece dar ao homem uma superioridade natural em relação à mulher – e esta é a única base concreta sobre a qual se pode fundamentar a superioridade do sexo masculino. Mas continuo insistindo que não só a virtude, como também o *conhecimento* dos dois sexos deveria ser o mesmo em natureza, se não em grau, e que as mulheres, consideradas criaturas não apenas morais, como também racionais, deveriam se esforçar para adquirir virtudes humanas (ou perfeições) mediante os *mesmos* meios que os homens, em vez de serem educadas como uma espécie de criatura imaginária *pela metade* – uma das extravagantes quimeras de Rousseau<sup>[1]</sup>.

Mas, se a força física é, com certa razão, motivo de orgulho dos homens, por que as mulheres se encantam tanto com um defeito? Rousseau lhes proporcionou uma desculpa plausível, que só ocorreria a um homem cuja imaginação corre solta para refinar as impressões causadas pelos sentidos delicados; assim, elas teriam um pretexto para render-se ao apetite natural, sem violar uma espécie de modéstia romântica que satisfaz o orgulho e a libertinagem masculinos.

As mulheres, enganadas por tais sentimentos, às vezes se vangloriam de sua fraqueza, ganhando poder de modo astuto ao jogar com a *fraqueza* dos homens; e elas podem louvar sua influência ilícita, porque, como os paxás turcos, têm mais poder do que seus senhores; mas a virtude é sacrificada às satisfações temporárias, e a respeitabilidade da vida, ao triunfo de uma hora.

As mulheres, como os déspotas, talvez tenham agora mais poder do que teriam se o mundo, dividido e subdividido em reinos e famílias, fosse governado por leis deduzidas do exercício da razão; mas, para continuarmos a comparação, a obtenção de tal poder degrada seu caráter e dissemina a licenciosidade em todo o conjunto da sociedade. A maioria serve de pedestal à minoria. Portanto, arriscar-me-ei a afirmar que, até que as mulheres sejam educadas de forma mais racional, o progresso da virtude humana e o aperfeiçoamento do conhecimento

encontrarão contínuos obstáculos. Ao se admitir que a mulher não foi criada meramente para satisfazer o apetite masculino ou para ser a serva mais importante, que provê suas refeições e cuida de suas roupas, é necessário reconhecer que o primeiro cuidado dessas mães e desses pais realmente preocupados com a educação das meninas seria, se não fortalecer o corpo, pelo menos não destruir sua constituição com noções equivocadas de beleza e de excelência feminina; nem deveria ser permitido que as meninas assimilassem o conceito pernicioso de que um defeito pode, por algum processo químico do raciocínio, tornar-se uma qualidade. A esse respeito, sinto-me feliz em descobrir que o autor de um dos mais instrutivos livros que nosso país já produziu para crianças tem a mesma opinião que eu. Citarei seus comentários pertinentes para dar a meu raciocínio a força de sua respeitável autoridade<sup>[2]</sup>.

Mas, se fosse provado que a mulher é naturalmente mais fraca do que o homem, de onde viria a ideia de que é natural para ela esforçar-se para se tornar ainda mais fraca do que a natureza pretendeu fazê-la? Argumentos desse tipo são um insulto ao bom senso e recendem a paixão. O *direito divino* dos maridos, tal qual o direito divino dos reis, pode, como é de se esperar nesta época iluminista, ser questionado sem perigo; e, ainda que a convicção não consiga silenciar muitos contestadores ruidosos, é verdade que, quando se ataca algum preconceito corrente, os sábios considerarão e deixarão que aqueles de mente estreita protestem com veemência irracional contra a inovação.

A mãe que deseja dar verdadeira dignidade de caráter à filha deve, sem fazer caso dos sarcasmos da ignorância, seguir um plano diametralmente oposto ao que Rousseau recomendou com todo o encanto enganoso da eloquência e dos sofismas filosóficos; porque sua eloquência torna plausíveis os absurdos, e suas conclusões dogmáticas confundem, sem convencer, os que não têm capacidade para refutá-las.

Por todo o reino animal, as jovens criaturas têm uma necessidade quase contínua de exercício, e a infância das crianças, segundo essa afirmação, deveria ser passada em cambalhotas inofensivas que exercitassem os pés e as mãos, sem que se exigisse delas contínua atividade mental nem fosse indispensável a atenção constante de uma ama. De fato, o cuidado necessário com a autopreservação é o primeiro exercício natural de entendimento, da mesma forma que as simples invenções para o entretenimento desenvolvem a imaginação. Mas tais sábios desígnios da natureza são neutralizados por afetos equivocados ou zelos cegos. A

criança não é deixada sozinha nem por um minuto – particularmente as meninas – e, desse modo, torna-se dependente. A dependência é vista como natural.

Para preservar a beleza pessoal – a glória das mulheres! –, os membros e as faculdades são comprimidos com as piores faixas chinesas, e a vida sedentária que elas são condenadas a levar, enquanto os meninos divertem-se ao ar livre, enfraquece os músculos e relaxa os nervos. Quanto aos comentários de Rousseau, que há muito têm encontrado eco em vários escritores, sobre a inclinação natural delas – ou seja, que existe desde o nascimento, independentemente da educação – para bonecas, trajés e conversa, são tão pueris que não merecem uma refutação séria. É, de fato, bastante natural que uma menina, condenada a permanecer sentada durante horas, ouvindo a tagarelice ociosa de amas débeis ou assistindo à toalete de sua mãe, tratará de se juntar à conversação; e, sem dúvida, o fato de que ela imitará a mãe ou as tias e se entreterá enfeitando a boneca sem vida – como fazem com ela, pobre garota inocente! – é uma consequência natural. Porque os mais habilidosos homens raras vezes tiveram força suficiente para se desprender do ambiente à sua volta; e, se as páginas de gênios sempre foram borradas por preconceitos da época, alguma concessão deve ser feita a um sexo que, como os reis, sempre vê as coisas através de um meio falso.

Desse modo, é muito fácil explicar a inclinação pelos trajés, evidente nas mulheres, sem supor que seja resultado de um desejo de agradar ao sexo do qual são dependentes. Em poucas palavras, o absurdo de presumir que uma menina é naturalmente coquete e que o desejo ligado ao impulso da natureza para propagar a espécie deveria aparecer mesmo antes que uma educação inapropriada o tivesse provocado prematuramente, ao acalentar a imaginação, é tão pouco filosófico que um observador tão sagaz quanto Rousseau não o teria adotado se não tivesse sido acostumado a sacrificar a razão ao gosto pela singularidade, e a verdade, ao paradoxo.

Contudo, atribuir um sexo à mente não é muito consistente com os princípios de um homem que sustenta com tanto ardor, e tão bem, a imortalidade da alma. Mas que barreira fraca é a verdade, quando reduzida a uma hipótese! Rousseau respeitava – quase adorava – a virtude e, ainda assim, permitiu-se amar com inclinação sensual. Sua imaginação constantemente fornecia combustível para seus sentidos inflamáveis; mas, a fim de reconciliar seu respeito pela abnegação, pela força moral e por aquelas virtudes heroicas que uma mente como a sua não podia admirar friamente, ele se esforçou para

inverter a lei da natureza e desenvolveu uma doutrina plena de males e depreciativa do caráter da sabedoria suprema.

Suas histórias ridículas, que tendem a provar que as meninas são *por natureza* dedicadas a si mesmas, sem levar em consideração o exemplo diário que lhes é dado, são as mais desprezíveis. E a história da jovenzinha que tem um gosto tão correto a ponto de renunciar ao prazer de fazer os “Os” simplesmente por ter percebido que se tratava de uma atitude pouco graciosa deveria ser incluída nas anedotas do chauvinista letrado<sup>[3]</sup>.

Provavelmente tive oportunidade de observar mais meninas na infância do que J. J. Rousseau. Posso recordar meus próprios sentimentos e observei com atenção ao meu redor; contudo, longe de coincidir com ele na opinião a respeito das primeiras manifestações do caráter feminino, aventurar-me-ei a afirmar que uma menina cujo espírito não tenha sido reprimido pela inatividade, ou cuja inocência pela falsa vergonha, será sempre travessa, e a boneca nunca chamará sua atenção, a menos que o confinamento não lhe dê alternativa. Meninas e meninos, em resumo, brincariam juntos sem qualquer problema se a distinção do sexo não tivesse sido inculcada antes que a natureza assim o fizesse. Irei mais longe e afirmarei como fato consumado que, conforme venho observando, à maioria das mulheres que agiram como criaturas racionais ou que demonstraram qualquer vigor intelectual foi concedida acidental permissão para correrem livres – como insinuariam alguns dos elegantes educadores do sexo frágil.

As nefastas conseqüências da falta de atenção à saúde durante a infância e a juventude estendem-se mais do que se imagina: a dependência do corpo produz de forma natural a dependência da mente; e como pode ser boa esposa ou boa mãe quem emprega a maior parte de seu tempo em prevenir-se ou padecer da doença? Tampouco é possível esperar que uma mulher se esforce de maneira resoluta para fortalecer sua constituição e se abster de caprichos enervantes, já que desde cedo as noções artificiais de beleza e as descrições falsas de sensibilidade parecem emaranhadas a seu comportamento. A maioria dos homens às vezes tem de suportar riscos físicos e ocasionalmente aguentar a inclemência do meio social; mas as mulheres elegantes são escravas do próprio corpo e se vangloriam de sua sujeição.

Certa vez conheci uma frágil mulher da alta sociedade que se orgulhava de sua delicadeza e sensibilidade mais do que deveria. Ela pensava que a grandeza de toda perfeição humana se restringia a um gosto diferenciado e a um apetite

insignificante e agia de acordo. Vi esse ser frágil e sofisticado negligenciar todas as obrigações da vida e, ainda assim, reclinar-se com autocomplacência em um sofá e vangloriar-se dos caprichos de seu apetite, como uma mostra da delicadeza que ampliava sua sensibilidade refinada ou talvez dela derivasse; porque é difícil tornar inteligível um jargão tão ridículo. Não obstante, eu a vi insultar uma senhora idosa, cujo infortúnio inesperado fez com que dependesse de sua generosidade ostentatória e que, em dias melhores, deveria ter direito a sua gratidão. É possível que uma criatura humana se torne um ser tão fraco e depravado se, como os sibaritas dissolutos em luxo, nunca teve contato com qualquer coisa que pareça virtude, ou se esta nunca lhe tiver sido inculcada como preceito, pobre substituta, é verdade, do cultivo da mente, ainda que útil como obstáculo contra o vício?

Tal mulher é um monstro tão irracional quanto alguns imperadores romanos, depravados por um poder sem lei. Contudo, uma vez que os reis têm sido mais controlados pela lei e pelo freio, mesmo que débil, da honra, os anais da história não registram exemplos tão inaturais de loucura e crueldade, tampouco o despotismo que mata a virtude e o gênio no nascedouro, pairando sobre a Europa com tal explosão destrutiva que desola a Turquia e torna os homens, assim como a terra, estéreis.

Há mulheres nesse estado deplorável por toda a parte, pois, para preservar sua inocência, como é chamada de modo cortês a ignorância, a verdade lhes é escondida, e elas são obrigadas a assumir um caráter artificial antes que suas faculdades tenham adquirido força. Ensinadas desde a infância que a beleza é o cetro da mulher, a mente se adapta ao corpo e, vagando numa gaiola dourada, só procura adornar sua prisão. Os homens têm várias ocupações e objetivos que prendem sua atenção e dão caráter à mente aberta; mas as mulheres, confinadas a uma única ocupação, com seus pensamentos constantemente dirigidos para a mais insignificante parte de si mesmas, raramente estendem suas reflexões além do triunfo do momento. Porém, caso seu entendimento fosse emancipado da escravidão a que foram submetidas pelo orgulho e pela sensualidade do homem e por seu desejo míope de domínio, semelhante ao dos tiranos, provavelmente leríamos com surpresa a respeito da fragilidade feminina. Permitam-me prosseguir com esse argumento.

Talvez, se admitíssemos a existência de um ser mau que, na linguagem alegórica das Escrituras, vagasse em busca de alguém para devorar, ele não

poderia degradar de maneira mais efetiva o caráter humano do que dando a um homem o poder absoluto.

Esse argumento tem várias ramificações. Nascimento, riquezas e toda vantagem extrínseca que exaltam um homem acima de seus semelhantes sem qualquer emprego da mente, na realidade colocam-no abaixo dos demais. Em proporção a sua fragilidade, cumpre o dever com o auxílio de homens designados para ele, até que o monstro inchado perca todo traço de humanidade. E que tribos de homens, como rebanhos de ovelhas, deveriam obedecer caladas a semelhante líder é um solecismo que apenas um desejo de prazer presente e uma mente estreita podem resolver. Educados na dependência servil e enfraquecidos pelo luxo e pela indolência, onde encontraremos homens que se posicionem para afirmar os direitos de seu semelhante ou reclamar o privilégio dos seres morais, que é o único caminho para a excelência? A escravidão a monarcas e ministros, da qual o mundo vai demorar a libertar-se e cujo domínio implacável detém o progresso da mente humana, ainda não foi abolida.

Não deixemos que os homens, no orgulho do poder, usem os mesmos argumentos dos reis tirânicos e ministros venais e afirmem com falácia que a mulher deve submeter-se porque sempre foi assim. Porém, se o homem, governado por leis razoáveis, desfrutar de sua liberdade natural, deixemos que ele despreze a mulher, caso ela não compartilhe essa liberdade com ele; e, até que chegue esse período glorioso, que ele não desconsidere seu próprio sexo ao discorrer sobre a insensatez feminina.

É certo que as mulheres, ao adquirir poder por meios injustos, mediante a prática ou a fomentação do vício, evidentemente perdem o lugar que a razão lhes assinalaria e se convertem ou em escravas abjetas, ou em tiranas caprichosas. Perdem toda a simplicidade, toda a dignidade mental ao adquirirem poder e agem da mesma forma que os homens quando exaltados pelos mesmos meios.

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres – hora de devolver-lhes a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo. É hora de separar a moral imutável dos modos locais. Se os homens são semideuses, por que nos deixam servi-los? E, se a dignidade da alma feminina é tão discutível quanto a dos animais – se sua razão não possui luz suficiente para dirigir sua conduta, enquanto o instinto infalível lhe é negado –, as mulheres são seguramente as mais miseráveis de todas as criaturas! Curvadas sob a mão férrea do destino,

devem submeter-se a ser um *belo defeito* da criação. Mas justificar os caminhos da Providência em relação a elas, assinalando certas razões incontestáveis para tornar uma parte tão grande da humanidade responsável ou irresponsável, desconcertaria o casuísta mais sutil.

O único fundamento sólido para a moralidade parece ser o caráter do Ser supremo, a harmonia que surge do equilíbrio de atributos; e, para falar com propriedade, um atributo parece implicar a *necessidade* de outro. Ele deve ser justo, porque Ele é sábio; Ele deve ser bom, porque Ele é onipotente. Pois exaltar um atributo às custas de outro igualmente nobre e necessário traz a marca distintiva da razão desvirtuada do homem – a homenagem da paixão. O homem, acostumado a curvar-se diante do poder em seu estado selvagem, raras vezes pode despojar-se desse preconceito bárbaro, mesmo quando a civilização determina o quanto a força mental é superior à corporal; e sua razão é obscurecida por essas opiniões grosseiras, mesmo quando pensa na Divindade. Sua onipotência é feita para devorar ou presidir seus outros atributos, e aqueles mortais que pensam que seu poder deve regular-se por sua sabedoria parecem limitá-lo de forma irreverente.

Rechaço essa humildade enganosa que, depois de investigar a natureza, detém-se no autor. O Altíssimo, que vive na eternidade, possui, sem dúvida, muitos atributos sobre os quais não podemos formar nenhum conceito, mas a razão me diz que estes não podem chocar-se com aqueles que eu adoro – e sou compelida a ouvir sua voz.

Parece natural para o homem buscar a excelência, seja descobrindo-a no objeto que adora, seja cegamente investindo-se dela com perfeição, como se fosse uma peça de roupa. Mas que bom efeito pode ter este último modo de adoração na conduta moral de um ser racional? Ele se curva ao poder; adora uma sombra obscura, que tanto lhe pode abrir perspectivas brilhantes como provocar um acesso de cólera e fúria desenfreado sobre sua cabeça devotada – sem que ele saiba o porquê. E, supondo que a Divindade aja segundo o vago impulso de uma vontade indireta, o homem também deve seguir sua própria vontade ou agir de acordo com as regras, deduzidas de princípios que ele rechaça como sendo irreverentes. Nesse dilema têm caído tanto os pensadores fanáticos quanto os mais frios, quando se esforçam para libertar os homens dos limites saudáveis impostos por uma justa concepção do caráter de Deus.

Desse modo, não parece ímpio examinar os atributos do Todo-Poderoso. De

fato, quem, entre os que exercem sua faculdade, pode evitá-lo? Porque amar a Deus como a fonte da sabedoria, da bondade e do poder parece ser a única adoração benéfica para um ser que pretende adquirir virtude ou conhecimento. Um afeto cego e incerto pode, assim como as paixões humanas, ocupar a mente e aquecer o coração, enquanto, para fazer justiça, esquece-se de amar a misericórdia e caminhar humildemente com nosso Deus. Continuarei a investigar esse assunto mais adiante, quando considerar a religião sob uma luz oposta à recomendada pelo dr. Gregory, que a trata como um assunto de sentimento ou gosto.

Voltemos dessa aparente digressão. Seria desejável que as mulheres nutrissem pelo marido um afeto fundamentado nos mesmos princípios sobre os quais repousa a devoção. Não existe outra base sólida sob o céu – porque devemos precavê-las da luz enganosa do sentimento, usado demasiadas vezes como termo mais suave para a sensualidade. Segue-se, então, creio, que desde a infância as mulheres deveriam ser ou encerradas como princesas orientais, ou educadas de modo a pensar e agir por si próprias.

Por que os homens vacilam entre duas opiniões e esperam o impossível? Por que esperam virtude de uma escrava, de um ser a quem a constituição da sociedade civil tem feito frágil, se não viciosa?

Sei, naturalmente, que será preciso um tempo considerável para erradicar os preconceitos fortemente enraizados, plantados pelos sensualistas; também levará um tempo para convencer as mulheres de que elas agem de modo contrário a seu real interesse quando nutrem ou simulam fragilidade sob o nome da delicadeza e para convencer o mundo de que a fonte corrompida dos vícios e da insensatez femininos – mesmo que para isso seja necessário, de acordo com o costume, utilizar termos sinônimos em um sentido amplo – tem sido a homenagem sensual à beleza: à beleza das feições. Porque um escritor alemão observou de maneira sagaz que os homens, independentemente de sua condição, admitem que uma mulher bonita seja um objeto de desejo, enquanto uma mulher culta, que inspire emoções mais sublimes ao exhibir beleza intelectual, pode passar despercebida ou ser observada com indiferença por aqueles homens que buscam a felicidade na satisfação de seus apetites. Prevejo uma réplica óbvia: enquanto o homem permanecer uma criatura tão imperfeita como parece ter sido até agora, ele continuará mais ou menos escravo de seus apetites; e aquelas mulheres que satisfazem o sexo preponderante para obter mais poder degradam seu próprio

sexo por uma necessidade física, se não moral.

Admito que essa objeção tem certa força; mas, enquanto existir um preceito moral tão sublime como “Sede puros como o é vosso Pai Celestial”, parece que as virtudes do homem não estão limitadas pelo único Ser que pode limitá-las e que ele pode exercer pressão para que se progrida, sem cogitar se está fora de sua esfera consentir uma ambição tão nobre. Foi dito aos indômitos vagalhões: “Até aqui chegareis, e não mais longe; e aqui se deterão suas ondas imponentes”<sup>[b]</sup>. Em vão, batem e fazem espumas, contidas pelo poder que confinam em suas órbitas os planetas em luta; a matéria se rende ao grande Espírito governante. Mas uma alma imortal, livre das leis mecânicas e lutando por libertar-se das algemas da matéria, contribui para a ordem da criação, em vez de causar distúrbios a ela, quando, colaborando com o Pai dos espíritos, tenta governar-se pela regra invariável que regula o universo e diante da qual nossa imaginação desfalece.

Além disso, se a mulher é educada para a dependência, ou seja, para agir de acordo com a bondade de outro ser falível e submeter-se, de forma certa ou errada, ao poder, onde devemos nos deter? Devem elas ser consideradas governantes inferiores a quem é permitido reinar sobre um pequeno domínio, responsáveis por sua conduta diante de um tribunal superior, capaz de erro?

Não será difícil provar que tais delegadas atuarão como homens subjugados pelo medo e farão seus filhos e seus servos suportarem uma opressão tirânica. Como elas se submetem sem razão e não contam com regras fixas que ajustem sua conduta, serão amáveis ou cruéis, conforme lhes dite o capricho do momento; e não devemos nos admirar se às vezes, mortificadas por seu pesado jugo, obtiverem um prazer maligno ao fazê-lo descansar em ombros mais fracos.

Supondo, porém, que uma mulher educada para a obediência case-se com um homem sensato, que dirige seu julgamento sem fazê-la sentir o servilismo de sua sujeição, para que aja com tanta propriedade por essa luz refletida quanto pode ser esperado quando a razão fica em segundo plano; ainda assim, ela não pode assegurar a vida de seu protetor, e este pode morrer e deixá-la com uma grande família.

Um duplo dever compete a ela: educar sua família como pai e mãe, formar seus princípios e assegurar sua propriedade. Mas, ai de mim, ela nunca pensou, muito menos agiu, por si mesma. Aprendeu apenas a agradar<sup>[4]</sup> aos homens, a depender graciosamente deles; contudo, cheia de filhos, como vai conseguir

outro protetor, um marido que supra o lugar da razão? Um homem racional, já que não pisamos no terreno romântico, ainda que a considere uma criatura dócil e agradável, não escolherá se casar com uma *família* por amor, quando há muitas outras criaturas formosas no mundo. O que é, então, feito dela? Ou se converte em presa fácil para algum caçador de dote, que despoja seus filhos de sua herança paterna e os deixa na miséria, ou se torna vítima do descontentamento e da indulgência cega. Incapaz de educar seus filhos ou infundir-lhes respeito – pois não é um jogo de palavras afirmar que as pessoas nunca serão respeitadas, mesmo que ocupem uma posição de destaque, se não fizerem jus a isso –, ela se consome sob a angústia do pesar vão e impotente. Os dentes da serpente entram em sua alma, e os vícios da juventude licenciosa causam-lhe pesar, se não também pobreza, levando-a à tumba.

Esse não é um quadro exagerado; pelo contrário, é um caso muito possível, e algo semelhante já deve ter ocorrido diante de qualquer olhar atento.

Contudo, tomei como certo que a mulher tem boa disposição, ainda que a experiência mostre que um cego pode ser tão facilmente conduzido para dentro de um fosso quanto ao longo de um caminho trilhado. Mas, fazendo uma conjectura não muito improvável de que um ser ensinado apenas a agradar deva continuar buscando sua felicidade dessa forma – que exemplo de insensatez, para não dizer de vício, ela será para suas filhas inocentes! A mãe ficará perdida na coquete e, em vez de fazer-se amiga de suas filhas, as olhará com receio, porque são rivais – rivais mais cruéis do que qualquer outra, pois convidam à comparação e empurram do trono da beleza quem nunca havia pensado em ter um lugar no banco da razão.

Não se faz necessário um lápis bem apontado nem o esboço perspicaz de uma caricatura para traçar as misérias domésticas e os pequenos vícios que uma tal senhora de família difunde. Ainda assim, ela apenas age como deve fazê-lo uma mulher criada de acordo com o sistema de Rousseau. Ela pode nunca ser censurada por ser masculina ou por sair da esfera feminina; mais ainda, pode observar outra das grandes regras do homem e, ao preservar com cuidado sua reputação imaculada, ser considerada uma boa mulher. Porém, sob que perspectiva ela seria chamada de boa? É verdade que ela se abstém, sem grandes lutas, de cometer sérios delitos, mas como cumpre suas obrigações? Obrigações! Na verdade, ela tem muito a ocupar-se em enfeitar seu corpo e alimentar sua constituição frágil.

No que diz respeito à religião, ela nunca se atreveu a julgar por si mesma, mas se ajustava, como deve fazê-lo uma criatura dependente, às cerimônias da Igreja na qual foi educada, acreditando piamente que cabeças mais sábias que a sua organizaram esses assuntos; e não duvidar é a finalidade de sua perfeição. Assim, ela paga seu dízimo de menta e cominho e agradece a seu Deus por não ser como as outras mulheres. Esses são os benditos efeitos de uma boa educação! Essas são as virtudes da companheira do homem<sup>[5]</sup>!

Devo desabafar desenhando um quadro diferente.

Permitamos que agora a imaginação apresente uma mulher com um entendimento mediano, já que não quero deixar a linha da mediocridade, e cuja constituição, fortalecida pelo exercício, permitiu ao corpo adquirir pleno vigor; a mente, ao mesmo tempo, foi se expandindo gradualmente para compreender os deveres morais da vida e no que consistem a virtude e a dignidade humanas.

Formada, assim, mediante o desempenho das obrigações relativas a sua posição, casa-se por afeto, sem perder de vista a prudência e, olhando além da felicidade matrimonial, consegue o respeito de seu marido, antes que seja necessário lançar mão de artifícios para agradá-lo e alimentar uma chama moribunda, que a natureza predestina à extinção quando o objeto se faz familiar, quando a amizade e a paciência ocupam o lugar de um afeto mais ardente. Essa é a morte natural do amor, e não se destrói a paz doméstica com lutas para evitá-la. Suponho também que o marido seja virtuoso, caso contrário ela necessitará mais ainda de princípios independentes.

O destino, contudo, rompe tal vínculo. Ela se torna viúva, talvez sem provisão suficiente, porém não fica desolada! Sente uma angústia natural, mas, depois que o tempo transforma a dor em melancólica resignação, seu coração se volta para os filhos com amor redobrado e, ansiosa por provê-los, o afeto dá uma forma sagrada e heroica aos deveres maternos. Ela pensa que não apenas os outros observam seus esforços virtuosos, de onde todo o conforto deve agora emanar e de cuja aprovação necessita; mas sua imaginação, um pouco distraída e exaltada pelo sofrimento, reside na esperança de que os olhos que sua mão trêmula fechou possam ainda ver como ela domina toda paixão rebelde para cumprir a dupla obrigação de ser tanto pai como mãe de seus filhos. Elevada ao heroísmo pela má sorte, ela reprime as primeiras evidências de uma inclinação natural antes que se transforme em amor e, na flor da vida, se esquece de seu sexo – esquece o prazer de uma paixão que desabrocha, novamente inspirada e

correspondida. Já não pensa em agradar, e sua dignidade consciente a impede de orgulhar-se de sua conduta. Os filhos contam com seu amor, e suas esperanças mais resplandecentes se encontram além do túmulo, para onde sua imaginação frequentemente se dirige.

Penso vê-la rodeada de seus filhos, colhendo a recompensa de seus cuidados. Os olhos inteligentes encontram os dela, enquanto a saúde e a inocência sorriem em suas bochechas gorduchas e, quando crescem, a atenção agradecida que lhe dedicam diminui as preocupações com a vida. Ela vive para ver as virtudes que se esforçou para plantar sobre princípios fixados em hábitos, para ver seus filhos alcançarem força de caráter que lhes permita suportar a adversidade, sem esquecerem o exemplo de sua mãe.

Com a tarefa da vida assim cumprida, ela espera calmamente o sono da morte e, ao levantar-se da tumba, pode dizer: “Olhe, deste-me um talento, e aqui tendes cinco talentos”<sup>[c]</sup>.

Desejo resumir o que já disse em poucas palavras, uma vez que aqui lanço meu desafio e nego a existência de virtudes próprias de determinado sexo, sem excetuar a modéstia. A verdade, se entendo o significado da palavra, deve ser a mesma para o homem e para a mulher; no entanto, o criativo caráter feminino, tão bem descrito por poetas e romancistas, ao demandar o sacrifício da verdade e da sinceridade, converte a virtude em uma ideia relativa, que não tem outro fundamento a não ser a utilidade, e essa utilidade os homens fingem de modo arbitrário julgar, modelando-a para sua própria conveniência.

Admito que as mulheres tenham diferentes obrigações a cumprir, mas são obrigações *humanas*, e mantenho com firmeza que os princípios a regular seu desempenho devem ser os mesmos.

Para tornar-se respeitável, é necessário o exercício do entendimento, pois não há nenhum outro fundamento para obter um caráter independente; quero dizer explicitamente que elas devem curvar-se apenas à autoridade da razão, em vez de serem as *modestas* escravas da opinião.

Nos postos superiores da vida, quão raramente encontramos homens de qualidades elevadas ou até de atributos comuns? Os motivos me parecem claros: o estado de coisas em que nasceram não era natural. O caráter humano sempre se formou mediante as ocupações que tem um indivíduo ou uma classe; e, se não se aguçam as faculdades por meio da necessidade, estas permanecem obtusas. Tal argumento pode estender-se igualmente às mulheres, já que raramente se

ocupam de assuntos sérios. Assim, o exercício do prazer dá essa insignificância ao caráter, que torna a sociedade dos *nobres* tão insípida. A mesma falta de firmeza, produzida por uma causa similar, força ambos a sair de si mesmos em direção a prazeres escandalosos e paixões artificiais, até que a vaidade ocupe o lugar de todo o afeto social e as características da humanidade se tornem difíceis de distinguir. Tais são as vantagens dos governos civis, da maneira que estão organizados no presente. A riqueza e a doçura feminina tendem igualmente a aviltar a humanidade e surgem da mesma fonte; mas, ao admitir que as mulheres são criaturas racionais, elas deveriam ser incitadas a adquirir virtudes que poderiam chamar de próprias, pois como é possível enobrecer um ser racional por algo que este não obtém por seu *próprio* esforço?

---

[a] Joseph Priestley, *A Description of a Chart of Biography* (1785). (N. E.)

[1] “As investigações sobre as verdades especulativas e abstratas, os princípios e axiomas das ciências – em poucas palavras, tudo que tende a generalizar nossas ideias – não são competência das mulheres; seus estudos devem ser relativos a assuntos práticos; cabe a elas aplicar os princípios que os homens descobriram e fazer observações que os conduzam ao estabelecimento de princípios gerais. Todas as ideias das mulheres que não tenham a ver diretamente com assuntos de suas obrigações devem ser dirigidas para o estudo dos homens e para a obtenção daqueles dotes agradáveis que têm o gosto como objetivo; pois as obras de gênio estão acima de sua capacidade; e elas não têm rigor suficiente ou poder de atenção para obter êxito nas ciências, que requerem exatidão; e quanto ao conhecimento físico, este pertence somente àqueles que são mais ativos, mais indagadores, aqueles que compreendem a enorme variedade de objetos; em resumo, cabe àqueles que têm mais força e que mais a exercitam julgar as relações entre os seres sensíveis e as leis da natureza. Uma mulher, que é naturalmente fraca e não tem ideias substanciais, sabe como julgar e fazer uma estimativa apropriada dos movimentos que ela pode colocar em prática para suprir sua fragilidade; e tais movimentos são as paixões dos homens. O mecanismo que ela emprega é muito mais poderoso que o nosso, pois todas as suas alavancas movem o coração humano. Ela deve possuir a habilidade de inclinar-nos a fazer tudo que seu sexo não lhe permite fazer sozinha e que é necessário ou agradável a ela; por isso, ela deve estudar a fundo a mente do homem, não no sentido dos homens em geral, abstratamente, mas as disposições dos homens aos quais ela está sujeita, quer pelas leis de seu país, quer pela força da opinião. Ela deve aprender a penetrar em seus reais sentimentos, a partir de conversação, ações, aparências e gestos. Deve também ter a arte de comunicar os sentimentos que são agradáveis a eles, por meio de sua própria conversação, ações, aparências e gestos, sem parecer ter essa pretensão. Os homens argumentarão de modo mais filosófico sobre o coração humano, mas as mulheres lerão o coração dos homens melhor que eles. Cabe às mulheres – se me permitem usar a expressão – formar uma moralidade experimental e reduzir o estudo do homem a um sistema. As mulheres possuem mais sagacidade, os homens, mais gênio; as mulheres

observam, os homens raciocinam. Da convergência de ambos advêm a mais clara luz e o mais perfeito conhecimento que a mente humana é capaz de alcançar. Em uma palavra, a partir daí obtemos o conhecimento mais íntimo de que nossa natureza é capaz, não só de nós mesmos, mas também dos outros; e é assim que a arte tem uma tendência constante para aperfeiçoar os talentos outorgados pela natureza. O mundo é o livro das mulheres”, Jean-Jacques Rousseau, em *Emílio*. Espero que meus leitores ainda se lembrem da comparação que fiz entre mulheres e oficiais.

[2] Um venerável ancião faz o seguinte relato sensível do método que utilizou na educação de sua filha: “Eu me esforcei em dar tanto a sua mente quanto a seu corpo um grau de vigor que raramente é encontrado no sexo feminino. Logo que ela obteve forças suficientes para ser capaz de realizar os trabalhos mais leves do cultivo agrícola e da jardinagem, fiz dela minha companhia constante. Selene – este era seu nome – logo adquiriu destreza em todas aquelas atividades rurais, o que me suscitou prazer e admiração. Se as mulheres são, de modo geral, frágeis de corpo e alma, é menos por natureza que por educação. Nós encorajamos uma indolência e uma inatividade viciosas, que falsamente chamamos de delicadeza. Em vez de revigorar suas mentes por meio dos mais severos princípios da razão e da filosofia, nós as educamos para as artes inúteis, que levam à vaidade e à sensualidade. Na maioria dos países que visitei, não se ensina a elas nada que seja de uma natureza mais elevada do que algumas modulações de voz ou inúteis posturas do corpo; seu tempo é consumido em preguiça ou frivolidades, e estas se tornam as únicas ocupações capazes de interessá-las. Parece esquecer que das qualidades do sexo feminino dependem nosso próprio bem-estar doméstico e a educação de nossas crianças. E que bem-estar ou educação pode-se esperar de uma raça de seres corrompidos desde a infância e ignorantes de todos os deveres da vida? Tocar um instrumento musical com habilidade inútil, exibir suas graças naturais ou afetadas aos olhos dos jovens indolentes e debochados, dissipar o patrimônio de seu marido em gastos excessivos e desnecessários, essas são as únicas artes cultivadas pelas mulheres na maioria das nações civilizadas que vi. E as consequências são sempre as que se esperariam de tais fontes contaminadas: infelicidade privada e servidão pública. / Mas a educação de Selene baseava-se em concepções diferentes e foi conduzida dentro de princípios mais austeros – caso se possa chamar de austeridade aquilo que abre a mente para o sentido dos deveres morais e religiosos e a resguarda dos inevitáveis males da vida”, Thomas Day, em *History of Sandford and Merton*, v. III.

[3] “Uma vez conheci uma jovem que aprendeu a escrever antes de aprender a ler e começou a escrever com sua agulha antes que pudesse usar a pena. No princípio, realmente, ela decidiu não fazer nenhuma letra que não o O: fazia tal letra sem cessar, em todos os tamanhos, e sempre de maneira errada. Desafortunadamente, um dia, enquanto se esforçava nessa ocupação, aconteceu de ela ver-se no espelho; então, como não lhe agradou a posição forçada em que se sentava enquanto escrevia, jogou fora a pena, como se fosse outra Palas, e decidiu não mais fazer o O. Seu irmão também era igualmente contrário à escrita; era o confinamento, contudo, e não a posição forçada o que mais o desgostava.”, Jean-Jacques Rousseau, em *Emílio*.

[b] Livro de Jó, 4:17 e 38:11. (N. E.)

[4] “Na união dos sexos, ambos perseguem um objetivo comum, mas não do mesmo modo. Dessa diversidade surge a primeira diferença determinante entre as relações morais de cada um. Um deve ser ativo e forte, o outro, passivo e fraco; é necessário que um tenha poder e vontade, e que o outro oponha pouca resistência. / Estabelecido esse princípio, deduz-se que a mulher é formada expressamente para agradar ao homem; se a obrigação é também recíproca, e o homem, por sua vez, deve agradar, isto não é necessário de modo tão imediato; seu grande mérito está em seu poder, e ele agrada simplesmente porque é forte. Devo confessar que essa não é uma das máximas refinadas do amor; é, contudo, uma das leis da natureza, anterior ao próprio amor. / Se a mulher é formada para agradar e submeter-se ao homem, seu papel, sem dúvida, consiste em fazer-se amável a ele, em vez de colocar à prova suas paixões. A violência dos desejos do homem depende dos encantos dela; e por meio destes ela pode incitá-lo a exercer aqueles poderes que a natureza

outorgou a ele. O método mais eficiente para isso é a resistência; desse modo, a autoestima é acrescentada ao desejo, e um triunfa na vitória que o outro é obrigado a obter. Daqui surgem os diferentes modos de ataque e defesa entre os sexos; a audácia de um e a timidez de outro; e, em uma palavra, a vergonha e a modéstia com as quais a natureza tem armado o fraco para subjugar o forte”, Jean-Jacques Rousseau, em *Emílio*. Não farei comentários sobre essa engenhosa passagem, a não ser para observar que se trata da filosofia da lascívia.

[5] “Que encantadora é sua ignorância!”, exclama Rousseau sobre Sofia. “Feliz o destinado a instruí-la! Ela nunca pretenderá ser a tutora de seu marido, mas ficará contente em ser sua pupila. Longe de tentar submetê-lo a seu gosto, acomodará seu próprio gosto ao dele. Ela será mais estimada por ele do que se fosse instruída, porque ele terá o prazer de ensiná-la”, Jean-Jacques Rousseau, em *Emílio*. Contentar-me-ei simplesmente em perguntar: como pode sobreviver a amizade quando termina o amor entre o mestre e sua pupila?

[c] A autora cita a “Parábola dos talentos”, no Evangelho de São Mateus, 25:20. (N. E.)

## 4

### **OBSERVAÇÕES SOBRE O ESTADO DE DEGRADAÇÃO A QUE, POR CAUSAS DIVERSAS, SE ENCONTRA REDUZIDA A MULHER**

C reio que esteja claro que a mulher é frágil por natureza ou degradada por uma série de circunstâncias. Porém, simplesmente compararei essa situação a uma conclusão que tenho ouvido com frequência de homens sensatos a favor da aristocracia: não se deve dar relevância ao povo, caso contrário os escravos dóceis que pacientemente se permitem conduzir perceberiam sua própria importância e rechaçariam as correntes. Observam, além disso, que os homens se submetem à opressão, quando teriam apenas de levantar a cabeça e se desfazer do jugo; mas, em vez de afirmar seus direitos de nascimento, abatem-se em silêncio e dizem: “Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos”. De modo análogo, as mulheres são degradadas pela mesma tendência a desfrutar o momento presente e, no fim, abdicam da liberdade, pois não têm virtude suficiente para lutar por ela. No entanto, devo ser mais explícita.

No que diz respeito ao cultivo do coração, admite-se com unanimidade que o sexo está fora de questão, mas a linha de subordinação dentro da capacidade da mente não deve ser desconsiderada<sup>[1]</sup>. Apenas “absoluta em encanto”, a proporção de racionalidade que se concede à mulher é realmente pequena, porque, ao negar seu gênio e poder de julgamento, torna-se bastante difícil adivinhar o que falta para caracterizar o intelecto.

O estame da imortalidade, se me permitem a expressão, é a perfectibilidade da razão humana; pois, se o homem fosse criado perfeito ou se, ao atingir a maturidade, surgisse dele um fluxo de conhecimento que impedisse o erro, eu duvidaria da continuidade de sua existência após a dissolução do corpo. Mas, no estado atual das coisas, cada dificuldade quanto à moral que escapa à discussão humana e desconcerta a investigação do pensamento profundo, assim como a brilhante intuição do gênio, é um argumento sobre o qual construo minha

crença na imortalidade da alma. A razão é, conseqüentemente, o simples poder do aperfeiçoamento ou, para falar com mais propriedade, o poder de discernir a verdade. Nesse sentido, cada indivíduo constitui um mundo em si mesmo. Evidencia-se mais em uns do que em outros, mas a natureza da razão deve ser a mesma em todos, se o vínculo que une a criatura a seu Criador é uma emanção da Divindade. Pode uma alma que não se aprimora pelo exercício de sua própria razão levar a marca da imagem celestial<sup>[2]</sup>? Enfeitada exteriormente com apurado capricho para agradar ao homem “a quem ela tem a honra de amar”<sup>[3]</sup>, à alma feminina não se concede essa distinção; com o homem sempre colocado entre ela e a razão, é sempre representada como se tivesse sido criada apenas para enxergar de modo nebuloso e aceitar as coisas em confiança. Mas, se dispensarmos essas teorias ilusórias e considerarmos a mulher como um todo, da maneira como deve ser, e não como parte do homem, a pergunta seria se ela possui razão ou não. Em caso afirmativo, o que por ora admitirei, ela não foi criada meramente para ser o consolo do homem, e o caráter sexual não deveria destruir o caráter humano.

A esse erro os homens têm sido conduzidos, provavelmente, ao olhar a educação sob uma luz falsa, sem considerá-la como o primeiro passo para formar um ser que avança de forma gradual até a perfeição<sup>[4]</sup>, senão apenas como uma preparação para a vida. Sobre esse erro sensual, porque assim devo chamá-lo, tem sido erigido o falso sistema dos modos femininos, que despoja todo o sexo de sua dignidade e classifica sua beleza e opacidade como as flores sorridentes que apenas adornam a terra. Essa tem sido sempre a linguagem dos homens, e o medo de se apartar de um suposto caráter sexual tem feito até as mulheres com entendimento superior adotarem os mesmos sentimentos<sup>[5]</sup>. Assim, o entendimento, estritamente falando, tem sido negado à mulher, e o instinto tem ocupado seu lugar, sublimado em perspicácia e astúcia para as coisas da vida.

O poder de generalizar ideias, de tirar conclusões amplas a partir de observações individuais, é a única aquisição para um ser imortal que realmente merece o nome de conhecimento. A simples observação, sem o esforço para explicações, serviria (de modo muito incompleto) como o senso comum da vida; mas onde se encontram guardadas as provisões que devem vestir a alma quando esta abandona o corpo?

Esse poder não tem sido negado apenas às mulheres, mas os escritores têm insistido em sua inconsistência com o caráter feminino, salvo algumas exceções. Que os homens o provem, e eu admitirei que a mulher só existe para o homem.

Devo, contudo, observar previamente que o poder de generalizar ideias, em grande medida, não é muito comum entre homens e mulheres. Mas esse exercício é o verdadeiro cultivo do entendimento, e todas as coisas conspiram para torná-lo mais difícil no mundo feminino do que no masculino.

Tal afirmação me leva naturalmente ao principal tema deste capítulo, e agora assinalarei algumas das causas que degradam o sexo e impedem as mulheres de generalizar suas observações.

Não voltarei aos remotos anais da Antiguidade para traçar a história da mulher; é suficiente admitir que ela tem sido sempre ou uma escrava, ou uma déspota e assinalar que cada uma dessas situações retarda igualmente o progresso da razão. Em minha opinião, a grande fonte do vício e da insensatez femininos é a estreiteza da mente, e a própria constituição dos governos civis tem colocado obstáculos quase insuperáveis para impedir o cultivo do entendimento feminino; no entanto, a virtude não pode basear-se em outros fundamentos! Os mesmos obstáculos são colocados no caminho do rico, com iguais consequências.

A necessidade tem sido chamada proverbialmente de mãe da invenção – o aforismo poderia ser estendido à virtude. É uma aquisição à qual o prazer deve ser sacrificado; e quem sacrifica o prazer quando está ao alcance da mão, quando a adversidade não abriu ou fortaleceu a mente nem a necessidade incitou a busca do conhecimento? Felicidade é quando as pessoas têm de lutar contra as preocupações da vida, pois estas evitam que se convertam em presas dos vícios, simplesmente pela ociosidade! Mas, se desde o nascimento homens e mulheres são colocados em uma zona tórrida, com o sol meridiano do prazer incidindo diretamente sobre eles, como podem reforçar sua mente o bastante para cumprir com as obrigações da vida ou até mesmo saborear os afetos que os transportam para fora de si mesmos?

Segundo a configuração atual da sociedade, o prazer é o assunto central da vida da mulher e, enquanto continuar assim, pouco se pode esperar de seres tão frágeis. Tendo herdado a soberania da beleza em descendência direta do primeiro belo defeito da natureza, as mulheres, para manter seu poder, renunciaram aos direitos naturais que o exercício da razão lhes teria outorgado e escolheram ser rainhas efêmeras em vez de trabalhar para obter sóbrios prazeres que nascem da igualdade. Exaltadas por sua inferioridade (o que soa como contradição), elas exigem homenagem constante como mulheres, ainda que a experiência devesse ensiná-las que os homens que se vangloriam de conceder esse respeito arbitrário e

insolente ao sexo feminino, da mesma forma, são os mais inclinados a tiranizá-lo e a desprezar a própria fragilidade que acalentam. Amiúde, eles repetem os sentimentos de Hume, que, ao comparar o caráter francês com o ateniense, alude às mulheres:

Mas o que é mais singular nessa nação caprichosa, digo eu aos atenienses, é que seu jogo durante a Saturnália, quando os escravos são servidos pelos amos, é continuado seriamente por eles durante todo o ano e todo o curso de sua vida, acompanhado também por algumas circunstâncias que aumentam ainda mais o absurdo e o ridículo. Seu esporte apenas eleva por poucos dias aqueles que a fortuna abandonou e a quem ela também, no esporte, pode elevar para sempre. Mas essa nação exalta com gravidade aqueles que a natureza submeteu-lhes e cuja inferioridade e enfermidades são absolutamente incuráveis. As mulheres, embora sem virtude, são suas senhoras e soberanas.<sup>[a]</sup>

Ah! Por que as mulheres – escrevo com carinhosa solicitude – condescendem em receber um grau de atenção e respeito de estranhos diferente da civilidade recíproca que os ditames da humanidade e a polidez da civilização autorizam entre os homens? E por que não descobrem, quando “no apogeu do poder da beleza”, que são tratadas como rainhas somente para ser enganadas por um falso respeito, até que sejam levadas a se resignar ou a não assumir suas prerrogativas naturais? Confinadas, então, em gaiolas como raça emplumada, elas não têm nada a fazer, senão enfeitar-se e exhibir-se com falsa majestade, de poleiro em poleiro. É verdade que elas são providas com comida e roupa, sem que se esforcem nem fiem; mas a saúde, a liberdade e a virtude são dadas em troca disso. No entanto, onde entre a humanidade encontra-se suficiente força mental para permitir que um ser renuncie a essas prerrogativas adventícias – alguém que, sobressaindo com a calma dignidade da razão sobre a opinião, se atrevesse a sentir orgulho dos privilégios inerentes ao homem? E é vão esperá-lo, enquanto o poder hereditário sufocar os afetos e podar a razão pela raiz.

As paixões dos homens têm, assim, colocado as mulheres em tronos e, até que a humanidade se torne mais razoável, deve-se temer que elas se beneficiarão do poder que obtêm com o menor esforço e que é o mais incontestável. Elas sorrirão – sim, elas sorrirão, ainda que se lhes diga:

No império da beleza não há meio-termo,  
E a mulher, seja escrava ou rainha,  
É rapidamente menosprezada quando não adorada.<sup>[b]</sup>

Mas a adoração vem antes, e não se antecipa o menosprezo.

Luís XIV, em particular, difundiu modos artificiais e envolveu de maneira enganosa toda a nação em suas armadilhas; pois, para estabelecer uma ardilosa cadeia de despotismo, ele despertou na população, de forma individual, o interesse em respeitar sua posição e apoiar seu poder. E as mulheres, a quem ele adulava com uma pueril atenção a todo o sexo, obtiveram em seu reinado aquela distinção principesca tão fatal para a razão e a virtude.

Um rei é sempre um rei – e uma mulher, sempre uma mulher<sup>[6]</sup>. A autoridade do rei e o sexo da mulher sempre se colocam entre eles e a conversa racional. Com um amante, admito, ela deveria ser assim, e sua sensibilidade a levará naturalmente a se esforçar para suscitar emoção, não para satisfazer a vaidade, mas o coração. Não creio que isso seja coquetismo; é o simples impulso da natureza. Apenas protesto contra o desejo sexual da conquista quando o coração está fora de questão.

Esse desejo não se limita às mulheres. “Tenho me esforçado”, diz lorde Chesterfield<sup>[c]</sup>, “para ganhar o coração de vinte mulheres, pessoas pelas quais eu não teria dado um figo sequer”. O libertino, que em um repente de paixão tira vantagem da ternura desinteressada, é um santo quando comparado a esse velhaco sem coração – para usar palavras significativas. No entanto, ensinadas apenas a agradar, as mulheres estão sempre atentas a essa tarefa e, com verdadeiro esforço heroico, procuram ganhar corações, meramente para renunciar a eles ou desdenhá-los quando a vitória é inegável.

Devo me deter nas minúcias do assunto.

Lamento que as mulheres sejam sistematicamente degradadas ao receberem as atenções insignificantes que os homens consideram varonil dispensar ao sexo oposto, quando, de fato, eles estão provando de maneira insultante sua própria superioridade. Não é condescendência curvar-se diante de um inferior. Tão ridículas, de fato, tais cerimônias me parecem que mal posso conter-me ao ver um homem atirar-se com solícitude ávida e séria para pegar um lenço ou fechar uma porta, quando a *dama* poderia tê-lo feito sozinha, dando apenas um passo ou dois.

Um desejo selvagem logo flui de meu coração para minha cabeça, e não o reprimirei, mesmo que possa provocar gargalhadas. Desejo honestamente ver a superioridade do sexo destruída na sociedade, a não ser onde o amor motive a conduta. Pois tal superioridade é, estou firmemente persuadida, a base da

fraqueza de caráter atribuída à mulher; é a causa pela qual o intelecto é negligenciado, enquanto talentos são adquiridos com cuidadoso esmero; e a mesma causa faz com que elas prefiram a elegância antes das virtudes heroicas.

A humanidade, incluindo qualquer descrição, deseja ser amada e respeitada por *algum feito*, e as massas sempre tomarão o caminho mais curto para satisfazer seus desejos. O respeito dispensado à riqueza e à beleza é o mais certo e inequívoco e, claro, sempre atrairá o olhar vulgar das mentes comuns. Habilidades e virtudes são absolutamente necessárias para tornar notórios os homens de classe média, e a consequência natural é evidente – a classe média possui mais virtude e habilidades. Os homens têm, assim, em uma categoria, pelo menos, a oportunidade de se empenhar com dignidade e de se elevar por meio dos esforços que realmente aperfeiçoam a criatura racional; mas o sexo feminino como um todo, até que seu caráter esteja formado, está nas mesmas condições que os ricos, porque nasceu – falo agora de um modo de ser da civilização – com certos privilégios sexuais e, enquanto as mulheres receberem as coisas gratuitamente, poucas pensarão em trabalhar com afinco para obter a estima de um pequeno número de pessoas superiores.

Quando ouvimos falar de mulheres que, saindo da obscuridade, valentemente clamam por respeito devido a suas habilidades ou virtudes intrépidas? Onde elas podem ser encontradas? “Ser observadas, servidas e notadas com compreensão, complacência e aprovação são todas as vantagens que buscam.” “Verdade!”, meus leitores homens provavelmente bradarão; mas deixemos que se recordem, antes que tirem uma conclusão qualquer, que isso não foi escrito originalmente para descrever as mulheres, e sim os ricos. Em *Teoria dos sentimentos morais*<sup>[d]</sup>, do dr. [Adam] Smith, encontrei um perfil geral das pessoas de posição e fortuna que, em minha opinião, poderia com a maior propriedade ser aplicado ao sexo feminino. Remeto o leitor sagaz à comparação completa, mas permito-me citar uma passagem para dar força a um argumento no qual pretendo insistir como o mais conclusivo contra a distinção sexual. Porque se, com exceção dos guerreiros, nenhum grande homem apareceu em meio à nobreza, qualquer que seja seu título, não seria injusto inferir que a situação da época trago o homem, produzindo-lhe um caráter similar ao das mulheres, que são *localizadas* – se posso usar essa palavra – pela posição em que suas *mesuras* as colocam? As mulheres, comumente chamadas de damas, não devem ser contraditas quando acompanhadas e não se lhes permite exercer

qualquer força manual. Se das mulheres devemos esperar quaisquer virtudes, são elas apenas negativas – paciência, docilidade, bom humor e flexibilidade, virtudes incompatíveis com qualquer exercício vigoroso do intelecto. Além disso, ao viverem umas com as outras e raras vezes absolutamente sós, elas ficam mais sob a influência dos sentimentos do que das paixões. A solidão e a reflexão são necessárias para dar aos desejos a força das paixões e permitir que a imaginação aumente o objeto, tornando-o o mais desejável. O mesmo pode-se dizer dos ricos; para adquirirem aquela força de caráter a partir da qual as grandes resoluções são construídas, eles não negociam suficientemente ideias gerais, coletadas por meio de pensamentos desapaixonados ou investigações serenas. Mas ouçamos o que um arguto observador diz dos nobres:

Parecem os nobres insensíveis ao baixo preço com que podem adquirir a admiração pública; ou parecem imaginar que, para eles, como para os demais homens, isso deva ser uma negociação de suor ou de sangue? Por quais façanhas notáveis é o jovem nobre instruído a sustentar a dignidade de sua posição e a fazer-se merecedor da superioridade sobre seus concidadãos, edificada pela virtude de seus ancestrais? É pelo conhecimento, pelo esforço, pela paciência, pela renúncia ou pela virtude de qualquer espécie? Como todas as suas palavras e ações são atendidas, ele aprende a considerar de forma habitual cada circunstância do comportamento ordinário e se empenha para realizar todos aqueles pequenos deveres com a mais exata propriedade. Uma vez que está consciente do quanto é observado e quanto a humanidade está disposta a favorecer todas as suas inclinações, ele age, nas ocasiões mais insignificantes, com aquela liberdade e elevação que o inspiram de maneira natural. Seu porte, seus modos, sua conduta, tudo marca o senso elegante e gracioso da sua própria superioridade, à qual aqueles que nasceram em uma posição inferior dificilmente podem chegar. Essas são as artes pelas quais ele propõe tornar a humanidade mais facilmente submissa à sua autoridade e governar suas inclinações de acordo com seu próprio prazer; e nisso ele é raramente desapontado. Tais artes, sustentadas pela posição e preeminência, são, em ocasiões ordinárias, suficientes para governar o mundo. Luís XIV, durante a maior parte do seu reinado, foi visto, não apenas na França, mas em toda a Europa, como o mais perfeito modelo de um grande príncipe. Mas quais foram os talentos e virtudes por meio dos quais ele adquiriu essa elevada reputação? Foi pela justiça escrupulosa e inflexível de todos seus empreendimentos, pelos imensos perigos e dificuldades que eles representaram ou pela dedicação inesgotável e implacável com que ele os perseguiu? Foi por seu vasto conhecimento, por seu julgamento requintado ou por seu valor heroico? Não foi por nenhuma dessas qualidades. Porém, ele era, antes de tudo, o mais poderoso príncipe da Europa e, conseqüentemente, ocupava a mais alta posição entre reis; e então, diz seu historiador, “ele sobrepujava todos os seus cortesãos pela graça de sua figura e pela beleza majestosa de suas feições. O som de sua voz, nobre e afetuosa, ganhava aqueles corações que sua presença intimidava. Ele tinha um caminhar e um porte adequados somente a ele e sua posição social, que teriam sido ridículos em qualquer outra pessoa. O embaraço que ele ocasionava aos que com ele falavam favorecia aquela secreta satisfação com a qual ele sentia sua própria superioridade”<sup>[e]</sup>. Esses dotes frívolos, sustentados por sua posição e, sem dúvida, também por um certo número de outros talentos e virtudes que parecem, contudo, não estar muito acima da mediocridade, deram a esse príncipe a apreciação de sua própria época e suscitaram, mesmo na posteridade, um grande respeito à sua memória. Comparada a essas virtudes, em sua própria época e em sua própria presença, nenhuma

outra parece ter qualquer mérito. Conhecimento, esforço, valor e caridade estremececeram, foram inferiorizados e perderam toda dignidade diante delas.<sup>[f]</sup>

A mulher também, desse modo, “completa em si mesma” por possuir todos esses *frívolos* dotes, muda de tal forma a natureza das coisas

Que o que ela quer fazer ou dizer  
Parece o mais inteligente, virtuoso, discreto, o melhor;  
O maior conhecimento na sua *presença* tomba  
Degradado. A sabedoria, em conversa com ela,  
Perde-se desconcertada e parece insensata;  
A autoridade e a razão esperam por ela.<sup>[g]</sup>

E tudo isso devido a seu encanto!

Na classe média, para dar continuidade à comparação, os homens na juventude são preparados para as profissões, e o casamento não é considerado o grande feito de sua vida; enquanto as mulheres, ao contrário, não têm outro projeto para aguçar as faculdades. Não são os negócios, longos planos ou quaisquer divagações ambiciosas que ocupam seu tempo; seus pensamentos não são empregados em criar conjecturas tão nobres. Para elevar-se no mundo e ter a liberdade de correr de um prazer a outro, elas devem casar-se vantajosamente, e a esse objetivo seu tempo é sacrificado, e sua pessoa, com frequência, prostituída legalmente. Quando um homem entra em uma profissão, tem em vista alguma vantagem futura (e a mente ganha grande força ao direcionar todos os esforços para um único fim) e, atribulado com os negócios, considera o prazer um simples descanso; já as mulheres procuram o prazer como o principal propósito da existência. De fato, devido à educação que elas recebem da sociedade, o amor pelo prazer, pode-se dizer, domina-as por completo; mas isso prova que as almas têm sexo? Seria tão racional quanto declarar que os cortesãos da França, cujo caráter havia sido formado por um destrutivo sistema de despotismo, não eram homens porque a liberdade, a virtude e a benevolência foram sacrificadas ao prazer e à vaidade. Paixões fatais que sempre dominaram *toda* a raça humana!

O mesmo amor pelo prazer, fomentado por toda a tendência de sua educação, dá um aspecto frívolo à conduta das mulheres na maioria das circunstâncias; por exemplo, elas estão sempre ansiosas por coisas secundárias e à espera de aventuras, em vez de estar ocupadas com suas obrigações.

Quando um homem faz uma viagem, geralmente se preocupa com o fim

dela; uma mulher pensa mais nas ocorrências incidentais, nas coisas estranhas que podem acontecer no caminho, na impressão que ela pode causar a seus companheiros de viagem; acima de tudo, preocupa-se demais com o cuidado com os adereços que carrega consigo e que são parte dela mesma, ao marcar presença em um novo cenário; quando, como bem diz uma expressão francesa, ela vai causar sensação. Pode a dignidade da mente existir com tais preocupações triviais?

Em suma, as mulheres, de modo geral, assim como os ricos de ambos os sexos, adquirem todos os vícios e toda a insensatez da civilização, desperdiçando o fruto proveitoso. Não é necessário que eu recorde continuamente que falo da condição de todo o sexo, deixando as exceções fora de questão. Os sentidos das mulheres são inflamados, e seus entendimentos, negligenciados. Por consequência, elas se tornam presas de seus sentidos, delicadamente chamados de sensibilidade, e são arrastadas por qualquer arroubo momentâneo de sentimento. Mulheres civilizadas são, portanto, tão enfraquecidas pelo falso refinamento que, no que se refere à moral, sua condição é muito inferior à que seria caso fossem deixadas em um estado mais próximo da natureza. Sempre inquietas e ansiosas, sua excessiva sensibilidade não apenas as torna incômodas para si mesmas, mas enfadonhas para os outros, para usar uma expressão suave. Todos os seus pensamentos são calculados a fim de excitar emoção e sentimento, quando elas deveriam raciocinar. Sua conduta é instável, e suas opiniões, hesitantes – não a hesitação produzida pela deliberação ou pelas considerações progressivas, mas por emoções contraditórias. Aos trancos e barrancos, elas se entusiasmam por muitos propósitos; contudo, tal entusiasmo, raramente baseado na perseverança, logo se esgota, extinguido por seu próprio calor ou em choque com outra paixão efêmera, para a qual a razão nunca deu uma importância específica; então, a neutralidade sobrevém. Infeliz é aquele ser que cultivou a mente apenas para inflamar suas paixões! Uma distinção deve ser feita entre inflamá-las e fortalecê-las. O que se pode esperar como resultado de paixões assim saciadas, enquanto o julgamento é deixado sem forma? Sem dúvida, uma mistura de loucura e insensatez!

Essa observação não deveria limitar-se ao sexo *frágil*; contudo, no presente, quero aplicá-la apenas a ele.

Romances, música, poesia e galanteria, tudo tende a fazer das mulheres as criaturas da sensação, e seu caráter é assim formado no molde da insensatez

durante o tempo em que estão adquirindo dotes, o único aperfeiçoamento que sua posição na sociedade as estimula a adquirir. Tal sensibilidade exagerada naturalmente relaxa os outros poderes da mente e impede o intelecto de obter a soberania necessária para tornar uma criatura racional útil às outras e contente com sua própria posição; porque o exercício do entendimento, conforme avança a vida, é o único método assinalado pela natureza para acalmar as paixões.

A saciedade tem um efeito muito diferente, e com frequência impressiono-me com uma descrição enérgica da danação infernal em que o espírito é representado pairando continuamente, frustrados seus anseios, em torno do corpo corrompido, incapaz de desfrutar qualquer coisa sem os órgãos dos sentidos. Contudo, as mulheres são feitas escravas de seus sentidos, porque é por meio da sensibilidade que elas obtêm seu poder presente.

Pretenderão os moralistas afirmar que essa é a condição na qual metade da raça humana deve ser encorajada a permanecer, em inatividade apática e aquiescência estúpida? Que instrutores amáveis! Para que fomos criadas? Para permanecermos, pode-se dizer, inocentes; eles querem dizer, em um estado de infância. Poderíamos nunca ter nascido, a menos que fosse necessária nossa criação para que o homem adquirisse o nobre privilégio da razão, o poder de discernir o bem do mal, enquanto jazemos no pó de onde fomos tiradas, para nunca nos levantarmos.

Seria uma tarefa sem fim descobrir a variedade de mesquinhez, preocupações e dores em que as mulheres se encontram mergulhadas pela opinião predominante de que foram criadas mais para sentir do que para raciocinar e de que todo o poder que elas adquirem deve ser obtido por meio de seus encantos e fragilidade:

Bela por seus defeitos e amavelmente frágil!<sup>[h]</sup>

À exceção do que as mulheres conseguem por meio da influência ilícita, essa amável fragilidade as mantém completamente dependentes do homem, não apenas para sua proteção, mas para a formação de sua opinião. É surpreendente que, negligenciando as obrigações que a própria razão assinala e esquivando-se das provas destinadas a fortalecer sua mente, elas somente se esforcem para dar a seus defeitos uma cobertura agradável, que pode servir para aumentar seus encantos aos olhos do voluptuoso, ainda que isso as afunde na escala da

excelência moral?

Frágeis em todos os sentidos da palavra, elas são obrigadas a contar com um homem para qualquer bem-estar. No perigo mais insignificante, apoiam-se nele com tenacidade parasita, pedindo socorro lastimosamente; e seu *natural* protetor estende o braço ou levanta a voz para guardar – de quê? – a amada trêmula. Talvez do cenho de uma velha vaca ou do assalto de um camundongo; uma ratazana seria um perigo mais sério. Em nome da razão e mesmo do bom senso, o que pode salvar tais seres do desprezo, ainda que sejam doces e belos?

Esses temores, quando não são afetados, podem produzir algumas atitudes bonitas; mostram, porém, um grau de imbecilidade que degrada a criatura racional de um modo que as mulheres não percebem – porque o amor e a estima são coisas muito distintas.

Estou plenamente persuadida de que não daríamos importância a essas afetações infantis se fosse permitido às meninas fazer exercício suficiente, se elas não fossem confinadas em salas fechadas até seus músculos relaxarem e seus poderes de assimilação serem destruídos. Indo adiante com esse argumento, se o temor nas meninas, em vez de ser acalentado e, talvez, criado, fosse tratado da mesma maneira que a covardia nos meninos, logo veríamos as mulheres sob aspectos mais dignos. É verdade que, então, elas não poderiam ser chamadas com igual propriedade de doces flores que sorriem no caminho do homem, mas seriam membros mais respeitáveis da sociedade e cumpririam as obrigações importantes da vida por meio da luz de sua própria razão. “Eduquem as mulheres como os homens”, disse Rousseau, “e quanto mais se parecerem com nosso sexo menos poder terão sobre nós”. Isso é exatamente o que pretendo. Não desejo que tenham poder sobre os homens, mas sobre si mesmas.

Nesse mesmo sentido, tenho ouvido os homens argumentarem contra a instrução dos pobres, pois muitas são as formas que a aristocracia assume. “Ensine-os a ler e a escrever”, dizem eles, “e tirá-los-ei da posição que lhes foi designada pela natureza.” Um eloquente francês respondeu-lhes, e eu tomarei emprestado seu sentimento: “Mas eles não sabem, quando fazem do homem um animal, que podem esperar a cada instante vê-lo se transformar em uma besta feroz. Sem conhecimento, não pode haver moralidade”<sup>[i]</sup>.

A ignorância é uma base frágil para a virtude! No entanto, os escritores que têm argumentado de modo mais veemente a favor da superioridade masculina insistem que essa é a condição pela qual se tem classificado a mulher; não é uma

superioridade em grau, mas em essência, mesmo que, para suavizar o argumento, tenham se esforçado para provar com cavalheiresca generosidade que os sexos não devem ser comparados; o homem foi feito para raciocinar, a mulher, para sentir – e juntos, carne e espírito, compõem o todo mais perfeito ao mesclar, de maneira feliz, razão e sensibilidade em um caráter.

E o que é sensibilidade? “Rapidez de sensação, rapidez de percepção, delicadeza.” Assim é definida pelo dr. Johnson<sup>[j]</sup>; e a definição não me dá outra ideia que não do instinto mais primorosamente polido. Não discerni nenhum traço da imagem de Deus na sensação ou na matéria. Ainda que se refine setenta vezes sete, continua sendo material – o intelecto não reside ali, tampouco o fogo transformará chumbo em ouro!

Volto a meu velho argumento: se fosse aceito que a mulher possui uma alma imortal, ela deveria ter, como tarefa de vida, um entendimento a aperfeiçoar. E quando, para tornar a condição atual mais completa, embora tudo prove que é apenas uma fração de uma imensa soma, ela é incitada pela gratificação do momento a esquecer seu grande destino, a natureza é contrariada, ou ela nasceu apenas para procriar e deteriorar-se. Outorgando a todo tipo de animal uma alma, ainda que sem capacidade de raciocínio, o exercício do instinto e a sensibilidade poderiam ser o primeiro passo das mulheres nesta vida para obter a razão na próxima; assim, elas caminharão durante toda a eternidade atrás do homem, a quem, o porquê nós não sabemos, foi dado o poder de atingir a razão em seu primeiro modo de existência.

Quando trato dos deveres próprios das mulheres, como deveria tratar dos deveres peculiares de um cidadão ou de um pai, será comprovado que não pretendi insinuar que elas deveriam ser tiradas da família, falando da maioria. “Aquele que tem esposa e filhos”, diz lord Bacon, “aceita as responsabilidades que são impedimentos às grandes empresas, tanto da virtude quanto do dano. Certamente, as melhores obras e as de maior mérito para o público procedem de homens solteiros ou sem filhos”<sup>[k]</sup>. Eu digo o mesmo das mulheres, mas o bem-estar da sociedade não se constrói com esforços extraordinários; e, se esta fosse organizada de forma mais razoável, seriam ainda menos necessárias grandes habilidades ou virtudes heroicas.

Na organização de uma família, na educação das crianças, o entendimento, em um sentido simples, é particularmente necessário para a força tanto mental quanto física; contudo, os homens que, por seus escritos, mais têm se esforçado

para domesticar as mulheres tratam de debilitar seus corpos e entorpecer suas mentes por meio de argumentos ditados por um apetite grosseiro, que a saciedade torna fastidioso. Mas, se mesmo por tais métodos sinistros eles realmente *persuadissem* as mulheres, ao trabalhar seus sentimentos, a ficar em casa e cumprir os deveres de mãe e dona de casa, eu deveria me opor com prudência às opiniões que levam as mulheres à conduta reta, que as persuadem de que a execução de tarefas tão importantes é o principal objetivo de sua vida, se a razão é insultada. Contudo – e apelo à experiência –, se por negligenciarem o entendimento elas se tornam tão ou, melhor, mais distanciadas dessas tarefas domésticas do que estariam da investigação de objetivos intelectuais mais sérios, ainda que possa ser observado que a massa da humanidade nunca perseguirá com vigor um objetivo intelectual<sup>[7]</sup>, permitam-me inferir que a razão é absolutamente necessária para que a mulher seja capaz de cumprir qualquer dever de modo apropriado, e devo repetir mais uma vez que sensibilidade não é razão.

A comparação com o rico ainda me ocorre; pois, enquanto os homens negligenciam os deveres da humanidade, as mulheres seguirão seu exemplo; uma corrente comum insta a ambos com celeridade irrefletida. Riquezas e honrarias impedem um homem de ampliar seu entendimento e debilitam todos os seus poderes ao inverter a ordem da natureza, que nunca fez do verdadeiro prazer a recompensa do trabalho. O prazer – o prazer que debilita – está, da mesma forma, ao alcance das mulheres sem que se esforcem para isso. Mas, se as posses hereditárias são amplamente estendidas, como podemos esperar que os homens sejam orgulhosos da virtude? E, até que o sejam, as mulheres os governarão por meios mais diretos, descuidando de seus tediosos deveres domésticos para agarrar o prazer, que se senta levemente na asa do tempo.

“O poder da mulher”, diz certo autor, “é sua sensibilidade”; e os homens, sem se dar conta das consequências, fazem tudo o que podem para que esse poder devore qualquer outro. Aqueles que constantemente empregam sua sensibilidade terão mais; por exemplo, poetas, pintores e compositores<sup>[8]</sup>. E, quando a sensibilidade é assim incrementada às custas da razão, e mesmo da imaginação, por que os homens filosóficos se queixam de sua inconstância? A atenção sexual do homem atua em particular sobre a sensibilidade feminina, e essa tendência é exercida a partir de sua juventude. Um marido não pode dar tal atenção de modo contínuo, com a paixão necessária para provocar emoções

fortes, e o coração, acostumado a elas, vira-se para um novo amante ou enlanguesce em segredo, vítima da virtude ou da prudência. Digo que isso acontece quando o coração se torna realmente suscetível a tais emoções, e o gosto, formado; porque estou apta a concluir, a partir do que tenho visto na vida em sociedade, que a vaidade é mais frequentemente fomentada do que a sensibilidade pelo modo de educar e pela relação entre os sexos, o que tenho reprovado; e que o coquetismo comumente provém mais da vaidade do que daquela inconstância que a sensibilidade excessiva naturalmente produz.

Outro argumento que, para mim, tem tido grande peso encontra força em todo coração benevolente e atencioso. As meninas que são educadas dessa maneira frágil com frequência são cruelmente deixadas pelos pais sem qualquer bem e, claro, dependem não só da razão, mas também da liberalidade de seus irmãos. Estes são, para considerar o lado mais justo da questão, bons homens e lhes dão como se fosse um favor o que filhos dos mesmos pais têm em igualdade de direitos. Nessa situação equívoca e humilhante, uma mulher dócil pode permanecer algum tempo com um grau tolerável de bem-estar. Porém, quando o irmão se casa – uma circunstância provável –, ela passa de dona da casa a uma intrusa vista às avessas, um fardo desnecessário sobre a benevolência do dono da casa e de sua nova companheira.

Quem pode descrever os tormentos que muitos seres desafortunados, cuja mente e cujo corpo são igualmente frágeis, sofrem em tais situações, incapazes de trabalhar e com vergonha de pedir? A esposa, mulher de coração frio e mente estreita – e esta não é uma suposição injusta, já que o atual modo de educação não tende a engrandecer o coração nem o entendimento –, é ciumenta das pequenas atenções que o marido demonstra para com seus familiares; e, como sua sensibilidade não alcança a humanidade, desgosta-lhe ver o patrimônio de *seus* filhos desperdiçado em uma irmã desvalida.

Todos esses são fatos reais, que tenho visto amiúde. A consequência é óbvia. A esposa recorre à astúcia para minar o afeto habitual, que tem medo de enfrentar abertamente; e nem lágrimas nem carícias são poupadas, até que a intrusa deixe sua casa e seja jogada no mundo, despreparada para enfrentar as dificuldades, ou enviada para uma solidão melancólica com um pequeno soldo e uma mente inculta, em um grande esforço de generosidade ou alguma consideração com a decência.

Essas duas mulheres poderiam estar em condições de igualdade no que diz

respeito à razão e à humanidade e, em situações inversas, poderiam ter agido da mesma forma egoísta; mas, se tivessem sido educadas de outro modo, o caso também teria sido muito diferente. A esposa não teria tido aquela sensibilidade, da qual o centro é ela mesma, e a razão poderia tê-la ensinado a não esperar, e mesmo não se sentir lisonjeada, pelo afeto de seu marido, se isso o levasse a violar deveres anteriores. Ela desejaria não amá-lo meramente porque ele a ama, mas pelas virtudes dele; e a irmã poderia ter sido capaz de lutar por si mesma, em vez de comer o pão amargo da dependência.

Estou, de fato, persuadida de que o coração, assim como o intelecto, é expandido pelo cultivo e pelo – o que pode não parecer tão claro – fortalecimento dos órgãos. Não estou falando agora de lampejos momentâneos de sensibilidade, mas de afetos. E, talvez, na educação de ambos os sexos, a tarefa mais difícil seja ajustar a instrução de tal modo que não estreite o entendimento, enquanto o coração se aquece pelos generosos sumos da primavera, provocados pela fermentação vibrante da estação; nem sequer os sentimentos ao empregar a mente nas investigações remotas da vida.

No que diz respeito às mulheres, quando recebem uma educação cuidadosa, tornam-se ou senhoras elegantes, repletas de sensibilidade e profícuas em fantasias caprichosas, ou meras mulheres notáveis. As últimas, ainda que não tenham grandeza de espírito nem bom gosto, são geralmente criaturas honestas e afáveis e têm uma espécie sagaz de bom senso, unido a uma prudência mundana, que não raro as torna membros mais úteis da sociedade do que a senhora elegante e sentimental. O mundo intelectual é fechado para elas. Tirem-nas de sua família ou vizinhança, e elas ficam inativas; não têm onde ocupar sua mente, já que a literatura proporciona uma fonte de diversão que elas nunca buscaram desfrutar e que desprezam com frequência. Os sentimentos e o gosto das mentes mais cultas parecem-lhes ridículos, mesmo naquelas pessoas que a sorte e os laços familiares levaram-nas a amar; mas, quando se trata de meros conhecidos, elas acham que tudo é afetação.

Um homem de bom senso pode amar uma mulher desse tipo apenas sob o aspecto sexual e respeitá-la porque é uma serva de confiança. Para manter a própria paz, ele a deixa repreender os criados e ir à igreja em roupas feitas dos melhores tecidos. Um homem com o mesmo nível intelectual provavelmente não concordaria tanto com ela, porque poderia desejar usurpar suas prerrogativas e gerenciar ele mesmo alguns assuntos domésticos. Contudo, as mulheres cuja

mente não é expandida pelo cultivo nem o egoísmo natural da sensibilidade ampliado pela reflexão são muito pouco talhadas para dirigir uma família; pois, por meio de um alcance indevido de poder, elas estão sempre tiranizando para sustentar uma superioridade que se apoia apenas na distinção arbitrária da sorte. O mal é, às vezes, mais sério, e os empregados são privados das mínimas concessões e obrigados a trabalhar além de suas forças, a fim de que a distinta dona da casa mantenha uma mesa melhor e ofusque suas vizinhas em refinamento e garbo. Se ela se ocupa de seus filhos, em geral é para vesti-los de modo custoso; e, provenha tal atenção da vaidade ou do carinho, é igualmente perniciosa.

Além disso, quantas mulheres desse tipo passam seus dias ou, pelo menos, suas tardes descontentes. Seus maridos reconhecem que elas são boas gestoras da casa e esposas castas, mas deixam o lar para procurar uma companhia mais agradável e – permitam-me usar uma significativa palavra francesa – *piquant*<sup>[1]</sup>; e a escrava paciente, que cumpre sua tarefa como o cavalo cego em um moinho, é defraudada de sua justa recompensa, pois o salário que lhe é devido são as carícias de seu marido; e as mulheres que têm tão poucos recursos nelas mesmas não suportam com muita paciência essa privação de um direito natural.

Uma mulher elegante, ao contrário, foi ensinada a observar com desdém as atividades vulgares da vida, embora tenha sido incitada apenas a adquirir habilidades que vão um pouco além do bom senso, porque nem mesmo os dotes do corpo podem ser adquiridos com certa precisão se o intelecto não for fortalecido pelo exercício. Sem uma base de princípios, o gosto é superficial; a graça deve surgir de algo mais profundo do que a imitação. A imaginação, contudo, é estimulada, e os sentimentos tornam-se meticulosos, se não sofisticados, caso não se adquira um equilíbrio do juízo quando o coração permanece ingênuo, ainda que se torne demasiado terno.

Essas mulheres são, com frequência, amáveis, e seu coração é realmente mais sensível à benevolência geral, mais vivo aos sentimentos que civilizam a vida do que a escrava honrada de sua família; mas, carecendo da devida proporção de reflexão e independência, elas inspiram apenas amor; são as senhoras dos maridos enquanto possuem o afeto deles, e as amigas platônicas de seus conhecidos do sexo masculino. Estes são os belos defeitos na natureza: as mulheres que parecem ter sido criadas não para desfrutar da camaradagem do homem, mas para salvá-lo de afundar em absoluta selvageria, lapidando os

ângulos brutos de seu caráter e dando, com flertes travessos, certa dignidade ao apetite que o atrai a elas. Ó Criador Benigno de toda raça humana! Criastes um ser como a mulher, que pode descobrir vossa sabedoria em vossas obras e sentir que somente vós fostes exaltado acima dela por vossa natureza, sem um propósito melhor? Pode ela acreditar que foi criada somente para submeter-se ao homem, seu igual, um ser que, como ela, foi enviado ao mundo para adquirir virtude? Pode ela consentir em se ocupar meramente de agradá-lo – apenas para adornar a terra –, quando sua alma é capaz de alçar-se até vós? E pode ela permanecer em dependência absoluta da razão do homem quando deve trilhar com ele os árduos escalões do conhecimento?

Contudo, se o amor é o bem supremo, eduquemos a mulher apenas para inspirá-lo e deixemos todo encanto ser polido para embriagar os sentidos; mas, se elas são seres morais, deixem-nas ter uma chance de se tornarem inteligentes; e que o amor ao homem seja somente uma parte daquela chama brilhante do amor universal que, depois de circundar a humanidade, sobe em incenso agradecido até Deus.

Para cumprir os deveres domésticos, muita resolução é necessária, assim como um tipo de séria perseverança que requer uma base mais firme do que as emoções, por mais viva e verdadeira que seja sua natureza. Para dar um exemplo de disciplina – a alma da virtude –, certa austeridade de comportamento deve ser adotada, o que raramente pode ser esperado de um ser que, desde a infância, foi feito cata-vento de suas próprias sensações. Quem quer que racionalmente deseje ser útil deve ter um plano de conduta; e, para cumprir o dever mais simples, com frequência somos obrigados a agir de maneira contrária ao impulso da ternura e da compaixão. A severidade é muitas vezes a mais certa, bem como a mais sublime, prova de afeição; e o desejo desse poder sobre os sentimentos e desse afeto digno e elevado, que faz uma pessoa preferir o bem futuro do objeto amado a uma gratificação presente, é a razão pela qual tantas mães afetuosas criam mal seus filhos, tornando difícil dizer qual é a mais nociva: a negligência ou a indulgência – sou inclinada a pensar que a última tem provocado mais dano.

A humanidade parece concordar que as crianças deveriam ser deixadas sob os cuidados das mulheres durante a infância. Agora, por todas as observações que pude fazer, as mulheres de sensibilidade são as menos adequadas para essa tarefa, porque elas infalivelmente se deixarão levar por seus sentimentos e estragarão o temperamento da criança. A administração do gênio, o primeiro e mais

importante aspecto da educação, requer o olhar sóbrio e constante da razão; um plano de conduta equidistante da tirania e da indulgência: contudo, esses são os extremos em que as pessoas sensíveis alternativamente caem, sempre atirando além da marca. Segui essa linha de raciocínio muito adiante, até que conclui que a pessoa de gênio é a mais imprópria para dedicar-se à educação, pública ou privada. As mentes dessa rara espécie veem as coisas muito massificadas e poucas vezes têm um bom temperamento. Aquela alegria habitual, chamada de bom humor, talvez acompanhe os grandes poderes mentais tão raramente quanto os sentimentos intensos. E aquelas pessoas que seguem com interesse e admiração os voos do gênio ou que, com menor aprovação, absorvem a instrução preparada de modo elaborado para elas pelo pensador profundo não devem desgostar-se se encontrarem o primeiro colérico e o último taciturno, pois uma imaginação viva e uma tenaz compreensão da mente são raramente compatíveis com a urbanidade complacente que induz o homem, pelo menos, a curvar-se às opiniões e aos preconceitos dos outros, em vez de rudemente confrontá-los.

Por sua vez, tratando da educação ou dos modos, as mentes de uma classe superior não devem ser consideradas, mas sim deixadas à própria sorte; é a multidão com habilidades moderadas que reclama por instrução e capta a cor da atmosfera que respira. A meu ver, não se deveria estimular as sensações dessa respeitável massa de homens e mulheres no canteiro da indolência luxuriosa às custas de seu entendimento; porque, a menos que haja uma estabilidade da mente, nunca se tornarão nem virtuosos nem livres; uma aristocracia fundada na propriedade ou em valores monetários sempre arrastará diante dela tanto os tímidos como os ferozes escravos do sentimento.

Numerosos são os argumentos, para considerarmos outra visão do assunto, apresentados com uma aparência de razoáveis porque supostamente deduzidos da natureza, que dizem que os homens se acostumaram moral e fisicamente a degradar o sexo. Devo apontar alguns.

O intelecto feminino tem sido frequentemente tratado com desprezo porque chega mais cedo à maturidade do que o masculino. Não responderei a esse argumento aludindo às provas iniciais da razão, assim como do gênio, em Cowley<sup>[m]</sup>, Milton e Pope<sup>[9]</sup>, mas só apelo à experiência para decidir se os jovens que logo são introduzidos na sociedade (e exemplos agora abundam) não adquirem a mesma precocidade. Tão notório é esse fato que sua simples menção deve suscitar nas pessoas que frequentam a sociedade a ideia de algumas

imitações burlescas de homens cujos entendimentos são estreitados por já fazerem parte da sociedade de homens, quando deveriam estar jogando pião ou aro.

Também tem sido afirmado por alguns naturalistas que os homens não alcançam seu pleno crescimento e força até os trinta anos, mas que as mulheres chegam à maturidade aos vinte anos. Suspeito que raciocinam sobre bases falsas, equivocados pelo preconceito masculino, que julga beleza a perfeição da mulher – mera beleza das feições e da tez, a acepção vulgar da palavra, enquanto à beleza masculina é permitido ter alguma conexão com a mente. Assim como os homens, as mulheres não adquirem antes dos trinta anos a força do corpo nem aquela marca de expressão que os franceses chamam de *physionomie*. As pequenas artimanhas das crianças, é verdade, são particularmente prazerosas e cativantes; contudo, quando se esgota o frescor da juventude, essas graças inocentes se transformam em ares estudados e são desagradáveis a qualquer pessoa de bom gosto. No semblante das meninas, procuramos apenas vivacidade e tímida modéstia; porém, passada a primavera da vida, buscamos uma expressão mais sóbria na face e traços de paixão, em vez de covinhas de apelos sensuais; esperando ver a individualidade do caráter, o único elo das afeições<sup>[10]</sup>. Desejamos, então, conversar, e não acariciar; dar oportunidade a nossa imaginação, assim como às sensações de nosso coração.

Aos vinte anos, a beleza de ambos os sexos é igual; mas o espírito libertino do homem leva-o a fazer a distinção, e as coquetes aposentadas normalmente são da mesma opinião, porque, quando elas não mais inspiram amor, pagam pelo vigor e pela vivacidade da juventude. Os franceses, que admitem mais a mente em suas noções de beleza, dão preferência às mulheres de trinta. Quero dizer que eles permitem às mulheres se encontrar em seu estado mais perfeito quando a vivacidade cede lugar à razão e àquela majestosa seriedade de caráter que marca a maturidade; ou a estabilidade. Na juventude, até os vinte anos, o corpo fica em evidência; até os trinta, a solidez está obtendo um grau de densidade, e os músculos flexíveis, tornando-se diariamente mais rígidos, dão caráter ao semblante, isto é, traçam as operações da mente com a pluma férrea do destino e nos dizem não apenas que poderes existem ali, mas como têm sido empregados.

É apropriado observar que os animais que chegam lentamente à maturidade são os que mais vivem e provêm das espécies mais nobres. Os homens não podem, contudo, reclamar qualquer superioridade natural por uma

magnificência da longevidade, pois a esse respeito a natureza não estabeleceu nenhuma distinção para o macho.

A poligamia é outra degradação física, e um argumento plausível para um costume que destrói toda virtude doméstica vem do fato bem atestado de que, nos países onde está estabelecido, nascem mais mulheres do que homens. Isso parece ser uma indicação da natureza e, para a natureza, especulações aparentemente razoáveis devem ser reconhecidas. Outra conclusão obviamente se infere: se a poligamia é necessária, a mulher deve ser inferior ao homem e feita para ele.

A respeito da formação do feto no útero somos muito ignorantes; mas parece-me provável que uma causa física accidental possa contribuir para esse fenômeno e provar que não se trata de uma lei da natureza. Tenho me deparado com algumas observações pertinentes sobre o assunto em *Account of the Isles of the South Sea* [Relato sobre as ilhas do mar do Sul], de Forster<sup>[n]</sup>, que explicam o que quero dizer. Depois de observar que entre os animais dos dois sexos sempre prevalece o de constituição mais vigorosa e ardente, procriando os de seu mesmo gênero, ele acrescenta:

Se isso se aplica aos habitantes da África, é evidente que ali os homens, acostumados à poligamia, são debilitados pelo uso de tantas mulheres e, por isso, são menos vigorosos; as mulheres, pelo contrário, têm uma constituição mais fogosa, não apenas devido aos seus nervos mais irritáveis, sua organização mais sensível e sua imaginação mais viva, mas também porque se encontram privadas em seu matrimônio dessa porção de amor físico que, em uma condição monogâmica, lhes corresponderia totalmente. Assim, pelas razões citadas, a maioria das crianças que nascem é de meninas.

Na maior parte da Europa, foi comprovado pelas mais precisas listas de mortalidade que a proporção de homens e mulheres é quase igual ou, quando há alguma diferença, são mais numerosos os homens, em uma proporção de 105 para 100.

A necessidade da poligamia, portanto, não se faz clara; contudo, quando um homem seduz uma mulher, creio que deveria denominar-se um matrimônio *morganático*, e o homem deveria ser obrigado *por lei* a manter a mulher e seus filhos, a menos que o adultério, um divórcio natural, revogasse a lei. E essa lei deveria permanecer em vigor pelo tempo em que a fragilidade das mulheres fizesse a palavra “sedução” ser usada como desculpa para sua fraqueza e ausência de princípios; mais ainda, enquanto elas dependessem do homem para subsistência, em vez de se sustentarem pelo exercício de suas próprias mãos ou cabeças. Mas tais mulheres não deveriam, no pleno significado da relação, ser

chamadas de esposas, caso contrário se subverteria o autêntico propósito do matrimônio, e todas aquelas ternas expressões de benevolência que surgem da fidelidade pessoal e dão santidade ao vínculo converter-se-iam em egoísmo, quando nem o amor nem a amizade unissem os corações. A mulher que permanece fiel ao pai de seus filhos exige respeito e não deve ser tratada como uma prostituta; embora eu concorde prontamente que, se é necessário que o homem e a mulher vivam juntos para criar seus filhos, a natureza nunca pretendeu que um homem tivesse mais do que uma esposa.

Ainda assim, apesar do alto respeito que presto ao matrimônio como o fundamento de quase todas as virtudes sociais, não posso evitar a sentir compaixão mais viva por aquelas mulheres desafortunadas que são separadas da sociedade e que, por um erro, perdem todos os afetos e relações que alimentam o coração e a mente. Com frequência, nem sequer merece o nome de erro, porque muitas meninas inocentes se tornam vítimas de um coração sincero e afetuoso e, ainda mais, são, como pode enfaticamente ser considerado, *arruinadas* antes que conheçam a diferença entre virtude e vício. Assim, preparadas por sua educação para a desonra, tornam-se desonradas. Asilos e abrigos<sup>[o]</sup> não são remédios apropriados para esses abusos. É de justiça, não de caridade, que o mundo necessita!

Uma mulher que perdeu sua honra imagina que não pode afundar mais e que é impossível recuperar sua posição anterior; nada pode limpar essa mancha. Assim, perdido todo estímulo e sem nenhum outro meio de sustento, a prostituição se torna seu único refúgio, e o caráter se deprava rapidamente por circunstâncias sobre as quais a pobre infeliz tem pouco poder, a menos que conte com uma proporção incomum de juízo e altivez de espírito. A necessidade nunca faz com que a prostituição se converta em um meio de vida dos homens; todavia, são inumeráveis as mulheres que assim se rendem ao vício de forma sistemática. Isso, porém, se deve em boa parte ao estado de indolência em que são educadas as mulheres, a quem sempre se ensina a buscar um homem que as sustente e a se considerar a recompensa adequada pelos esforços dele para mantê-las. Ares meretrícios e toda a ciência da leviandade têm, então, um estímulo mais poderoso do que o apetite ou a vaidade; e essa observação fortalece a opinião predominante de que com a castidade se perde tudo que é respeitável nas mulheres. Seu caráter depende da observância de uma virtude, ainda que a única paixão alentada em seu coração seja o amor. Mais ainda, a honra de uma mulher

não é feita nem mesmo para depender de sua vontade.

Quando Richardson<sup>[11]</sup> fez Clarissa dizer a Lovelace que ele tinha roubado sua honra, deveria ter uma estranha noção de honra e de virtude. Já que infelicidade, para além de todos os termos que designam o infortúnio, é a condição de um ser que pode ser degradado sem seu próprio consentimento! Tal excesso de rigor eu tenho ouvido ser reivindicado como um erro salutar. Responderei com as palavras de Leibniz<sup>[p]</sup>: “Os erros são frequentemente úteis, mas comumente o são para remediar outros erros”.

A maioria dos males da vida surge do desejo sem limites de desfrutar o momento presente. A obediência exigida das mulheres no estado de matrimônio inclui-se nessa descrição; a mente, debilitada de forma natural ao depender da autoridade, nunca exercita seus poderes próprios e, desse modo, a esposa obediente se torna uma mãe frágil e indolente. Ou, supondo que essa não seja sempre a consequência, é difícil pensar no estado futuro da existência quando somente virtudes negativas são cultivadas. Pois, ao tratar da moral, particularmente quando as mulheres são mencionadas, os escritores têm considerado com demasiada frequência a virtude em um sentido muito limitado, e a têm fundamentado *unicamente* em sua utilidade mundana; acrescente-se a isso que uma base ainda mais frágil tem sido dada a essa assombrosa construção, e os sentimentos flutuantes e caprichosos dos homens têm sido tomados como parâmetros da virtude. Sim, a virtude, como a religião, tem sido submetida às decisões do gosto.

Provocaria quase um sorriso de desprezo observar quão ansiosos são os homens em degradar o sexo de quem pretendem receber o maior prazer da vida, se seus despropósitos vãos não nos golpeassem por todos os lados. Revido com plena convicção o sarcasmo de Pope sobre as mulheres – para falar de maneira explícita, parece-me aplicável à raça humana como um todo. Um apego ao prazer ou à dominação parece dividir a humanidade, e o marido que governa seu pequeno harém pensa apenas em seu prazer ou sua conveniência. Realmente, o amor imoderado ao prazer arrasta a tal ponto certos homens prudentes ou libertinos consumados, que se casam para ter uma companheira segura de leito, que eles seduzem suas próprias esposas. O hímen bane a modéstia, e o amor casto se põe em fuga.

O amor, considerado um apetite animal, não pode alimentar-se de si mesmo por muito tempo sem expirar. E essa extinção em sua própria chama pode ser

chamada de morte violenta do amor. Mas a esposa, que foi assim tornada licenciosa, provavelmente se esforçará para preencher o vazio deixado pela perda das atenções de seu marido, já que ela não pode transformar-se meramente em uma empregada qualificada depois de ter sido tratada como uma deusa. Ela continua atraente e, em vez de transferir seu afeto para os filhos, sonha apenas em desfrutar o esplendor da vida. Além disso, há tantos maridos desprovidos de bom senso e de afeição paternal que durante a primeira efervescência de carinho voluptuoso negam-se a deixar que suas esposas amamentem seus filhos. Elas existem somente para se vestir e vivem para agradá-los; e o amor, mesmo o amor inocente, logo afunda na lascívia quando o exercício de um dever é sacrificado a sua indulgência.

O apego pessoal é uma base muito feliz para a amizade; contudo, mesmo quando dois jovens virtuosos se casam, talvez fosse bom se certas circunstâncias refreassem sua paixão ou se a recordação de alguma relação anterior ou de um afeto não correspondido fizesse com que pelo menos um lado da união se fundamentasse na estima. Nesse caso, eles enxergariam além do momento presente e tentariam tornar sua vida respeitável, estabelecendo um plano para regular uma amizade que apenas a morte deve dissolver.

A amizade é um afeto sério; é o mais sublime de todos os afetos, porque se baseia em princípios e se consolida com o tempo. Exatamente o inverso pode ser dito do amor. Em grande parte, o amor e a amizade não podem subsistir no mesmo peito; mesmo quando inspirados por objetos diferentes, eles enfraquecem ou destroem um ao outro e podem ser sentidos pelo mesmo objeto apenas de modo sucessivo. Os medos vãos e o ciúme afetuosos, ventos que atiçam a chama do amor, quando criteriosa ou astutamente temperados, são ambos incompatíveis com a terna confiança e o sincero respeito da amizade.

O amor, tal como tem sido traçado pela pena brilhante do gênio, não existe na Terra, ou reside só naquelas imaginações exaltadas e ardentes que têm esboçado tais quadros perigosos. Perigosos porque não somente permitem uma desculpa plausível para o voluptuoso, que disfarça a mera sensualidade sob o véu de um sentimento, mas também disseminam a afetação, diminuindo a dignidade da virtude. Virtude, segundo a própria implicação do termo, deveria ter uma aparência de seriedade, se não de austeridade; e esforçar-se para transfigurá-la com as roupas do prazer – porque o epíteto tem sido usado como outro nome para a beleza – significa exaltá-la sobre areia movediça, ou seja, uma tentativa

mais insidiosa para acelerar sua queda por meio de um respeito aparente. Virtude e prazer não são, de fato, aliados tão próximos nesta vida quanto alguns escritores eloquentes têm trabalhado para provar. O prazer prepara a guirlanda murcha e mistura a taça embriagadora, mas o fruto que a virtude dá recompensa a fadiga e, gradualmente visto à medida que amadurece, proporciona calma satisfação; mais ainda, parecendo ser o resultado da tendência natural das coisas, é raramente observado. O pão, alimento comum da vida, raramente considerado uma bênção, sustenta a constituição física e preserva a saúde; os banquetes deleitam o coração do homem, embora a enfermidade e mesmo a morte escondam-se nas taças ou iguarias que elevam os espíritos e aguçam o paladar. Para usar a comparação, a imaginação viva e acalorada, da mesma forma, desenha o quadro do amor como desenha qualquer outro quadro, com aquelas cores brilhantes que a mão atrevida roubaria do arco-íris, dirigida por uma mente condenada em um mundo como este a provar sua nobre origem, ansiando pela perfeição inalcançável, sempre perseguindo o que reconhece ser um sonho fugaz. Uma imaginação tão vigorosa pode dar existência a formas insubstanciais e estabilidade aos devaneios nebulosos, nos quais a mente naturalmente cai quando a realidade é insípida. Pode, então, representar o amor com encantos celestiais e idolatrar o objeto ideal; pode imaginar um grau de afeição mútua que purificará a alma e não expirará quando se houver utilizado dela como uma “escala ao divino”; e, assim como a devoção, fará com que todo afeto e desejo inferiores sejam absorvidos. Nos braços um do outro, como se estivessem em um templo, com sua cúpula perdida nas nuvens, o mundo se fecha, bem como todo pensamento e desejo que não nutram o afeto puro e a virtude permanente. Ai! Virtude permanente! Rousseau, visionário respeitável!, teu paraíso seria logo violado pela entrada de algum hóspede inesperado. Como o de Milton, conteria apenas anjos ou homens afundados abaixo da dignidade de criaturas racionais. A felicidade não é material, não pode ser vista ou sentida! Contudo, a mais ávida busca do bem, que cada qual esboça de acordo com sua própria fantasia, proclama o homem como o senhor deste mundo inferior e uma criatura inteligente, que não recebe, mas adquire felicidade. Aqueles, portanto, que se queixam das desilusões da paixão não recordam que estão esbravejando contra uma prova contundente da imortalidade da alma.

Mas, deixando as mentes superiores corrigirem a si mesmas e pagarem caro pela experiência, faz-se necessário observar que não é contra fortes e

perseverantes paixões, mas contra sentimentos românticos e vacilantes, que desejo resguardar o coração feminino por meio do exercício do entendimento, pois esses devaneios paradisíacos são com mais frequência resultado da indolência do que de uma imaginação viva.

Raras vezes as mulheres têm ocupação suficiente para silenciar seus sentimentos; rodeadas de pequenas preocupações ou de propósitos vãos que dissipam toda força da mente e dos órgãos, elas se tornam naturalmente apenas objeto das sensações. Em poucas palavras, todo o teor da educação feminina (a educação da sociedade) tende a tornar as mais bem dispostas românticas e inconstantes, e as restantes, vãs e desprezíveis. No atual estado da sociedade, temo que pouca coisa possa ser feita para corrigir esse mal; caso algum dia uma ambição mais louvável ganhe terreno, as mulheres poderão ser levadas para mais perto da natureza e da razão e serão mais virtuosas e úteis à medida que se tornem mais respeitáveis.

Mas eu me aventurarei a afirmar que sua razão nunca adquirirá força suficiente para regular sua conduta enquanto o primeiro desejo da maior parte da humanidade for fazer uma bela figura na sociedade. A esse frívolo desejo, os afetos naturais e as virtudes mais úteis são sacrificados. As jovens se casam meramente para *melhorar sua condição*, tomando emprestada uma expressão vulgar significativa, e têm um poder tão perfeito sobre seu coração que não se permitem *apaixonar-se* até que um homem com uma fortuna superior se lhes apresente. Sobre esse assunto, pretendo me estender em um capítulo futuro; faz-se necessário apenas citá-lo agora, visto que as mulheres são frequentemente degradadas ao permitir que a prudência egoísta da idade sufoque o ardor da juventude.

Da mesma fonte flui a opinião de que as jovens devem dedicar grande parte de seu tempo aos trabalhos de costura; no entanto, essa tarefa contrai suas faculdades mais do que qualquer outra escolhida para elas, confinando seus pensamentos em si mesmas. Os homens mandam fazer suas roupas e acabam com o assunto; as mulheres fazem suas próprias roupas, necessárias ou ornamentais, e estão continuamente falando sobre elas; e os pensamentos seguem as mãos. De fato, não é a confecção que enfraquece a mente, mas o estilo empolado de se vestir, quando uma mulher de baixa escala social faz as roupas de seu marido e de seus filhos, cumpre com a sua obrigação, isso é parte de suas tarefas familiares; mas, quando as mulheres trabalham apenas para se vestir

melhor do que poderiam se permitir, é pior do que a simples perda de tempo. Para se tornarem virtuosas, as mulheres pobres devem trabalhar, e as mulheres de classe média, caso tivessem outra preocupação que não copiar a moda da nobreza, poderiam empregá-las, enquanto elas mesmas se ocupariam da família, instruindo os filhos e exercitando a própria mente. A jardinagem, a filosofia experimental e a literatura lhes proporcionariam assuntos para pensar e matéria para conversação que de alguma forma exercitariam seu entendimento. A conversa das mulheres francesas, que não estão tão rigidamente pregadas às cadeiras para fazer dobras e dar laçarotes, é frequentemente superficial, mas afirmo que não é nem metade tão insípida quanto a das mulheres inglesas, cujo tempo é gasto fazendo gorros, chapéus e todo tipo de complementos, para não mencionar as compras, liquidações etc; e as mulheres decentes e prudentes é que se tornam mais degradadas por tais práticas, pois seu motivo é apenas a vaidade. As mulheres licenciosas, que exercitam sua inclinação para a arte de seduzir, têm algo mais em vista.

Essas observações são ramificações de uma ideia geral que já apresentei e na qual não se pode insistir tão frequentemente, porque, falando de homens, mulheres ou profissões, virá à tona que o emprego dos pensamentos molda o caráter, tanto de modo geral quanto individualmente. Os pensamentos das mulheres sempre giram em torno de sua pessoa; é de se surpreender que esta seja objeto de consideração máxima? Ainda assim, certo grau de liberdade da mente é necessário para formar a pessoa, e essa pode ser uma razão por que algumas esposas amáveis têm poucos atrativos fora do sexo. Acrescente-se a isso que as tarefas sedentárias tornam doente a maior parte das mulheres – e noções falsas de excelência feminina fazem-nas orgulhosas dessa delicadeza, embora o fato de continuamente chamarem a atenção para o corpo seja outro empecilho que limita a atividade da mente.

As mulheres ricas raras vezes fazem qualquer parte manual de suas roupas; em consequência, apenas seu bom gosto é testado e, assim, por encarar os adereços como uma coisa natural, elas adquirem aquela elegância que raramente aparece no porte das mulheres que se vestem somente pelo ato de fazê-lo. De fato, a observação sobre a classe média, na qual os talentos se desenvolvem melhor, não se estende às mulheres, porque as de classe superior, ao obter pelo menos uma noção superficial de literatura e conversar mais com os homens sobre temas gerais, adquirem mais conhecimentos do que as mulheres que copiam sua moda

e seus defeitos sem compartilhar de seus benefícios. No que diz respeito à virtude, para usar a palavra no sentido pleno, eu a tenho visto mais na classe baixa. Muitas mulheres pobres sustentam os filhos com o suor de sua fronte e mantêm unida a família que os vícios dos pais teriam dispersado; mas as mulheres nobres são indolentes demais para ser ativamente virtuosas, e são mais refreadas do que refinadas pela civilização. De fato, o bom senso que tenho encontrado entre as mulheres pobres, que tiveram poucas vantagens da educação e, ainda assim, agem heroicamente, confirma minha opinião de que as tarefas triviais tornaram a mulher uma pessoa frívola. O homem toma o corpo dela<sup>[12]</sup>, e a mente é embotada; assim, enquanto o amor físico excita o homem como sua recreação favorita, ele se esforça para escravizar a mulher – e quem pode dizer quantas gerações serão necessárias para dar vigor à virtude e aos talentos das descendentes libertas de escravas abjetas<sup>[13]</sup>?

Ao delinear as causas que, em minha opinião, têm degradado a mulher, limito minhas observações às que atuam de modo universal sobre a moral e os modos de todo o sexo, e a mim parece claro que todas elas surgem da falta de entendimento. Se isso se deve a uma debilidade física ou acidental das aptidões, só o tempo pode determinar; por isso, não darei ênfase demais ao exemplo de algumas mulheres<sup>[14]</sup> que, por terem recebido uma educação masculina, adquiriram coragem e resolução; somente afirmo que os homens que foram colocados em situações parecidas obtiveram um caráter similar – falo de corpos masculinos, e aqueles homens de gênio e talento têm se sobressaído em uma classe na qual as mulheres até agora nunca tiveram lugar.

---

[1] Em quais inconsistências caem os homens quando não argumentam de acordo com os princípios. Comparam as mulheres, as frágeis mulheres, com anjos; e é possível supor que uma ordem superior de seres deveria possuir mais intelecto que o homem; ou em que consiste sua superioridade? No mesmo sentido, ironicamente, permite-se a elas possuir mais bondade de coração, piedade e benevolência. Duvido do fato, embora se manifeste de forma social, a menos que se admita que a ignorância é a mãe da devoção, porque estou firmemente convencida de que, de modo geral, a proporção entre virtude e conhecimento é mais estreita do que normalmente se supõe.

[2] “Os brutos”, disse o lorde Monboddo, “permanecem no estado em que os colocou a natureza, exceto pelo aperfeiçoamento de seu instinto natural devido ao cultivo que *nós* lhes damos”. [James Burnett (1714-1799), lorde Monboddo, foi um juiz escocês, autor de livros sobre sociedade e linguagem. (N. E.)]

[3] Vide Milton.

[4] Esta palavra não é totalmente apropriada, mas não consigo achar outra melhor.

[5] “O prazer é o dote da classe *inferior* / Mas glória, virtude e paraíso estão destinados ao *homem*.” Depois de escrever essas linhas, como pôde a sra. Barbauld escrever a seguinte comparação ignóbil?

*A uma Dama com flores pintadas*  
Para ti trago essas flores: flores para a bela.  
E me esforço para saudar-te com a iniciante primavera  
Flores, DOCES e alegres, e DELICADAS COMO TU;  
*Símbolos de inocência, e beleza também.*  
As Graças atam com flores teus cabelos loiros  
E coroas de flores usam os amantes consentidos.  
*Flores, o único luxo que conheceu a Natureza,*  
Cresciam no jardim do Éden, puras e sem culpa.  
Aos mais altivos, as tarefas mais árduas;  
O carvalho protetor resiste aos ventos tormentosos,  
O teixo mais robusto repele os inimigos invasores;  
*E o alto pinho cresce para futuros navios;*  
Mas essa doce família, que desconhece as preocupações,  
*Nasceu APENAS para o prazer e o deleite.*  
Alegres sem fadiga e amáveis sem artes,  
*Brotam para ANIMAR o sentido e ALEGRAR o coração.*  
E não enrubesça, minha bela, por copiá-las;  
*Teu MELHOR, teu MAIS DOCE império é – AGRADAR.*

Assim nos falam os homens; mas a virtude, diz a razão, deve ser adquirida por meio de *arduos* esforços e batalhas proveitosas contra as *preocupações* mundanas. [Anna Laetitia Barbauld (1743-1825) foi uma ensaísta dissidente, poeta, autora de histórias infantis, escritora habitual do editorial de Joseph Johnson e colaboradora da *Analytical Review*, especialmente em assuntos de educação. (N. E.)]

[a] David Hume, “A Dialogue”, escrito em 1751 e publicado pela primeira vez em 1777, na edição póstuma de *An Enquiry Concerning the Principles of Morals* (ed. bras.: *Uma investigação sobre os princípios da moral*, Campinas, Editora da Unicamp, 1995). (N. E.)

[b] Versos de Anna Laetitia Barbauld, “Song V”, em *The Works of Anna Laetitia Barbauld* (Londres, Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1825, v. I), p. 84, linhas 16-18. (N. E.)

[6] E uma sagacidade, sempre uma sagacidade, cumpre-me acrescentar; pois as tolices vãs da perspicácia e da beleza para obter atenção e fazer conquistas caminham lado a lado.

[c] Philip Dormer Stanhope (1694-1773), 4º conde de Chesterfield, foi um político, autor de *Letters Written by the Earl of Chesterfield to his Son Philip Stanhope*, de 1774, que aconselha sobre o decoro social. (N. E.)

[d] São Paulo, Martins Fontes, 2002. (N. E.)

- [e] Voltaire, *Le siècle de Louis XIV.* (N. E.)
- [f] Adam Smith, *Teoria dos sentimentos morais.* (N. E.)
- [g] Milton, *Paradise Lost.* (N. E.)
- [h] Alexander Pope, “Epistle II” (N. E.)
- [i] De acordo com Carol H. Poston, na edição crítica *A Vindication of the Rights of Woman: An Authoritative Text, Backgrounds, the Wollstonecraft Debate, Criticism* (2 ed., Nova York, Norton, 1988), p. 63, a autora pode estar se referindo ao debate entre Mirabeau e o Abade Sièyes, acerca da participação popular na Revolução Francesa. (N. E.)
- [j] Samuel Johnson (1709-1784) foi um ensaísta e lexicógrafo, a quem Mary Wollstonecraft conheceu durante sua estada em Newington Green. Era uma das figuras intelectuais mais respeitadas na Inglaterra da época, cujo *Dictionary of the English Language* (1755), do qual ela toma a referência, é bastante importante em seu gênero. (N. E.)
- [k] Francis Bacon, *Of Marriage and Single Life.* (N. E.)
- [7] A massa da humanidade é mais escrava de seus apetites do que de suas paixões.
- [8] Os homens dessa categoria derramam sensibilidade em suas composições para amalgamar o material bruto e, ao moldá-lo com paixão, dão alma ao corpo inerte. Mas na imaginação das mulheres somente o amor concentra esses júbilos etéreos.
- [l] Picante, atraente, sedutor. (N. E.)
- [m] Abraham Cowley (1618-1667), poeta. (N. E.)
- [9] Muitos outros nomes podem ser acrescentados.
- [10] A força de um afeto perde-se no indivíduo, geralmente, na mesma proporção do caráter do objeto amado.
- [n] Referência a uma das passagens de *Observations Made During a Voyage Round the World*, de Johann Reinhold Forster, um dos livros de viagem e história natural em que Mary Wollstonecraft trabalhou por encargo de Joseph Johnson, editado em 1778. (N. E.)
- [o] No original, “*magdalenes*”, casas de refúgio ou reformatórios para prostitutas. (N. E.)
- [11] Dr. Young sustenta a mesma opinião em suas obras, quando fala do infortúnio que empana a luz do dia. [Samuel Richardson (1689-1761), um dos precursores do romance inglês do século XVIII, é autor de dois romances epistolares de grande sucesso na época: *Pamela; or, Virtue Rewarded* (1741) e *Clarissa* (1748). É a este último que Wollstonecraft se refere. Na nota de rodapé, menciona Edward Young (1683-1765), que alcançou grande popularidade com *Night Thoughts on Life, Death, and Immortality* (1742), marcando o início da literatura da sensibilidade em meio à moda de poesia sepulcral na Inglaterra. (N. E.)]
- [p] Wollstonecraft faz referência ao conjunto de ensaios publicados pelo filósofo alemão em 1710, sob o título de *Teodiceia*, em que o autor pretende justificar a presença do mal no mundo como conciliável com a presença da divindade. (N. E.)
- [12] “Eu tenho seu corpo”, diz Ranger. [Na peça *The Suspicious Husband* (1747), de Benjamin Hoadly, o personagem Ranger, após uma noite de farras, lê um poema intitulado “Song”, de William Congreve, no qual sugere que, entre o corpo e a mente de uma mulher, a melhor parte é o corpo. (N. E.)]
- [13] “Supondo que as mulheres são escravas voluntárias, qualquer tipo de escravidão é desfavorável à felicidade e ao aperfeiçoamento humanos”, [Vicesimus] Knox, *Essays*.

[14] Safo, Heloísa, a sra. Macaulay, a imperatriz da Rússia, madame d'Eon etc. Essas e muitas outras podem ser consideradas exceções; e não são todos os heróis, assim como as heroínas, exceções às regras gerais? Não desejo ver as mulheres nem como heroínas nem como animais, mas como criaturas racionais. [A autora se refere, respectivamente, à poetisa grega Safo (VII a.C.); à erudita francesa Heloísa de Argenteuil (c. 1090-1164); à historiadora inglesa Catharine Macaulay (1731-1791); à imperatriz russa Catarina, a Grande (1729-1796); à diplomata Charles-Geneviève-Louis-Auguste-André-Timothée d'Éon de Beaumont (1728-1810), conhecida tanto como Madame d'Eon como Chevalier d'Eon, designada homem ao nascer, mas que passou a se identificar como mulher aos 49 anos. (N. E.)]

## CENSURAS A ALGUNS DOS ESCRITORES QUE TÊM TORNADO AS MULHERES OBJETO DE PIEDADE, QUASE DE DESPREZO

**A**s opiniões enganosamente sustentadas em algumas publicações modernas a respeito do caráter e da educação femininos, que são refletidas na maior parte das observações feitas de forma superficial sobre o sexo, continuarão a ser examinadas.

### *Seção I*

Começarei com Rousseau e darei um esboço do caráter da mulher nas palavras dele, intercalando comentários e reflexões. Meus comentários, é verdade, brotarão todos de alguns princípios básicos e poderiam ter sido deduzidos do que eu já disse; mas a estrutura artificial tem sido suscitada com tanta engenhosidade que parece necessário atacá-la de uma maneira mais detalhada, e eu mesma colocarei isso em prática.

Sofia, diz Rousseau, deveria ser tão perfeita como mulher quanto Emílio é como homem, e para torná-la assim é necessário examinar o caráter que a natureza deu ao sexo.

Ele, então, passa a provar que a mulher deve ser fraca e passiva, porque tem menos força física do que o homem; e, assim, infere que ela foi feita para agradar e ser subjugada por ele e que é seu dever fazer-se *agradável* a seu mestre – sendo este o grande fim de sua existência<sup>[1]</sup>. Contudo, para dar certa aparência de dignidade à luxúria, ele insiste que o homem não deveria exercer sua força, mas depender da vontade da mulher, quando busca o prazer com ela.

Portanto, deduzimos uma terceira consequência das diferentes constituições dos sexos; o mais forte

deve parecer ser o senhor e, na verdade, depender do mais fraco; não em virtude de qualquer prática frívola de galanteria ou da vaidade do protecionismo, mas sim de uma lei invariável da natureza que, outorgando à mulher mais facilidade para excitar os desejos do que ela deu ao homem para satisfazê-los, faz com que este último dependa do prazer benéfico da primeira e o obriga, por sua vez, a se esforçar para agradar, *a fim de obter a aquiescência dela de que ele deveria ser o mais forte*<sup>[2]</sup>. Nessas ocasiões, a circunstância mais gratificante que um homem vê em sua vitória é questionar se foi a fraqueza da mulher que se submeteu à sua força superior ou se suas inclinações falaram a seu favor; as mulheres também são, em geral, astutas o suficiente para deixar este assunto em dúvida. O entendimento feminino corresponde perfeitamente à sua constituição física. Longe de ter vergonha de sua fraqueza, elas se vangloriam dela; seus músculos frágeis não apresentam resistência; elas simulam ser incapazes de levantar as cargas mais leves e ficariam ruborizadas se fossem vistas como robustas ou fortes. Que propósito tem tudo isto? Não é meramente para aparentar delicadeza, mas por uma astuta precaução. É assim que elas fornecem uma desculpa de antemão e um direito de serem frágeis quando consideram oportuno.

Citei essa passagem para que meus leitores não suspeitem que distorci o raciocínio do autor a fim de sustentar meus próprios argumentos. Já afirmei que na educação das mulheres esses princípios fundamentais levam a um sistema de astúcia e lascívia.

Supondo que a mulher tenha sido formada apenas para agradar e ser subjugada pelo homem, a conclusão é justa. Ela deve sacrificar qualquer outra consideração para se tornar agradável a ele e deixar que esse desejo natural de autopreservação seja a fonte de todas suas ações, quando provado que é o curso inexorável do destino e, para moldar-se a ele, seu caráter deve estirar-se e contrair-se, independentemente de qualquer distinção física ou moral. Mas, se, como eu penso, puder ser demonstrado que os propósitos desse tipo de vida, considerado como um todo, são subvertidos pelas regras práticas construídas sobre essa base ignóbil, permito-me duvidar se a mulher foi criada para o homem. E, embora o grito de irreligiosidade ou mesmo de ateísmo possa ser levantado contra mim, declararei simplesmente que, tivesse sido um anjo do céu a me dizer que a bela cosmogonia poética de Moisés e a narração da queda do homem são literalmente verdadeiras, eu não poderia acreditar que aquilo que minha razão diz é aviltante ao caráter do Ser supremo. E, não tendo medo do demônio diante dos meus olhos, aventuro-me a chamar isso de uma sugestão da razão, em vez de apoiar minha fraqueza nos largos ombros do primeiro sedutor de meu frágil sexo.

Continua Rousseau:

Uma vez demonstrado que homem e mulher não têm nem devem ter uma constituição semelhante em

temperamento e caráter, decorre certamente que eles não devem ser educados da mesma maneira. Seguindo as leis da natureza, espera-se, de fato, que eles ajam em consonância, mas sem se ocupar das mesmas tarefas; o objetivo de suas ocupações deve ser o mesmo, mas os meios utilizados para obtê-lo e, em consequência, seus gostos e inclinações devem ser diferentes.

Quando considero a função peculiar de cada sexo, observo seus pendores ou penso em suas obrigações, tudo concorre do mesmo modo para apontar o método específico de educação que melhor se adapta a eles. A mulher e o homem foram feitos um para o outro, mas sua dependência mútua não é a mesma. Os homens dependem das mulheres somente por conta de seus desejos; as mulheres dependem dos homens em virtude tanto de seus desejos como de suas necessidades. Nós poderíamos viver melhor sem elas do que elas sem nós.

Por essa razão, a educação das mulheres deveria ser sempre relativa à dos homens. Agradar-nos, ser-nos úteis, fazer-nos amá-las e estimá-las, educar-nos quando jovens e cuidar-nos quando adultos, aconselhar-nos, consolar-nos, tornar nossas vidas fáceis e agradáveis; estas são as obrigações das mulheres durante todo o tempo, e também o que elas devem aprender na infância. À medida que falhamos em repetir este princípio, distanciamos-nos do objetivo, e todos os preceitos que são dados a elas não contribuem nem para a sua felicidade nem para a nossa.

As meninas gostam de vestidos desde a mais tenra infância. Não contentes em ser bonitas, elas querem ser reconhecidas enquanto tal. Vemos por todas as suas pequenas afetações que esse pensamento prende sua atenção; e mal conseguem entender o que se diz a elas, a menos que sejam convencidas em função do que as pessoas pensarão a respeito de sua conduta. Porém, o uso imprudente desse mesmo estímulo com os meninos não tem um efeito semelhante. Contanto que eles possam divertir-se à vontade, preocupam-se muito pouco com o que os outros pensam deles. O tempo e os sofrimentos são necessários para submetê-los a isso.

De onde quer que as meninas recebam essa primeira lição, será de bom proveito. Uma vez que o corpo nasce, de certa maneira, antes da alma, nossa primeira

preocupação deveria ser cultivá-lo; esta ordem é comum aos dois sexos, mas o objeto do cultivo é diferente. Em um sexo, é o desenvolvimento da capacidade física; no outro, dos encantos pessoais. Nem a qualidade da força nem a beleza devem ser confinadas exclusivamente a um sexo, mas a ordem de seu cultivo é inversa. As mulheres certamente necessitam de força para poder se mover e atuar de maneira graciosa, e os homens necessitam de destreza para agir com naturalidade.

As crianças de ambos os sexos têm uma grande variedade de diversões em comum, e assim deve ser; não as têm também quando crescem? Cada sexo tem ainda seu gosto peculiar para distingui-lo neste particular. Os meninos amam esportes ruidosos e ativos; tocar tambor, rodar pião e arrastar seus carrinhos. As meninas, por outro lado, são atraídas pelos objetos de adorno e aparência, tais como espelhos, berloques e bonecas; a boneca é a diversão característica das meninas; a partir daí, podemos ver seu gosto plenamente adaptado ao seu destino. A parte corporal da arte de agradar recai sobre o vestido; e isso é tudo que as crianças são capacitadas a cultivar dessa arte.

Aqui, então, vemos uma propensão primária firmemente estabelecida, à qual é preciso apenas dar prosseguimento regular. A pequena criatura, sem dúvida, estará muito desejosa de saber como vestir sua boneca, fazer os nós de suas mangas, seus babados, seus toucados etc., e é tão obrigada a recorrer às pessoas que a rodeiam para que a ajudem nesse aprendizado que seria mais agradável para ela possuí-lo para sua própria diligência. Assim, temos uma boa razão para as primeiras lições que são habitualmente ensinadas a essas jovens: não deve parecer que estamos lhes atribuindo uma tarefa, mas obrigando-as, pela instrução, a discernir o que lhes é imediatamente útil. De fato, a maioria delas aprende com relutância a ler e escrever; porém, muito prontamente se aplicam no manejar de suas agulhas. Elas se imaginam já adultas e pensam com prazer que tais qualificações as tornarão capazes de enfeitar a si

mesmas.

Essa é certamente apenas uma educação do corpo, mas Rousseau não é o único homem que de modo indireto diz que a simples figura de uma *jovem* sem qualquer entendimento é bastante agradável, a menos que os instintos animais caibam nessa descrição. Para torná-lo fraco, o que alguns podem chamar de belo, o entendimento é negligenciado, e as meninas são forçadas a se sentar imóveis, a brincar com bonecas e a ouvir conversas tolas; o efeito do hábito é reiterado como uma indubitável revelação da natureza. Eu sei que a opinião de Rousseau era de que os primeiros anos da juventude deveriam ser empregados para formar o corpo, embora ao educar Emílio ele tenha se desviado de seu plano; no entanto, é ampla a diferença entre fortalecer o corpo, do qual a força da mente em grande parte depende, e apenas proporcionar-lhe uma naturalidade de movimentos.

As observações de Rousseau, deve-se ressaltar, foram feitas em um país onde a arte de agradar foi refinada somente para extrair a grosseria do vício. Ele não se voltou para a natureza nem o domínio de seu apetite causou distúrbios à razão; caso contrário, ele não teria extraído essas inferências toscas.

Na França, meninos e meninas, particularmente as últimas, são educados apenas para agradar, para ocupar-se de si mesmos e regular sua conduta exterior; e a mente deles é corrompida, desde a mais tenra idade, pelas advertências piedosas e mundanas que recebem para resguardá-los da falta de modéstia. Falo de tempos passados. Sei de fontes seguras que as próprias confissões que as crianças eram obrigadas a fazer e as perguntas feitas pelos sacerdotes eram suficientes para imprimir um caráter sexual; e a educação da sociedade era a escola do coquetismo e do artifício. Na idade de dez ou onze anos, ou melhor, frequentemente mais cedo, as meninas começavam a ser coquetes e falavam, sem ser repreendidas, em se estabelecer no mundo por meio do matrimônio.

Em resumo, elas eram tratadas como mulheres desde quase seu nascimento, e galanteios eram ouvidos no lugar da instrução. Com a mente enfraquecida, supunha-se que a natureza tivesse agido como uma madrasta quando formou essa ideia tardia de criação.

Sem lhes conceder o entendimento, foi coerente submetê-las à autoridade independente da razão; e ao prepará-las para tal sujeição, ele dá o seguinte conselho:

As meninas devem ser ativas e diligentes; porém, isso não é tudo. Devem também ser desde cedo submetidas às limitações. Esse infortúnio, se assim pode ser visto, é inseparável do seu sexo; e elas não devem desejar livrar-se dele, se não quiserem sofrer males mais cruéis. Elas têm de ser submissas durante toda a vida à mais constante e severa repressão, que é a do decoro: é, portanto, necessário acostamá-las cedo a tal confinamento, para que mais tarde não lhes custe caro demais, e à supressão de seus caprichos, para que se submetam mais prontamente à vontade dos outros. Se, de fato, elas são inclinadas a estar constantemente em atividade, deveriam ser compelidas às vezes a deixar de realizá-las. Dissipação, leviandade e inconstância são faltas que prontamente brotam de suas primeiras propensões, quando corrompidas ou pervertidas por indulgências demasiadas. Para prevenir tal abuso, deveríamos ensiná-las sobretudo a estabelecer as devidas restrições sobre si próprias. A vida de uma mulher modesta é reduzida por nossas absurdas instituições a um perpétuo conflito consigo mesma. Não deixa de ser justo que o sexo feminino partilhe dos sofrimentos provenientes dos males que nos causou.

E por que a vida de uma mulher modesta é um conflito perpétuo? Eu deveria responder que o próprio sistema de educação assim o faz. Modéstia, temperança e abnegação são os frutos sóbrios da razão, mas, quando a sensibilidade é nutrida às custas do entendimento, esses seres fracos devem ser reprimidos por meios arbitrários e submetidos a conflitos contínuos. Deem a sua atividade mental um alcance mais amplo, e as mais nobres paixões e estímulos governarão seus apetites e sentimentos.

O apego e o cuidado comuns de uma mãe, um mero hábito, a farão amada pelos seus filhos, se ela não fizer nada para provocar o ódio deles. Mesmo a sujeição a que ela os submete, se bem dirigida, aumentará seu afeto, em vez de diminuí-lo; pois, sendo o estado de dependência natural ao sexo, eles se sentem talhados para a obediência.

Tal pensamento desvirtua a questão, porque a servidão não apenas rebaixa o indivíduo, mas seus efeitos parecem ser transmitidos para a posteridade. Considerando o lapso de tempo em que as mulheres têm sido dependentes, é de causar surpresa que algumas delas abracem suas correntes e bajulem como cães? “Esses cães”, observa um naturalista, “primeiramente mantinham suas orelhas eretas; mas o costume suplantou a natureza, e um símbolo de medo se converteu em sinônimo de beleza.”<sup>[a]</sup>

Acrescenta Rousseau:

Pela mesma razão, as mulheres têm, ou deveriam ter, muito pouca liberdade; elas estão propensas a ser excessivamente indulgentes consigo mesmas no que lhes é permitido. Viciadas em todas as coisas em extremos, elas são mais arrebatadas por suas diversões do que os meninos.

A resposta a isso é muito simples. Escravos e turbas sempre se entregaram aos

mesmos excessos ao se soltar da autoridade. O arco flexionado volta à posição original com violência quando a mão que o sustentava relaxa; e a sensibilidade, joguete das circunstâncias exteriores, deve ser submetida à autoridade ou moderada pela razão.

Ele continua:

Resulta, dessa habitual moderação uma docilidade que as mulheres necessitam durante toda sua vida, já que permanecem constantemente sob a sujeição aos homens ou às opiniões da humanidade; e nunca lhes é permitido situar-se acima dessas opiniões. A primeira e mais importante qualificação em uma mulher é uma boa natureza ou a suavidade de caráter: formada para obedecer a um ser tão imperfeito como o homem, frequentemente cheio de vícios e imperfeições, ela deve aprender cedo até mesmo a sofrer injustiças e suportar os insultos de um marido sem se queixar; não em consideração a ele, mas a si própria, ela deve ter um temperamento aprazível. A perversidade e a malícia das mulheres servem somente para agravar seu próprio infortúnio e a má conduta do marido; elas devem perceber claramente que essas não são as armas por meio das quais ganham a superioridade.

Formadas para viver com um ser tão imperfeito como o homem, elas devem aprender com o exercício de suas faculdades a necessidade da paciência; mas todos os direitos sagrados da humanidade são violados por insistirem na obediência cega; ou, os mais sagrados direitos pertencem *somente* ao homem.

O ser que suporta com paciência a injustiça e tolera em silêncio os insultos logo se tornará injusto ou incapaz de discernir o certo do errado. Além disso, nego o fato de que esse seja o caminho verdadeiro para formar ou melhorar o temperamento, pois o sexo masculino tem melhor gênio do que o feminino porque os homens se ocupam com assuntos que interessam tanto à mente quanto ao coração; e a constância da mente proporciona uma temperatura saudável ao coração. Pessoas de sensibilidade raramente têm bom gênio. A formação do temperamento é o trabalho frio da razão, quando, à medida que a vida avança, ela mistura com astúcia elementos discordes. Nunca conheci uma pessoa fraca ou ignorante que tivesse um bom temperamento, apesar de que aquele bom humor inerente à constituição do indivíduo e aquela docilidade que o medo estampa no comportamento frequentemente obtêm esse nome. Digo comportamento porque a genuína mansidão nunca alcança o coração ou a mente, a não ser como o efeito da reflexão; e essa simples moderação produz variados humores prejudiciais à vida doméstica. Muitos homens sensatos admitirão que dentre algumas dessas doces criaturas irritáveis se encontram companheiras muito importunas.

“Cada sexo”, ele continua argumentando, “deveria preservar seu tom e seus modos peculiares; um marido manso pode tornar uma esposa impertinente. Porém, a mansidão de disposição por parte da mulher sempre trará o homem de volta à razão, pelo menos se ele não for absolutamente irracional, e mais cedo ou mais tarde triunfará sobre ele”. Talvez a suavidade da razão pudesse às vezes ter esse efeito, mas o medo abjeto sempre inspira desprezo, e lágrimas são eloquentes apenas quando correm por faces belas.

De que material pode um coração ser composto, a ponto de se enternecer quando insultado e, em vez de se revoltar contra a injustiça, beijar o açoite? É justo inferir que a virtude de quem pode acariciar um homem com verdadeira doçura feminina no mesmo momento em que é tratada com tirania seja baseada em perspectivas limitadas e egoísmo? A natureza nunca ditou tal insinceridade; e, ainda que esse tipo de prudência seja denominado uma virtude, a moralidade torna-se vaga quando se supõe que alguma parte repouse na falsidade. Esses são meros expedientes, e expedientes são úteis apenas momentaneamente.

Que o marido tenha cautela ao confiar de forma tão implícita nessa obediência servil, porque se sua esposa pode acariciá-lo com suavidade cativante quando ele está zangado, e quando ela também o deveria estar, ela poderá fazer o mesmo após despedir-se de seu amante, a menos que o desprezo tenha sufocado a efervescência natural. Tudo isso são preparativos para o adultério; ou, se o medo do mundo ou do inferno restringir seu desejo de satisfazer outros homens quando ela não consegue mais satisfazer seu marido, que substituto pode ser encontrado por um ser formado pela natureza e pela arte somente para agradar ao homem? O que pode compensá-la dessa privação, ou onde ela deve buscar uma nova ocupação? Onde encontrar força mental suficiente para determinar-se a começar a busca, quando seus hábitos estão arraigados e a vaidade há muito domina sua mente caótica?

Mas esse parcial moralista recomenda a astúcia de modo sistemático e plausível.

As filhas deveriam ser sempre submissas; suas mães, contudo, não deveriam ser inexoráveis. Para que uma jovem seja dócil, não se deve torná-la infeliz; para que seja modesta, não se deve torná-la ignorante. Ao contrário, não me desagradaria que se lhe permitisse usar de certas artimanhas, não para esquivar-se do castigo no caso de desobediência, mas para eximir-se da necessidade de obedecer. Não é necessário fazer sua dependência opressiva, mas apenas deixar que ela a perceba. A sutileza é um talento natural para o sexo feminino; e, como estou persuadido de que todas as nossas inclinações naturais são certas e boas em si mesmas, sou da opinião de que esta deveria ser cultivada tanto quanto as outras; só

devemos prevenir seu abuso.

“O que quer que seja estará certo”, ele então continua a inferir triunfantemente. Admitido. Contudo, talvez nenhum aforismo jamais tenha contido asserção tão paradoxal. É uma solene verdade no que diz respeito a Deus. Ele, afirmo com reverência, vê o todo imediatamente – e viu suas justas proporções nas entranhas do tempo; o homem, por sua vez, que pode examinar somente as partes dispersas, acha muitas coisas erradas. Faz parte do sistema e, por conseguinte, é certo que o homem deve esforçar-se para alterar o que não lhe parece correto, mesmo enquanto se curva à sabedoria de seu Criador e respeita a escuridão que ele se empenha para dissipar.

A dedução que se segue é justa, supondo que o princípio seja acertado.

A superioridade do discurso, peculiar ao sexo feminino, é uma justa indenização pela sua inferioridade em questão de força: sem isso, a mulher não seria a companheira do homem, mas sua escrava; é por sua astúcia e engenhosidade superiores que ela preserva sua igualdade e o governa enquanto simula obedecer. A mulher tem tudo contra si, tanto nossas faltas como suas próprias timidez e fragilidade; ela não tem nada a seu favor, a não ser sua sutileza e beleza. Não é razoável, portanto, que cultive ambas?

A grandeza da mente não pode coabitar com a astúcia ou o discurso; não me intimidarei com palavras, quando seu significado direto for a falta de sinceridade ou a falsidade, mas me contentarei em observar que, se alguma classe da humanidade for criada de tal modo que deva necessariamente ser educada por regras não estritamente dedutíveis da verdade, a virtude não é mais do que uma convenção. Como pôde Rousseau ousar afirmar, depois de dar esse conselho, que no grande fim da existência o objetivo de ambos os sexos deve ser o mesmo, quando ele bem sabia que a mente, formada por suas atividades, ou se atrofia, ou se expande por grandes considerações que engolem as pequenas?

Os homens têm uma força física superior, mas, não fossem as noções equivocadas de beleza, as mulheres adquiririam suficiência para poder ganhar seu próprio sustento, que é a verdadeira definição da independência, e suportar essas inconveniências e tarefas corporais, que são requisitos para fortalecer a mente.

Deixem-nos, então, atingir a perfeição física, permitindo que façamos os mesmos exercícios que os meninos não apenas durante a infância, mas também na juventude; assim, poderemos saber até onde vai a natural superioridade do homem. Pois que razão ou virtude pode se esperar de uma criatura cujo tempo de semear a vida foi negligenciado? Nenhuma. Não é por acaso que os ventos do

céu espalham muitas sementes úteis sobre o solo alqueivado.

A beleza não pode ser adquirida por meio da vestimenta, e o coquetismo é uma arte que não se consegue de pronto. Enquanto ainda são jovens, contudo, as garotas têm capacidade para estudar gestos agradáveis, uma modulação de voz adequada, porte e comportamento desenvoltos; e também não perdem a oportunidade de adaptar graciosamente sua aparência e atitudes ao tempo, lugar e ocasião. Sua dedicação, portanto, não deve ser somente restrita às artes da atividade e da agulha, quando elas mostram outros talentos cuja utilidade já é patente.

De minha parte, eu faria com que uma jovem inglesa cultivasse seus talentos a fim de agradar seu futuro marido com o mesmo cuidado e assiduidade que uma jovem circassiana cultiva os dela para adequar-se ao harém de um paxá oriental

Para tornar as mulheres completamente insignificantes, ele acrescenta:

A língua das mulheres é muito ágil; elas falam mais cedo, com mais facilidade e de modo mais agradável do que os homens; são acusadas também de falar muito mais: mas assim deve ser, e eu estaria disposto a converter essa censura em um elogio; seus lábios e olhos têm a mesma vivacidade, por idêntica razão. Um homem fala do que sabe, uma mulher, do que a agrada; ele necessita de conhecimento, ela, de gosto; o principal objeto do discurso de um homem deve ser o que é útil, o de uma mulher, o que é agradável. Não deve haver nada em comum entre suas diferentes conversações, a não ser a verdade.

Portanto, não devemos restringir a tagarelice das meninas da mesma maneira como fazemos com a dos meninos, mediante esta pergunta severa: *Com que propósito está falando?*, mas com uma outra, a qual não é menos difícil de responder: *Como a sua conversa será recebida?* Na infância, enquanto ainda são incapazes de discernir o bem do mal, devem observar como se fosse uma lei nunca dizer nada desagradável àqueles com quem falam. O que tornará a prática desta regra a mais difícil é que deve ser subordinada à anterior, de nunca falar falsamente ou dizer inverdades.

É preciso, de fato, grande habilidade para dominar a língua desse modo, e homens e mulheres o fazem sobremaneira. Do que brota do coração, quão poucos falam! Tão poucos que eu, amante da simplicidade, desistiria de bom grado da polidez por um quarto da virtude sacrificada em prol de uma qualidade equívoca que, quando muito, serviria apenas como seu verniz.

Para completar o esboço:

É fácil conceber que, se os meninos não são capazes de formar noções verdadeiras sobre religião, tais ideias devem estar muito acima da concepção das meninas: é por esta razão específica que eu começaria a falar-lhes o mais cedo possível sobre o assunto; porque, se fôssemos esperar até que tivessem capacidade de discutir de forma metódica questões tão profundas, correríamos o risco de nunca tocarmos no assunto enquanto vivessem. A razão nas mulheres é de caráter prático, capacitando-as a descobrir astutamente os meios para alcançar um fim desejado, mas que, todavia, nunca lhes permitiria descobrir o fim em si mesmo. As relações sociais entre os sexos são realmente admiráveis: de sua união resulta uma pessoa moral, na qual a mulher pode ser qualificada como os olhos, e o homem, como a mão, com uma dependência tal um do outro que a mulher tem de aprender com o homem o que vai ver, e o homem, com ela o que deve fazer. Se a mulher pudesse recorrer aos princípios fundamentais das coisas tão bem quanto o homem, e se este fosse capaz de entrar em *minúcias* tão bem quanto a

mulher, de modo independente um do outro, viveriam em discórdia perpétua, e sua união não perduraria. Mas na harmonia presente que subsiste de forma natural entre eles, suas diferentes faculdades tendem a um fim comum; é difícil dizer qual deles contribui mais. Cada um segue o impulso do outro, cada um é obediente, e ambos são senhores.

Uma vez que a conduta de uma mulher é subserviente à opinião pública, sua fé em matéria de religião deve, por esta mesma razão, ser submetida à autoridade. *Toda filha deve ser da mesma religião que sua mãe, e toda esposa, que seu marido; porque, ainda que tal religião seja falsa, aquela docilidade que induz a mãe e a filha a se submeterem à ordem da natureza ameniza, aos olhos de Deus, a criminalidade de seu erro*<sup>[3]</sup>. Como não têm capacidade de julgar por si mesmas, devem guiar-se pela decisão de seus pais e maridos com a mesma confiança que têm na Igreja.

Já que a autoridade deve regular a religião das mulheres, não parece necessário explicar-lhes as razões de sua crença nem estabelecer de modo exato os dogmas em que devem acreditar. Porque a doutrina que apresenta somente ideias obscuras à mente é fonte de fanatismo; e aquilo que apresenta absurdos leva à infidelidade.

Parece que a autoridade absoluta, incontroversa, deve subsistir em algum lugar: porém, não é esta uma direta e exclusiva apropriação da razão? Os *direitos* da humanidade têm sido, assim, confinados à linhagem masculina, começando por Adão.

Rousseau leva sua aristocracia masculina ainda mais longe, insinuando que não condenaria aqueles que lutam para deixar a mulher em um estado da mais profunda ignorância, caso não fosse necessário, para preservar sua castidade e justificar a escolha masculina aos olhos do mundo, dar a ela um conhecimento mínimo sobre os homens e os costumes produzidos pelas paixões humanas; mais ela pode reproduzir em casa, sem que se torne menos voluptuosa ou inocente pelo exercício de seu entendimento; com exceção, claro, do primeiro ano de matrimônio, quando ela pode dedicar-se a se vestir como Sofia.

Seu vestido é extremamente modesto em aparência, mas, de fato, muito coquete. Ela não ostenta seus encantos, mas os dissimula e, ao fazê-lo, sabe como estimular a imaginação. Quem quer que a veja dirá: Aí está uma moça modesta e discreta; mas, quando perto dela, olhares e afeições vagarão por toda sua pessoa, sem que possam apartar-se dela; e se concluirá que cada parte de seu vestido, ainda que pareça simples, foi colocada nessa ordem somente para que a imaginação a desarranje.

É isto modéstia? É essa uma preparação para a imortalidade? Repito: que opinião devemos formar de um sistema de educação quando o autor diz de sua heroína que, “para ela, fazer as coisas de maneira acertada é apenas uma preocupação *secundária*; seu principal interesse é fazê-las *com asseio*”.

Secundárias, na verdade, são todas as suas virtudes e qualidades, pois, no que se refere à religião, ele faz com que seus pais assim se dirijam a ela, acostumada à

submissão: “Seu marido a instruirá no *momento oportuno*”.

Depois de assim restringir a mente de uma mulher a fim de mantê-la adequada, caso não a tenha deixado quase em branco, ele a aconselha a pensar que um homem ponderado não deve bocejar em sua companhia, quando estiver cansado de acariciá-la. O que tem ela a refletir sobre aquele a quem deve obedecer? E não seria um refinamento de crueldade abrir sua mente apenas para tornar *visíveis* a escuridão e a miséria de sua sina? Contudo, esses são os sensatos comentários dele; o leitor poderá determinar quão consistentes são com o que eu já fui obrigada a citar, a fim de oferecer uma visão justa do assunto.

Os que passam a vida toda trabalhando pelo pão de cada dia não conseguem ter ideias para além de seu negócio ou interesse, e todo seu entendimento parece estar nas pontas de seus dedos. Essa ignorância não é prejudicial nem à sua integridade nem à sua moral; lhes é útil. Às vezes, mediante a reflexão, somos levados a exacerbar nossos deveres e acabamos substituindo as coisas por um jargão de palavras. Nossa própria consciência é o filósofo mais lúcido. Não há necessidade de estar a par das obras de Cícero para ser um homem íntegro; e talvez a mais virtuosa mulher do mundo seja a que menos conheça a definição de virtude. No entanto, não é menos verdade que um entendimento esmerado só pode tornar a sociedade agradável; e é uma situação melancólica para um pai de família que gosta do lar ser obrigado a fechar-se em si mesmo, sem ter alguém por perto com quem possa compartilhar seus sentimentos.

Além disso, como pode uma mulher desprovida de reflexão ser capaz de educar seus filhos? Como pode discernir o que é adequado para eles? Como pode incliná-los àquelas virtudes que ela desconhece ou de cujo mérito não faz nem ideia? Ela pode apenas consolá-los ou repreendê-los, torná-los insolentes ou tímidos, convertê-los em fanfarrões ou tolos ignorantes, mas nunca fará deles pessoas sensatas ou amáveis.

De fato, como ela pode ser capaz se seu marido não está sempre disponível para emprestar-lhe a razão? Quando juntos formam um único ser moral. Uma vontade cega, “olhos sem mãos”, não iria muito longe; e talvez a razão abstrata dele, que deveria concentrar os raios dispersos da razão prática dela, seja empregada em julgar o sabor do vinho, discorrer sobre os molhos mais apropriados para os assados ou generalizar as suas ideias quando, profundamente absorto no jogo de cartas, ele aposta sua fortuna, deixando todas as *minúcias* da educação para sua companheira ou para a sorte.

Mas, admitindo que a mulher deva ser bonita, inocente e tola para torná-la uma companheira mais sedutora e indulgente, por que sacrificar seu entendimento? E por que toda essa preparação é necessária, de acordo com a própria declaração de Rousseau, apenas para fazê-la a amante de seu marido por pouco tempo? Pois ninguém jamais insistiu tanto na natureza transitória do

amor como o filósofo que assim fala: “Os prazeres sensuais são efêmeros. A condição do afeto sempre se perde, uma vez que é satisfeito. A imaginação, que enfeita o objeto de nossos desejos, desaparece na fruição. Exceto pelo Ser supremo, que existe por si só, não há beleza se não naquilo que é ideal”.

Porém, ele retorna aos paradoxos ininteligíveis quando se dirige a Sofia:

Emílio, ao tornar-se seu esposo, passa a ser seu senhor e reclama sua obediência. Tal é a ordem da natureza. Contudo, quando um homem se casa com uma mulher como Sofia, seria apropriado que ela o conduzisse, o que também está de acordo com a ordem da natureza. É, portanto, para lhe dar tanta autoridade sobre o coração dele quanto o sexo dele tem sobre a sua pessoa que eu a fiz o árbitro dos prazeres dele. Talvez lhe custe certa abnegação desagradável, mas certamente manterá seu domínio sobre ele, se puder preservá-lo sobre si mesma. O que já observei também me mostra que essa difícil tentativa não supera sua coragem.

Para ter seu marido constantemente a seus pés, conserve-o a alguma distância. Você garantirá a autoridade no amor por mais tempo se souber como tornar seus favores raros e valiosos. Esta é a maneira como pode empregar as artes do coquetismo a serviço da virtude, assim como as do amor a serviço da razão.

Concluirei minhas citações com uma descrição simples de um casal satisfeito:

Contudo, você não deve imaginar que mesmo tal controle será sempre suficiente. Quaisquer que sejam as precauções tomadas, o prazer arrefecerá a paixão pouco a pouco. Mas quando o amor tiver durado o bastante, uma convivência agradável tomará seu lugar, e o apego à confiança mútua sucederá aos arroubos da paixão. Geralmente, os filhos formam um elo mais ameno e permanente entre pessoas casadas do que o próprio amor. Quando você deixar de ser a amante de Emílio, continuará a ser sua esposa e amiga – será a mãe de seus filhos.<sup>[4]</sup>

Os filhos, ele observa com acerto, formam um elo muito mais permanente entre pessoas casadas do que o amor. A beleza, ele declara, não será desfrutada, nem mesmo vista, depois que um casal tiver vivido seis meses junto; os encantos artificiais e o coquetismo também deixarão de estimular os sentidos. Por que, então, diz ele que uma jovem deve ser educada para seu marido com o mesmo cuidado que para um harém oriental?

Apelo agora dos delírios da fantasia e da refinada licenciosidade ao bom senso da humanidade; se o objetivo da educação for preparar as mulheres para se tornarem esposas castas e mães sensíveis, o método tão plausivelmente recomendado no esboço anterior será o mais bem calculado para atingir esses fins? Pode-se permitir que a maneira mais certa de tornar uma esposa casta seja ensiná-la a praticar a arte licenciosa de uma amante, denominada de coquetismo

virtuoso pelo sensualista que já não pode saborear o encanto natural da sinceridade nem o gosto do prazer que nasce de uma terna intimidade, quando a suspeita não descarta a confiança e o bom senso a torna interessante?

O homem que se contenta em viver com uma companheira bela, útil e que não usa a mente perdeu em satisfações voluptuosas o gosto por deleites mais refinados; nunca sentiu a calma satisfação que refresca o coração sedento – como o sereno do céu – de ser amado por alguém que poderia entendê-lo. Na companhia de sua esposa, ele ainda está sozinho, a menos que o homem tenha submergido no animal. “O encanto da vida”, diz um grave pensador filosófico, é “a solidariedade; nada nos agrada mais do que observar em outros homens sentimentos semelhantes a todas as emoções do nosso próprio peito”<sup>[b]</sup>.

Mas, de acordo com o teor do pensamento segundo o qual as mulheres são alijadas da árvore do conhecimento, os anos importantes da juventude, a vantagem da idade e as esperanças racionais do porvir são todos sacrificados para tornar as mulheres objeto de desejo por um *breve* período. Além disso, como pôde Rousseau esperar que elas fossem virtuosas e constantes, quando não é permitido que a razão seja o fundamento de sua virtude nem a verdade o objeto de suas indagações?

Todos os erros do pensamento de Rousseau, porém, surgiram da sensibilidade, e as mulheres estão sempre prontas a perdoar a sensibilidade a seus encantos! Quando deveria ter raciocinado, ele tornou-se apaixonado, e a reflexão inflamou sua imaginação, em vez de iluminar seu entendimento. Até mesmo suas virtudes levaram-no a conclusões errôneas; tendo nascido com uma constituição calorosa e uma imaginação fértil, ele foi levado pela natureza até o outro sexo com uma inclinação tão ávida que logo se tornou lascivo. Se tivesse dado vida a esses desejos, o fogo teria se extinguido de maneira natural, mas a virtude e uma espécie romântica de delicadeza o fizeram praticar a abnegação; ainda assim, quando o medo, a delicadeza ou a virtude o restringiram, ele abusou de sua imaginação e, refletindo sobre as sensações às quais a fantasia deu força, ele as traçou com as cores mais resplandecentes e as afundou no mais profundo de sua alma.

Ele, então, buscou a solitude não para descansar como o homem natural nem para investigar com calma as causas das coisas sob a mesma sombra onde o sr. Isaac Newton entregou-se à contemplação, mas apenas para satisfazer seus sentimentos. E tão calorosamente pintou o que violentamente sentiu que, ao

interessar o coração e inflamar a imaginação de seus leitores na proporção da força da fantasia destes, fez com que eles imaginassem que seu entendimento estivesse formado, quando apenas sentiam afinidade pelo escritor poético que, com habilidade, exhibia aqueles objetos do sentido mais voluptuosamente escondidos ou graciosamente velados; e, assim, fazendo-nos sentir enquanto sonhamos que raciocinamos, conclusões errôneas são deixadas em nossa mente.

Por que a vida de Rousseau foi dividida entre êxtase e infelicidade? Não existe resposta melhor do que esta: a efervescência de sua imaginação produziu ambos; mas, tivesse sua fantasia sido arrefecida, é possível que ele adquirisse mais força mental. Contudo, se o propósito da vida é educar a parte intelectual do homem, tudo o que disse a esse respeito estava certo; porém, se a morte não levasse para um cenário de ação mais nobre, é provável que ele tivesse desfrutado de uma felicidade mais equilibrada na vida e sentido as calmas sensações do homem natural, em vez de preparar-se para outro estado da existência ao nutrir as paixões que agitam o homem civilizado.

Que ele descanse em paz! Não luto contra suas cinzas, mas contra suas opiniões. Luto somente contra a sensibilidade que o levou a degradar a mulher, fazendo-a escrava do amor.

Maldita vassalagem,  
Primeiro, idolatradas até que se apague o fogo do amor,  
Depois, escravas daqueles que antes as cortejavam.<sup>[c]</sup>

A perniciosa tendência desses livros, nos quais os escritores insidiosamente degradam o sexo, embora se prostrem diante de nossos encantos pessoais, não pode ser exposta com frequência nem severidade suficientes.

Situemo-nos acima desses preconceitos estreitos, meus caros contemporâneos! Se a sabedoria é desejável por si só, se, para que a virtude mereça esse nome, deva fundamentar-se no conhecimento, esforcemo-nos para fortalecer nossas mentes por meio da reflexão, até que nossa cabeça seja um equilíbrio para nosso coração; não limitemos todos nossos pensamentos às insignificantes ocorrências diárias nem nosso conhecimento à convivência com o coração de nossos amantes ou maridos; subordinemos a prática de qualquer obrigação à mais importante delas, que consiste em aperfeiçoar nossa mente e preparar nossas afeições para um estado mais elevado!

Acautelem-se, então, meus amigos, para que o coração não sofra, comovido

por qualquer incidente trivial; o junco é sacudido pela brisa e morre a cada ano, porém, o carvalho permanece firme e por muito tempo desafia a tormenta!

Se, de fato, fomos criados somente para ondear ao vento durante o período que nos corresponde e depois morrer, por que não nos deixarmos levar pela sensibilidade e rirmos da severidade da razão? Mas, ai! Mesmo assim, desejaríamos a força do corpo e da mente, e a vida se perderia em prazeres febris ou em tediosa languidez.

Contudo, o sistema de educação, que eu honestamente desejo ver ir pelos ares, parece pressupor como certo que a virtude nos protege das casualidades da vida e que a fortuna, tirando sua venda, sorrirá para uma mulher bem educada e colocará em sua mão um Emílio ou um Telêmaco<sup>[d]</sup>. Quando, pelo contrário, a recompensa que a virtude promete a seus seguidores confina-se, parece claro, em seu próprio interior; e frequentemente eles precisam enfrentar as mais incômodas preocupações mundanas e suportar os vícios e humores de relacionamentos pelos quais nem mesmo sentem amizade.

Há muitas mulheres no mundo que, em vez de ser sustentadas pela razão e virtude de pais e irmãos, fortaleceram a própria mente, lutando contra seus vícios e sua insensatez; mesmo assim, nunca encontraram um herói na figura de um marido que, pagando a dívida da humanidade para com elas, talvez pudesse levar a razão delas de volta ao estado natural de dependência e restituir ao homem a prerrogativa usurpada de reabilitação.

## *Seção II*

Os sermões do dr. Fordyce<sup>[e]</sup> há muito tempo ocupam um lugar na biblioteca de uma jovem mulher; mais ainda, permite-se que as meninas os leiam na escola. Embora seja preciso admitir que os sermões contêm muitas observações sensatas, eu deveria imediatamente afastá-los de minhas alunas se quisesse fortalecer seu entendimento, guiando-as a formar princípios sólidos sobre bases amplas, ou se estivesse apenas ansiosa em cultivar seu bom gosto.

O dr. Fordyce pode ter tido um objetivo muito louvável; contudo, esses discursos são escritos em um estilo tão afetado que, ainda que fosse só por isso e eu não tivesse nada a objetar contra seus conceitos *melifluos*, eu não deveria permitir que as meninas os lessem, a menos que tivesse em mente exterminar de sua constituição qualquer centelha de naturalidade, dissolvendo toda qualidade

humana em mansidão feminina e graça artificial. Digo artificial porque a verdadeira graça surge de algum tipo de independência da mente.

As crianças, despreocupadas em agradar e ansiosas apenas por divertir-se, são muito graciosas; e a nobreza, que tem vivido a maior parte do tempo com subalternos e sempre teve o controle do dinheiro, adquire uma facilidade de conduta que bem poderia ser chamada de garbo natural, e não aquela graça superior que é a verdadeira expressão da mente. Tal graça mental, que passa despercebida ao olhar vulgar, frequentemente se irradia de um semblante bruto e, ao iluminar cada traço, mostra simplicidade e independência da mente. É então que vemos a imortalidade nos olhos e vemos a alma em cada gesto, ainda que, quando em repouso, nem a face nem os membros possam ter beleza suficiente para merecer qualquer distinção; tampouco o comportamento tem qualquer coisa peculiar para atrair a atenção universal. A massa da humanidade, contudo, procura uma beleza mais *tangível*, mas a simplicidade é, em geral, admirada quando as pessoas não consideram o que elas admiram. E pode haver simplicidade sem sinceridade? Termino com comentários que, de certa maneira, são desconexos, embora naturalmente suscitados pelo assunto.

Em frases declamatórias, o dr. Fordyce estende a eloquência de Rousseau e, em uma linguagem ainda mais sentimental, detalha suas opiniões a respeito do caráter feminino e da conduta que a mulher deve assumir para fazer-se amada.

Que ele fale por si mesmo, pois assim faz a Natureza dirigir-se ao homem:

Olhe essas risonhas criaturas inocentes, a quem eu agraciei com os dons mais belos e recomendei à sua proteção; olhe-as com amor e respeito; trate-as com ternura e honradez. Elas são tímidas e querem ser defendidas. São frágeis; oh! Não tire vantagem de sua fragilidade! Deixe-se conquistar por seus medos e rubores. Nunca abuse de sua confiança. Será possível, porém, que algum de vocês seja tão bárbaro, tão perverso a ponto de abusar disso? Pode você encontrar em seu coração<sup>[5]</sup> capacidade de espoliar de seu tesouro essas criaturas tão gentis e confiantes ou fazer qualquer coisa para despi-las de seu manto original de virtude? Maldita seja a mão ímpia que se atreve a violar o corpo imaculado da Castidade! Canalha! Rufião! Contenha-se; nem se aventure a provocar a mais violenta vingança do Céu.

Sei que não se pode fazer nenhum comentário sério sobre essa curiosa passagem, e poder-se-iam acrescentar muitas outras parecidas; algumas tão sentimentais que tenho ouvido homens racionais usarem o termo “indecente” quando eles as mencionam, com indignação.

Vê-se, do princípio ao fim, mostras de sentimentos frios e artificiais e daquela ostentação de sensibilidade que meninos e meninas deveriam ser ensinados a

desprezar como marca segura de uma mente pequena e vã. Fazem-se apelos floreados ao Céu e às *belas inocentes*, que são as mais formosas imagens celestiais representadas aqui na Terra, enquanto se deixa para trás todo julgamento sensato. Essa não é a linguagem do coração nem nunca será, mesmo que o ouvido seja estimulado.

Talvez vocês me digam que o público tem estado satisfeito com essas obras. Realmente – e *Meditations* [Meditações], de Hervey<sup>[4]</sup>, ainda é lido, embora ele peque igualmente contra o bom senso e o bom gosto.

Sou particularmente contra as frases amorosas inflamadas de paixão que se espalham por toda parte. Se alguma vez fosse permitido às mulheres caminhar sem andadeiras, por que elas deveriam ser seduzidas para que sejam virtuosas por meio de lisonjas artificiais e cumprimentos sexuais? Falem com elas a linguagem da verdade e da sensatez e deixem de lado o tom de afeição condescendente das cantigas de ninar! Deixem que elas aprendam a se respeitar como criaturas racionais, e não que sejam levadas a se apaixonar por sua própria pessoa insípida. Irrita-me ouvir um pregador dissertar sobre roupa ou trabalhos de agulha e, ainda mais, ouvi-lo se referir às *belas inglesas, as mais belas dentre as belas*, como se elas só tivessem sentimentos.

Mesmo quando recomenda devoção, ele usa o seguinte argumento:

Nunca, talvez, uma bela mulher cause maior impressão do que quando, serena em pio recolhimento e investida das mais nobres considerações, assume, sem se dar conta, uma dignidade superior e novas graças; de tal modo que a beleza da santidade parece resplandecer ao redor dela, e os que estão ao seu lado são quase induzidos a imaginá-la já adorando entre os anjos, seus iguais.

Por que, então, são as mulheres criadas com um desejo de conquista? A própria palavra, usada nesse sentido, causa-me uma aflição doentia! Religião e virtude não oferecem razões mais fortes, recompensas mais atraentes? Devem elas sempre se rebaixar por terem sido feitas para atender ao sexo de seus companheiros? Devem elas ser ensinadas sempre a agradar? E quando apontam sua pequena artilharia para o coração do homem, é necessário dizer-lhes que um pouco de bom senso é suficiente para tornar sua atenção *incrivelmente suavizante*? “Assim como uma pequena dose de conhecimento entretém em uma mulher, do mesmo modo, vinda de uma mulher, embora por uma razão diferente, uma pequena expressão de delicadeza causa deleite, particularmente se ela for bela!” Eu teria imaginado que fosse pela mesma razão.

Por que se diz às meninas que elas parecem anjos ou que uma gentil e inocente fêmea é o objeto que mais se aproxima da ideia que formamos de anjos do que qualquer outro, senão para rebaixá-las como mulheres? Ao mesmo tempo, diz-se a elas que só se parecem com anjos quando são jovens e bonitas; conseqüentemente, sua pessoa, e não suas virtudes, recebe essa homenagem.

Palavras vazias e vãs! A que pode levar essa adulação enganosa, senão à vaidade e à insensatez? O amante, é verdade, tem licença poética para exaltar a dona de seu amor; seu mote é a ilusão de sua paixão, e ele não comete uma falsidade quando toma emprestada a linguagem da adoração. Sua imaginação pode elevar o ídolo de seu coração, sem culpa, acima da humanidade; e felizes seriam as mulheres se fossem lisonjeadas apenas pelos homens que as amam; quero dizer, que amam a pessoa, não o sexo; mas deve um pregador sério intercalar seus discursos com tais tolices?

Em sermões ou romances, contudo, a voluptuosidade é inerente ao texto. Os moralistas permitem aos homens cultivar, como manda a Natureza, diferentes qualidades e assumir os diversos aspectos que as mesmas paixões, modificadas quase ao infinito, dão a cada indivíduo. Um homem virtuoso pode ter uma constituição colérica ou otimista, ser alegre ou sério, sem ser reprovado; ser firme o mais que puder ou tão dócil que não tenha vontade ou opinião própria; mas todas as mulheres têm de ajustar-se, por meio da mansidão e da docilidade, a um mesmo caráter de doçura condescendente e de amável submissão.

Utilizarei as palavras do próprio pregador:

Deve-se observar que, para o seu sexo, os exercícios viris nunca são graciosos; que o tom, a postura, o ar e o porte masculinos que eles encerram são sempre proibidos; e que homens de sensibilidade desejam em toda mulher feições suaves, voz melodiosa, formas não robustas e um comportamento delicado e gentil.

Não é o retrato que se segue o de uma escrava doméstica?

Fico atônito com a insensatez de muitas mulheres, que ainda reprovam o marido por deixá-las sozinhas, por preferir esta ou aquela companhia à sua, por tratá-las com alguma mostra de desdém ou indiferença; quando, para falar a verdade, elas têm em si mesmas uma grande parcela de culpa. Não que eu queira defender os homens que agem de forma errônea. Mas, se vocês tivessem se comportado com mais *respeitosa atenção e ternura constante, estudando seu humor, ignorando seus erros, submetendo-se às suas opiniões* em assuntos sem importância, sem levar em conta pequenas manifestações de aspereza, capricho ou paixão, dando respostas *suaves* a palavras impacientes, reclamando o menos possível e assumindo como cuidado diário o alívio de sua ansiedade e a antecipação de seus desejos, animando as

horas de tédio e evocando ideias de felicidade; se tivessem seguido essa conduta, não duvido que teriam mantido, e até mesmo aumentado, a estima deles, até o ponto de assegurarem o grau de influência necessário para conduzir à virtude deles ou à sua satisfação mútua; e seu lar poderia, então, ter sido o santuário da perfeita felicidade doméstica.

Uma mulher assim tem de ser um anjo – ou um asno –, porque não distingo qualquer traço de caráter humano, de razão ou de paixão nessa serva doméstica, cujo ser é sugado pelo ser do tirano.

O dr. Fordyce deve conhecer muito pouco o coração humano se realmente supõe que tal conduta traria de volta o amor errante, em vez de suscitar seu desprezo. Não, a beleza, a gentileza etc. etc. podem conquistar um coração; mas a estima, o único afeto duradouro, só pode ser obtida pela virtude baseada na razão. É o respeito pelo entendimento que mantém viva a ternura pela pessoa.

Como esses livros são postos com frequência nas mãos das jovens, dei mais atenção a eles do que estritamente merecem. Mas, ao contribuírem para viciar o gosto e debilitar o entendimento de muitas de minhas semelhantes, não poderia me calar.

### *Seção III*

[*A Father's*] *Legacy to his Daughters*, do dr. Gregory, é uma obra tão permeada de solicitude paternal que me disponho a criticá-la com afetuoso respeito; mas, como esse pequeno volume tem muitos atrativos para recomendá-lo à porção mais respeitável de meu sexo, não posso manter o silêncio sobre certos argumentos que tão ilusoriamente sustentam opiniões que, a meu ver, tiveram o efeito mais funesto sobre a moral e as maneiras do mundo feminino.

Seu estilo leve e intimista é particularmente adequado para o teor de seu conselho, e a melancólica ternura suscitada pelo respeito à memória de uma esposa amada percorre toda a obra, tornando-a muito interessante; contudo, um quê de elegância concisa é evidente em diversas passagens, o que perturba essa empatia; e nos defrontamos com o autor, quando esperávamos encontrar somente o – pai.

Além disso, tendo dois objetivos em vista, ele raramente adere com firmeza a um deles; pois, desejando tornar suas filhas dóceis e temendo que a infelicidade fosse apenas a consequência de incutir sentimentos que poderiam desviá-las do curso normal da vida, sem possibilitar-lhes agir com independência e dignidade

consonantes, ele investiga o fluxo natural de seus próprios pensamentos e não aconselha uma coisa nem outra.

No prefácio, ele lhes diz uma triste verdade: “Que elas ouvirão, pelo menos uma vez na vida, os sentimentos genuínos de um homem que não tem nenhum interesse em enganá-las”.

Mulher desventurada! O que pode ser esperado de ti quando os seres de quem, dizem, tu és dependente por natureza para obter razão e apoio estão interessados em enganar-te! Essa é a fonte do mal que tem espalhado um bolor que corrói todas as tuas virtudes; e, arruinando na raiz o desabrochar de tuas faculdades, fez de ti a coisa fraca que tu és! É esse interesse dividido – esse insidioso estado de guerra – que mina a moralidade e desune a humanidade!

Se o amor tem feito algumas mulheres infelizes, quantas mais as relações de galanterias frias e sem significado tornaram fúteis e inúteis! Contudo, tal atenção desapiedada para com o sexo é considerada tão masculina, tão polida, que até que a sociedade se organize de maneira muito diferente, temo que esse resquício de atitudes góticas não dê lugar a um modo de conduta mais razoável e afetuoso. Além disso, para despi-lo de sua dignidade imaginária, devo observar que nos Estados europeus menos civilizados esse louvor fingido prevalece, acompanhado da mais extrema dissolução da moral. Em Portugal, país a que me refiro em particular, ele dá o exemplo das mais sérias obrigações morais! Porque raramente um homem é assassinado quando se encontra na companhia de uma mulher. A cruel mão da rapina se enfraquece por esse espírito cavalheiresco; e, se o golpe da vingança não pode ser detido, suplica-se à dama que perdoe a rudeza e se vá em paz, embora respingada, talvez, do sangue de seu marido ou irmão.

Ignorarei suas críticas à religião, porque pretendo tratar do assunto em um capítulo separado.

Desaprovo completamente os comentários relativos ao comportamento, ainda que muitos deles sejam bastante sensatos, porque me parecem começar, por assim dizer, pelo lado errado. Um entendimento cultivado e um coração afetuoso nunca desejam regras rígidas de decoro – o resultado será algo bem mais substancial do que a decência; e sem entendimento, a conduta aqui recomendada seria classificada como afetação. Decoros, de fato, é a única coisa necessária! Suplanta a natureza e afugenta toda a simplicidade e variabilidade de caráter do mundo feminino. Mas que bons resultados pode ter todo esse aconselhamento superficial? É, no entanto, muito mais fácil assinalar este ou

aquele modo de conduta do que colocar a razão para trabalhar; mas, quando a mente foi abastecida com um conhecimento útil e fortalecida por seu uso, a regra da conduta pode seguramente ser deixada por sua conta.

Por que, por exemplo, a advertência a seguir deveria ser dada, quando artimanhas de todo tipo contaminam a mente; e por que embaralham os grandes motivos de ação, que a razão e a religião igualmente se associam para impor, com piedosos estratagemas mundanos e truques de prestidigitação para ganhar o aplauso de tolos boquiabertos e insípidos?

Sejam sempre prudentes ao demonstrar seu bom senso<sup>[6]</sup>. Não deixem que se pense que estão assumindo certa superioridade sobre os demais. Mas se, por acaso, tiverem algum conhecimento, guardem-no como um segredo profundo, especialmente dos homens, que em geral veem com um olhar ciumento e maléfico uma mulher de grande talento e inteligência desenvolvida.

Se os homens de autêntico mérito, como ele observa adiante, são superiores a essa mesquinhez, onde está a necessidade de que a conduta de todo o sexo seja moldada para agradar aos tolos ou aos homens que, tendo pouco a reclamar em relação ao respeito como indivíduos, preferem conservar-se fechados em suas falanges. De fato, os homens que insistem em sua superioridade comum, tendo somente a superioridade sexual, são certamente muito desculpáveis.

Não haveria fim para as regras de conduta, se fosse sempre apropriado afinar-se pela companhia; porque assim, ao variar continuamente o tom, um *bemol* passaria por uma nota *natural*.

Certamente teria sido mais sábio aconselhar as mulheres a se aperfeiçoar, até que se elevassem acima das fumaças da vaidade e, então, deixar que a opinião pública se modificasse – pois até onde irão as regras da adaptação? O estreito caminho da verdade e da virtude não se inclina à direita nem à esquerda; é uma linha reta, e os que seguem com seriedade sua estrada poderão superar muitos preconceitos em relação ao decoro, sem deixar a decência para trás. Limpem o coração e usem a cabeça, e eu me aventurarei a predizer que nenhuma conduta será ofensiva.

Os ares da moda, que muitas jovens estão tão ávidas a seguir, sempre me parecem como as estudadas atitudes de certos quadros modernos, copiados dos antigos com servilismo de mau gosto; a alma é excluída, e nenhuma das partes se une por aquilo que se poderia chamar, com propriedade, de caráter. Esse verniz da moda, que raramente se ajusta ao bom senso, pode deslumbrar os fracos; mas

deixemos a natureza por si só, e dificilmente desgostará os inteligentes. Além disso, quando uma mulher tem juízo suficiente para não fingir o que não entende, não há necessidade de decidir esconder seus talentos. Deixemos que as coisas tomem seu curso natural, e tudo irá bem.

Eu desprezo essa dissimulação sistemática que o livro contém. As mulheres sempre *parecem* ser isto e aquilo – ainda que a virtude possa apostrofá-las, nas palavras de Hamlet – parece! Não quero saber o que parece! Existe algo interior que vai além das aparências!<sup>[g]</sup>

Ainda assim, segue com o mesmo tom; em outra passagem, depois de recomendar delicadeza, sem defini-la com suficiente clareza, acrescenta:

Os homens se queixarão de sua reserva. Assegurarão a vocês que uma conduta mais franca poderia fazê-las mais amáveis. Mas, creiam-me, não são sinceros quando o dizem. Sei que em algumas ocasiões poderia torná-las mais agradáveis como companhia, mas as faria menos amáveis como mulheres: uma distinção importante, da qual muitas de seu sexo não se dão conta.<sup>[h]</sup>

Esse desejo de ser sempre mulher é a mesma consciência que degrada o sexo. Devo repetir com ênfase uma observação que já fiz: exceto com um amante, ficaria bem se elas fossem apenas companhias agradáveis ou racionais. Mas a esse respeito seu conselho nem sequer é coerente com um trecho que quero citar com total aprovação.

“O sentimento de que uma mulher pode permitir-se todas as liberdades inocentes, contanto que sua virtude seja assegurada, é tão grosseiramente indelicado quanto perigoso e tem-se mostrado fatal para muitas de seu sexo.” Minha opinião coincide perfeitamente com a dele. Um homem ou uma mulher com algum sentimento deve sempre desejar convencer o objeto amado de que o carinho ao indivíduo, não ao sexo, é aquele recebido e devolvido com prazer; e que o coração, mais do que os sentidos, se comove. Sem essa delicadeza natural, o amor se torna uma gratificação pessoal egoísta, que logo degrada o caráter.

Levo esse sentimento ainda mais longe. Quando o amor é ponto pacífico, o afeto autoriza muitas carícias pessoais, que fluem naturalmente de um coração inocente e dão vida ao comportamento; mas a troca pessoal de desejos, galanteios e vaidades é desprezível. Quando um homem, ao conduzir à carruagem uma bonita mulher que nunca viu antes, aperta-lhe a mão, ela tomará como um insulto tal liberdade impertinente, caso seja realmente recatada e não se sinta lisonjeada com essa insignificante homenagem a sua beleza. Essas são as

prerrogativas da amizade, ou a homenagem momentânea que o coração presta à virtude, quando se mostra de improviso – os meros instintos animais não têm nenhum direito às gentilezas do afeto!

Desejando alimentar os afetos com aquilo que agora é o alimento da vaidade, contentar-me-ia em persuadir meu sexo a agir de acordo com os princípios mais simples. Que sejam dignas do amor e o obterão, ainda que nunca se lhes diga que: “O poder de uma bela mulher sobre o coração dos homens, dos homens de maiores atributos, vai além do que ela imagina”.

Já percebi a estreiteza das advertências a respeito da duplicidade, da suavidade feminina e da delicadeza de constituição, pois estas são as inovações que ele apregoa sem cessar – de um modo mais decoroso, é verdade, do que Rousseau; mas tudo leva à mesma conclusão, e qualquer um que encontre dificuldades para analisar tais sentimentos descobrirá que os primeiros princípios não são assim tão delicados quanto a superestrutura.

O tema dos divertimentos é abordado de um modo superficial demais, mas com o mesmo espírito.

Quando eu tratar da amizade, do amor e do casamento, comprovar-se-á que somos de opiniões substancialmente diferentes; por isso, não adiantarei o que tenho observado sobre esses assuntos importantes, mas limitarei meus comentários a seu teor geral, à cautelosa prudência familiar, às considerações de afeto parcial e mesquinho, que, no vão desejo de evitar a dor e o erro, impedem o prazer e o progresso – e nessa defesa do coração e da mente, destroem também toda sua energia. É melhor ser enganada amiúde do que nunca confiar; ter um desapontamento amoroso do que nunca amar; perder o afeto do marido do que ser privada de sua estima.

Que felicidade para o mundo inteiro e, claro, para os indivíduos, se toda essa inútil solicitude para obter a felicidade material em um âmbito restrito se tornasse um desejo ávido de aperfeiçoar o entendimento. “A sabedoria é o principal: *portanto*, conquistai a sabedoria e, com tudo que ela acarreta, conquistai o entendimento.” “Até quando vós, os mais simples, amareis a simplicidade e odiareis o conhecimento?”<sup>[1]</sup>, disse a Sabedoria às filhas dos homens!

#### *Seção IV*

Não pretendo fazer alusão a todos os escritores que trataram do tema referente aos modos femininos – isso significaria bater na mesma tecla, porque, em geral, todos escreveram no mesmo tom. Mas, ao combater a tão alardeada prerrogativa masculina – a prerrogativa que pode ser chamada enfaticamente de férreo cetro da tirania, o pecado original dos tiranos –, eu me declaro contra todo poder construído sobre preconceitos, por mais antigos que sejam.

Se a submissão precisa ser fundamentada na justiça, não há apelo a um poder mais elevado, porque Deus é a própria Justiça. Vamos, então, como filhas do mesmo pai, se não nos couber a condição de bastardas por sermos aquelas nascidas mais tarde, raciocinar juntas e aprender a nos submeter à autoridade da razão, quando sua voz for claramente ouvida. Mas, se fosse provado que esse trono de prerrogativa repousa apenas sobre uma massa caótica de preconceitos, sem nenhum princípio de ordem intrínseca que os conserve, ou sobre um elefante, uma tartaruga ou mesmo os poderosos ombros de um filho da terra, eles poderão ser contornados, sem que haja nenhuma quebra do dever, sem que haja nenhum pecado contra a ordem das coisas, por aqueles que ousarem enfrentar as consequências.

Enquanto a razão alça o homem acima da multidão brutal e a morte é plena de promessas, só estão sujeitos à autoridade cega aqueles que não têm confiança em suas próprias forças. “São livres os que querem ser livres!”<sup>[7]</sup>

O ser que pode governar a si próprio não tem nada a temer na vida; mas se houver algo mais caro do que seu próprio respeito, o preço deve ser pago até o último centavo. A virtude, como qualquer coisa de valor, deve ser amada pelo que é; ou não encontrará morada entre nós. Não transmitirá a paz “que excede o conhecimento”, quando for meramente o sustentáculo da reputação ou respeitada com exatidão farisaica porque “a honestidade é a melhor política”.

Não se pode negar que o plano de vida que nos permite levar certo conhecimento e virtude ao outro mundo é aquele mais bem calculado para assegurar a satisfação neste aqui; não obstante, muito poucos agem de acordo com esse princípio, embora seja aceito universalmente como indiscutível. O prazer e o poder momentâneos levam com eles essas sérias convicções, e o homem negocia a felicidade de um dia, não de uma vida. Quão poucos – realmente quão poucos! – têm suficiente prudência ou resolução para suportar um pequeno mal presente que evite um maior no futuro.

A mulher, em particular, cuja virtude<sup>[8]</sup> se baseia em preconceitos mutáveis,

raramente alcança essa grandeza da mente; assim, tornando-se escrava de seus próprios sentimentos, é subjugada com facilidade pelos dos outros. Degradada dessa maneira, emprega sua razão, sua confusa razão, para lustrar suas correntes, em vez de rompê-las.

Com indignação, tenho ouvido mulheres argumentarem segundo a mesma lógica dos homens e adotarem os sentimentos que as embrutecem, com toda a pertinácia da ignorância.

Devo ilustrar minha afirmação com alguns exemplos. A sra. Piozzi<sup>[j]</sup>, que frequentemente repetia de memória o que não entendia, apresenta-se com frases johnsonianas.

“Não busque a felicidade na singularidade; e tema o refinamento da sabedoria como um desvio que leva à loucura.” Assim ela dogmaticamente se dirige a um homem recém-casado e, para elucidar esse pomposo exórdio, acrescenta:

Eu disse que a figura de sua senhora poderia não lhe parecer mais tão prazenteira, mas rogue para que ela nunca suspeite disso: é bem sabido que uma mulher perdoará uma afronta ao seu intelecto muito antes do que à sua pessoa; e nenhuma de nós contradirá a afirmação. Todos os nossos dotes, todas as nossas artes são aplicados para ganhar e conservar o coração do homem; e que mortificação pode ser maior do que o desgosto de não obter tal fim? Não há reprovação, por mais acre, nem castigo, por mais severo, que uma mulher de espírito preferirá à indiferença; e se ela puder suportá-la sem se queixar, provará somente que pretende compensar-se do desdém de seu marido com a atenção de outros!

Esses são sentimentos verdadeiramente masculinos. “Todas as nossas *artes* são aplicadas para ganhar e conservar o coração do homem” – e o que se infere daí? Se a sua pessoa – e já existiu uma pessoa, ainda que formada com simetria mediciana<sup>[k]</sup>, que não foi menosprezada? – for negligenciada, ela buscará compensar-se, esforçando-se para agradar outros homens. Nobre moralidade! Mas assim se insulta o entendimento de todo o sexo e se priva a sua virtude da base comum da virtude. Uma mulher deve saber que sua pessoa não pode ser tão agradável ao marido quanto foi ao amante e, caso fique ofendida por ser uma criatura humana, ela pode tanto lamentar-se da perda do coração dele quanto de outra tolice qualquer. E essa falta de discernimento ou ira descabida prova que ele não poderia transformar sua inclinação pela pessoa dela em um afeto por suas virtudes ou respeito por seu intelecto.

Enquanto as mulheres admitirem e agirem de acordo com tais opiniões, seus entendimentos, pelo menos, merecerão o desprezo e a maledicência que os

homens, *que nunca* insultam suas pessoas, têm dispensado de forma aguda à mente feminina. E são os sentimentos desses homens educados, que não desejam ver-se estorvados com a mente, que as mulheres fúteis adotam de modo imprudente. Apesar disso, deveriam saber que apenas a razão insultada pode espalhar essa *sagrada* reserva em torno da pessoa que reverencia os afetos humanos, porque estes são sempre feitos de algum amálgama tão permanente quanto consistente com o grande fim da existência – a obtenção da virtude.

A baronesa de Staël<sup>[1]</sup> fala a mesma linguagem da senhora que acabo de citar, mas com um entusiasmo maior. Seu louvor a Rousseau caiu por acaso em minhas mãos, e seus sentimentos, os mesmos de muitas de meu sexo, podem servir como base para alguns comentários. Ela observa:

Ainda que Rousseau tenha se esforçado para evitar que as mulheres interviessem nos assuntos públicos e tivessem um papel importante no cenário da política, ao falar delas, muito contribuiu para sua satisfação! Se ele queria privá-las de alguns direitos estranhos ao sexo delas, como lhes restituiu para sempre aqueles a que têm direito! E na tentativa de diminuir a influência delas sobre as deliberações dos homens, quão sagradamente estabeleceu seu domínio sobre a felicidade deles! Ajudando-as a descender de um trono usurpado, assentou-as com firmeza naquele que a natureza lhes destinou; e ainda que ele esteja cheio de indignação contra elas quando se esforçam para assemelhar-se aos homens, quando elas se lhes apresentam com todo *encanto, fragilidade, virtudes e erros* do seu sexo, seu respeito por suas *pessoas* chega quase à adoração.

Verdade! Porque nunca houve um sensualista que prestasse tributo mais fervoroso ao santuário da beleza. Tão devoto, de fato, era seu respeito pela pessoa que, à exceção da virtude da castidade, por razões óbvias, desejava só vê-la embelezada por encantos, fragilidades e erros. Ele temia que a austeridade da razão pudesse perturbar a suave jocosidade do amor. O mestre desejava ter uma escrava meretriz para afagar, inteiramente dependente de sua razão e liberalidade; ele não queria uma companheira a quem fosse compelido a estimar ou uma amiga a quem pudesse confiar o cuidado da educação de seus filhos, se a morte os privasse de seu pai, antes que tivesse cumprido sua tarefa sagrada. Ele nega a razão à mulher, excluindo-a do conhecimento e desviando-a da verdade; contudo, é perdoado, porque “admite a paixão do amor”. Seria necessária certa engenhosidade para mostrar por que as mulheres deveriam ter uma obrigação para com ele, por assim admitir o amor; quando é claro que ele o faz somente para a distração dos homens e para perpetuar a espécie; mas ele falava com paixão, e essa magia poderosa surtiu efeito sobre a sensibilidade de uma jovem

aduladora. “O que isso significa”, prossegue a rapsodista, “para as mulheres é que a razão dele disputa com elas a supremacia, quando seu coração é devotadamente delas”. Devem lutar não pela supremacia, mas pela igualdade. Todavia, se elas apenas desejassem prolongar sua influência, não deveriam confiar inteiramente em suas pessoas, pois, ainda que a beleza possa ganhar um coração, não pode conservá-lo, ainda que esteja em sua plenitude, a não ser que a mente lhe empreste, pelo menos, algumas graças.

Estou persuadida de que, quando as mulheres forem suficientemente instruídas para descobrir seu real interesse, elas estarão, em grande escala, verdadeiramente prontas para renunciar a todas as prerrogativas do amor, que não são mútuas, considerando-as como prerrogativas duradouras para a serena satisfação da amizade e a terna confiança da estima habitual. Antes do casamento, elas não assumirão ares insolentes nem, depois, uma submissão abjeta; mas, esforçando-se para agir como criaturas razoáveis em ambas as situações, não serão derrubadas de um trono para um tamborete.

A sra. Genlis<sup>[m]</sup> escreveu vários livros de entretenimento para crianças; e suas *Letters on Education* [Cartas sobre a educação] proporcionam muitas sugestões úteis, das quais pais sensatos certamente se beneficiarão; porém, suas perspectivas são limitadas e seus preconceitos são tão fortes quanto despropositados.

Desconsiderarei seu veemente argumento a favor da eternidade das punições futuras, pois me ruborizo ao pensar que um ser humano discuta com ênfase tal problema e somente teça alguns comentários sobre sua absurda maneira de fazer a autoridade parental suplantar a razão. Porque o tempo todo ela incute não só uma submissão *cega* aos pais, mas também à opinião do mundo<sup>[9]</sup>.

Ela conta a história de um rapaz comprometido com uma jovem de boa posição, segundo o desejo expresso de seu pai. Antes de ser realizado o casamento, ela é privada de sua fortuna e atirada ao mundo sem amigos. O pai pratica as artes mais infames para separá-la de seu filho; quando este se dá conta da vilania e, seguindo os ditames da honra, desposa a jovem, ocorrem apenas calamidades, porque casou-se sem o consentimento do pai. Em que base repousa a religião ou a moralidade quando a justiça é assim desafiada? Com o mesmo intento, ela representa uma jovem perfeita, pronta a desposar quem quer que sua mãe recomendasse; na realidade, ela casa-se com o jovem de sua própria escolha, sem quaisquer emoções de paixão, porque uma moça bem-educada não tem tempo para enamorar-se. É possível ter tanto respeito por um sistema de

educação que insulta a razão e a natureza?

Muitas opiniões similares ocorrem em seus escritos, misturadas com sentimentos que fazem jus a sua cabeça e seu coração. Há tanta superstição mesclada com religião e tanta sabedoria mundana misturada com moralidade que eu não deixaria uma jovem ler suas obras, a não ser que pudesse conversar depois sobre os temas e apontar as contradições.

As cartas da sra. Chapone<sup>[n]</sup> estão escritas com tanto bom senso e humildade sem afetação, e contêm tantas observações úteis, que eu as menciono apenas para prestar a essa escritora merecedora um tributo de respeito. Não posso, é verdade, concordar sempre com a opinião dela, mas sempre a respeito.

A palavra “respeito” traz a sra. Macaulay<sup>[o]</sup> a minha lembrança. Sem dúvida, uma das mais talentosas mulheres que este país já apresentou; e, no entanto, morreu sem que se prestasse o devido respeito a sua memória.

A posteridade, contudo, será mais justa e lembrará que Catharine Macaulay foi um exemplo de qualidades intelectuais que se supunham incompatíveis com a fragilidade de seu sexo. Realmente, em seu modo de escrever, não transparece o sexo, porque é forte e claro, assim como o bom senso que transmite.

Não chamarei de masculino seu entendimento, porque não admito uma definição tão arrogante da razão, mas sustento a ideia de que era firme e de que seu julgamento, o fruto maduro de uma reflexão profunda, foi uma prova de que uma mulher pode adquirir discernimento, no sentido pleno da palavra. Possuindo mais agilidade de raciocínio do que sabedoria, mais entendimento do que imaginação, ela escreve com sóbria energia e exatidão de argumentos; não obstante, a solidariedade e a benevolência dão certo interesse a seus sentimentos e calor vital a seus argumentos, o que força o leitor a levá-los em conta<sup>[10]</sup>.

Quando pensei pela primeira vez em escrever estas páginas críticas, contei antecipadamente com a aprovação da sra. Macaulay, com um pouco daquele ardor otimista que tem sido a tarefa de minha vida reprimir; mas logo depois soube, com a náusea enfermiza da esperança frustrada e a imóvel seriedade do pesar, que ela não estava mais entre nós!

## *Seção V*

Tendo uma visão das diferentes obras que foram escritas sobre educação, não se pode deixar de mencionar *Letters* [Cartas], de lorde Chesterfield. Não

pretendo analisar seu sistema covarde e imoral nem mesmo selecionar quaisquer comentários úteis e perspicazes que aparecem em suas epístolas. Não, desejo apenas fazer algumas considerações sobre sua tendência manifestada, a arte de adquirir um conhecimento prematuro do mundo. Arte essa, aventuro-me a afirmar, que, como a larva no broto, atrapalha secretamente o desenvolvimento e transforma em veneno a seiva generosa que deveria avolumar-se na estrutura vigorosa da juventude, inspirando afetos cálidos e grandes propósitos<sup>[11]</sup>.

Para tudo, disse o sábio, há um tempo; e quem procuraria os frutos do outono durante os meses amenos da primavera? Mas isso é mero discurso, e eu pretendo argumentar contra esses doutos conhecedores do mundo, que, em vez de cultivar o julgamento, incutem preconceitos e endurecem o coração que a experiência gradual teria apenas tornado frio. Uma aproximação precoce com as fraquezas humanas – ou o que se denomina de conhecimento do mundo – é o caminho mais seguro, em minha opinião, para contrair o coração e reprimir o ardor natural da juventude, que produz não apenas grandes talentos, mas também grandes virtudes. Porque a vã tentativa de dar à luz os frutos da experiência antes que o broto tenha posto para fora suas folhas apenas exaure a força deles, impedindo-os de assumir a forma natural; do mesmo modo que a estrutura e a força dos metais sedimentados são danificadas quando a atração da liga sofre um desarranjo. Dizei-me vós, que tendes estudado a mente humana, não é uma maneira estranha de fixar princípios mostrar aos jovens que eles raramente são estáveis? E como podem eles se fortalecer por meio de hábitos, quando o exemplo prova ser uma falácia? Por que o ardor da juventude é assim reprimido e a exuberância da fantasia atingida em seu âmago? Essa advertência áspera pode, é verdade, resguardar o caráter das desgraças do mundo, mas infalivelmente impedirá a excelência tanto da virtude quanto do conhecimento<sup>[12]</sup>. O obstáculo que a suspeita lança em todo caminho impedirá qualquer exercício vigoroso do gênio ou da benevolência, e a vida será despojada de seu encanto mais sedutor muito antes de seu calmo entardecer, quando o homem deveria recolher-se à contemplação em busca de bem-estar e amparo.

Um jovem que tenha sido criado com amigos da casa e levado a abastecer sua mente com o conhecimento especulativo obtido por meio da leitura, bem como com as reflexões naturais que as ebulições juvenis dos instintos naturais e os sentimentos instintivos inspiram, adentrará o mundo com expectativas cálidas e errôneas. Mas esse parece ser o curso da natureza; e na moral, assim como em

matéria de gosto, deveríamos estar atentos a suas indicações sagradas, e não pretender guiar, quando deveríamos seguir obsequiosamente.

No mundo são poucos os que agem de acordo com princípios; sentimentos presentes e hábitos anteriores são as molas que impulsionam; mas como os primeiros seriam abafados e os últimos se transformariam em grilhões de ferro corroído se o mundo fosse mostrado aos jovens tal como ele é, quando nenhum conhecimento da humanidade ou de seu próprio coração, obtido pouco a pouco por meio da experiência, os tivesse tornado complacentes? Seus companheiros não seriam então vistos como seres frágeis; como eles, condenados a lutar com as fraquezas humanas, às vezes mostrando o lado luminoso, às vezes, o lado obscuro de seu caráter; exortando sentimentos de amor e de desgosto alternadamente, mas sempre de guarda como aves de rapina, até que cada sentimento social em um sentido mais amplo – em uma palavra, a humanidade – fosse erradicado.

Na vida, ao contrário, à medida que descobrimos de forma gradual as imperfeições de nossa natureza, também encontramos as virtudes, e várias circunstâncias nos unem a nossos semelhantes quando nos relacionamos com eles e observamos os mesmos objetos, o que nunca se pensa quando se adquire um conhecimento apressado e inatural do mundo. Em graus quase imperceptíveis, vemos uma insensatez tomar a dimensão de um vício e sentimos piedade quando censuramos; mas se o monstro repugnante irrompe a nossa frente, o medo e o desgosto, tornando-nos mais severos do que deveríamos ser, podem levar-nos com zelo cego a usurpar a figura da onipotência e a condenar nossos semelhantes mortais, esquecendo que não podemos ler o coração e que temos as sementes dos mesmos vícios ocultas em nosso peito.

Já assinalei que esperamos mais da instrução do que ela pode produzir; porque, em vez de preparar os jovens para enfrentar os males da vida com dignidade e adquirir sabedoria e virtude por meio do exercício de suas próprias faculdades, preceitos são amontoados sobre preceitos e a obediência cega é exigida, quando a convicção deveria ser semeada pela razão.

Suponha, por exemplo, que uma jovem, no primeiro ardor da amizade, endeuse o objeto amado: que dano pode advir desse apego equivocado e entusiástico? Talvez seja necessário que a virtude apareça primeiro sob uma forma humana para causar impressão nos corações jovens; o modelo ideal, que uma mente mais madura e elevada olha com respeito e toma como referência, escaparia da vista deles. “Como pode amar a Deus aquele que não ama a seu

irmão que está próximo da vista?”, perguntou o mais sábio dos homens.

É natural que a juventude adorne o primeiro objeto de seu afeto com todas as melhores qualidades, e a emulação produzida pela ignorância, ou, para falar com mais propriedade, pela inexperiência, faz progredir a mente capaz de sentir um afeto tal, e quando, com o passar do tempo, conclui-se que a perfeição não pode ser alcançada entre os mortais, pensa-se abstratamente que a virtude é bela e a sabedoria, sublime. A admiração dá lugar, então, à amizade propriamente dita, porque se baseia na estima; e o ser caminha sozinho, dependendo apenas do Céu para obter o êmulo almejado pela perfeição que sempre resplandece em uma mente nobre. Mas esse conhecimento um homem deve conquistar pelo exercício de suas próprias faculdades; e isto é seguramente o fruto bendito da esperança frustrada! Porque Aquele que se deleita em difundir a felicidade e demonstrar misericórdia para com as fracas criaturas que estão aprendendo a conhecê-lo jamais implantou uma propensão ao bem para se tornar um *ignis fatuus*<sup>[p]</sup>

Permitamos que nossas árvores se espalhem com exuberância selvagem e não esperemos combinar pela força as marcas majestosas do tempo com as graças da juventude, mas aguardemos pacientemente até que elas criem raízes profundas e tenham enfrentado muitas tormentas. Deve a mente, então, ser tratada com menos respeito, já que, em proporção a sua dignidade, caminha mais vagarosamente ao encontro da perfeição? Raciocinando por analogia, tudo o que nos rodeia está em um estado progressivo; e quando um conhecimento indesejado da vida produz quase uma saciedade dela, e descobrimos pelo curso natural das coisas que tudo que existe no mundo é vaidade, nós nos aproximamos da terrível conclusão do drama. Os dias de atividade e esperança se acabaram, e as oportunidades que o primeiro estágio da existência proporcionou para avançar na escala da inteligência devem logo ser recapituladas. Nesse período, ou antes, um conhecimento da futilidade da vida, se obtido pela experiência, é muito útil, porque é natural; mas, quando as loucuras e os vícios do homem são mostrados a um ser frágil, de tal modo que ele possa ser ensinado prudentemente a precaver-se das contingências comuns da vida, sacrificando seu coração, sem dúvida, não é dissonante chamar isso de sabedoria deste mundo, contrastada com o fruto mais nobre da piedade e da experiência.

Ousarei um paradoxo e darei minha opinião sem reservas; se os homens tivessem nascido apenas para completar o ciclo da vida e da morte, seria sábio dar todos os passos que a prudência pudesse sugerir para tornar a vida feliz. A

suprema sabedoria consistiria em moderar-se em todo propósito; e o voluptuoso prudente desfrutaria de certa dose de satisfação, ainda que não cultivasse seu intelecto nem conservasse puro seu coração. A prudência, supondo que fôssemos mortais, seria a verdadeira sabedoria, ou, para ser mais explícita, obteria o máximo de felicidade, considerando a vida em seu todo; porém, o conhecimento além das conveniências da vida seria uma maldição.

Por que devemos prejudicar nossa saúde com o estudo intenso? O prazer refinado que as atividades intelectuais proporcionam dificilmente equivale às horas de langor que se seguem; em especial, se for necessário levar em conta as dúvidas e os desapontamentos que ofuscam nossas indagações. A vaidade e o aborrecimento obstruem toda indagação, pois a causa que particularmente desejamos descobrir desaparece como o horizonte ante nós à medida que avançamos. Os ignorantes, ao contrário, assemelham-se às crianças e supõem que, se pudessem caminhar em linha reta, finalmente chegariam ao lugar onde a terra e as nuvens se encontram. Não obstante, ainda que estejamos decepcionados com nossas investigações, a mente se fortalece mediante exercício suficiente, talvez, para compreender as respostas que, em outra fase da existência, podem receber as ansiosas perguntas formuladas quando o entendimento batia as asas débeis em volta dos efeitos visíveis, a fim de penetrar na causa oculta.

As paixões, os ventos da vida, também seriam inúteis, se não prejudiciais, caso a substância que compõe nosso ser pensante, depois de termos refletido em vão, se transformasse apenas no sustento da vida vegetal, revigorando um repolho ou enrubescendo uma rosa. Os apetites responderiam a toda proposta terrena e proporcionariam uma felicidade mais moderada e permanente. Mas os poderes da alma, que são de pouco uso aqui e provavelmente atrapalham nossos prazeres animais, mesmo quando a dignidade consciente faz com que nos vangloriemos de possuí-los, provam que a vida é meramente uma educação, um estado infantil ao qual não deveriam ser sacrificadas as únicas esperanças dignas de se nutrir. Por essa razão, o que pretendo inferir é que precisamos ter uma ideia exata do que desejamos obter por meio da educação, porque a imortalidade da alma é contradita pelas ações de muitas pessoas que professam firmemente sua crença.

Se você pretende, em primeira análise, garantir tranquilidade e prosperidade na terra e não se preocupar com o futuro, age prudentemente ao dar logo a seu filho um discernimento sobre as fraquezas da natureza dele. Pode ser, é verdade,

que você não esteja fazendo dele um Inkle<sup>[9]</sup>, mas não imagine que quem foi imbuído desde cedo de uma opinião medíocre sobre a natureza humana irá muito além do que a lei determina; nem pensará ser necessário sobressair-se ao padrão comum. Ele pode evitar os vícios grosseiros, já que a honestidade é a melhor política; no entanto, nunca almejará as grandes virtudes. O exemplo de escritores e artistas ilustrará este comentário.

Arrisco-me, portanto, a duvidar se o que foi pensado como um axioma da moral pode não ter sido uma asserção dogmática feita pelos homens que têm visto friamente a humanidade por meio dos livros e a dizer, em contradição direta a eles, que o controle das paixões nem sempre é sabedoria. Ao contrário, pareceria que uma razão pela qual os homens têm um julgamento superior e mais força moral do que as mulheres é indubitavelmente o fato de liberarem as grandes paixões e, ao errarem com mais frequência, engrandecerem a mente. Se, então, pelo exercício de sua própria<sup>[13]</sup> razão eles fixarem alguns princípios estáveis, devem agradecer provavelmente à força de suas paixões, alimentadas pelas visões *falsas* da vida e toleradas para superar o limite que garante a satisfação. Porém, se na aurora da vida pudéssemos examinar de modo sóbrio, como em perspectiva, as cenas à frente e ver todas as coisas em seu verdadeiro colorido, como poderiam as paixões ganhar força suficiente para revelar os talentos?

Permitam-me agora observar o mundo das alturas, despojado de todos os seus encantos falsos e enganosos. A clara atmosfera permite-me ver cada objeto sob seu verdadeiro ponto de vista, enquanto meu coração está tranquilo. Estou calma como o panorama de uma manhã, quando a névoa, dispersando-se lentamente, desvela em silêncio as belezas da natureza, refrescadas pelo repouso.

Sob que luz o mundo aparecerá agora? Esfrego os olhos e penso que talvez esteja despertando de um sonho vívido.

Vejo os filhos e as filhas dos homens perseguindo sombras e ansiosamente gastando seus poderes para alimentar paixões cujo objeto não é adequado – se o próprio excesso desses impulsos cegos, satisfeitos por aquele guia mentiroso, porém sempre acreditado, que é a imaginação, não tornasse mais sábios os míopes mortais, preparando-os para qualquer outra situação, mesmo quando para isso não colaborassem; ou quando estivessem perseguindo um bem imaginário imediato, o que dá no mesmo.

Depois de ver as coisas sob essa luz, não seria muito fantasioso imaginar que

este mundo é um cenário no qual uma pantomima é representada diariamente para entreter os seres superiores. Como eles se divertiriam ao ver o homem ambicioso consumindo-se, correndo atrás de um fantasma e “perseguido o sonho da fama na boca de um canhão” que vai fazê-lo ir pelos ares; porque, quando se perde a consciência, não importa que se suba em um turbilhão ou se precipite na chuva. E deveriam eles compassivamente revigorar sua percepção e mostrar-lhe o caminho espinhoso que conduz à eminência, que, como areia movediça, afunda à medida que ele tenta subir, frustrando suas esperanças quando estavam quase ao alcance de sua mão, e ele não deixaria a outros a honra de entretê-los e se esforçaria para assegurar o momento presente, ainda que, devido à constituição de sua natureza, não achasse muito fácil agarrar a corrente que foge? Tais escravos somos nós, com esperanças e temores!

Ainda que sejam vãos os propósitos do homem ambicioso, ele frequentemente luta por algo mais substancial do que a fama. Isso, de fato, seria o mais perfeito meteoro, o fogo mais impetuoso que poderia levar um homem à ruína. Como! Renunciar à mais insignificante satisfação de ser aplaudido, quando já não deveria sê-lo! Por que essa luta, seja o homem mortal ou imortal, se aquela nobre paixão não elevou de fato o ser acima de seus companheiros?

E o amor! Que cenas divertidas ele provocaria; os truques de um bufão devem render-se ante a loucura mais egrégia. Que ridículo ver um mortal adornar um objeto com encantos imaginários e, então, prostrar-se e adorar o ídolo que ele próprio construiu! Mas que consequências tão sérias resultam de despojar o homem daquela porção de felicidade que a Divindade, ao dar-lhe existência, indubitavelmente lhe prometeu (ou em que se baseiam seus atributos?); não teriam sido todos os propósitos da vida muito mais satisfeitos se ele tivesse apenas sentido o que se denomina amor físico? E a visão do objeto sem a intermediação da imaginação não reduziria a paixão a um apetite, se a reflexão, a nobre distinção do homem, não lhe desse força e se tornasse um instrumento para elevá-lo acima dessa escória terrena, ensinando-o a amar o centro de toda perfeição, cuja sabedoria aparece cada vez mais clara nas obras da natureza à medida que a razão é iluminada e exaltada pela contemplação e pela obtenção daquele amor à ordem que as lutas da paixão proporcionam?

O hábito da reflexão e o conhecimento obtido ao alimentar qualquer paixão poderiam mostrar-se igualmente úteis, ainda que se provasse ser o objeto também enganoso; pois todos apareceriam sob a mesma luz, se não fossem

ampliados pelo governo da paixão implantado em nós pelo Autor de todo bem, visando inspirar e fortalecer as faculdades de cada indivíduo e habilitá-lo a adquirir toda a experiência que uma criança pode obter ao fazer certas coisas, sem saber o porquê.

Desço das alturas e, misturando-me com meus semelhantes, sinto-me arrastada pela corrente comum. Ambição, amor, esperança e medo exercem seu poder costumeiro, ainda que nós estejamos convencidos pela razão de que suas promessas atuais mais sedutoras são apenas sonhos moribundos; mas, se a mão fria da circunspeção sufocasse cada sentimento generoso antes de deixar um caráter permanente ou fixar algum hábito, o que poderia ser esperado, a não ser uma prudência egoísta e uma razão que apenas se eleva acima do instinto? Poderá esquivar-se de ver a futilidade de rebaixar as paixões ou de fazer o homem apoiar-se na satisfação aquele que tiver lido, com um olhar filosófico, a descrição desagradável dos yahoos e o relato insípido dos houyhnhnms<sup>[r]</sup>, feitos pelo decano Swift?

O jovem deveria *agir*; tivesse ele a experiência de uma cabeça grisalha, estaria mais apto para a morte do que para a vida, ainda que suas virtudes, residindo mais em sua cabeça do que em seu coração, não produziram nada de grandioso, e seu entendimento, preparado para este mundo, não provaria por seus nobres voos que tivesse direito a um mundo melhor.

Além disso, não é possível dar a um jovem uma visão justa da vida; ele deve lutar com suas próprias paixões antes de poder avaliar a força da tentação que arrasta seu irmão ao vício. Os que estão adentrando a vida e aqueles que estão partindo dela veem o mundo de pontos de vista tão diferentes que raramente pensam do mesmo modo, a não ser que a razão dos primeiros, desprovida de plumagem, nunca tente um voo solitário.

Quando ouvimos falar de algum crime audacioso, toma conta de nós a escuridão mais profunda da torpeza, provocando indignação; mas os olhos que gradualmente viram as trevas se intensificarem devem observá-las com tolerância mais compassiva. O mundo não pode ser contemplado por um espectador impassível; precisamos nos misturar com as pessoas e sentir o que os homens sentem, antes de julgar seus sentimentos. Em poucas palavras, se pretendemos viver no mundo, ampliar nossa sabedoria e nos tornar melhores, e não simplesmente desfrutar das coisas boas, devemos alcançar um conhecimento dos outros, ao mesmo tempo que conhecemos a nós mesmos. O conhecimento

adquirido de qualquer outro modo apenas endurece o coração e confunde o entendimento.

Pode ser que me digam que pelo conhecimento assim adquirido paga-se, às vezes, um preço muito alto. Posso apenas responder que duvido muito que algum conhecimento seja obtido sem trabalho e sofrimento; e aqueles que desejam poupar seus filhos de ambos não deveriam queixar-se se eles não se tornarem sábios nem virtuosos. A intenção foi somente fazê-los prudentes, e a prudência precoce na vida é apenas a arte cautelosa do egoísmo ignorante.

Tenho observado que os jovens educados com uma atenção especial são, em geral, muito superficiais e presunçosos e estão longe de agradar sob qualquer aspecto, porque não têm a cálida ingenuidade da juventude nem a sagacidade arrojada da idade. Não posso deixar de atribuir essa aparência inatural principalmente àquela instrução apressada e prematura que os leva a repetir de forma presunçosa todas as noções toscas conquistadas pela confiança, de modo que a educação cuidadosa recebida os faz escravos dos preconceitos por toda a vida.

Os exercícios físicos e mentais são, a princípio, fatigantes; tanto é assim que muitos deixariam que os outros trabalhassem e pensassem por eles. Uma observação que tenho feito com frequência ilustrará o que quero dizer. Quando, em um círculo de indivíduos estranhos ou conhecidos, uma pessoa de habilidades moderadas sustenta uma opinião com ardor, aventurar-me-ei a afirmar, posto que é um fato com que tenho convivido, que trata-se com frequência de um preconceito. No entendimento de um parente ou amigo, esses ecos são altamente respeitáveis e, mesmo sem compreender por completo as opiniões que tão avidamente desejam repetir aos outros, eles as sustentam com tal dose de obstinação que surpreenderia mesmo a pessoa que as formulou.

Sei que prevalece agora uma espécie de moda em respeitar os preconceitos; e quando alguém se atreve a encará-los, ainda que aja por humanidade e armado de razão, é questionado arrogantemente se seus ancestrais eram loucos. Não, eu deveria responder. A princípio, as opiniões de qualquer tipo eram consideradas e, desse modo, fundamentadas em alguma razão; contudo, não raro era certamente mais um expediente local do que um princípio fundamental que seria sensato a qualquer tempo. Mas as opiniões cobertas de musgo assumem a forma desproporcional dos preconceitos quando são indolentemente adotadas somente porque a idade lhes concedeu um aspecto venerável, embora a razão sobre a qual

foram construídas deixe de ser uma razão ou não possa ser delineada. Por que devemos amar os preconceitos pelo simples fato de serem preconceitos?<sup>[14]</sup> Um preconceito é uma forma de persuasão apaixonada e obstinada para a qual não se pode dar razão alguma; pois, no momento em que se dá razão a uma opinião, esta deixa de ser um preconceito, ainda que possa ser um erro de julgamento; e somos então aconselhados a cultivar opiniões somente para lançar um desafio à razão? Esse estilo de argumentação, se é que se pode chamá-lo assim, recorda-me o que é vulgarmente denominado de razão da mulher, pois as mulheres às vezes declaram amar ou acreditar em certas coisas *porque* amam ou creem nelas.

É impossível conversar com pessoas que usam apenas afirmativas ou negativas, qualquer que seja a finalidade. Antes que se possa trazê-las para um ponto a partir do qual comecem de modo justo, é necessário retroceder a princípios simples que antecederam os preconceitos introduzidos pelo poder; e muito provavelmente somos detidos pela afirmação filosófica de que certos princípios são praticamente tão falsos quanto são abstratamente verdadeiros<sup>[15]</sup>. Mais ainda, pode-se inferir que a razão tenha sussurrado algumas dúvidas, porque geralmente acontece de as pessoas sustentarem suas opiniões com maior ardor quando começam a titubear; desejando desfazer-se de suas próprias incertezas ao convencer seu oponente, irritam-se mais e mais quando as dúvidas atormentadoras são atiradas de volta para devorar a si mesmas.

O fato é que os homens esperam da educação algo que ela não pode proporcionar. Um pai ou tutor sagaz pode fortalecer o corpo e estimular os instrumentos por meio dos quais a criança irá reunir conhecimento, mas a excelência deve ser a recompensa da própria presteza do indivíduo. É quase tão absurdo tentar tornar sábio um jovem usando a experiência de outrem quanto esperar que o corpo se fortaleça com exercícios sobre os quais somente se fala ou que apenas se veem<sup>[16]</sup>. Muitas dessas crianças cuja conduta mais estreitamente se observa tornam-se os mais fracos dos homens, porque seus instrutores inculcaram na mentes delas apenas certas noções que não têm outro fundamento além de sua autoridade; e, se elas são amadas ou respeitadas, a mente torna-se entorpecida e titubeia com relação a seu progresso. A missão da educação, nesse caso, é apenas a de guiar a planta que cresce em desalinho para um suporte mais adequado; ainda assim, após empilhar preceito sobre preceito, sem permitir à criança formar o próprio juízo, os pais esperam que ela se comporte da mesma maneira sob essa luz enganosa tomada de empréstimo, como o fariam se tivessem

eles mesmos a acendido; e que seja, ao adentrar a vida, o que seus pais são no fim dela. Eles não levam em consideração que a árvore, assim como o corpo humano, não fortalece suas fibras até que tenha alcançado seu desenvolvimento pleno.

Parece haver alguma coisa análoga na mente. O juízo e a imaginação dão forma ao caráter durante a infância e a mocidade; e o entendimento, conforme a vida avança, dá firmeza aos primeiros propósitos justos da sensibilidade, até que a virtude, que surge mais da clara convicção da razão do que do impulso do coração, faz com que a moral descansa sobre uma rocha contra a qual as tormentas da paixão batem-se em vão.

Espero não ser mal interpretada quando afirmo que a religião não terá essa força de concentração, a não ser que se fundamente na razão. Se for o mero refúgio da fraqueza ou do fanatismo exacerbado, e não um princípio regulador da conduta, extraído do autoconhecimento, e uma opinião racional a respeito dos atributos de Deus, o que poderá produzir? A religião que consiste em animar os afetos e exaltar a imaginação é apenas uma parte poética e pode proporcionar prazer ao indivíduo, sem torná-lo um ser moral. Pode ser um substituto para os interesses materiais, ainda que estreite, em vez de ampliar, o coração; mas a virtude deve ser amada por ser sublime e excelente, e não pelas vantagens que proporciona ou pelos males que previne, se for esperado algum alto grau de excelência. Os homens não se tornam morais quando só constroem castelos no ar em um mundo futuro para compensar os desenganos sofridos neste, se eles desviam o pensamento de seus deveres em direção aos sonhos religiosos.

A maioria das perspectivas na vida é arruinada pela confusão da sabedoria mundana dos homens, que, esquecendo que não podem servir a Deus e a Mamom<sup>[s]</sup>, esforçam-se para mesclar coisas contraditórias. Se você deseja tornar seu filho rico, siga um caminho; se está ansioso somente em fazê-lo virtuoso, deve tomar outra direção. De qualquer maneira, não imagine que pode pular de uma estrada para outra sem perder o rumo<sup>[17]</sup>.

[1] Já inseri esta passagem, ver p. 72.

[2] Que absurdo!

[a] Provável menção a William Smellie, *The Philosophy of Natural History*, v. 1 (1790). (N. E.)

[3] Qual seria a consequência, se a opinião da mãe e a do marido *por acaso* não coincidissem? Uma pessoa ignorante não pode refletir logicamente sobre um erro – e quando *persuadida* a desistir de um preconceito em nome de outro, a mente se perturba. De fato, pode ser que o marido não tenha nenhuma religião a ensinar-lhe, ainda que em tal situação ela terá grande necessidade de algo sobre o que apoiar sua virtude, independente das considerações mundanas.

[4] Rousseau, *Emílio* [Assim como as outras citações anteriores da Seção I. (N. E.)]

[b] A autora refere-se a Adam Smith, *Teoria dos sentimentos morais*. (N. E.)

[c] John Dryden, *The State of Innocence, and Fall of Man, an Opera* (1677). (N. E.)

[d] Alusão a *Les aventures de Télémaque*, escrito em 1699 por François Fénelon (1651-1715). Nele, o autor propõe a seu aluno, que está destinado ao trono, o ideal do rei justo, aquele que deseja a felicidade de seus súditos e é, sobretudo, atento ao equilíbrio e à segurança internacionais. (N. E.)

[e] James Fordyce (1720-1796) foi um clérigo presbiteriano escocês, poeta e autor de *Sermons to Young Women* (1765), citado pela autora ao longo da Seção II. (N. E.)

[5] Pode você? – Pode você? Seria uma observação mais enfática, caso tivesse sido dita de forma arrastada, em tom lamurioso.

[f] James Hervey, *Meditations and Contemplations* (1745-1746). (N. E.)

[6] Que as mulheres adquiram de vez o bom senso – e, se este for merecedor do nome, ensinar-lhes-á; ou, então, para que serve? Como deve ser empregado?

[g] William Shakespeare, *Hamlet*, ato I, cena II, versos 76 e 85. (N. E.)

[h] John Gregory, *A Father's Legacy to His Daughters*. (N. E.)

[i] Referência livre aos *Provérbios*, 4:7 e 1:22. (N. E.)

[7] “É livre o homem que a *verdade* torna livre!” [William Cowper, *The Task* (1785). (N. E.)]

[8] Desejo usar uma palavra cujo sentido vá além de castidade, a virtude sexual.

[j] Hester Lynch Piozzi (1741-1821), conhecida como amiga do escritor e crítico Samuel Johnson, escreveu sobre os costumes e a educação, entre outros temas. A referência de Wollstonecraft é a *To a Young Gentleman on His Marriage*. (N. E.)

[k] A autora refere-se à Vênus de Médici, estátua em tamanho natural cujas proporções foram consideradas o ideal de beleza feminina. (N. E.)

[l] Nascida Anne-Louise Germaine Necker (1766-1817), foi autora de *Lettres sur les ouvrages et le caractère de J. J. Rousseau* (1788). Essa foi a obra que a tornou famosa no mundo literário, e é a ela que Wollstonecraft faz referência. (N. E.)

[m] A aristocrata francesa Stéphanie Félicité du Crest de Saint-Aubin, condessa de Genlis (1746-1830), foi autora de obras sobre educação e costumes, tais como *Leçons d'une gouvernante* (1791) ou *Lettres sur l'éducation* (1782). (N. E.)

[9] Uma pessoa não deve agir deste ou daquele modo, mesmo quando convencida de estar certa ao fazê-lo, porque algumas circunstâncias equívocas podem levar o mundo a *suspeitar* que ela tenha agido por outros

motivos. Isso é sacrificar a substância pela aparência. Que as pessoas observem o próprio coração e ajam de maneira acertada, de acordo com o que possam julgar, e esperem pacientemente até que a opinião do mundo se refaça. É melhor deixar-se guiar por um motivo simples, já que a justiça muito frequentemente tem sido sacrificada em nome do interesse – que é um sinônimo de conveniência.

[n] Hester Chapone (1727-1801), amiga de Samuel Johnson, foi uma das mais conhecidas escritoras e intelectuais da época. *Letters on the Improvement of the Mind* (1772), a que Wollstonecraft se refere, foi dedicado originalmente a sua sobrinha e publicado como um tratado de autoeducação para jovens, gozando de bastante popularidade. (N. E.)

[o] Catharine Macaulay (1731-1791) ganhou notoriedade por sua obra *History of England* (1783), considerada um dos clássicos da tradição historiográfica inglesa. Escreveu também *Letters on Education, with Observations of Religious and Metaphysical Subjects* (1789) e *Moral Truth* (1783), no campo da educação, da reforma moral e dos costumes. (N. E.)

[10] Sendo da mesma opinião que a sra. Macaulay sobre muitos setores da educação, faço referência a sua valiosa obra, em vez de citar seus sentimentos para apoiar os meus próprios.

[11] Parece-me uma opinião muito equivocada a de que as crianças devem sempre ser resguardadas dos vícios e loucuras do mundo, porque no curso de minha experiência – e meus olhos têm observado muito – nunca conheci uma juventude educada dessa maneira que, tendo logo se imbuído de tais vislumbres de indiferença e repetido mecanicamente os hesitantes *se* da idade, não tenha dado provas de um caráter egoísta.

[12] Já observei que um conhecimento precoce do mundo, obtido de modo natural, frequentando-o, tem o mesmo efeito: por exemplo, os militares e as mulheres.

[p] Fogo fátuo, brilho efêmero, prazer ou glória de pouca duração. (N. E.)

[q] Protagonista masculino da comédia *Inkle and Yarico*, de George Colman, apresentada em 1787. Durante uma viagem a Barbados, o jovem londrino Inkle é salvo pela bela selvagem Yarico, mas casa-se com a rica filha do governador da ilha e, no fim, é punido por sua ingratidão. (N. E.)

[13] “Entendo que tudo é sabedoria da boca para fora que precisa de experiência!”, disse Sidney. [A autora refere-se a Philip Sidney (1554-1586), poeta renascentista. (N. E.)]

[r] A autora faz referência a *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, lançado em 1726. Os yahoos são uma raça bestial de seres humanos sem razão, e os houghnans, uma sociedade de cavalos racionais sem paixão. (N. E.)

[14] Vide o sr. Burke. [Edmund Burke (1729-1797) escreveu *Reflections on the Revolution in France* (1790), a quem Wollstonecraft respondeu com *A Vindication of the Rights of Men* (1790). (N. E.)]

[15] “Convença um homem contra sua vontade / E ele continuará com a mesma opinião.” [Samuel Butler, *Hudibras* (1680), parte III, canto III, linhas 547-8. (N. E.)]

[16] “Não se vê nada quando se contenta apenas em contemplar; é necessário agir por si mesmo para ser capaz de ver como os outros agem”, Rousseau.

[s] A autora faz referência aos Evangelhos de são Mateus, 6:24, e de são Lucas, 16:13. No contexto bíblico, a palavra “mamon” seria usada para se referir ao dinheiro e à riqueza, mas posteriormente passou a ser usada também como o nome da personificação de características tais como a ganância e avaréza; um dos escritores que se utilizaram de tal personificação foi John Milton, em seu *Paraíso perdido*, bastante citado por Mary. (N. E.)

[17] Vide um excelente ensaio sobre o assunto em *Miscellaneous Pieces in Prose*, da sra. Barbauld.

## 6

### O EFEITO QUE TEM SOBRE O CARÁTER UMA ASSOCIAÇÃO PREMATURA DE IDEIAS

**E**ducadas no estilo debilitante recomendado pelos escritores que critiquei, e não tendo a menor chance, devido a sua condição de subordinação na sociedade, de recuperar o terreno perdido, é de se surpreender que as mulheres de toda parte pareçam um defeito da natureza? É de se surpreender, quando consideramos o efeito determinante que uma associação prematura de ideias tem sobre o caráter, que elas negligenciem seus entendimentos e voltem toda a atenção para si?

As grandes vantagens que resultam naturalmente de dotar a mente com conhecimento são evidentes, conforme as considerações a seguir. A associação de nossas ideias é habitual ou instantânea; e este último modo parece mais depender da temperatura original da mente do que da vontade. As ideias e os fatos da realidade, uma vez recebidos, são guardados para uso, até que alguma circunstância fortuita faça com que a informação, que foi recebida em períodos muito diferentes de nossa vida, volte rapidamente à mente com força ilustrativa. Muitas recordações são como lampejos; uma ideia assimilando e explicando outra, com assombrosa rapidez. Não me refiro agora àquela rápida percepção da verdade que é tão intuitiva que confunde a investigação e faz com que não saibamos determinar se trata-se de reminiscência ou raciocínio, ao perdê-la de vista pela celeridade com que rompe a obscuridade. Sobre essas associações instantâneas, temos pouco poder, porque, uma vez ampliada a mente por voos digressivos ou reflexões profundas, a matéria-prima, em certa medida, se ordena. O entendimento, é verdade, pode evitar de sairmos do desenho quando agrupamos nossos pensamentos ou copiamos a partir da imaginação os cálidos esboços da fantasia, mas os instintos animais, o caráter individual, dão o colorido. Sobre esse sutil fluído elétrico<sup>[1]</sup>, que pequeno poder possuímos e,

sobre ele, que pequeno poder obtém a razão! Esses espíritos belos e intratáveis parecem ser a essência do gênio e, resplandecendo em seus olhos de águia, produzem no mais elevado grau a feliz energia de associar pensamentos que surpreendem, deleitam e instruem. Essas são as mentes brilhantes que concentram as imagens para seus semelhantes; forçando-os a ver com interesse os objetos refletidos por sua imaginação apaixonada, que tinham sido ignorados na natureza.

Permitam-me explicar. A maior parte das pessoas não é capaz de ver ou sentir poeticamente, falta-lhes fantasia e, por isso, fogem da solidão em busca de objetos concretos; mas quando um autor lhes empresta seus olhos, elas podem ver como ele viu e se divertir com imagens que não puderam selecionar, embora estivessem diante delas.

Assim, a educação apenas fornece ao homem de gênio o conhecimento para dar diversidade e contraste a suas associações, mas há uma associação de ideias costumeira que progride “com o nosso progresso” e que tem um grande efeito sobre o caráter moral da humanidade, conferindo à mente uma transformação que, em regra, permanece por toda a vida. Tão maleável é o entendimento e, ao mesmo tempo, tão obstinado que as associações que dependem de circunstâncias ocasionais durante o período em que o corpo demora a chegar à maturidade raramente podem ser desembaraçadas pela razão. Uma ideia leva à outra, sua antiga associada, e a memória, fiel às primeiras impressões, em particular quando os poderes intelectuais não são empregados para esfriar nossas sensações, recorda-as com exatidão mecânica.

Essa habitual escravidão às primeiras impressões tem um efeito mais pernicioso sobre o caráter feminino do que sobre o masculino, porque os negócios e outras ocupações áridas do entendimento tendem a amortecer os sentimentos e romper as associações que violentam a razão. Mas aquelas que se tornam mulheres quando ainda crianças e voltam à infância, quando deveriam deixar para sempre as andadeiras, não têm opinião suficientemente forte para superar excessos de induções da arte que sufocaram a natureza.

Tudo que elas veem ou ouvem serve para fixar impressões, provocar emoções e associar ideias que dão um caráter sexual à mente. As falsas noções de beleza e delicadeza impedem o crescimento de seus membros e, em vez de órgãos delicados, geram um estado de desgosto enfermizo; assim, enfraquecidas por ocupar-se, em revelar, em vez de examinar, as primeiras associações impostas a

elas por todos os objetos ao redor, como podem obter o vigor necessário para se libertarem de seu caráter artificial? Onde encontrarão força para recorrer à razão e se colocar acima de um sistema de opressão que destrói as belas promessas da primavera? Essa cruel associação de ideias, que tudo conspira para distorcer seu modo de pensar ou, para ser mais precisa, de sentir, recebe nova força quando elas começam a agir um pouco por si próprias, pois então percebem que prazer e poder são obtidos apenas por meio de sua habilidade em provocar emoções nos homens. Além disso, os livros supostamente escritos para sua instrução e que causam a primeira impressão em sua mente incutem-lhes, sem exceção, as mesmas opiniões. Educadas, então, pior do que se estivessem em um cativeiro egípcio, é tão absurdo quanto cruel repreendê-las por erros que dificilmente podem ser evitados, a menos que se pressuponha uma dose de vigor inato que poucos seres humanos têm a sorte de possuir.

Por exemplo, os mais severos sarcasmos têm sido generalizados com relação às mulheres. Elas têm sido ridicularizadas por repetir “uma série de frases aprendidas mecanicamente”, quando nada poderia ser mais natural, considerando a educação que recebem, e que “seu maior orgulho é obedecer, sem discutir”, a vontade do homem. Se não lhes é permitido ter razão suficiente para governar a própria conduta, pois bem, que aprendam tudo mecanicamente! E já que toda sua engenhosidade é empregada para compor seu vestuário, “a paixão por um casaco escarlate”<sup>[a]</sup> é tão natural que nunca me surpreendeu; e, admitindo-se que seja justa a síntese feita por Pope a respeito de seu caráter, de “que toda mulher, no íntimo, é uma libertina”<sup>[b]</sup>, por que elas deveriam ser censuradas tão amargamente ao procurar um espírito afim e preferir um libertino a um homem de bom senso?

Libertinos sabem manipular a sensibilidade delas, enquanto o talento modesto dos homens sensatos tem, claro, menos efeito sobre seus sentimentos, e eles não podem alcançar o coração pelo caminho do intelecto, já que têm poucas emoções em comum.

Parece um tanto absurdo esperar que as mulheres sejam mais razoáveis do que os homens em suas *preferências* e, ainda assim, negar-lhes o livre uso da razão. Por que os homens *se apaixonam* pelo bom senso? Quando eles, com suas forças e vantagens superiores, se voltam da pessoa para a mente? E como eles podem, então, esperar que as mulheres desprezem o que elas têm se esforçado toda a vida para alcançar, se são ensinadas apenas a observar comportamentos e

assimilar maneiras, e não princípios morais? Onde elas irão repentinamente encontrar juízo suficiente para ponderar com tolerância o bom senso de um homem desajeitado, embora virtuoso, quando seus modos, sobre os quais elas, aprenderam a fazer juízos críticos, são mal recebidos e sua conversa é fria e enfadonha, porque não consiste em réplicas espirituosas ou elogios prazenteiros? A fim de admirar ou estimar algo de modo permanente, devemos, pelo menos, ter nossa curiosidade aguçada para conhecer, em algum grau, o objeto de nossa admiração, pois somos incapazes de avaliar a importância das qualidades e virtudes que ultrapassam nosso entendimento. Tal deferência, quando é sentida, pode ser muito sublime; e a consciência confusa de humildade pode tornar uma criatura dependente um objeto interessante sob alguns pontos de vista; mas o amor humano deve ter ingredientes mais notórios; e a pessoa, de forma natural, virá receber a sua parte – e em uma proporção bastante ampla!

O amor é, em um grau elevado, uma paixão arbitrária e reinará, assim como outros males que ficam à espreita, por sua própria autoridade, sem se dignar a raciocinar; e pode também ser facilmente distinguido da estima, o fundamento da amizade, porque é com frequência incitado por belezas e graças evanescentes, ainda que, para dar vigor ao sentimento, algo mais sólido deva aprofundar sua impressão e pôr a imaginação para trabalhar, a fim de convertê-lo no primeiro e mais belo bem.

As paixões comuns são provocadas por qualidades comuns. Os homens procuram a beleza e o sorriso afetado da docilidade bem-humorada; as mulheres são cativadas pelas maneiras desembaraçadas; um homem cavalheiresco raramente deixa de agradá-las, e seus ouvidos sedentos bebem com avidez as ninharias insinuantes da cortesia, ao mesmo tempo que rejeitam os sons ininteligíveis do sedutor – a razão, que nunca as atrai da mesma maneira. A respeito dos dotes superficiais, os libertinos certamente têm vantagem; e sobre eles as mulheres podem formar uma opinião, porque estão em seu próprio território. Alegres e frívolas em consequência do teor de sua vida, o próprio aspecto da sabedoria ou as graças severas da virtude devem ter um aspecto lúgubre para elas e produzem uma espécie de comedimento contra o qual elas e o amor, filho do divertimento, naturalmente se rebelam. Sem gosto, à exceção do tipo mais superficial, pois o gosto é o fruto do julgamento, como podem elas descobrir que a verdadeira beleza e a graça devem nascer da atividade da mente? E como esperar que elas apreciem em um amante o que elas mesmas não

possuem – ou possuem de maneira imperfeita? A compreensão que une corações e convida à confiança é tão tênue nelas que não pode inflamar-se, tornando-se, assim, paixão. Não, eu repito, o amor nutrido por tais mentes deve contar com um combustível mais potente!

A inferência é óbvia: até que se permita às mulheres exercitar seu intelecto, elas não deveriam ser satirizadas por sua atração pelos libertinos; ou mesmo por serem libertinas na essência, porque esta parece ser a consequência inevitável de sua educação. Quem vive para agradar deve achar seu deleite, sua felicidade, no prazer! É uma observação trivial, contudo verdadeira, que nós nunca fazemos alguma coisa bem se não gostamos dela por ela mesma.

Supondo, contudo, por um momento que as mulheres, em alguma futura revolução do tempo, se convertessem naquilo que eu sinceramente desejo que sejam, até mesmo o amor adquiriria uma dignidade mais grave e seria purificado em seu próprio fogo; e com a virtude dando a seus afetos a verdadeira delicadeza, elas rejeitariam com aversão os libertinos. Por meio do uso da razão, bem como do sentimento – o único domínio das mulheres no momento –, elas poderiam guardar-se facilmente das graças exteriores e aprender com rapidez a desprezar a sensibilidade que foi estimulada e banalizada em suas maneiras, cuja prática era o vício; e os atrativos, os ares promíscuos. Elas recordariam que a chama – devemos usar expressões apropriadas – que desejavam acender fora exaurida pela luxúria e que o apetite saciado, perdendo todo o gosto pelos prazeres puros e simples, poderia ser despertado tão somente pela variedade ou pelas artes licenciosas. Que satisfação poderia uma mulher delicada prometer a si mesma em uma união com um homem desse tipo, quando a mera simplicidade de seu afeto poderia parecer insípida? Assim Dryden descreve a situação:

Onde o amor é dever da parte feminina,

Da parte masculina, é mero ímpeto sexual, e perseguido com orgulho grosseiro.<sup>[c]</sup>

Mas uma grande verdade as mulheres ainda têm de aprender, embora fosse importante que agissem de acordo com ela. Na escolha de um marido, não deveriam deixar-se enganar pelas qualidades de um amante – porque o marido, mesmo supondo que seja sábio e virtuoso, não poderá permanecer amante por muito tempo.

Fossem as mulheres educadas de forma mais racional, poderiam ter uma visão mais abrangente das coisas e se contentariam em amar uma só vez na vida;

depois do matrimônio, a paixão calmamente daria lugar à amizade, àquela terna intimidade que é o melhor refúgio dos cuidados, construída sobre afetos tão puros e serenos que não seria permitido que os ciúmes inúteis perturbassem o cumprimento dos sóbrios deveres da vida nem que ocupassem os pensamentos, que deveriam ser empregados de outro modo. Esse é o estado no qual muitos homens, mas poucas, pouquíssimas, mulheres vivem. E a diferença pode facilmente ser explicada, sem recorrer ao caráter sexual. Os homens, para quem, diz-se, as mulheres foram feitas, têm ocupado demais os pensamentos delas; e tal associação emaranhou tanto o amor em todas as suas razões de ação que, para voltarmos a um antigo tema, ao terem sido empregadas apenas para se preparar para suscitar amor ou para realmente colocar suas lições em prática, elas não podem viver sem amor. Mas, quando o senso do dever ou o temor da desonra as obriga a reprimir esse desejo mimado de agradar em demasia, o qual, embora muito indelicado, é verdade, não se trata de nenhum crime, elas se determinam obstinadamente a amar – falo da paixão – seu marido até o fim – e então, ao fazerem o papel que tola mente exigiam de seus amantes, convertem-se em abjetas pretendentes e escravas apaixonadas.

Os homens espirituosos e extravagantes são, em geral, libertinos; e a extravagância é o alimento do amor. Homens desse tipo inspirarão paixão. Metade das representantes do sexo feminino, em seu atual estado infantil, suspiraria por um Lovelace<sup>[d]</sup>, um homem tão espirituoso, tão garboso e tão valente; e *merecem* elas a culpa por agir de acordo com princípios incutidos com tanta constância? Elas desejam um amante e um protetor; contemplam-no ajoelhando-se diante delas – a bravura prostrada ante a beleza! As virtudes de um marido são, assim, relegadas a um segundo plano pelo amor, e as alegres esperanças ou emoções vivas extinguem a reflexão, até chegar o dia em que terão de fazer considerações; e esse dia virá, sem dúvida, para transformar o amante licencioso em um tirano desconfiado e carrancudo, que com desdém insulta a mesma fragilidade que encorajou. Ou, supondo que o libertino se corrija, ele não poderá libertar-se rapidamente dos antigos hábitos. Quando um homem de talento é, a princípio, arrastado por suas paixões, torna-se necessário que o sentimento e o bom gosto dissimulem as atrocidades do vício e deem um sabor às indulgências cruéis. Mas, quando o brilho da novidade desaparece e o prazer deixa de interessar os sentidos, a lascívia fica evidente e o deleite é apenas o esforço desesperado da fraqueza, fugindo da reflexão tanto quanto de uma legião

de demônios. Ó Virtude, não és um nome vazio! Proporcionas tudo o que a vida pode dar!

Se não se pode esperar muito conforto da amizade de um libertino redimido com talentos superiores, qual é a consequência quando lhe faltam bom senso e princípios? Verdadeira desgraça, em sua forma mais hedionda. Quando os hábitos das pessoas fracas são consolidados pelo tempo, é quase impossível reformá-las; e de fato tornam infelizes os seres cujas mentes não conseguem se divertir com prazeres inocentes; tal como o comerciante que se retira do mundo frenético dos negócios, a natureza apresenta-lhes apenas um vazio universal, e os pensamentos inquietos oprimem os espíritos desalentados<sup>[2]</sup>. A redenção, assim como o retiro, realmente faz delas desventuradas porque as priva de toda ocupação, extinguindo as esperanças e os temores que põem em movimento sua mente preguiçosa.

Se tal é a força do hábito, se tal é o cativo da loucura, com que cuidado devemos proteger a mente para que não armazene associações viciosas; e com o mesmo cuidado devemos cultivar o entendimento, para salvar a pobre criatura do estado frágil e dependente da mais inócua ignorância. É somente o uso adequado da razão que nos faz independentes de tudo – exceto da límpida Razão – “cuja função é a liberdade perfeita”.

---

[1] Às vezes, quando me sinto inclinada a rir dos materialistas, pergunto-me se, uma vez que os efeitos mais poderosos da natureza são aparentemente produzidos por fluídos, pelo magnetismo etc., as paixões não seriam fluídos voláteis e belos que abraçam a humanidade e mantêm juntas as partes mais refratárias e elementares, ou se seriam simplesmente um fogo líquido que penetra os materiais mais inertes, dando-lhes vida e calor?

[a] Jonathan Swift, *The Furniture of a Woman's Mind*. (N. E.)

[b] Alexander Pope, *Moral Essays*, v. II. (N. E.)

[c] John Dryden, *Palamon and Arcite*, v. III, versos 231-2. (N. E.)

[d] Lovelace, protótipo do “libertino”, é o protagonista do já mencionado romance de Samuel Richardson, *Clarissa* (ver p. 100, nota 11). (N. E.)

[2] Com frequência, tenho observado isso exemplificado em mulheres cuja beleza não se pode mais reparar. Elas se retiraram do tumultuado cenário da libertinagem; mas, a menos que tenham se tornado metodistas,

o isolamento da companhia seleta das conexões familiares ou dos conhecidos representou apenas um vazio terrível; em consequência, distúrbios nervosos e todas as sequelas hipocondríacas da ociosidade tornaram-nas quase tão inúteis e muito mais infelizes do que quando elas faziam parte de um grupo frívolo.

## A MODÉSTIA CONSIDERADA EM TODA A SUA AMPLITUDE, E NÃO COMO VIRTUDE SEXUAL

**M**odéstia! Fruto sagrado da sensibilidade e da razão! Verdadeira sutileza da mente! Proponho-me investigar sem censura tua natureza e seguir até teu refúgio o suave encanto que, ao adoçar cada traço áspero do caráter, torna adorável o que, de outro modo, inspiraria somente admiração fria! Tu, que suavizas as rugas da sabedoria e abrandas o tom das mais sublimes virtudes até que se transformem em benevolência; tu, que espalhas a nuvem etérea ao redor do amor e intensificas toda beleza que ela parcialmente encobre, avivando as doçuras esquivas que cativam o coração e deleitam os sentidos – module para mim a linguagem da razão persuasiva, até que levante meu sexo do leito de flores, onde indolentemente dorme o sono da vida!

Falando da associação de nossas ideias, notei duas maneiras distintas; e ao definir a modéstia, parece-me igualmente apropriado distinguir a pureza da mente, que é a consequência da castidade, da simplicidade de caráter que nos leva a formar uma opinião justa de nós mesmos, igualmente distante da vaidade ou da presunção, embora de modo nenhum incompatível com a consciência elevada de nossa própria dignidade. Neste último significado do termo, a modéstia é aquela sobriedade da mente que ensina um homem a não se valorizar mais do que deveria e diferencia-se da humildade, porque esta é uma espécie de autodegradação.

Um homem modesto frequentemente concebe um grande plano e agarra-se a ele com tenacidade, consciente de sua própria força, até que o sucesso lhe dê uma sanção que determinará seu caráter. Milton

não era arrogante quando emitia um juízo de valor que resultava em profecia; nem o foi o general Washington, quando aceitou o comando das Forças Americanas. Este último sempre foi caracterizado como um homem modesto, mas, caso tivesse sido apenas humilde, provavelmente teria retrocedido vacilante, temeroso de confiar a si mesmo a direção de uma empreitada da qual muita coisa dependia.

Um homem modesto é firme, um homem humilde é tímido, e um homem vaidoso é presunçoso. Esse é o juízo que fui levada a formar mediante a observação de muitas personagens. Jesus Cristo foi modesto, Moisés, humilde, e Pedro, vaidoso.

Assim, ao separar a modéstia da humildade, em um caso, não pretendo confundi-la com a timidez, em outro. De fato, a timidez é tão distinta da modéstia que a mais acanhada das moças ou o mais bronco dos matutos convertem-se com frequência nos mais impudicos; pois, sendo seu acanhamento a mera timidez instintiva da ignorância, o costume logo a transforma em segurança<sup>[1]</sup>.

O comportamento desavergonhado das prostitutas, que infestam as ruas desta metrópole, provocando sentimentos alternados de piedade e desgosto, pode servir para ilustrar essa observação. Elas pisoteiam o acanhamento virginal com uma espécie de bravata e, glorificando-se em sua vergonha, tornam-se mais audaciosamente lascivas do que os homens parecem ser, por mais depravados, e para quem tal qualidade sexual não foi concedida sem motivo. Mas essas pobres desgraçadas ignorantes nunca tiveram nenhuma modéstia para perder quando se entregaram à infâmia, pois modéstia é uma virtude, não uma qualidade. Não, elas eram apenas inocentes acanhadas e cheias de vergonha; ao perderem sua inocência, seu pudor foi rudemente descartado; se tivesse sido sacrificada à paixão, a virtude teria deixado em sua mente algum vestígio que nos fizesse respeitar a grande ruína.

A pureza da mente, ou aquela sutileza genuína que é o único sustentáculo virtuoso da castidade, é muito semelhante àquele refinamento da humanidade que reside apenas em mentes cultivadas. É algo mais nobre do que a inocência, é a sutileza da reflexão, e não a

aparente timidez da ignorância. A reserva da razão, que, como o asseio habitual, raramente aparece em alto grau, a menos que a alma esteja ativa, pode ser distinguida facilmente do recato tosco ou do capricho licencioso; e, longe de ser incompatível com o conhecimento, é seu fruto mais belo. Que ideia vulgar de modéstia tinha o escritor da seguinte observação! “A senhora que perguntou se as mulheres instruídas segundo o sistema moderno da botânica seriam compatíveis com a delicadeza feminina foi acusada de ter um ridículo melindre; todavia, se ela tivesse feito a pergunta para mim, eu certamente teria respondido: Não.” Assim, o belo livro do conhecimento deve ser selado com um lacre eterno! Ao ler passagens similares, elevo com reverência meus olhos e meu coração até Aquele que vive para todo o sempre, e digo, “Oh! Meu Pai, tendes vós proibido a vossa filha de procurá-lo nas belas formas da verdade, pela própria constituição da natureza dela? E pode a alma dela ser maculada pelo conhecimento que imperiosamente a chama para vós?”.

Persegui, então, de maneira filosófica tais reflexões, até inferir que aquelas mulheres que desenvolveram ao máximo sua razão teriam de ser as mais modestas, embora uma digna serenidade de comportamento possa ocupar o lugar do acanhamento brincalhão e encantador da juventude<sup>[2]</sup>.

E assim tenho argumentado. Para transformar a castidade na virtude da qual a modéstia fluirá naturalmente, sem sofisticação, a atenção deve ser desviada das tarefas que exercitam apenas a sensibilidade, e o coração tem de bater mais em compasso com a humanidade, em vez de pulsar por amor. A mulher que dedicou uma parte considerável de seu tempo a atividades puramente intelectuais e cujos afetos foram exercitados por projetos humanos de utilidade deve ter, como consequência natural, mais pureza da mente do que os seres ignorantes, cujos tempo e pensamentos foram ocupados por prazeres alegres ou estratégias para conquistar corações<sup>[3]</sup>. As regras de comportamento não constituem modéstia, embora aquelas que estudam as normas de decoro sejam, em geral, chamadas de mulheres modestas. Purifique o coração, deixe-o expandir e sentir tudo que é

humano, em vez de limitá-lo com paixões egoístas, e deixe que a mente com frequência reflita sobre assuntos que exercitem o entendimento, sem inflamar a imaginação, e a modéstia natural dará os toques finais à pintura.

Aquela que pode distinguir a aurora da imortalidade nos raios que atravessam a noite nebulosa da ignorância, trazendo a promessa de um dia mais luminoso, respeitará, como um templo sagrado, o corpo que abriga uma alma capaz de aperfeiçoar-se. Da mesma forma, o amor verdadeiro espalha essa espécie de santidade misteriosa ao redor do objeto amado, tornando o amante mais modesto quando em sua presença<sup>[4]</sup>. O afeto é tão recatado que, ao receber ou retribuir carinhos pessoais, deseja não apenas evitar o olhar humano enquanto uma espécie de profanação, mas também difundir uma obscuridade circundante que impede a entrada até mesmo dos travessos e cintilantes raios de sol. Contudo, não merece o epíteto de casto aquele afeto que não acolhe uma sublime tristeza de terna melancolia, que permite à mente ficar quieta por um momento e desfrutar a satisfação presente, quando a consciência da presença Divina é sentida – porque esta deve ser sempre o alimento da felicidade!

Como eu sempre gostei de rastrear qualquer costume prevalecte até sua origem na natureza, penso muitas vezes que foi um sentimento de afeição por algo que tivesse tocado a pessoa de um amigo ausente ou perdido que fez nascer esse respeito pelas relíquias, tão abusado pelos clérigos egoístas. Devoção ou amor podem ser admitidos para santificar as vestimentas, assim como a pessoa, pois deve carecer de imaginação o amante que não tem uma espécie de respeito sagrado pela luva ou pelo chinelo de sua senhora. Ele não poderia confundi-los com as coisas vulgares do mesmo tipo. Esse belo sentimento talvez não resistisse à análise do filósofo experiente. Mas de tal matéria é feito o êxtase humano! Um fantasma sombrio desliza diante de nós, obscurecendo todos os outros objetos; porém, quando a nuvem etérea é agarrada, a forma se dissolve no ar, deixando um vazio solitário ou um suave perfume roubado da violeta, que a memória guarda por muito tempo como algo querido. Mas de forma inadvertida cai no terreno das fadas, sentindo a brisa fragrante da

primavera aproximar-se despercebidamente, embora novembro mostre sua carranca cerrada.

Considerando-se o sexo, as mulheres são mais castas do que os homens e, como a modéstia é o efeito da castidade, merecem que essa virtude seja atribuída a elas de modo mais apropriado. Porém, permito-me acrescentar um hesitante “se”, pois duvido que a castidade produzirá a modéstia, ainda que talvez seja a conduta adequada, quando é meramente um respeito pela opinião do mundo<sup>[5]</sup> e o coquetismo e os contos de amor dos romancistas ocupam os pensamentos. Mais ainda, a partir da experiência e da razão, eu deveria ser levada a esperar mais modéstia entre os homens do que entre as mulheres, simplesmente porque os homens exercitam seus entendimentos mais do que as mulheres.

No entanto, a respeito do comportamento decoroso, as mulheres evidentemente levam vantagem, excetuando-se uma certa classe. O que pode ser mais repulsivo do que aquela insolente escória da galanteria, julgada tão viril, que faz muitos homens encararem de maneira insultuosa toda mulher que encontram? Pode ser definida como respeito pelo sexo? Não, esse comportamento licencioso mostra tanta depravação de hábitos, tanta fraqueza mental, que é vão esperar muita virtude pública ou privada até que ambos, homens e mulheres, cultivem mais a modéstia, até que os homens refreiem a atração sensual pelo sexo ou a afetação para afirmar sua virilidade – descaramento, para falar com mais propriedade –, até que tratem um ao outro com respeito; a não ser que o apetite ou a paixão deem o tom peculiar a seus comportamentos. Refiro-me inclusive ao respeito pessoal – o respeito modesto à humanidade e ao sentimento –, não à zombaria libidinosa da galanteria nem à condescendência insolente da proteção.

Para levar a observação ainda mais longe, a modéstia deve, de coração, repudiar e negar-se a conviver com essa devassidão mental, a qual leva um homem a friamente fazer alusões indecentes ou comentários obscenos na presença de um semelhante, sem se ruborizar; as mulheres estão agora fora de questão, porque se trataria, então, de brutalidade. O respeito pelo homem, enquanto tal, é o

fundamento de qualquer sentimento nobre. Quão mais modesto é o libertino que obedece ao chamado do apetite ou da fantasia, em comparação com o obsceno piadista que provoca gargalhadas à mesa!

Esse é um dos muitos exemplos em que a distinção sexual a respeito da modéstia tem provado ser fatal para a virtude e a felicidade. É, contudo, levada ainda mais adiante, e exige-se da mulher – da frágil mulher! –, feita pela educação escrava da sensibilidade, que nas ocasiões mais difíceis resista a tal sensibilidade. “Pode alguma coisa”, diz Knox, “ser mais absurda do que conservar as mulheres em um estado de ignorância e ainda insistir tão veementemente para que resistam à tentação?”. Desse modo, quando a virtude ou a honra tornam apropriado refrear uma paixão, a carga é atirada sobre os ombros mais fracos, ao contrário da razão e da verdadeira modéstia, que pelo menos deveriam tornar mútua a abnegação, para não mencionar a generosidade da coragem, que se supõe ser uma virtude viril.

No mesmo sentido vão os conselhos de Rousseau e do dr. Gregory a respeito da modéstia, estranhamente nomeada de forma equivocada, pois ambos desejam que uma esposa deixe pairar a dúvida se foi a sensibilidade ou a fraqueza que a levou para os braços do marido. Imodesta é a mulher que deixa que a sombra dessa dúvida permaneça na mente de seu marido por um momento.

Mas, para discorrer sobre o tema sob uma luz diferente, a carência de modéstia, que eu deploro principalmente como subversiva da moralidade, surge do estado de guerra que os homens voluptuosos sustentam com tanta tenacidade como sendo a própria essência da modéstia, embora seja, de fato, a causa de sua ruína, visto que constitui um refinamento da luxúria, na qual caem os homens que não têm virtude suficiente para apreciar os prazeres inocentes do amor. Um homem de sensibilidade leva suas noções de modéstia ainda mais longe, porque nem a fragilidade nem a sensibilidade contentá-lo-ão – ele busca afeto.

Novamente. Os homens se gabam de seus triunfos sobre as mulheres. De que se vangloriam? Na verdade, a criatura sensível é surpreendida por sua sensibilidade na extravagância, no vício<sup>[6]</sup>; e

quando a razão desperta, a terrível culpa cai pesadamente sobre sua própria cabeça frágil. Pois onde irás encontrar conforto, criatura abandonada e desconsolada? Ele, que deveria ter direcionado tua razão e apoiado tua fraqueza, te traiu! Em um sonho de paixão, consentiste em vagar por prados floridos e desatentamente saltaste no precipício para o qual ele te guiou, em vez de te guardar; despertaste de teu sonho apenas para enfrentar um mundo escarninho e carrancudo e para descobrir-te sozinha em um deserto, porque aquele que triunfou sobre tua fraqueza agora busca novas conquistas. Mas para ti não há redenção deste lado da sepultura! E que recurso tens tu em uma mente debilitada para elevar um coração arruinado?

Mas se os sexos realmente têm de viver em um estado de guerra, se a natureza assim o decidiu, que ajam com nobreza ou deixem o orgulho sussurrar-lhes que a vitória é insignificante quando eles meramente subjagam a sensibilidade. A verdadeira conquista é a do afeto que não se toma de surpresa, quando, como Heloísa<sup>[a]</sup>, uma mulher deliberadamente renuncia ao mundo por amor. Não vou agora levar em consideração a sabedoria ou a virtude de tal sacrifício. Apenas afirmo que foi um sacrifício ao afeto, e não à sensibilidade, embora ela tivesse tido sua participação. Deve-se permitir que eu a defina como uma mulher modesta, e antes que eu encerre esta parte do tema, digo que, até que os homens sejam mais castos, as mulheres serão imodestas. Onde, de fato, poderiam as mulheres modestas encontrar maridos dos quais elas não se afastariam com aversão? A modéstia deve ser cultivada igualmente por ambos os sexos, caso contrário, continuará sempre uma frágil planta de estufa enquanto a afetação dela, a folha da figueira emprestada pela lascívia, puder dar sabor aos prazeres voluptuosos.

Provavelmente os homens insistirão que a mulher deve ter mais modéstia do que o homem, mas não serão argumentadores sem paixão que irão contradizer de forma convicta minha opinião. Não, eles são os homens de imaginação, os favoritos do sexo, que respeitam em aparência, mas interiormente desprezam as fracas criaturas com quem passam o tempo. Eles não podem se conformar em renunciar às maiores satisfações sensuais nem mesmo em saborear o epicurismo

da virtude – a abnegação.

Para obter outra visão sobre o assunto, meus comentários se limitarão às mulheres.

As falsidades ridículas<sup>[7]</sup> que são contadas às crianças a partir de noções equivocadas de modéstia tendem logo a inflamar suas imaginações, colocando suas pequenas mentes para trabalhar sobre temas que a natureza nunca pretendeu que elas pensassem, até que o corpo atingisse certo grau de maturidade; então, as paixões naturalmente começam a tomar o lugar dos sentidos, como instrumentos que revelam o entendimento e formam o caráter moral.

Nos berçários e internatos, temo, as meninas sofrem os primeiros estragos, particularmente nestes últimos. Um grupo de meninas dorme no mesmo quarto e se banha junto. E, ainda que me desagradasse contaminar a mente de uma criatura inocente, instilando uma falsa delicadeza ou aquelas noções indecentes e pudicas, cujas precauções iniciais a respeito do outro sexo naturalmente engendram, eu deveria estar muito ansiosa para impedir que adquirisse hábitos ruins ou imodestos; e como muitas meninas aprendem travessuras grosseiras com empregadas ignorantes, misturá-las assim indiscriminadamente é muito inapropriado.

Para dizer a verdade, as mulheres são, em geral, muito íntimas umas das outras, o que provoca aquele grau de familiaridade vulgar que com bastante frequência torna infeliz o estado do matrimônio. Por que, em nome da decência, as irmãs, as amigas íntimas ou mesmo as senhoras e suas camareiras têm de se relacionar de forma tão grosseiramente familiar, a ponto de esquecer o respeito que uma criatura humana deve à outra? É desprezível aquela delicadeza cheia de melindres que esquiva as mais repulsivas obrigações, quando a afeição<sup>[8]</sup> ou o caráter humanitário nos leva a velar um leito enfermo. Mas o motivo pelo qual as mulheres saudáveis deveriam ser mais íntimas umas das outras do que os homens o são, quando se vangloriam da sua delicadeza superior, é um solecismo nos costumes que eu nunca consegui resolver.

A fim de preservar a saúde e a beleza, devo recomendar com convicção abluções frequentes para conferir dignidade a meu

conselho de modo a não ofender os ouvidos exigentes; e, por exemplo, as meninas devem ser ensinadas a se lavar e se vestir sozinhas, sem nenhuma distinção de classe social; e se o hábito as fizer pedir alguma pequena ajuda, que não as atendamos até que esteja terminada aquela parte da função que nunca deve ser feita diante de um semelhante, pois é um insulto à majestade da natureza humana. Não em razão da modéstia, mas da decência, porque a preocupação que algumas mulheres recatadas têm de não permitir que vejam suas pernas, ao mesmo tempo que tornam tal apreensão evidente, é tão infantil quanto imodesta<sup>[9]</sup>.

Eu poderia ir ainda mais longe, até que censurasse alguns costumes mais detestáveis, com os quais os homens nunca se envolvem. Contam-se segredos, quando deveria reinar o silêncio; e viola-se de maneira abominável aquele respeito pela pureza que algumas seitas religiosas talvez tenham levado longe demais, especialmente os essênios dentre os judeus, tornando um insulto a Deus aquilo que é apenas um insulto à humanidade. Como podem as *delicadas* mulheres dispor de sua atenção para com essa parte da economia animal, que é tão repugnante? E não seria racional concluir que as mulheres que não foram ensinadas a respeitar a natureza humana de seu próprio sexo nesses particulares não respeitarão por muito tempo a mera diferença de sexo com relação ao marido? Observei de fato que, em geral, uma vez perdida a timidez de donzela, as mulheres retomam velhos hábitos e tratam seu marido como o fazem com suas irmãs e amigas.

Além disso, por não ter a mente cultivada, as mulheres têm a necessidade de recorrer com muita frequência ao que eu comumente defino como sagacidade física, sendo suas intimidades do mesmo tipo. Em resumo, são íntimas demais no que diz respeito à mente e ao corpo. Aquela decente reserva pessoal, que é o fundamento da dignidade de caráter, deve ser mantida entre uma mulher e outra, caso contrário a mente delas nunca ganhará força ou modéstia.

Também por isso me oponho a que se enclausurem muitas mulheres em creches, escolas ou conventos. Não posso recordar sem indignação as zombarias e as brincadeiras grosseiras a que se

entregavam os grupos de jovens, quando, em minha juventude, eu, uma desajeitada criatura do campo, fui acidentalmente lançada em seu caminho. Elas quase se equiparavam aos significados duplos que sacodem a mesa festiva em que o copo circula livremente. Mas é inútil tentar conservar o coração puro, a não ser que a mente esteja munida de ideias e em funcionamento para compará-las e, assim, adquirir opinião, generalizando as ideias simples, e modéstia, fazendo com que o entendimento refreie a sensibilidade.

Poder-se-ia pensar que dou demasiada ênfase à reserva pessoal, mas esta é sempre a serviçal da modéstia. Tanto é que, se tivesse de nomear as graças que devem adornar a beleza, eu exclamaria, de pronto, limpeza, esmero e reserva pessoal. É óbvio, suponho, que a reserva de que falo não tem nenhuma conotação sexual e que a considero *igualmente* necessária em ambos os sexos. De fato, a reserva e a limpeza, das quais com frequência se descuidam as mulheres indolentes, são tão necessárias que me atrevo a afirmar que, quando duas ou três mulheres vivem na mesma casa, a mais respeitada pela ala masculina da família que reside com elas, deixando o amor inteiramente fora de questão, será aquela que presta essa espécie de respeito habitual a sua pessoa.

Quando companheiras de casa se encontram pela manhã, prevalecerá naturalmente uma seriedade afetuosa, em especial se elas esperam com ansiedade a hora de cumprir suas obrigações diárias; e pode parecer fantasioso, mas esse sentimento frequentemente me vem à mente e, depois de respirar o ar suave e refrescante da manhã, agrada-me ver o mesmo tipo de frescor nos semblantes que particularmente amo; fico contente em vê-las revigoradas, por assim dizer, para o dia todo, e prontas para seguir seu rumo com o sol. Os cumprimentos de afeto pela manhã são, dessa forma, mais respeitosos do que a ternura familiar que não raro prolonga a conversa vespertina. Mais ainda, muitas vezes senti-me ofendida, para não dizer desgostosa, quando uma amiga, que deixei bem vestida na noite anterior, apareceu com suas roupas em desalinho porque preferiu dar-se o prazer de ficar na cama até o último minuto.

As afeições domésticas só podem ser conservadas vivas por tais

atenções negligenciadas; no entanto, se homens e mulheres dedicassem a se vestir de maneira alinhada cotidianamente metade da atenção que dedicam para se adornar, ou melhor, para desfigurar suas pessoas, muito seria feito no sentido de se obter a pureza da mente. Mas as mulheres vestem-se apenas para agradar os homens galanteadores, pois o amante sempre se satisfaz mais com um traje simples que se ajusta bem à silhueta. Há uma impertinência nos ornamentos que repele o afeto, porque o amor sempre se agarra à ideia de lar.

Consideradas como sexo, as mulheres são habitualmente indolentes; e tudo tende a fazer com que sejam assim. Não esqueço o súbito aumento de atividade que a sensibilidade produz; mas, como esses voos de sentimentos apenas aumentam o mal, não devem ser confundidos com o passo vagaroso e ordenado da razão. Na realidade, é tão grande sua indolência mental e física que, até que seu corpo se fortaleça e seu entendimento se amplie por meio de exercícios vigorosos, há pouca razão para esperar que a modéstia ocupe o lugar da timidez. Pode parecer prudente para elas assumir essa falsa aparência, mas o belo véu será usado apenas nos dias de gala.

Talvez não haja uma virtude que se mescle de forma tão suave com todas as outras quanto a modéstia. É a pálida luz da lua que torna mais interessante cada virtude abrandada, dando um esplendor ameno ao horizonte diminuído. Nada pode ser mais bonito do que a ficção poética, que faz de Diana, com sua meia-lua de prata, a deusa da castidade. Penso às vezes que, ao vagar com passo tranquilo em algum retiro solitário, uma dama modesta da Antiguidade deve ter sentido um rubor de dignidade consciente quando, depois de contemplar a paisagem suave e irreal, atraiu com plácido fervor o pacífico reflexo dos raios de luz de sua irmã para seu casto seio.

Uma cristã tem motivos ainda mais nobres que a incitam a preservar sua castidade e conquistar a modéstia, porque seu corpo tem sido considerado o Templo do Deus vivo, desse Deus que exige mais do que ares de modéstia. O olhar dele examina o coração e faz com que ela lembre que, se espera encontrar benevolência à vista da

própria pureza, sua castidade deve ser fundamentada na modéstia, e não na prudência terrena; na verdade, uma boa reputação será sua única recompensa, pois essa terrível relação, essa sagrada comunicação, que a virtude estabelece entre o homem e seu Criador deve fazer nascer o anseio de ser tão puro como Ele o é!

Feitas tais observações, é quase supérfluo acrescentar que considero imodestos todos esses ares femininos de maturidade que sucedem a timidez, perante os quais a verdade é sacrificada a fim de conseguir o coração de um marido ou mesmo para forçá-lo a continuar sendo um amante, quando a natureza teria feito o amor dar lugar à amizade, caso não tivesse sido interrompida em suas operações. A ternura que um homem sentirá pela mãe de seus filhos é um substituto excelente para o ardor da paixão insatisfeita; mas, para prolongar esse ardor é indelicado, para não dizer imodesto, que as mulheres simulem uma frieza de constituição artificial. Assim como os homens, elas devem ter apetites e paixões próprios de sua natureza, que são brutais apenas quando não controlados pela razão; porém, o dever de controlá-los é da humanidade, não do sexo. Nesse sentido, a natureza pode seguramente ser deixada por si só. Que as mulheres adquiram apenas conhecimento e humanidade, e o amor lhes ensinará a modéstia<sup>[10]</sup>. Não há necessidade de falsidades, tão desagradáveis quanto fúteis, porque as regras premeditadas do comportamento enganam somente os observadores superficiais; um homem de bom senso logo enxerga a verdade e despreza a afetação.

O comportamento dos jovens uns com os outros, enquanto homens e mulheres, é a última coisa que deveria ser considerada na educação. De fato, o comportamento na maioria das circunstâncias é agora tão considerado que a simplicidade de caráter raramente é vista; no entanto, se os homens se preocupassem apenas em cultivar cada virtude e a deixassem criar raízes firmes na mente, a graça resultante disso, sua marca exterior natural, logo despojaria a afetação de suas plumas ostentosas, porque tão falaciosa quanto instável é a conduta que não se fundamenta na verdade!

Oh! Minhas irmãs, se realmente possuíis modéstia, deveis lembrar que a posse da virtude, seja qual for o nome dado a ela, é

incompatível com a ignorância e a vaidade! Deveis adquirir aquela sobriedade mental que só o exercício dos deveres e a busca do conhecimento inspiram, caso contrário permaneceréis sempre em uma situação de dependência e incerteza e sereis amadas apenas enquanto fordes belas! Os olhos baixos, o rubor róseo e a graça esquiva são todos apropriados em seu tempo certo; mas a modéstia, sendo a filha da razão, não pode coexistir por muito tempo com a sensibilidade não temperada pela reflexão. Além disso, quando o amor, mesmo o amor inocente, é a única ocupação de sua vida, seu coração será terno demais para oferecer à modéstia aquele refúgio tranquilo onde ela se deleita em habitar, em estreita união com a humanidade.

---

[1] Tal é o medo da moça do campo  
Quando se depara pela primeira vez com uma farda vermelha;  
Atrás da porta ela esconde o rosto;  
Na próxima vez, observa os galões à distância;  
Agora já pode aguentar todos os seus terrores  
E não retira sua mão do aperto de mão dele.  
Fica à vontade em seus braços,  
E cada soldado tem seus encantos;  
De tenda em tenda, ela espalha sua chama,  
Porque o costume vence o medo e a vergonha.

Gay. [John Gay (1685-1732) foi um poeta e dramaturgo inglês, autor de farsas, sátiras e poesias. A autora se refere a “The Tame Stag”, em *Fables* (1727), versos 27-36. (N. E.)]

[2] A modéstia é a virtude calma e elegante da maturidade; a timidez, o encanto da juventude vivaz.

[3] Tenho conversado com médicos sobre assuntos de anatomia, como de homem para homem, e comparado as proporções do corpo humano com artistas; no entanto, deparei-me com uma modéstia tal que nunca fui lembrada por palavras ou olhares de meu sexo das regras absurdas que fazem da modéstia um manto farisaico da fragilidade. Estou persuadida de que na busca por conhecimento as mulheres nunca serão insultadas por homens sensatos, e raras vezes por homens de qualquer tipo, se elas não lembrarem a eles por meio da falsa modéstia de que são mulheres; atuando com o mesmo espírito das senhoras portuguesas, que

considerariam um insulto a seus encantos se, quando deixadas sozinhas com um homem, ele não tentasse, pelo menos, ser grosseiramente íntimo. Os homens nem sempre são homens na companhia das mulheres nem as mulheres sempre se recordariam de que são mulheres, se lhes fosse permitido adquirir mais entendimento.

[4] Homens ou mulheres, pois o mundo contém muitos homens modestos.

[5] O comportamento imodesto de muitas mulheres casadas, que são, todavia, fiéis ao leito do marido, ilustrará esse comentário.

[6] A pobre mariposa, esvoaçando ao redor de uma vela, queima suas asas.

[a] Referência à heroína de *Julie ou la Nouvelle Héloïse*, de Jean-Jacques Rousseau. (N. E.)

[7] Desde cedo, as crianças veem os gatos com suas crias, os pássaros com seus filhotes etc. Por que, então, não se deve dizer-lhes que suas mães as têm e as nutrem da mesma forma? Como, dessa forma, não se lhes pareceria nada misterioso, elas nunca mais pensariam no assunto. Pode-se sempre dizer a verdade às crianças, se esta for dita com seriedade, mas é a falta de modéstia da afetação que faz todo o mal, e essa fumaça aquece a imaginação, ao tentar ocultar de modo frívolo certos objetos. Se, de fato, fosse possível manter as crianças longe das más companhias, nunca teríamos de aludir a qualquer um desses assuntos; mas como isso é impossível, é melhor dizer-lhes a verdade, especialmente quando tal informação, por não lhes interessar, não causará nenhuma impressão em sua imaginação.

[8] Ao realizar essas tarefas, o afeto é a melhor escolha para não ferir a delicadeza de um amigo, mantendo-as cobertas com um véu, porque a impotência pessoal acarretada pela enfermidade é de natureza humilhante.

[9] Lembro-me de ter encontrado em um livro sobre educação uma frase que me fez sorrir: “Seria desnecessário adverti-la para não colocar sua mão por acaso sob sua echarpe, porque uma mulher modesta jamais o faria!”.

[10] O comportamento de muitas mulheres recém-casadas, com frequência, tem me desagradado. Parecem preocupadas em não deixar que o marido esqueça o privilégio do matrimônio e não encontram prazer na sua companhia a não ser que ele aja como um amante. Breve, de fato, deve ser o reinado do amor quando a chama é assim constantemente inflamada, sem receber qualquer combustível sólido!

## 8

### A MORALIDADE ENFRAQUECIDA POR NOÇÕES SEXUAIS REFERENTES À IMPORTÂNCIA DE UMA BOA REPUTAÇÃO

**H**á tempos, ocorreu-me que os conselhos a respeito do comportamento e todos os vários métodos para preservar uma boa reputação, que têm sido tão persistentemente inculcados no universo feminino, foram venenos capciosos que, ao sedimentar a moralidade, consumiram a substância. E essa quantidade de sombras produziu um cálculo falso, porque a extensão delas depende muito da altitude do sol e de outras circunstâncias adventícias.

De onde surge o comportamento desenvolvido e falacioso de um cortesão? Sem dúvida, de sua situação: tendo a necessidade de dependentes, ele é obrigado a aprender a arte de negar sem ofender e de nutrir evasivamente a esperança com o alimento do camaleão; assim, joga de forma polida com a verdade e, consumindo a sinceridade e a humanidade inatas ao homem, produz o cavalheiro refinado.

Do mesmo modo, as mulheres adquirem por uma suposta necessidade um modo de conduta igualmente artificial. Contudo, não se pode jogar impunemente com a verdade, pois o dissimulador experiente acaba por converter-se na vítima de suas próprias artimanhas e perde aquela sagacidade que de modo apropriado tem sido chamada de bom senso; isto é, a rápida percepção das verdades comuns, que são constantemente recebidas como tal por mentes simples, ainda que não tenham tido a energia suficiente para descobri-las por si mesmas, quando obscurecidas pelos preconceitos locais. A maior parte das pessoas forma suas opiniões em confiança para evitar o problema de exercitar a própria mente, e esses seres indolentes naturalmente se prendem à letra mais do que ao espírito de uma lei, divina ou humana. “As mulheres”, disse certo autor, não me recordo qual, “não se preocupam com aquilo que somente o Céu vê”. Por que, de fato, deveriam fazê-lo? É o olho do homem que elas aprenderam a

temer – e, se elas podem ninar seu Argos<sup>[a]</sup>, raramente pensam no Céu ou nelas mesmas, porque sua reputação está salva; e é a reputação, e não a castidade, com todos seus belos acompanhamentos, que elas empregam para se manter livres de mácula, não como uma virtude, mas para preservar sua posição no mundo.

Para provar a verdade de tal observação, basta mencionar as intrigas das mulheres casadas, em particular na alta sociedade e nos países onde elas têm casamentos adequadamente arranjados por seus pais, de acordo com sua posição social. Se uma menina inocente tornar-se vítima do amor, degrada-se para sempre, embora sua mente não tenha sido contaminada pelas artimanhas que as mulheres casadas praticam, sob o conveniente manto do matrimônio; ela não terá violado nenhum dever – a não ser o dever de respeitar a si mesma. A mulher casada, pelo contrário, rompe o mais sagrado compromisso e, sendo uma esposa falsa e desleal, torna-se uma mãe cruel. Caso o marido ainda tenha alguma afeição por ela, as artes que ela deve praticar para enganá-lo farão dela o mais desprezível dos seres humanos; e, em qualquer caso, os artifícios necessários para salvar as aparências conservarão sua mente naquela agitação infantil ou viciosa que destrói toda sua energia. Além disso, com o tempo, assim como aquelas pessoas que habitualmente bebem tônicos para elevar seus espíritos, ela desejará uma intriga para dar vida a seus pensamentos, tendo perdido o gosto pelos prazeres que não são temperados pela esperança ou pelo medo.

Às vezes, as mulheres casadas agem de modo ainda mais audaz. Mencionarei um exemplo.

Ninguém tomou a iniciativa de situar na classe da qual deveria fazer parte uma mulher de bem que, ainda que vivendo com seu marido, ficou conhecida por suas aventuras, fazendo questão de tratar com o mais insultante desprezo uma pobre e tímida criatura, envergonhada pelo sentimento de sua antiga fraqueza, quando um cavalheiro da vizinhança a seduziu e desposou. Na verdade, essa mulher tinha confundido virtude com reputação e, creio firmemente, valorizou-se pela retidão de seu comportamento antes do casamento, embora uma vez estabelecida, para a satisfação de sua família, ela e o marido foram igualmente infiéis – de modo que o herdeiro imperfeito de uma imensa fortuna veio sabe Deus de onde!

Vejamos esse assunto sob outra luz.

Conheci muitas mulheres que, se não amavam o marido, não amavam ninguém mais, abandonando-se inteiramente à vaidade e à dissipação,

negligenciando qualquer obrigação doméstica; mais ainda, esbanjando todo o dinheiro que deveria ser guardado para seus filhos jovens e indefesos, ainda que tivessem se pavoneado de sua reputação imaculada, como se toda a extensão de seus deveres enquanto esposas e mães fosse apenas a de preservá-la. Ao passo que outras mulheres indolentes, descuidando de toda obrigação pessoal, pensavam que mereciam o afeto do marido porque certamente consideravam sua conduta apropriada.

As mentes fracas sempre se sentem inclinadas a descansar nos cerimoniais do dever, mas a moralidade oferece motivos muito mais simples; e seria de se desejar que os moralistas superficiais tivessem falado menos a respeito do comportamento e de sua prática exterior, pois, a não ser que a virtude de qualquer tipo seja construída sobre o conhecimento, produzirá somente uma espécie de decência insípida. Contudo, o respeito pela opinião do mundo tem sido definido como o principal dever da mulher com as mais explícitas palavras, já que Rousseau declara “que a reputação não é menos indispensável do que a castidade”. Acrescenta ele:

Um homem seguro de sua própria boa conduta depende apenas de si mesmo e pode desafiar a opinião pública; mas uma mulher, comportando-se bem, cumpre apenas metade de seu dever, pois o que se pensa a seu respeito é tão importante para ela quanto o que ela realmente é. Segue-se disso que o sistema de educação de uma mulher deveria, com relação a esse tema, ser diretamente contrário ao nosso. A opinião é o túmulo da virtude entre os homens, mas é o trono entre as mulheres.<sup>[b]</sup>

É estritamente lógico inferir que a virtude que se apoia na opinião é meramente mundana, e que se trata da virtude de um ser para quem a razão foi negada. Mas, mesmo no que se refere à opinião do mundo, estou convencida de que essa classe de pensadores está equivocada.

Tal estima pela reputação, independentemente de ser uma das recompensas naturais da virtude, surgiu, contudo, de uma causa que eu já deplorei como sendo a grande fonte da depravação feminina, a impossibilidade de recobrar a respeitabilidade pelo retorno à virtude, embora os homens preservem a deles quando se abandonam ao vício. Era natural, então, que as mulheres se esforçassem para conservar aquilo que, uma vez perdido, estaria perdido para sempre – até que essa preocupação, a reputação da castidade, engolindo todas as outras, se tornasse a única coisa necessária para o sexo. Mas vãos são os escrúpulos da ignorância, porque nem a religião nem a virtude, quando moram

no coração, exigem tal atenção pueril para com as meras cerimônias; no todo, o comportamento deve ser apropriado, quando o motivo é puro.

Para apoiar minha opinião, apresento uma autoridade muito respeitável; e a autoridade de um pensador frio deve ter peso para obrigar a consideração, embora não para estabelecer um sentimento. Falando das normas gerais da moralidade, o dr. Smith observa

que, por alguma circunstância verdadeiramente extraordinária e desafortunada, um homem bom pode vir a ser suspeito de um crime do qual era absolutamente incapaz e, por conta disso, ser injustamente exposto pelo resto de sua vida ao horror e à aversão da humanidade. Por um acidente desse tipo, pode-se dizer que ele tenha perdido tudo, apesar de sua integridade e justiça, da mesma maneira que um homem cauteloso, não obstante sua extrema circunspeção, pode ser arruinado por um terremoto ou uma inundação. Acidentes do primeiro tipo, contudo, são talvez ainda mais raros e ainda mais contrários ao curso comum das coisas do que os do segundo tipo; e permanece correto que a prática da verdade, da justiça e da humanidade é um método certo e quase infalível de obter o que essas virtudes, sobretudo, têm em mira: a confiança e o amor daqueles com quem vivemos. Uma pessoa pode ser facilmente mal interpretada por conta de uma ação específica, mas é pouco provável que isso aconteça em relação ao teor geral de sua conduta. Pode-se acreditar que um homem inocente tenha feito algo errado; isto, contudo, raramente acontecerá. Ao contrário, a opinião estabelecida sobre a inocência de seu comportamento frequentemente nos levará a absolvê-lo quando realmente houver cometido uma falta, não obstante suspeitas muito fortes.<sup>[c]</sup>

Concordo plenamente com o escritor, porque em verdade acredito que poucas pessoas de qualquer sexo já tenham sido desprezadas, sem merecê-lo, em virtude de certos vícios. Não falo da calúnia momentânea, que paira sobre um caráter da mesma forma que uma densa neblina matinal de novembro o faz sobre esta metrópole, até que gradualmente se desvaneça ante a luz comum do dia; apenas sustento que a conduta diária da maioria é a que prevalece para forjar seu caráter com a impressão da verdade. A luz clara, brilhando serenamente dia após dia, refuta as suposições ignorantes ou as histórias maliciosas que atiram lama em um caráter puro. Uma luz falsa distorceu, por um breve tempo, sua sombra – a reputação; mas raras vezes deixa de ser justa quando se dissipa a nuvem que provocou o erro na visão.

Sem dúvida, sob vários aspectos, muitas pessoas obtêm uma reputação melhor do que merecem, estritamente falando; pois a operosidade incessante alcançará, na maior parte das vezes, sua meta em todas as competições. Os que só se esforçam por tal prêmio mesquinho, como os fariseus, que rezavam nas esquinas das ruas para serem vistos pelos homens, certamente obtêm a recompensa que buscam, porque o coração do homem não pode ser lido pelo

homem! Não obstante, a fama justa que se reflete naturalmente pelas boas ações, quando o homem está empenhado somente em dirigir seus próprios passos de modo acertado, sem levar em conta os observadores, é, em geral, não apenas mais verdadeira, mas mais certa.

Há provações, é verdade, para as quais o homem bom deve recorrer a Deus contra a injustiça do homem e, em meio ao candor lamentoso ou aos sibilos da inveja, erigir um pavilhão em sua própria mente para onde se retire até que acabe o rumor; mais ainda, os dardos de uma censura imerecida podem perfurar dolorosamente um peito inocente e terno; mas essas são exceções às regras gerais. E o comportamento humano deve ser regulado de acordo com as normas comuns. A órbita excêntrica do cometa nunca influencia os cálculos da astronomia a respeito da ordem invariável estabelecida no movimento dos principais corpos do sistema solar.

Aventurar-me-ei, então, a afirmar que, depois que um homem chega à maturidade, o esboço geral de seu caráter, admitindo-se as exceções à regra já mencionadas, está perfeitamente delineado aos olhos do mundo. Não digo que um homem prudente e conhecedor das coisas do mundo, que possui apenas virtudes e qualidades negativas, não obtenha, às vezes, uma reputação mais lisonjeira do que um homem mais sábio ou melhor. Longe disso, estou propensa a concluir pela experiência que, quando a virtude de duas pessoas é quase igual, o caráter mais negativo será preferido pelo mundo em geral, enquanto o outro pode ter mais amigos na vida privada. Mas as colinas e os vales, as nuvens e a luz do sol, notáveis nas virtudes de grandes homens, evidenciam-se; e, embora proporcionem à fraqueza invejosa um alvo mais preciso contra o qual atirar, o caráter real ainda seguirá seu caminho em direção à luz, mesmo que seja salpicado de um afeto débil ou uma malícia engenhosa<sup>[1]</sup>.

A respeito dessa ansiedade em preservar a reputação obtida com esforço, que leva pessoas perspicazes a analisá-la, não farei o comentário óbvio, mas temo que a moralidade seja solapada de maneira realmente insidiosa no mundo feminino, por estar a atenção voltada para a aparência, em vez de para a substância. Uma coisa simples é, assim, tornada estranhamente complicada; mais ainda, às vezes, a virtude e sua sombra se põem em desacordo. Talvez nunca tivéssemos ouvido falar de Lucrecia<sup>[d]</sup>, caso ela tivesse morrido para preservar sua castidade, em vez de sua reputação. Se realmente merecemos uma boa opinião de nós mesmos, comumente seremos respeitados pelo mundo; mas, se ansiamos por um

aperfeiçoamento mais elevado e por realizações mais plenas, não é suficiente vermos a nós mesmos como supomos que os outros nos veem, embora isso tenha sido argumentado de modo hábil enquanto fundamento de nossos sentimentos morais<sup>[2]</sup>. Cada espectador pode ter seus próprios preconceitos, além dos preconceitos de sua época ou seu país. Deveríamos fazer um esforço para nos vermos da mesma forma como supomos que aquele Ser observa cada pensamento nosso amadurecido e colocado em ação, e cujo julgamento nunca se desvia da regra eterna do correto. Justos – e misericordiosos – são todos os seus julgamentos!

A mente humilde que busca encontrar benevolência perante Ele e examina com calma sua conduta quando apenas Sua presença é percebida raramente formará uma opinião equivocada de suas próprias virtudes. Durante a hora serena da autorreflexão, o cenho franzido da justiça transgredida representará uma terrível desaprovação, e o vínculo que une o homem à Divindade será reconhecido no puro sentimento de adoração reverencial, que inflama o coração sem suscitar emoções tumultuadas. Nesses momentos solenes, o homem descobre o germe dos vícios, que, como a árvore de Java, espalha um vapor pestilento ao redor – a morte espreita na sombra! E ele os percebe sem aborrecimento, porque se sente unido a todos os seus semelhantes por algum laço de amor, ansioso em encontrar o atenuante para a loucura deles na natureza de cada um – em si mesmo. Pode ele argumentar: se eu, que exercito minha própria mente e tenho sido purificado pela tribulação, encontro o ovo da serpente em alguma dobra de meu coração e o esmago com dificuldade, não me apiedarei daqueles que o pisaram com menos vigor ou que nutriram de modo descuidado o réptil insidioso, até que este tivesse envenenado a corrente de água vital que sugava? Posso eu, consciente de meus pecados secretos, livrar-me de meus semelhantes e com calma vê-los cair no abismo da perdição, que se escancara para recebê-los. Não, não! O coração agonizante gritará com impaciência sufocante – eu também sou um homem! E tenho vícios, talvez escondidos do olhar humano, que me curvam ao pó diante de Deus e me dizem em voz alta, quando tudo está em silêncio, que somos formados da mesma terra e respiramos o mesmo elemento. Assim, a humanidade ergue-se naturalmente da humildade e trança os laços do amor que enredam o coração em várias voltas.

Essa empatia se estende ainda mais, até o ponto em que um homem plenamente satisfeito usa a força ao lançar argumentos que nem sequer são

convincentes em seu próprio íntimo, e ele de bom grado coloca para si mesmo, sob a mais clara luz, as manifestações da razão que têm enganado outras pessoas, regozijado em encontrar alguma razão em todos os erros humanos; ainda que esteja convencido de que Aquele que rege o dia faz com que seu Sol ilumine tudo. No entanto, apertando as mãos como se fosse com a corrupção, tem um pé sobre a terra e outro que sobe ao Céu com passo valente, proclamando um parentesco com as forças superiores. As virtudes não observadas pelo homem deixam cair sua fragrância balsâmica nessa hora fresca do dia, e a terra sedenta refrescada pelas correntes puras de bem-estar que repentinamente jorram é coroada com verdor sorridente; esse é o verde vivo que o olhar pode observar com complacência e que é puro demais para contemplar a iniquidade!

Mas meu espírito esmorece; e eu devo, em silêncio, entregar-me ao sonho a que essas reflexões conduzem, incapaz de descrever os sentimentos que acalmaram minha alma quando, observando o sol nascente, uma suave chuva molhou as folhas das árvores vizinhas e pareceu cair sobre meu espírito lânguido, porém tranquilo, para esfriar o coração que havia sido inflamado pelas paixões, as quais a razão lutava para dominar.

Os princípios norteadores, que permeiam toda minha dissertação, tornariam desnecessário prolongar-me neste assunto, caso a atenção constante para conservar fresco e em boas condições o verniz do caráter não fosse frequentemente inculcada como a soma total do dever feminino; caso as normas que regulam o comportamento e preservam a reputação não suplantassem com demasiada frequência as obrigações morais. Mas, no que diz respeito à reputação, a atenção limita-se a uma simples virtude: a castidade. Se a honra de uma mulher, como é absurdamente chamada, for resguardada, ela pode negligenciar todo dever social; mais ainda, pode arruinar sua família com jogos de azar e extravagâncias; ainda assim, continuaria apresentando uma frente sem vergonha – porque é verdadeiramente uma mulher honrada!

A sra. Macaulay bem observa que “há apenas uma falta que uma mulher honrada não pode cometer com impunidade”. Ela, então, acrescenta, de forma justa e humana:

Isto tem feito surgir a observação tola e banal de que a primeira falta contra a castidade em uma mulher tem um poder radical de depravar seu caráter. Mas das mãos da natureza não saem seres tão frágeis. A mente humana é formada por materiais mais nobres, que não se corrompem com tanta facilidade; e com todas as desvantagens de sua situação e educação, raramente as mulheres são abandonadas por completo, até que sejam atiradas em um estado de desespero pelo rancor venenoso de seu próprio sexo.

[e]

Mas, na mesma proporção em que esse cuidado com a reputação da castidade é prezado pelas mulheres, é desprezado pelos homens; e os dois extremos são igualmente destrutivos com relação à moralidade.

Os homens certamente estão mais sob a influência de seus apetites do que as mulheres; e seus apetites são mais depravados pela satisfação desenfreada e pelos artifícios fastidiosos da saciedade. A luxúria introduziu um refinamento no comer que destrói a constituição física e uma gula tão animal que a percepção de um comportamento decoroso precisa ser desgastada antes que se possa comer sem moderação na presença de alguém e, depois, queixar-se da opressão que a intemperança naturalmente produziu. Algumas mulheres, em particular as francesas, também perderam o sentido da decência a esse respeito, já que falam com muita calma sobre uma indigestão. Seria de se desejar que não fosse permitido gerar a indolência sobre o solo fértil da opulência, esse enxame de insetos estivais que se alimentam da putrefação; aí, então, não nos revoltaríamos à vista de tais excessos brutais.

Penso que há uma regra relativa ao comportamento que deve reger todas as demais; consiste apenas em acalentar um respeito habitual pela humanidade que nos impeça de desgostar de um semelhante em nome de um prazer momentâneo. A vergonhosa indolência de muitas mulheres casadas e de outras um pouco avançadas na idade frequentemente as leva a pecar contra a delicadeza. Porque, mesmo estando convencidas de que a pessoa física é o vínculo de união entre os sexos, quantas vezes não causam desgosto por mera indolência ou para desfrutar de algum capricho trivial?

A depravação do apetite que une os sexos tem tido um efeito ainda mais fatal. A natureza deve ser sempre o padrão do gosto, a medida do apetite; contudo, quão grosseiramente é a natureza insultada pelos voluptuosos. Deixemos os refinamentos do amor fora de questão; a natureza, fazendo da satisfação de um apetite, a esse respeito ou em qualquer outro, uma lei natural e imperiosa para preservar a espécie, exalta o apetite e mescla ao ímpeto sensual um pouco de mente e de afeto. Os sentimentos de um pai misturados com um instinto meramente animal dão-lhe dignidade; e, quando o homem e a mulher se unem por causa do filho, o exercício de uma simpatia comum suscita interesse e afeto mútuos. As mulheres tendo, então, algum dever necessário a cumprir mais nobre do que se enfeitar não seriam prazerosamente as escravas da luxúria ocasional, o

que corresponde agora à situação de um número bastante considerável delas, objeto de apetite ao qual qualquer glutão pode ter acesso.

Pode-se dizer que tal monstruosidade, por maior que seja, afeta somente uma parte condenada do sexo – condenada para a salvação do resto. Porém, o reconhecimento de que é necessária a aprovação de um pequeno mal para que se produza um bem maior pode ser facilmente refutado; o mal não para aí, já que o caráter moral e a paz mental da parte mais casta do sexo são minados pelo comportamento de toda mulher a quem não permitem refúgio para sua culpa; a quem entregam inexoravelmente ao exercício das artes para seduzir o marido e perverter os filhos, e, ao não permitir que as mulheres modestas aflorem, fazem com que elas assumam, de certa maneira, o mesmo caráter. Porque me atreverei a afirmar que todas as causas da fragilidade feminina a que me referi, assim como a depravação, derivam de uma fonte principal: a falta de castidade nos homens.

Essa intemperança tão predominante corrompe o apetite a tal ponto que é preciso um estímulo lascivo para despertá-lo, mas o desígnio parental da natureza é esquecido, e apenas a pessoa, por um momento, absorve os pensamentos. De fato, com frequência torna-se tão voluptuoso o ladrão lascivo que aperfeiçoa a suavidade feminina. Busca, então, algo mais suave do que a mulher; na Itália e em Portugal, os homens chegam ao ponto de participar de recepções na corte com pessoas equívocas para suspirar por algo mais do que a languidez feminina.

Para satisfazer essa classe de homens, as mulheres são tornadas sistematicamente voluptuosas e, ainda que nem todas levem sua libertinagem à mesma altura, essas relações sem coração com o sexo a que se permitem depravam ambos os sexos, porque o gosto dos homens está viciado; e as mulheres de todas as classes adequam de modo natural seu comportamento, a fim de satisfazer o gosto por meio do qual obtêm prazer e poder. Em consequência, por se tornarem mais frágeis de corpo e mente do que seriam caso levassem em conta um dos grandes fins de sua existência, qual seja, ter filhos e criá-los, as mulheres não possuem força suficiente para cumprir o primeiro dever de uma mãe e, ao sacrificarem à lascívia o afeto maternal que enobrece o instinto, ou destroem o embrião no útero, ou o abandonam quando nascido. A natureza demanda respeito para com todas as coisas, e aqueles que violam suas leis raras vezes o fazem impunemente. As mulheres frágeis e enervadas, que de forma particular atraem a atenção dos libertinos, são inaptas para a maternidade, ainda que

possam conceber; desse modo, quando os sensualistas ricos, que provocaram distúrbios entre as mulheres, espalhando depravação e infelicidade, desejam perpetuar seu nome, recebem de sua esposa apenas um ser imperfeito, que herda as fraquezas tanto de seu pai quanto de sua mãe.

Ao contrastar a humanidade da época atual com a barbárie da Antiguidade, tem sido dada grande ênfase ao costume selvagem de abandonar os filhos que os pais não podiam manter; enquanto o homem de sensibilidade, que talvez se queixe disso, cria com seus amores promíscuos uma esterilidade mais destrutiva e uma perversidade de hábitos contagiosa. A natureza nunca terá pretendido, certamente, que as mulheres, ao satisfazer um apetite, frustrassem o próprio objetivo para o qual se estabeleceram?

Já observei que os homens devem manter as mulheres que seduziram; isto seria um dos meios de reformar os hábitos femininos e de deter o abuso que tem um efeito igualmente fatal sobre a população e a moral. Outro, não menos óbvio, seria o de voltar a atenção da mulher para a real virtude da castidade, pois, ainda que sua reputação seja branca como a neve, a mulher que sorri para o libertino enquanto menospreza as vítimas de seus apetites ilícitos e de suas próprias loucuras tem pouco direito ao respeito por conta de sua modéstia.

Além disso, ainda que se estime pura, está contaminada com a mesma loucura quando se enfeita com cuidado apenas para que os homens a vejam, visando a despertar suspiros respeitosos e toda a homenagem tola daquilo que se denomina galanteria inocente. Se as mulheres realmente respeitassem a virtude em si, não procurariam na vaidade a recompensa pela abnegação, que se veem obrigadas a praticar para resguardar sua reputação, nem andariam em companhia de homens que afrontam esta última.

Os dois sexos se corrompem e se aperfeiçoam mutuamente. Acredito que essa seja uma verdade indiscutível, que se estende a qualquer virtude. A castidade, a modéstia, o espírito cívico e todo o nobre séquito das virtudes, sobre o qual se fundamentam a virtude social e a felicidade, devem ser entendidos e cultivados por toda a humanidade; caso contrário, seu efeito será reduzido. E, em vez de proporcionar ao vicioso ou ao indolente um pretexto para violar algum dever sagrado ao denominá-lo de sexual, seria mais sábio mostrar que a natureza não fez nenhuma diferença e, por isso, o homem que não é casto frustra duplamente o propósito da natureza, ao tornar infecunda a mulher e ao destruir sua própria constituição, ainda que evite a vergonha que busca o delito no outro sexo. Essas

são as consequências físicas; as morais são ainda mais alarmantes, porque a virtude é apenas uma distinção nominal quando os deveres dos cidadãos, dos maridos, das esposas, dos pais, das mães e dos gestores da família se convertem meramente nos laços egoístas da conveniência.

Por que, então, os filósofos buscam o espírito cívico? Este deve ser nutrido pela virtude individual, senão será semelhante ao sentimento artificial que faz com que as mulheres se preocupem em preservar sua reputação, e os homens, sua honra. Um sentimento que se dá amiúde sem o apoio da virtude, sem o apoio dessa moralidade sublime que faz da quebra habitual de um dever uma infração de toda a lei moral.

---

[a] Gigante de cem olhos, personagem da mitologia grega. (N. E.)

[b] Jean-Jacques Rousseau, *Emílio*. (N. E.)

[c] Adam Smith, *Teoria dos sentimentos morais*. (N. E.)

[1] Faço alusão a vários escritos biográficos, particularmente a *Life of Johnson*, de Boswell. [James Boswell (1740-1795), escritor e advogado escocês, foi amigo de Samuel Johnson, cuja biografia escreveu em 1791. (N. E.)]

[d] Lucrecia (século V a.C.) suicidou-se após ter sido estuprada por Sexto, filho de Tarquínio, o Soberbo. A luta que se seguiu a esse evento é considerada o estopim da derrubada do governo monárquico e da subsequente instalação da República romana. (N. E.)

[2] [Adam] Smith.

[e] Catharine Macaulay, *Letters on Education, with Observations of Religious and Metaphysical Subjects*. (N. E.)

## DOS EFEITOS PERNICIOSOS QUE SURGEM DAS DISTINÇÕES INATURAIS ESTABELECIDAS NA SOCIEDADE

**D**o respeito que se presta à propriedade brota, como de uma fonte envenenada, a maioria dos males e dos vícios que fazem deste mundo uma cena tão melancólica para a mente contemplativa. Porque é na sociedade mais refinada que os répteis daninhos e as serpentes venenosas se escondem sob a vegetação exuberante; e há uma voluptuosidade fomentada pelo ar parado e sufocante que relaxa qualquer boa disposição antes que esta se torne virtude.

Uma classe oprime a outra, pois todos almejam obter respeito em razão de sua propriedade; e a propriedade, uma vez obtida, garantirá o respeito que seria devido somente a talentos e virtudes. Os homens negligenciam os deveres que são sua incumbência e, ainda assim, são tratados como semideuses. A religião é também separada da moralidade por um véu cerimonial; contudo, os homens se admiram que o mundo seja quase, literalmente, um antro de vigaristas ou opressores.

Há um provérbio familiar que expressa uma verdade contundente, a de que o diabo se serve de quem está ocioso. E que outra coisa a riqueza e os títulos hereditários podem produzir, senão hábitos indolentes? Pois o homem é constituído de tal modo que só pode obter um uso apropriado de suas faculdades exercitando-as, e não o fará, a não ser que uma necessidade qualquer coloque o mecanismo em movimento. Da mesma maneira, a virtude só pode ser adquirida pelo cumprimento dos deveres pertinentes, mas a importância desses deveres sagrados será pouco sentida pelo ser que foi levado a desistir de sua humanidade pela adulação dos bajuladores. Deve-se estabelecer mais igualdade na sociedade, caso contrário, a moralidade nunca ganhará terreno; e tal igualdade virtuosa não se assentará com firmeza, mesmo quando fundada sobre uma rocha, se metade da humanidade estiver acorrentada ao fundo pelo destino, porque ela será

continuamente minada pela ignorância ou pelo orgulho.

É vão esperar virtude das mulheres, até que elas tenham algum grau de independência em relação aos homens; mais ainda, é vão esperar essa força do afeto natural que faria delas boas esposas e mães. Enquanto elas forem absolutamente dependentes do marido, serão astutas, mesquinhas e egoístas; e os homens, que podem ser gratificados com o afeto servil semelhante ao de um cão, não têm muita delicadeza, pois o amor não pode ser comprado; em todos os sentidos das palavras, suas asas de seda são instantaneamente atrofiadas quando se busca qualquer coisa que não seja uma recompensa monetária. Contudo, enquanto a riqueza debilitar os homens e as mulheres viverem, por assim dizer, de seus encantos pessoais, como podemos esperar deles que cumpram esses deveres enobrecedores que requerem igualmente esforço e abnegação? A propriedade hereditária priva a mente de sua espontaneidade, e suas vítimas infortunadas – se assim posso me expressar –, envoltas em ataduras desde o nascimento, raramente exercitam a capacidade de movimento do corpo ou da mente; e, assim, observando tudo através de um meio que é falso, elas são incapazes de discernir em que o verdadeiro mérito e a felicidade consistem. Falsa, de fato, deve ser a luz quando o drapado da situação esconde o homem e o faz espregar disfarçado, arrastando de um cenário de dissipação a outro seus membros inertes, que pendem com estúpida indiferença, e girando os olhos inexpressivos, que nos dizem com clareza que não há nenhuma inteligência no íntimo.

Pretendo inferir, portanto, que não é bem organizada a sociedade que não compele homens e mulheres a cumprir seus respectivos deveres, fazendo disso a única maneira para conquistar a aprovação de seus semelhantes, que todo ser humano deseja obter de alguma forma. Consequentemente, o respeito prestado à riqueza e aos meros encantos pessoais é uma verdadeira rajada de vento nordeste que malogra as ternas flores do afeto e da virtude. A natureza sabiamente uniu os afetos às obrigações para suavizar o trabalho e dar aquele vigor aos exercícios da razão que apenas o coração pode oferecer. Mas o afeto, que é assumido meramente porque é a insígnia apropriada de certo caráter quando seus deveres não são cumpridos, é um dos galanteios vazios que o vício e a insensatez são obrigados a prestar à virtude e à real natureza das coisas.

Para ilustrar minha opinião, preciso apenas observar que, quando uma mulher é admirada por sua beleza e deixa-se inebriar pela admiração que recebe a

ponto de negligenciar o cumprimento do indispensável dever de uma mãe, ela peca contra si mesma, deixando de cultivar um afeto que tenderia a fazê-la igualmente útil e feliz. A verdadeira felicidade – refiro-me a todo o contentamento e a satisfação virtuosa que se pode agarrar nesse estado imperfeito – deve surgir dos afetos bem regulados; e um afeto inclui um dever. Os homens não se dão conta da infelicidade que causam e da fraqueza viciosa que estimulam por incitar as mulheres a se tornarem somente agradáveis; eles não consideram que desse modo fazem com que os deveres naturais e os artificiais se choquem, sacrificando o conforto e a respeitabilidade da vida de uma mulher às noções voluptuosas de beleza, quando na natureza tudo isso se harmoniza.

Frio seria o coração de um marido, caso não tivesse se tornado inatural pela devassidão precoce, que, à vista de seu filho amamentado pela mãe, não sentisse prazer maior do que podem suscitar os truques mais devassos e licenciosos; contudo, a riqueza leva as mulheres a desprezarem esse caminho natural de consolidar o laço matrimonial e entrelaçar a estima com recordações ternas. Para conservar sua beleza e usar a coroa florida do dia, o que lhes dá uma espécie de direito de reinar sobre o sexo por um breve período, elas deixam de estampar impressões no coração do marido, que seriam lembradas com maior ternura do que até mesmo seus encantos virginiais, quando a neve sobre a cabeça começasse a esfriar o peito. A solicitude maternal de uma mulher sensata e afetuosa é muito interessante, e a dignidade moderada com que uma mãe devolve as carícias que ela e seu filho recebem de um pai que esteve cumprindo com as obrigações de sua posição não é apenas uma visão respeitável, mas também bela. Tão singulares, de fato, são meus sentimentos – e tenho me esforçado para não apreender aqueles artificiais – que, após ter me cansado de ver a grandeza insípida e as cerimônias servis que com pompa incômoda ocupam o lugar das afeições domésticas, voltei-me para outra cena a fim de aliviar meus olhos, repousando-os sobre o refrescante verdor espalhado pela natureza por toda parte. Vi, então, com prazer, uma mulher acalentando seus filhos e cumprindo os deveres de sua posição, talvez só com uma criada para lhe tirar das mãos a parte servil dos trabalhos domésticos. Eu a vi preparar a si mesma e a seus filhos com o único luxo da limpeza para receber seu marido, que, voltando cansado para casa à noite, encontrou crianças sorridentes e um lar limpo. Meu coração se demora em meio a esse grupo e até mesmo palpita com emoção solidária, quando o som de um passo bem conhecido suscita um agradável alvoroço.

Enquanto minha benevolência é satisfeita pela contemplação desse quadro inocente, penso que um casal desse tipo, tão necessário quanto independente um do outro, porque cada um cumpre os respectivos deveres de sua condição, possui tudo o que a vida poderia dar. Posicionados suficientemente acima da pobreza abjeta, a ponto de não serem obrigados a pesar a consequência de cada centavo que gastam, e tendo o bastante para que não precisem seguir um rígido sistema de economia que limite tanto o coração quanto a mente, declaro – tão comuns são minhas concepções – que não sei o que falta para tornar essa a mais feliz e respeitável situação no mundo, a não ser um gosto pela literatura, para acrescentar um pouco de variedade e interesse na conversação social, e algum dinheiro supérfluo para dar aos necessitados e comprar livros. Porque não é agradável, quando o coração está aberto à compaixão e a mente se ocupa com planos para ser útil, ter um garoto servil continuamente puxando para trás o cotovelo a fim de evitar que a mão lhe estenda uma bolsa quase vazia, sussurrando ao mesmo tempo alguma máxima prudente sobre a prioridade da justiça.

Contudo, destrutivas como são as riquezas e as honras hereditárias para o caráter humano, as mulheres são mais aviltadas e limitadas por estas do que os homens, se isto for possível, porque eles ainda têm a chance de, em algum grau, desenvolver suas faculdades, tornando-se soldados e homens de Estado.

Como soldados, admito, eles agora podem somente colher, na maioria dos casos, láureas sem valor, enquanto ajustam com precisão o equilíbrio europeu, tomando cuidado especial para que nenhum canto setentrional desolado nem qualquer ruído inclinem a balança. Mas os dias de verdadeiro heroísmo acabaram, quando um cidadão lutava por seu país como um Fabrício ou um Washington e, então, voltava à fazenda para deixar que seu fervor virtuoso fluísse por uma corrente mais plácida, mas não menos salutar. Não, nossos heróis britânicos são com mais frequência enviados para as mesas de jogo do que para o arado, e suas paixões têm sido mais inflamadas pelo suspense burro dos giros de um dado do que sublimadas pelo esforço de seguir a marcha aventureira da virtude na página da história.

O homem de Estado, é verdade, poderia com mais propriedade abandonar o trono de faraó ou a mesa de carteados para governar, porque ele tem apenas de embaralhar e enganar. Todo o sistema político britânico, se é que se pode cortesmente chamá-lo de sistema, consiste em multiplicar os subordinados e

inventar impostos, os quais trituram os pobres para mimar os ricos. Desse modo, uma guerra ou qualquer tentativa absurda é, como se diz vulgarmente, uma oportunidade afortunada de conceder um cargo a um ministro, cujo principal mérito é a arte de se conservar nele. Não é necessário, então, que ele sinta compaixão pelos pobres, pois assim poderá assegurar para sua família momentos de ócio. Ou, se alguma mostra de respeito pelo que é chamado, com ignorante ostentação, de direitos de nascimento de um inglês fosse conveniente para enganar o grosseiro mastim que ele tem de conduzir pelo nariz, ele pode, sem correr riscos, fazer uma aparição vazia, empregando apenas sua influência e permitindo que seu frívolo esquadrão marche para o outro lado. E, quando uma questão de humanidade é discutida em público, ele pode mergulhar um pedaço de pão no leite da bondade humana para silenciar Cerberus<sup>[a]</sup> e falar do interesse que toma seu coração, em uma tentativa de fazer com que a terra não mais implore por vingança enquanto suga o sangue de seus filhos, ainda que sua mão fria possa nesse mesmo momento fixar suas correntes, aprovando o tráfico abominável. Um ministro não é mais um ministro, senão enquanto puder conquistar um objetivo que está determinado a conquistar. Ainda assim, não é necessário que ele se sinta como um homem, quando um empurrão audacioso pode abalar sua posição.

Para encerrar essas observações esporádicas, porém, deixem-me retornar à escravidão mais enganadora, que acorrenta a própria alma da mulher, mantendo-a para sempre sob a servidão da ignorância.

As absurdas distinções de classe social, que fazem da civilização uma maldição ao dividir o mundo entre tiranos voluptuosos e subordinados invejosos e astutos, corrompem quase por igual as pessoas de todas as classes, porque a respeitabilidade não é associada ao cumprimento dos deveres pertinentes à vida, mas sim à posição, e quando os deveres não são satisfeitos, os afetos não podem ganhar força suficiente para fortalecer a virtude, para a qual são a recompensa natural. Não obstante, há algumas saídas pelas quais um homem pode escapar furtivamente e ousar pensar e agir por si mesmo; mas para uma mulher é uma tarefa hercúlea, porque ela tem dificuldades específicas de seu sexo e que requerem poderes quase sobre-humanos.

Um legislador verdadeiramente benevolente sempre se esforça para fazer com que o interesse de cada indivíduo seja ser virtuoso; e, assim, a virtude privada torna-se o cimento da felicidade pública e, de modo ordenado, o todo é

consolidado pelo rumo de todas as partes em direção a um centro comum. Mas a virtude privada ou pública da mulher é muito problemática, pois Rousseau e uma numerosa lista de escritores do sexo masculino insistem que ela deve ser submetida durante toda a vida a um severo controle – o do decoro. Por que submetê-la ao decoro – decoro cego –, se ela é capaz de agir por um princípio mais nobre, se ela é herdeira da imortalidade? O açúcar há de ser sempre produzido pelo sangue vital? Deve metade da espécie humana, como os pobres escravos africanos, ficar sujeita a preconceitos que a brutalizam apenas para adoçar a chávena do homem, quando princípios seriam uma proteção mais segura? Isso não é indiretamente negar à mulher a razão? Porque um dom é um escárnio, se é impróprio para o uso.

As mulheres são, assim como os homens, tornadas fracas e amantes do luxo pelos prazeres relaxantes que a riqueza provoca; mas acrescente-se a isso o fato de que elas são feitas escravas de si mesmas e precisam tornar-se atraentes para que o homem lhes empreste sua razão, a fim de guiar de maneira reta seus passos cambaleantes. Ou, se são ambiciosas, devem governar seus tiranos por meio de truques sinistros, porque sem direitos não podem existir quaisquer deveres incumbentes. As leis a respeito da mulher, que pretendo discutir em uma parte futura, fazem de um homem e sua esposa um conjunto absurdo; e, então, pela simples transição de considerar somente ele como responsável, ela é reduzida a mera nulidade.

O ser que cumpre os deveres de sua posição é independente; e, falando das mulheres em geral, seu primeiro dever é consigo mesmas enquanto criaturas racionais, e o próximo, por ordem de importância, enquanto cidadãs, é o de mãe, que inclui tantos outros deveres. Sua posição na vida, que prescindem do cumprimento desse dever, necessariamente as degrada, fazendo delas meras bonecas. Ao se dedicar a algo mais importante do que colocar roupa sobre um bloco homogêneo, sua mente fica ocupada somente com alguma ligação platônica e suave ou com a verdadeira administração de uma intriga que mantenha seus pensamentos absortos; pois, quando elas negligenciam as obrigações domésticas, não têm poder para tomar o campo de batalha, marchar e contramarchar como soldados, nem discutir no Senado para evitar que suas faculdades enferrujem.

Sei que, como uma prova da inferioridade do sexo, Rousseau exclamou exultante: “Como elas podem deixar o berçário pelo campo de batalha!”. E

alguns moralistas têm considerado o campo de batalha a escola das mais heroicas virtudes, embora eu pense que confundiria um casuísta perspicaz provar a razoabilidade da maior parte das guerras que conferiram títulos aos heróis. Não pretendo considerar essa questão de maneira crítica, porque, ao contemplar esses caprichos da ambição frequentemente como o primeiro estilo natural da civilização, não me agrada chamá-los de pestes, quando o solo deve ser aberto e os bosques devem ser limpos pelo fogo e pela espada; mas certamente o sistema atual de guerra tem pouco a ver com a virtude de qualquer tipo, sendo mais a escola da *finesse* e da afeminação do que da força moral.

Contudo, se a guerra defensiva, a única guerra justificável, no atual estado avançado da sociedade, em que a virtude pode mostrar sua face e amadurecer em meio aos rigores que purificam o ar no topo das montanhas, somente fosse aceita por ser justa e gloriosa, o verdadeiro heroísmo da Antiguidade poderia novamente animar os seios femininos. Mas, sem rodeios, gentil leitor, homem ou mulher, não te alarmes, pois ainda que eu tenha comparado o caráter de um soldado moderno ao de uma mulher civilizada, não aconselharei que transformem a roca em mosquete, embora eu sinceramente desejasse ver a baioneta convertida em uma tesoura de poda. Ao supor que, em algum tempo, a sociedade estará formada de modo tal que o homem terá necessariamente de cumprir as obrigações de cidadão, se não quiser ser desprezado, e que, enquanto ele estiver empregado em algum dos departamentos da vida civil, sua esposa, também uma cidadã ativa, deverá estar igualmente concentrada, administrando a família, educando os filhos e ajudando o próximo, eu apenas reconstituo uma imaginação cansada de contemplar os vícios e as loucuras provenientes de uma corrente fétida da riqueza, que tem enlameado os riachos puros do afeto natural.

Para torná-la realmente virtuosa e útil, no entanto, ela não deve, caso cumpra seus deveres civis, querer para si a proteção das leis civis; ela não deve ser dependente da liberalidade do marido para sua subsistência enquanto ele viver ou após sua morte, pois como pode ser generoso quem não tem nada de seu? Ou ser virtuoso quem não é livre? No atual estado de coisas, a esposa que é fiel ao marido, mas não amamenta nem educa os filhos, dificilmente merece o nome de esposa e não tem nenhum direito à cidadania. Retirem, porém, os direitos naturais, e os deveres se tornam nulos.

As mulheres, então, devem ser consideradas apenas o conforto passageiro dos homens, quando se tornam tão frágeis de mente e corpo que não conseguem

fazer qualquer outro esforço, senão aquele de perseguir algum prazer vão ou inventar alguma moda frívola. Para uma mente que pensa, qual visão pode ser mais melancólica do que contemplar as numerosas carruagens que passam pela manhã em um corre-corre por esta metrópole, cheia de criaturas pálidas que estão fugindo de si mesmas? Com frequência desejo, assim como o dr. Johnson, colocar algumas delas em um pequeno armazém com meia dúzia de crianças que busquem proteção em sua lânguida expressão. Estarei bastante equivocada se um vigor latente não der logo saúde e brilho a seus olhos, e algumas linhas desenhadas pelo exercício da razão sobre as faces sem expressão, que antes eram apenas onduladas por covinhas, puderem restaurar a dignidade de caráter perdida ou, ainda, permitir alcançar a verdadeira dignidade de sua natureza. A virtude não deve ser obtida mediante a especulação, muito menos pela negativa inércia que a riqueza naturalmente gera.

Além disso, quando a pobreza é ainda mais desonrosa do que o vício, não é a moralidade atingida em seu íntimo? Não obstante, para evitar más interpretações, ainda que eu considere que as mulheres, nos caminhos comuns da vida, sejam chamadas para cumprir os deveres de esposas e mães pela religião e pela razão, não posso evitar lamentar que aquelas de uma casta superior não tenham um caminho aberto, por meio do qual possam perseguir planos mais amplos de beneficência e independência. Posso provocar risadas ao lançar uma insinuação que pretendo desenvolver no futuro, mas eu realmente acredito que as mulheres devem ter representantes, em vez de serem governadas arbitrariamente, sem qualquer participação direta nas deliberações do governo.

No entanto, na forma como se encontra o conjunto do sistema de representação neste país, somente uma conveniente manivela para o despotismo, elas não precisam reclamar, já que são tão bem representadas quanto uma numerosa classe de mecânicos trabalhadores, que paga pelo sustento da realeza quando mal consegue o pão para alimentar os filhos. Como estão representados aqueles que, com suor, sustentam o esplêndido haras de um príncipe herdeiro ou envernizam a carruagem de alguma favorita que os olha com desdém? Os impostos sobre os artigos necessários da vida possibilitam a uma tribo interminável de príncipes e princesas indolentes passar com pompa estúpida diante de uma multidão boquiaberta, que quase adora o desfile que lhe é tão caro. Isto é mera grandeza gótica, algo semelhante à ostentação bárbara e inútil de manter sentinelas a cavalo em Whitehall<sup>[b]</sup>, o que eu nunca pude contemplar

sem uma mistura de desprezo e indignação.

Quão estranhamente sofisticada deve ser a mente quando esse tipo de Estado a impressiona! Mas, até que esses monumentos de insensatez sejam nivelados pela virtude, loucuras similares impregnarão as massas. Porque o mesmo caráter, em certo grau, prevalecerá no conjunto da sociedade; e os refinamentos do luxo ou o vicioso descontentamento da pobreza invejosa banirão igualmente a virtude da sociedade, considerada característica desta, ou somente permitirão que apareça como uma das faixas do casaco de arlequim usado pelo homem civilizado.

Nas classes superiores, cada dever é realizado por representantes, como se fosse possível renunciar aos deveres, e os prazeres vãos, cuja conseqüente indolência força os ricos a persegui-los, parecem tão atraentes para a classe inferior que os muitos que se arrastam em busca de fortuna sacrificam tudo para segui-los de perto. As responsabilidades mais sagradas, então, são consideradas sinecuras, porque foram obtidas por interesse e ambicionadas apenas para permitir ao homem manter uma *boa companhia*. As mulheres, em particular, querem todas ser damas. Simplesmente para não ter nada para fazer, a não ser ir com indiferença a lugares que pouco lhes importam, pois não podem decidir.

“Mas o que têm para fazer as mulheres na sociedade, senão vagar com graça natural?”, podem me perguntar. Sem dúvida, elas não seriam condenadas por amamentar tolos e falar coisas sem importância! Não. As mulheres poderiam estudar a arte da cura e ser médicas e enfermeiras. Também parece que a decência lhes destina a obstetrícia, ainda que eu tema que a palavra “parteira”, em nossos dicionários, logo dará lugar a *accoucheur*<sup>[c]</sup>, e uma prova da antiga delicadeza do sexo poderá ser apagada da língua.

Elas também poderiam estudar política e fundamentar sua benevolência sobre uma base mais ampla, pois a leitura da história dificilmente será de maior utilidade do que a das aventuras românticas, caso lida como mera biografia, sem que sejam observadas as personagens da época, o progresso político, as artes etc. Em resumo, se for considerada a história do homem, e não de homens particulares que ocuparam um nicho no templo da fama e caíram na sombria e ondulante corrente do tempo, que, em silêncio, arrasta tudo diante de si até o vazio sem forma chamado eternidade. Por que se pode chamar de forma “o que não tem nenhuma forma”?

Do mesmo modo, elas poderiam se dedicar a tarefas de várias espécies, caso

fossem educadas de maneira mais ordenada, o que poderia salvar muitas da prostituição comum e legalizada. As mulheres, então, não se casariam para ter um sustento, como fazem os homens que aceitam postos no governo e negligenciam os deveres implícitos; tampouco a tentativa de ganhar sua própria subsistência – a mais louvável! – as afundaria quase ao nível dessas pobres criaturas abandonadas que vivem da prostituição. Pois não são as modistas e as costureiras consideradas uma classe inferior? Os poucos empregos abertos às mulheres, longe de ser liberais, são servis; e quando uma formação superior as capacita a assumir a educação das crianças como governantas, elas não são tratadas como tutoras dos filhos, se bem que mesmo os preceptores eclesiásticos nem sempre são tratados de maneira tal que se tornem respeitáveis aos olhos de seus alunos, para não mencionar a satisfação pessoal do indivíduo. No entanto, as mulheres educadas como se fossem nobres nunca estão preparadas para a situação humilhante que a necessidade às vezes as obriga a viver; tais situações são consideradas sob o ponto de vista de uma degradação, e pouco sabem do coração humano aqueles que necessitam que se lhes diga que nada fere tão dolorosamente a sensibilidade quanto uma queda na vida.

Algumas dessas mulheres poderiam ser impedidas de se casar por um espírito próprio da delicadeza, e outras podem não ter tido o poder de escapar da servidão dessa maneira piedosa. Não é esse governo, então, muito imperfeito e muito desatento com relação à felicidade da metade de seus membros, ao não suprir mulheres honestas e independentes, encorajando-as a assumir posições respeitáveis? A fim de tornar sua virtude privada um benefício público, elas devem ter uma existência civil no Estado, casadas ou solteiras; caso contrário, veremos continuamente alguma mulher de mérito, cuja sensibilidade tem sido dolorosamente aguçada por um desprezo imerecido, murchar como “o lírio derrubado pelo arado”.

É uma triste verdade; contudo, tal é o efeito bendito da civilização! As mais respeitáveis mulheres são as mais oprimidas; e, a menos que elas tenham intelecto muito superior ao da média, considerando os dois sexos, tornar-se-ão desprezíveis por serem tratadas como seres desprezíveis. Desse modo, quantas mulheres desperdiçam a vida presas ao descontentamento? Mulheres que poderiam atuar como médicas, administrar fazendas, gerenciar comércios e manter-se erguidas, sustentadas por sua própria operosidade, em vez de baixar a cabeça sobrecarregadas com o orvalho da sensibilidade, que consome a beleza à

qual, a princípio, deu brilho. Mais ainda, duvido que a piedade e o amor sejam tão estreitamente afins como pretendem os poetas, porque raras vezes vejo muita compaixão suscitada pelo desamparo feminino, a menos que elas sejam belas; então, talvez a piedade seja a suave criada do amor ou a mensageira da luxúria.

Quão mais respeitável é a mulher que ganha seu próprio pão, cumprindo algum dever, do que a beleza mais consumada! Beleza?, disse eu? Sou tão sensível à beleza do encanto moral ou ao harmonioso decoro que afina as paixões de uma mente bem regulada que me ruborizo ao fazer a comparação; não obstante, penso com um suspiro quão poucas mulheres aspiram obter essa respeitabilidade, retraindo-se do turbilhão vertiginoso do prazer ou da calma indolente que entontece as boas mulheres que suga.

Orgulhosas de sua fragilidade, contudo, elas precisam sempre ser protegidas, guardadas do afã e de todas as tarefas áridas que dignificam a mente. Se esse é o decreto do destino, se elas se fizerem insignificantes e desprezíveis para docemente verem a “vida definhar”, que não esperem ser valorizadas quando sua beleza fenecer, pois é o destino das mais belas flores serem admiradas e despetaladas pela mão descuidada que as colheu. De muitos modos desejo, por causa da mais pura benevolência, incutir essa verdade em meu sexo, mas temo que não escutem uma verdade que a experiência conseguida a duras penas tem demonstrado a muitos peitos agitados nem renunciem de boa vontade aos privilégios da posição social e do sexo em favor da humanidade, à qual não tem direito quem não cumpre com suas obrigações.

Em minha opinião, são particularmente úteis os escritores que fazem com que o homem se compadeça do homem, sem levar em conta a posição que ele ocupa ou as roupagens dos sentimentos artificiais. Então, de bom grado, convenceria os homens sensatos da importância de alguns de meus comentários e os persuadiria a pesar de forma desapaixonada todo o teor de minhas observações. Apelo para seus entendimentos e, na posição de semelhante, reivindico, em nome de meu sexo, alguma simpatia em seu coração. Eu lhes suplico que ajudem a emancipar suas damas de companhia, a fim de que se tornem suas *companheiras*!

Se os homens generosamente rompessem nossos grilhões e se contentassem com a camaradagem racional, não com a obediência servil, eles encontrariam em nós filhas mais obsequiosas, irmãs mais afetuosas, esposas mais fiéis e mães mais razoáveis – em uma palavra, cidadãs melhores. Nós os amaríamos com afeto

verdadeiro, porque aprenderíamos a respeitar a nós mesmas; e a paz mental de um homem honrado não seria perturbada pela tola vaidade de sua esposa nem os meninos seriam mandados a se refugiar no seio de uma estranha por não terem nunca encontrado lugar no de sua mãe.



[a] Cão de guarda da entrada do reino de Hades, trata-se de um monstro com três cabeças e uma cauda de serpente. (N. E.)

[b] A autora refere-se aos famosos soldados a cavalo que diariamente mudam a guarda em Whitehall, centro do governo britânico. (N. E.)

[c] Em francês, homem que presta assistência durante o parto. (N. E.)

## 10 AFETO PARENTAL

**T**alvez o afeto parental seja a mais cega modificação do egoísmo perverso, pois não temos, como os franceses<sup>[1]</sup>, dois termos para distinguir a busca de um desejo natural e razoável dos cálculos ignorantes da fraqueza. Na maioria das vezes, os pais amam os filhos do modo mais brutal e sacrificam cada dever seu para promover o progresso deles no mundo, para promover – tal é a perversidade dos preconceitos inescrupulosos – o futuro bem-estar dos próprios seres cuja existência atual eles amarguram com o mais despótico abuso de poder. O poder, de fato, é sempre fiel a seu princípio vital, já que sob qualquer forma reinará sem o controle ou o questionamento. Seu trono é construído sobre um abismo escuro, que nenhum olho deve ousar explorar para que sua estrutura sem fundamento não oscile quando investigada. A obediência, obediência incondicional, é o lema dos tiranos de qualquer tipo e, para ter uma “garantia duplamente segura”, um tipo de despotismo sustenta outro. Os tiranos teriam motivo para tremer se a razão se convertesse na regra do dever em qualquer uma das relações da vida, pois a luz poderia se espalhar até que o dia perfeito aparecesse. E quando aparecesse, como sorririam os homens diante da visão de monstros com os quais se assustaram durante a noite da ignorância ou o crepúsculo da tímida indagação.

O afeto parental, de fato, em muitas mentes, é apenas um pretexto para tiranizar quando se pode fazê-lo com impunidade, pois somente os homens bons e sábios se contentam com o respeito que estimula a discussão. Convencidos de que têm direito sobre aquilo em que insistem, não temem a razão nem se apavoram diante da análise cuidadosa dos temas que se voltam para a justiça natural, porque acreditam firmemente que quanto mais ilustrada se torna a mente humana, mais profunda será a raiz dos princípios justos e simples. Não se baseiam em expedientes nem admitem que aquilo que é metafisicamente

verdadeiro possa ser falso na prática, mas, desdenhando as mudanças do momento, esperam com calma até que o tempo, autorizando a inovação, silencie o sibilar do egoísmo ou da inveja.

Se o poder de refletir sobre o passado e de lançar o olhar penetrante na contemplação do futuro for o grande privilégio do homem, deve-se admitir que algumas pessoas desfrutam dessa prerrogativa em um grau muito limitado. Tudo o que é novo lhes parece errado; e, incapazes de distinguir o possível do monstruoso, temem, quando não deveria haver temor, correndo da luz da razão como se fosse um tição; ainda assim, os limites do possível nunca foram definidos para impedir a mão do resolutivo inovador.

A mulher, contudo, escrava do preconceito em toda situação, raras vezes exerce a iluminada afeição maternal, pois ou ela negligencia os filhos, ou os mima com condescendências inapropriadas. Além disso, a afeição de algumas mulheres por seus filhos é, como já a denominei, muitas vezes grosseira, pois erradica toda centelha de humanidade. Justiça, verdade, tudo é sacrificado por essas Rebecas<sup>[a]</sup>, e, em nome dos *próprios* filhos, elas violam os mais sagrados deveres, esquecendo a ligação comum que une toda a família sobre a terra. Apesar disso, a razão parece dizer que aqueles que permitem que um dever ou afeto aniquile o resto não têm coração nem mente suficiente para satisfazê-lo conscientemente. Perde, então, o aspecto venerável de um dever e assume a forma fantástica de um capricho.

Uma vez que o cuidado com os filhos durante a infância é um dos grandes deveres naturalmente ligados ao caráter feminino, ele poderia proporcionar muitos argumentos convincentes para fortalecer o entendimento da mulher, caso fosse considerado de modo apropriado.

A formação da mente deve ser iniciada desde cedo, e o temperamento, em particular, requer a mais prudente atenção – uma atenção que não pode ser prestada por mulheres que amam seus filhos somente porque são seus filhos e não buscam o fundamento de seus deveres para além dos sentimentos do momento. É essa falta de razão nas afeições que tão frequentemente faz com que as mulheres caiam em extremos e sejam ou as mães mais afetuosas, ou as mais descuidadas e desnaturadas.

Para ser uma boa mãe, a mulher deve ter bom senso e aquela independência da mente que poucas possuem, já que são ensinadas a depender inteiramente do marido. Esposas submissas são, em geral, mães tolas, desejando que seus filhos as

amem acima de tudo e se posicionem, em segredo, contra o pai, que é apontado como um espantalho. Quando é necessário um castigo, ainda que a mãe tenha sido ofendida, é o pai que deve infligir a punição – ele deve ser o juiz em todas as disputas; discutirei de maneira mais ampla este assunto quando tratar da educação privada. Por ora, somente pretendo insistir que, a menos que o entendimento da mulher seja ampliado e seu caráter se torne mais firme, permitindo-lhe governar sua própria conduta, ela nunca terá bom senso e domínio do temperamento suficientes para administrar os filhos com propriedade. Seu afeto de mãe, de fato, raras vezes merece esse nome quando não a leva a amamentar os filhos, porque o cumprimento desse dever é igualmente calculado para inspirar tanto a afeição materna quanto a filial – e é tarefa indispensável dos homens e das mulheres cumprir as obrigações que propiciam o surgimento dos afetos, que são a proteção mais segura contra o vício. Creio que o afeto natural, como é chamado, seja um laço muito tênue e que as afeições devam surgir do exercício habitual de uma afinidade mútua. A partir disso, que afinidade exercita uma mãe que manda seu bebê para uma ama de leite e o pega para enviá-lo à escola?

No exercício de seus sentimentos maternos, a Providência proporcionou às mulheres um substituto natural para o amor, quando o amante se torna apenas um amigo e a confiança mútua toma o lugar da admiração excessiva – um filho, então, docemente torce o cordão frouxo, e uma preocupação mútua produz uma nova afinidade. Mas um filho, embora seja uma promessa de afeto, não o fortalecerá se ambos, pai e mãe, se contentarem em transferir sua incumbência para serviçais, pois aqueles que delegam seu dever não devem se queixar se perderem a recompensa – o afeto parental produz o dever filial.

---

[1] *L'amour propre. L'amour de soi même.*

[a] No capítulo 27 do livro do Gênesis, Rebeca, esposa de Isaac e mãe dos gêmeos Jacó e Esaú, procura obter a benção do marido cego para seu filho favorito, Jacó, fazendo-o passar pelo irmão. Daí vem o significado que Wollstonecraft sugere no texto, de uma mãe com reputação de ambiciosa e insidiosa. (N. E.)

## 11 O DEVER AOS PAIS

Parece haver uma propensão indolente no homem para fazer com que os preceitos sempre ocupem o lugar da razão e para sustentar todo dever em uma base arbitrária. Os direitos dos reis são deduzidos em uma linha direta do Rei dos reis, e os dos pais, de nosso primeiro pai.

Por que, então, voltamos atrás em busca de princípios que deveriam sempre se apoiar na mesma base e têm hoje o mesmo peso que tinham há cem anos – e nem um bocado a mais? Se os pais cumprem seu dever, têm uma forte autoridade e um direito sagrado sobre a gratidão dos filhos; mas poucos estão dispostos a receber seu afeto respeitoso em tais termos. Eles demandam obediência cega, porque não merecem préstimos naturais; e, para tornar mais obrigatórias suas exigências de fragilidade e ignorância, uma santidade misteriosa espalha-se ao redor do mais arbitrário dos princípios. Que outro nome se pode dar à obrigação cega de obedecer a seres viciosos e frágeis apenas porque seguiram um instinto poderoso?

Pode-se expressar, em poucas palavras, a simples definição do dever recíproco que naturalmente existe entre pai e filho. O pai que presta a devida atenção à infância desvalida tem o direito de reclamar a mesma atenção quando chega à fragilidade da idade. Mas subjugar um ser racional à simples vontade do outro, quando aquele já está em idade de responder à sociedade por sua própria conduta, é um excesso de poder muito cruel e indevido e talvez tão pernicioso para a moral quanto esses sistemas religiosos que não permitem a existência do certo e do errado, senão na vontade Divina.

Nunca vi desatendido um pai que tivesse prestado a atenção habitual a seus filhos<sup>[1]</sup>. Ao contrário, o costume que surge desde cedo de confiar tacitamente na opinião de um pai respeitado não é abalado com facilidade, nem mesmo quando a razão da maturidade convence o filho de que seu pai não é o homem mais

sábio do mundo. Contra essa fraqueza – porque é uma fraqueza, ainda que se possa aplicar o epíteto amável – deve proteger-se o homem sensato, pois o dever absurdo, inculcado com demasiada frequência, de obedecer a um pai apenas em virtude da sua condição de pai obstrui a mente, preparando-a para a submissão servil a qualquer poder que não a razão.

Faço a distinção entre a obrigação natural e a obrigação contingente que se deve aos pais.

O pai que se esforça diligentemente para formar o coração e ampliar o entendimento de seu filho deu aquela dignidade que só a razão pode dar ao cumprimento de um dever, comum a todo reino animal. É o afeto parental da humanidade, que supera em muito o afeto natural instintivo. Esse pai adquire todos os direitos da mais sagrada amizade, e seu conselho, mesmo quando o filho já é adulto, demanda séria consideração.

A respeito do matrimônio, embora depois dos 21 anos um pai pareça não ter direito de negar seu consentimento para qualquer assunto, 20 anos de solicitude requerem uma compensação, e o filho deve pelo menos prometer não se casar por 2 ou 3 anos se a pessoa de sua escolha não receber a total aprovação de seu primeiro amigo.

Mas o respeito aos pais é, em geral, um princípio muito mais degradante; é somente um respeito egoísta pela propriedade. O pai que é obedecido cegamente o é por pura fraqueza ou por motivos que degradam o caráter humano.

Da negligência dos pais se origina grande parte da infelicidade que vaga pelo mundo sob formas horrendas; ainda assim, são eles os mais insistentes naquilo que chamam direito natural, embora seja contrário ao direito inato do homem, o direito de agir de acordo com os ditames de sua própria razão.

Já tive muitas oportunidades de observar que as pessoas viciosas ou indolentes estão sempre dispostas a tirar proveito mediante a imposição de privilégios arbitrários, na mesma proporção, em geral, em que negligenciam o cumprimento dos deveres, o que por si só lhes acarretaria benefícios razoáveis. Esse é, no fundo, um ditame do bom senso ou o instinto de autodefesa, característico da fraqueza ignorante e semelhante ao instinto de um peixe, que turva a água em que nada para iludir seu inimigo, em vez de enfrentá-lo com valentia na corrente clara.

De fato, fogem da corrente clara da argumentação os apoiadores de qualquer tipo de preceitos; e, refugiando-se na obscuridade que, na linguagem da sublime

poesia, supostamente rodeia o trono da Onipotência, atrevem-se a exigir esse respeito implícito que é devido somente a seus caminhos insondáveis. Mas não pensem que sou presunçosa; a obscuridade que oculta de nós nosso Deus só diz respeito às verdades especulativas. Nunca oculta as verdades morais, que brilham com luminosidade, porque Deus é luz e, pela constituição de nossa natureza, nunca exige o cumprimento de um dever cuja racionalidade não brilhe sobre nós quando abrimos os olhos.

O pai indolente de boa posição social pode, é verdade, extorquir de seu filho uma exibição de respeito, e as mulheres da Europa continental são particularmente sujeitas à opinião de sua família, que nunca pensa em consultar a inclinação delas ou em prover o conforto das pobres vítimas de seu orgulho. A consequência é notória; essas filhas obedientes tornam-se adúlteras e negligenciam a educação dos filhos, de quem elas, por sua vez, exigem o mesmo tipo de obediência.

As mulheres, é verdade, em todos os países são muito submissas à dominação dos pais; e poucos pais pensam em se dirigir aos filhos da maneira seguinte, ainda que seja neste caminho razoável que o Céu parece comandar toda a raça humana: é de seu interesse obedecer-me, até que possa julgar por si mesmo; e o Pai Onipotente de todas as coisas implantou um afeto em mim para servir como guarda para você enquanto sua razão se desenvolve; mas, quando sua mente chegar à maturidade, você deve obedecer somente a mim, ou melhor, respeitar minhas opiniões até o ponto em que elas coincidam com a luz que está irrompendo em sua própria mente.

A sujeição servil aos pais atrofia toda faculdade mental; e o sr. [John] Locke observa com muito critério que, “se a mente for controlada ou humilhada em demasia nas crianças, se seu entusiasmo for muito rebaixado ou enfraquecido por uma mão severa demais, elas perdem todo seu vigor e sua engenhosidade”. Essa mão severa pode explicar de certa maneira a fragilidade das mulheres, pois as meninas, por vários motivos, são mais reprimidas por seus pais do que os meninos, em todo o sentido da palavra. A obrigação que se espera delas, assim como todos os deveres arbitrariamente impostos às mulheres, vem mais de um senso de propriedade, mais do respeito pelo decoro, do que da razão; e, assim, ensinadas a se submeter servilmente a seus pais, elas são preparadas para a escravidão do matrimônio. Pode ser que me digam que algumas mulheres não são escravas no estado matrimonial. É verdade. Então, tornam-se tiranas, pois

não se trata de uma liberdade racional, mas de uma espécie de poder sem lei, semelhante à autoridade exercida pelas favoritas dos monarcas absolutos, obtida por meios degradantes. Tampouco pretendo insinuar que os meninos ou as meninas são sempre escravos. Apenas insisto que, quando são obrigados a se submeter cegamente à autoridade, suas faculdades se debilitam e seu caráter se torna autoritário ou abjeto. Também lamento que os pais, aproveitando-se indolentemente de um suposto privilégio, enfraqueçam o primeiro débil vislumbre da razão, tornando ao mesmo tempo um nome vazio o dever que eles estão tão ansiosos em impor, porque não o respaldarão com a única base segura, uma vez que, a não ser que seja fundamentado na razão, não poderá ganhar força suficiente para resistir aos desgostos da paixão ou aos golpes silenciosos do amor-próprio. Mas não são os pais que dão a prova mais segura de seu afeto aos filhos, ou, para falar com mais propriedade, aqueles que, ao cumprir seu dever, permitem que uma afeição parental natural crie raízes em seu coração e tornem a criança fruto do exercício da afinidade e da razão, e não uma prole arrogante fruto do orgulho egoísta, os que mais veementemente insistem em submeter os filhos a sua vontade meramente porque é sua vontade. Ao contrário, o pai que dá um bom exemplo pacientemente deixa que o exemplo seja eficaz e é raro que não consiga produzir seu efeito natural – o respeito filial.

As crianças não podem ser ensinadas cedo demais a se submeter à razão – a verdadeira definição dessa necessidade, na qual Rousseau insistia, sem a definir –, pois submeter-se à razão é submeter-se à natureza das coisas e a esse Deus que assim as formou para promover nosso real interesse.

Por que deveria a mente das crianças ser deformada quando mal começa a se expandir, apenas para favorecer a indolência de pais que insistem em um privilégio sem estar dispostos a pagar o preço fixado pela natureza? Tive anteriormente ocasião de observar que um direito sempre inclui um dever e acredito que da mesma forma pode ser inferido de modo justo que perderá o direito quem não cumprir o dever.

É mais fácil, admito, comandar do que argumentar; mas não deriva disso que as crianças não possam compreender a razão pela qual são ordenadas a fazer certas coisas habitualmente, pois de um apego firme a alguns princípios simples de conduta flui esse poder salutar que um pai criterioso gradualmente ganha sobre a mente de seu filho. E esse poder torna-se forte de fato se, moderado por uma demonstração constante de afeto, convence o coração do filho. Acredito,

como regra geral, que deve ser permitido ao afeto que inspiramos sempre se assemelhar ao que cultivamos; assim, aqueles afetos naturais, os quais se supõe quase distintos da razão, podem ser mais intimamente associados ao juízo do que comumente se admite. Mais ainda, como outra prova da necessidade de cultivar o entendimento feminino, não deixa de ser justo observar que os afetos parecem ter um tipo de capricho animal quando residem meramente no coração.

É o exercício irregular da autoridade parental que primeiro danifica a mente, e as meninas estão mais sujeitas a essas irregularidades do que os meninos. O arbítrio daqueles que nunca deixam que sua vontade seja discutida, a menos que se encontrem de bom humor quando relaxam um pouco, é quase sempre irracional. Para enganar essa autoridade arbitrária, as meninas aprendem muito cedo as lições que depois praticam com o marido, pois com frequência vejo uma jovem senhorita de rosto anguloso governar toda a família, exceto ocasionalmente, quando a cólera da mãe irrompe devido a algum desgosto ocasional – ou porque a pentearam mal<sup>[2]</sup>, ou porque na noite anterior perdeu mais dinheiro nas cartas do que estava disposta a confessar ao marido, ou por qualquer outra causa moral de descontentamento.

A observação de comportamentos desse tipo tem me levado a um conjunto de reflexões melancólicas sobre as mulheres, e chego à conclusão de que pouco se pode esperar delas conforme avança a vida, quando seu primeiro afeto faz com que elas se desencaminhem ou com que seus deveres entrem em conflito, até que se apoiem somente em caprichos e costumes. Realmente, como pode um instrutor remediar esse mal? Pois ensinar-lhes virtude com base em princípios sólidos é ensinar-lhes a desprezar os pais. Não se pode, não se deve, ensinar as crianças a perdoar as faltas dos pais, porque cada concessão feita debilita a força da razão em sua mente e as torna ainda mais indulgentes consigo mesmas. Uma das virtudes mais sublimes da maturidade é a que nos leva a ser severos com nós mesmos e tolerantes com os demais; às crianças devem ser ensinadas somente as virtudes sensatas, pois, se elas começam cedo demais a perdoar as paixões e os modos humanos, desgastam a fina aresta do critério pelo qual devem se regular, tornando-se injustas na mesma proporção em que se fazem indulgentes.

Os afetos das crianças e das pessoas fracas são sempre egoístas; amam os pais porque se sentem amadas por eles, e não pelas virtudes deles. No entanto, até que a estima e o amor se misturem no primeiro afeto e a razão seja a base da primeira obrigação, a moralidade vacilará desde o início. Mas, até que a

sociedade esteja constituída de maneira muito diferente, temo que os pais continuarão insistindo em ser obedecidos, porque eles o serão, e continuarão se esforçando em fundamentar tal poder em um direito divino que não suportará a investigação da razão.



[1] O dr. Johnson faz a mesma observação.

[2] Eu mesma ouvi uma menina dizer a uma criada: “Minha mãe brigou comigo hoje de manhã, porque seu cabelo não foi penteado a seu gosto”. Ainda que tal comentário fosse jocoso, era justo. E que respeito poderia uma menina adquirir por semelhante mãe sem violentar a razão?

**SOBRE A EDUCAÇÃO NACIONAL**

**O**s bons efeitos resultantes da atenção à educação privada serão sempre muito limitados, e os pais que realmente põem as mãos à obra sempre ficarão, em algum grau, desapontados, até que a educação venha a ser um grande interesse nacional. Um homem não pode refugiar-se em um deserto com seu filho e, se o fizesse, não poderia retroceder à infância e tornar-se o amigo e companheiro de brincadeiras adequado para um menino ou um jovem. E as crianças, quando são confinadas à companhia de homens e mulheres, adquirem cedo aquela espécie de maturidade prematura que detém o crescimento de todo vigoroso poder da mente ou do corpo. A fim de abrir suas faculdades, elas deveriam ser estimuladas a pensar por conta própria, e isso só pode ser feito misturando-se algumas crianças e fazendo-as perseguir os mesmos objetivos.

Uma criança adquire muito cedo uma indolência mental entorpecedora, da qual ela raramente tem força suficiente para livrar-se quando só faz perguntas, em vez de procurar pela informação, e, então, depende implicitamente da resposta que recebe. Com os de idade semelhante não seria o caso, e os assuntos de indagação, embora pudessem ser influenciados, não estariam inteiramente sob a direção de homens que com frequência amortecem, se não destroem, as habilidades, estimulando-as apressadamente – e apressadamente elas serão infalivelmente estimuladas, se a criança for confinada à companhia de um homem, por mais sagaz que ele possa ser.

Além disso, deveriam ser disseminadas na juventude as sementes de todos os afetos, e a respeitosa consideração que é sentida por um pai é muito diferente dos afetos sociais que constituem a felicidade da vida, conforme passa o tempo. A igualdade é a base deles, assim como um intercâmbio de sentimentos desobstruídos por aquela seriedade atenta que previne as disputas, embora não possa impor a submissão. Se deixarmos uma criança sentir tal afeto por seu pai,

ela sempre definhará ao brincar e tagarelar com crianças; e o próprio respeito que ela sente, pois a estima filial tem sempre um pouco de temor, se não lhe ensinar a ser astuta, pelo menos evitará que derrame os pequenos segredos que primeiro abrem o coração para a amizade e a confiança, conduzindo gradualmente a uma benevolência mais expansiva. Acrescido a isso, ela nunca adquirirá aquela franca ingenuidade de comportamento que os jovens só podem obter estando frequentemente em sociedade, onde ousem falar o que pensam, sem medo de ser reprovados por sua presunção nem ridicularizados por seus disparates.

Muito impressionada pelas reflexões que o quadro das escolas, como são dirigidas no presente, sugere, já dei minha opinião a favor da educação privada, mas novas experiências têm me levado a enxergar o assunto sob uma luz diferente. Contudo, ainda considero as escolas, como são atualmente reguladas, estufas de vícios e loucuras, e o conhecimento da natureza humana, que deveria ser ali obtido, é apenas egoísmo astuto.

Na escola, os meninos tornam-se glutões e desleixados e, em vez de cultivar os afetos domésticos, logo se atiram à libertinagem que destrói a constituição antes que esteja formada, endurecendo o coração enquanto enfraquece o entendimento.

De fato, eu deveria ser contrária aos internatos, pela simples razão de que a expectativa das férias produz um estado de ânimo instável. Nelas se fixam os pensamentos das crianças com ardentes esperanças antecipadas, ao menos pela metade do tempo, para falar com moderação, e, quando chegam as férias, estas são gastas em total dissipação e indulgência desmedida.

Mas, quando são educadas em casa, ainda que possam seguir um plano de estudo de maneira mais ordenada do que aquele adotado quando cerca de um quarto do ano é gasto na verdadeira ociosidade e outro tanto no pesar e na expectativa, elas ali adquirem uma opinião demasiado elevada a respeito de sua própria importância, tendo permissão para tyrannizar os criados, bem como a ansiedade expressa pela maioria das mães com relação às maneiras, que, impacientes para ensinar os dotes de um cavalheiro, sufocam no nascedouro as virtudes de um homem. Assim, introduzidos na vida em sociedade quando deveriam estar ocupados com atividades mais sérias e tratados como homens quando ainda são meninos, eles se tornam vãos e afeminados.

O único caminho para evitar os dois extremos igualmente danosos à moralidade seria criar algum modo de combinar a educação pública com a

educação privada. Assim, para fazer dos homens cidadãos, duas providências naturais deveriam ser tomadas, as quais parecem conduzir diretamente ao ponto desejado, pois as afeições domésticas, que primeiro abrem o coração às várias modificações da humanidade, deveriam ser cultivadas ao mesmo tempo que às crianças seria permitido passar grande parte de seu tempo, em termos de igualdade, com outras crianças.

Recordo ainda com prazer a escola do campo, para a qual, pela manhã, um menino se arrastava, com chuva ou com sol, carregando seus livros e sua refeição, se morasse muito longe; o criado não levava o amo pela mão, pois, já que vestia casaco e calças curtas, permitia-se ao garoto arranjar-se e voltar sozinho ao entardecer para contar os feitos do dia, ajoelhado junto ao pai. A casa de seu pai era seu lar, para sempre lembrada com ternura; mais ainda, apelo a tantos homens superiores que foram educados desse modo para que digam se a recordação de alguma vereda sombreada onde eles estudavam suas lições ou de algum degrau onde eles se sentavam para fazer uma pipa ou consertar um bastão não os fez amar sua terra?

Mas que garoto alguma vez recordou com prazer os anos que passou em estrito confinamento, em uma academia próxima a Londres? A menos que ele eventualmente se lembrasse do pobre e esqualido porteiro que ele atormentava ou do vendedor de doces de quem ele pegou um bolo para devorar com um apetite felino de egoísmo. Nos internatos, quaisquer que sejam, o divertimento dos meninos mais novos é a travessura; e o dos maiores, o vício. Além disso, nas grandes escolas, o que pode ser mais prejudicial ao caráter moral do que o sistema de tirania e servidão abjeta que é estabelecido entre os meninos, para não mencionar a escravidão às regras, que torna a religião pior do que uma farsa? Que bem pode ser esperado da juventude que recebe o sacramento da ceia do Senhor para evitar o confisco de meio guinéu, que provavelmente gasta depois de modo impetuoso? Metade da ocupação dos jovens consiste em eximir-se da obrigação de assistir ao culto público; e talvez façam bem, pois tal repetição constante da mesma coisa deve ser uma maçante restrição a sua vivacidade natural. Já que essas cerimônias têm o mais fatal efeito sobre sua moral, e já que um ritual realizado pelos lábios quando o coração e a mente estão longe é agora mantido por nossa Igreja como um banco que utiliza as gratificações das pobres almas no purgatório, por que não devem ser abolidas?

Mas o medo da inovação neste país se estende a tudo. É apenas um medo

dissimulado, a timidez apreensiva das lesmas indolentes que protegem sua casa, arrastando-a cingida ao corpo e considerando-a uma propriedade hereditária; comem, bebem e se divertem, em vez de cumprir suas obrigações, com exceção de algumas formalidades vazias, para as quais foram dotadas. Essas são as pessoas que insistem com tenacidade para que se respeite a vontade do criador, clamando contra toda reforma, como se fosse uma violação da justiça. Estou agora fazendo alusão, em particular, aos vestígios do papismo conservados em nossos seminários, enquanto os seguidores do protestantismo parecem estar muito vinculados à Igreja oficial; mas sua devoção nunca os faz perder de vista o dano provocado pela ignorância, o qual padres ávidos por recordações supersticiosas pouparam. Não, com sabedoria própria de sua geração, eles veneram o direito preceituado à posse como um baluarte e ainda deixam que o lento sino tilinte para as orações, como durante a época em que a elevação da hóstia supostamente expiava os pecados das pessoas, temendo que uma reforma levasse à outra, e a alegria destruísse a norma. Esses costumes católico-romanos têm um efeito pernicioso sobre a moral de nosso clero, pois o ocioso parasita que duas ou três vezes ao dia faz de maneira desleixada um serviço que julga inútil, mas que considera sua obrigação, logo perde o senso de dever. No seminário, forçados a participar ou burlar o culto público, eles adquirem um desprezo habitual pelo serviço em si, cuja prática os leva a viver na ociosidade. Murmuram palavras indistintas como se fosse um assunto de negócios, assim como um menino estúpido repete sua conversa fiada e, frequentemente, o pregador livra-se da linguagem hipócrita do seminário logo após deixar o púlpito, mesmo enquanto saboreia o jantar que ganhou de maneira tão desonesta.

Nada, de fato, pode ser mais irreverente do que o serviço religioso do modo como é agora realizado neste país, tampouco há um conjunto de homens mais fracos do que aqueles que são os escravos dessa rotina infantil. Um esqueleto repulsivo de um estado antigo ainda é exibido, mas toda a solenidade que interessava à imaginação, se não purificava o coração, foi espoliada. A atuação da missa cantada no continente deve impressionar qualquer mente em que brilha uma centelha de imaginação, com aquela horrível melancolia, aquela ternura sublime, tão próxima da devoção. Não digo que esses sentimentos devocionais sejam mais úteis, em um sentido moral, do que qualquer outra emoção de gosto, mas sustento que a pompa teatral que satisfaz nossos sentidos é preferível à fria ostentação que insulta o entendimento sem alcançar o coração.

Dentre as observações sobre a educação nacional, tais comentários não podem estar mal colocados, especialmente quando os apoiadores dessas instituições, degeneradas por coisas pueris, aparentam ser os campeões da religião. Religião, fonte pura de conforto neste vale de lágrimas!, como tem sido enlameada tua clara corrente pelos diletantes, que presunçosamente se empenham em confinar em um canal estreito as águas vívidas que sempre correm na direção de Deus – o sublime oceano da existência! O que seria da vida sem aquela paz que só o amor de Deus, quando fundamentado na humanidade, pode conferir? Cada afeto terreno retrocede em intervalos para saquear o coração que o alimenta; e as mais puras efusões de benevolência, muitas vezes amortecidas pelo homem, devem elevar-se como uma oferta de livre-arbítrio a Ele, que lhes deu origem e cuja imagem brilhante refletem fracamente.

Nas escolas públicas, contudo, a religião, confundida com cerimônias enfadonhas e restrições irracionais, assume o mais desagradável aspecto: não aquele sóbrio e austero que impõe respeito e, ao mesmo tempo, inspira medo, mas um tipo grotesco que serve para fazer trocadilhos. Porque, de fato, muitas das boas histórias e das coisas inteligentes que dão vida ao entusiasmo daqueles que se concentram no jogo de baralho são elaboradas a partir de incidentes para os quais os próprios homens tentam dar uma veia de comicidade que autoriza o abuso de viver de espoliações.

Talvez não haja no reino um grupo de homens mais dogmático ou amante do luxo do que os tiranos pedantes que residem nos seminários e presidem as escolas públicas. As férias são igualmente danosas à moral dos mestres e dos alunos, e a relação que os primeiros têm com a nobreza introduz a mesma vaidade e extravagância nas famílias, banindo as obrigações e as comodidades domésticas da mansão senhoril, cujo estado é imitado de forma desajeitada. Os meninos que vivem dispendiosamente com mestres e assistentes nunca são domesticados, ainda que se os coloquem ali com esse propósito, pois, após um jantar silencioso, eles bebem uma taça de vinho apressadamente e se retiram para planejar alguma travessura maliciosa ou ridicularizar a pessoa ou as maneiras daqueles que acabaram de bajular, a quem devem considerar representantes de seus pais.

Pode, então, ser motivo de surpresa que os meninos excluídos da conversação social se tornem egoístas e viciosos? Ou que uma mitra com frequência adorne a frente de um desses pastores diligentes?

O desejo de viver no mesmo estilo que a classe superior infecta cada indivíduo e qualquer tipo de pessoa, e a mesquinhez é concomitante com essa ambição ignóbil; mas as profissões mais degradantes são aquelas cujo meio usado para a ascensão social é o apadrinhamento – ainda assim, dessas profissões, em geral, são escolhidos os tutores dos jovens. Pode-se esperar deles que inspirem sentimentos independentes, quando sua conduta deve ser regulada pela prudência cautelosa que está sempre alerta para a ascensão?

Muito longe, contudo, de pensar na moral dos meninos, tenho ouvido diversos diretores de escolas argumentarem que eles só se comprometeram a ensinar latim e grego e que cumpriram a obrigação ao enviar alguns bons alunos para o seminário.

Alguns bons alunos, admito, podem ter sido formados mediante a emulação e a disciplina, mas, para fazer progredir esses meninos espertos, a saúde e a moral de muitos outros foram sacrificadas. Os filhos de nossa pequena nobreza e ricos plebeus, na maior parte, são educados nesses seminários, e terá alguém a pretensão de afirmar que a maioria, fazendo todas as concessões, seria classificada como mediana?

Não é para o benefício da sociedade que alguns poucos homens brilhantes devam ser estimulados às custas do povo. É verdade que os grandes homens parecem surgir quando ocorrem grandes revoluções, de tempos em tempos, para restaurar a ordem e afugentar as nuvens que toldam o rosto da verdade, mas, se mais razão e virtude predominassem na sociedade, tais ventos fortes não seriam necessários. A educação pública, de qualquer tipo, deveria ser dirigida para formar cidadãos, mas, se há o desejo de formar bons cidadãos, deve-se primeiro exercitar os afetos de um filho e de um irmão. Esse é o único caminho para expandir o coração, pois as afeições públicas, assim como as virtudes públicas, devem desenvolver-se sempre a partir do caráter privado, caso contrário serão simples meteoros que correm através de um céu escuro e desaparecem quando contemplados e admirados.

Creio que poucos foram os que tiveram verdadeiro afeto pela humanidade sem amar primeiro seus pais, seus irmãos, suas irmãs e mesmo os animais domésticos, com os quais começaram a brincar. A prática das afinidades juvenis forma a temperatura moral; e é a recordação desses primeiros afetos e interesses que dá vida àqueles que posteriormente estarão mais sob a direção da razão. Na juventude, são formadas as mais afetuosas amizades, ao mesmo tempo que a

energia jovial se instala, misturando-se gentilmente; ou melhor, o coração, temperado pela recepção da amizade, fica acostumado a procurar prazer em alguma coisa mais nobre do que a grosseira satisfação do apetite.

A fim de inspirar um amor ao lar e aos prazeres domésticos, as crianças devem ser educadas em casa, pois as férias turbulentas apenas fazem-nas gostar do lar em nome de seu próprio benefício. Não obstante, as férias, que não promovem as afeições domésticas, continuamente perturbam o andamento do estudo e tornam abortivo qualquer plano de aperfeiçoamento, o qual inclui a moderação; ainda assim, fossem elas abolidas, as crianças seriam separadas dos pais por completo, e eu questiono se elas se tornariam cidadãos melhores por sacrificar as afeições preparatórias, por destruir a força dos relacionamentos que tornam o estado matrimonial tão necessário quanto respeitável. Mas, se uma educação privada provoca a presunção ou isola um homem em sua família, o mal apenas muda de lugar, sem ser remediado.

Esse encadeamento de ideias me traz de volta a um tema no qual pretendo me deter: a necessidade de estabelecer escolas diurnas apropriadas. E essas escolas deveriam ser estabelecimentos nacionais, pois enquanto os professores forem dependentes do capricho dos pais, pouco pode ser esperado deles, além do que é necessário para agradar as pessoas ignorantes. Realmente, a necessidade de que um mestre dê aos pais alguma mostra das habilidades do filho, que durante as férias é exposto a todo visitante<sup>[1]</sup>, produz mais danos do que inicialmente se poderia supor. Porque, falando com moderação, raramente a própria criança executa; assim, o mestre aprova a falsidade ou dá corda na pobre máquina até algum esforço extraordinário, que danifica as rodas e detém o progresso do aperfeiçoamento gradual. A memória é sobrecarregada com palavras ininteligíveis para que se faça uma exibição sem que o entendimento tenha adquirido qualquer ideia precisa; mas somente a educação que ensina os jovens a começar a pensar merece ser chamada com ênfase de cultivo da mente. Não se deveria permitir à imaginação corromper o entendimento antes que este ganhasse força, senão a vaidade se tornaria precursora do vício – qualquer forma de exhibir os conhecimentos adquiridos pelas crianças é prejudicial ao seu caráter moral.

Quanto tempo é perdido ensinando-as a recitar o que não entendem? Enquanto isso, sentadas em bancos, vestidas com suas melhores roupas, as mães escutam atonitamente o papaguear pronunciado com cadência solene, com toda pompa da ignorância e da insensatez. Tais exhibições servem apenas

para infundir as fibras da vaidade que se espalham por toda a mente, pois não ensinam as crianças a falar fluentemente nem a se comportar com graça. Estão tão longe disso que essas atividades frívolas poderiam compreensivelmente ser chamadas de estudo da afetação. Atualmente, é raro ver um menino simples e tímido, ainda que poucas pessoas de bom gosto tenham sido desagradadas por aquele acanhamento desajeitado tão natural da idade, que as escolas e a introdução prematura na sociedade transformaram em atrevimento e caretas.

Contudo, como podem essas coisas ser remediadas enquanto os professores dependerem inteiramente dos pais para sua subsistência e quando tantas escolas concorrentes mostram seus atrativos para chamar a atenção de pais e mães vãos, cujo afeto parental só os induz a desejar que seus filhos eclipssem os de seus vizinhos?

Sem uma boa dose de sorte, um homem sensato e de consciência passaria fome antes de conseguir erguer uma escola, se fosse contra enganar pais fracos, ao praticar os truques secretos do ofício.

Nas escolas mais bem dirigidas, porém, nas quais não se abarrotam alunos, diversos maus hábitos são adquiridos; nas escolas comuns, o corpo, o coração e o entendimento são igualmente tolhidos, pois os pais muitas vezes procuram apenas a escola mais barata, e o diretor não poderia viver se não aceitasse um número maior de alunos do que pode controlar – nem o salário exíguo recebido com a mensalidade paga por cada criança lhe permitiria contratar auxiliares suficientes para assisti-lo no desempenho básico do trabalho. Além disso, seja qual for a aparência da casa e do jardim, as crianças não desfrutam do conforto de nenhum deles, pois são continuamente lembradas por restrições maçantes de que não estão em seu próprio lar, e os compartimentos, o jardim etc. devem ser conservados em ordem para a recreação dos pais, que aos domingos visitam a escola e ficam impressionados com a própria ostentação que torna incômoda a situação dos filhos.

Com que desgosto tenho ouvido mulheres sensatas falarem do cansativo confinamento que suportaram na escola, já que as meninas são mais reprimidas e intimidadas do que os meninos. Talvez não lhes seja permitido sair para um passeio prolongado em um jardim suntuoso, mas são obrigadas a caminhar com uma postura estável, estupidamente, para frente e para trás, erguendo a cabeça, com andar alinhado e os ombros esticados para trás, sem saltar, como a natureza orienta para completar seu próprio desígnio, nas várias posições do corpo que

tanto contribuem para a saúde<sup>[2]</sup>. A pura disposição animal, que faz com que ambos, mente e corpo, projetem-se e desenvolvam as ternas flores da esperança, torna-se ácida e dá vazão a desejos vãos ou murmúrios atrevidos que limitam as faculdades e prejudicam o caráter ou chega ao cérebro e, ao aguçar o entendimento antes que este ganhe força proporcional, produz aquela astúcia lamentável que vergonhosamente caracteriza a mente feminina – e que, temo, sempre a caracterizará, enquanto as mulheres permanecerem escravas do poder!

O pouco respeito prestado à castidade no mundo masculino é, tenho certeza, a grande fonte de muitos dos males físicos e morais que atormentam a humanidade, assim como dos vícios e das loucuras que degradam e destroem as mulheres; contudo, na escola, os meninos infalivelmente perdem aquela timidez decente que, em casa, poderia ter se transformado em modéstia.

E que brincadeiras desagradáveis e indecentes eles também aprendem uns com os outros, quando muitos deles vivem como porcos no mesmo dormitório, sem falar dos vícios, que enfraquecem o corpo enquanto efetivamente impedem a obtenção de qualquer sutileza da mente. A pouca atenção prestada ao cultivo da modéstia entre os homens ocasiona uma grande depravação em todas as relações da sociedade, pois não só o amor – que deve purificar o coração e ser o primeiro a motivar todos os poderes juvenis, preparando o homem para cumprir os deveres benevolentes da vida – é sacrificado a uma luxúria precoce, mas também as afeições sociais são embotadas pelas satisfações egoístas que logo contaminam a mente e secam os sumos generosos do coração. De que modo tão pouco natural viola-se frequentemente a inocência e quais sérias consequências farão com que os vícios privados se convertam em uma praga pública? Além disso, um hábito de ordem pessoal que tem mais efeito no caráter moral do que se costuma supor só pode ser adquirido em casa, onde se sustenta a respeitável reserva que freia a familiaridade, que, ao mergulhar na bestialidade, mina o afeto que insulta.

Já censurei os maus hábitos que adquirem as mulheres quando são fechadas em um mesmo espaço e penso que a observação pode ser estendida ao outro sexo, até que seja traçada a conclusão natural que eu tinha em vista ao longo deste capítulo: para que ambos os sexos se aperfeiçoem, é necessário, não apenas na privacidade das famílias, mas também nas escolas públicas, que eles sejam educados juntos. Se o matrimônio é o cimento da sociedade, toda a humanidade deveria ser educada segundo o mesmo modelo, caso contrário, a relação entre os

sexos nunca merecerá o nome de companheirismo nem as mulheres cumprirão as obrigações próprias de seu sexo, até que se tornem cidadãs ilustradas, até que sejam livres, capazes de ganhar sua própria subsistência, independentemente dos homens; do mesmo modo, quero dizer, para evitar interpretações errôneas, que um homem é independente de outro. Mais ainda, o matrimônio nunca se conservará como algo sagrado até que as mulheres, sendo criadas junto com os homens, estejam preparadas para ser suas companheiras em vez de suas amantes, já que a face mesquinha da astúcia sempre as tornará desprezíveis, enquanto a opressão as fará tímidas. Tão convencida estou dessa verdade que me aventurarei a predizer que a virtude nunca prevalecerá na sociedade, até que as virtudes de ambos os sexos sejam fundamentadas na razão e os afetos comuns a ambos possam obter sua devida força mediante o cumprimento dos deveres mútuos.

Se fosse permitido aos meninos e às meninas que realizassem os mesmos estudos juntos, tal elegante decoro que produz a modéstia sem aquela distinção de sexo que contamina a mente poderia ser desde cedo inculcado. As lições de polidez e a receita para o decoro, que trilham o caminho da falsidade, seriam tornadas inúteis pela habitual retidão da conduta. De fato, não seriam usadas para mostrar aos visitantes como o manto elegante da polidez, mas como o efeito sóbrio da pureza da mente. Não seria essa elegância simples da sinceridade uma casta homenagem prestada às afeições domésticas, que em muito ultrapassam os elogios enganosos que brilham com falso esplendor nas relações sem coração da vida elegante? Mas, até que prepondere mais entendimento na sociedade, sempre haverá falta de sentimento e de gosto, e o *rouge* das prostitutas ocupará o lugar daquele rubor celestial que só as afeições virtuosas podem dar à face. A galanteria e o que se chama de amor podem subsistir sem a simplicidade de caráter, mas os principais pilares da amizade são o respeito e a confiança – a estima nunca se fundamenta naquilo que não se reconhece.

O gosto pelas belas-artes requer grande cultivo, mas não mais do que o gosto pelos afetos virtuosos; e ambos pressupõem aquela expansão da mente que abre tantas fontes de prazer intelectual. Por que as pessoas correm para cenários ruidosos e meios aglomerados? Eu deveria responder: porque elas carecem de atividade mental, porque elas não estimam as virtudes do coração. Portanto, elas só veem e sentem grosseiramente e, de modo contínuo, anseiam pela variedade, considerando insípido tudo aquilo que é simples.

Esse argumento pode ser levado ainda mais longe do que percebem os

filósofos, pois, se a natureza destinou a mulher, em particular, para o cumprimento das tarefas domésticas, também fez com que ela fosse em grande parte suscetível aos afetos a ela relacionados. No momento, as mulheres notoriamente gostam do prazer; e naturalmente devem gostar, de acordo com minha concepção, porque elas não podem entrar nas minúcias do gosto doméstico carecendo de juízo, que é o fundamento de todo gosto. O entendimento, apesar dos sofistas sensuais, reserva-se o privilégio de transmitir alegria pura ao coração.

Com que lânguido bocejo vi um admirável poema jogado ao chão, aquele para o qual um homem de verdadeiro gosto se volta de quando em quando com êxtase; e, enquanto uma melodia quase me tirava o fôlego, uma senhora me perguntou onde eu havia comprado meu vestido. Também observei que os olhos, lançando um rápido e gélido olhar para um quadro primoroso, fixaram-se, fisciando com prazer, sobre uma caricatura esboçada grosseiramente; e, enquanto algum aspecto maravilhoso na natureza espalha uma sublime serenidade em minha alma, sinto-me chamada a observar as graciosas brincadeiras de um cãozinho de estimação, com quem meu perverso destino me forçou a viajar. Não é surpreendente que um ser tão privado de gosto acaricie mais esse cão do que os próprios filhos? Ou que ela prefira o discurso da adulação à inflexão simples da sinceridade?

Para ilustrar esse comentário, permitam-me observar que os homens de gênio excepcional e as mais cultas mentes parecem mostrar a maior apreciação pelas belezas simples da natureza e devem ter sentido fortemente o que tão bem descreveram, isto é, o encanto que os afetos naturais e os sentimentos não sofisticados exercem sobre o caráter humano. É esse poder de olhar dentro do coração e vibrar em resposta a cada emoção que permite ao poeta personificar a paixão e ao pintor desenhar com um pincel entusiasmado.

O gosto verdadeiro é sempre o fruto do intelecto empregado em observar os efeitos naturais; e até que as mulheres tenham mais entendimento, é inútil esperar que elas possuam gosto doméstico. Seus sentidos vivos estarão sempre trabalhando para endurecer seu coração, e as emoções forjadas neles continuarão a ser vívidas e transitórias, a menos que uma educação apropriada proporcione conhecimento a sua mente.

É a falta de gosto doméstico, e não a aquisição de conhecimento, que tira as mulheres da família e separa o sorridente bebê do seio que deveria fornecê-lhe o

alimento. As mulheres têm sido mantidas na ignorância e na dependência servil por muitos, muitos anos, e ainda não ouvimos nada que não seja sobre sua inclinação ao prazer e ao domínio, sua preferência por libertinos e soldados, seu apego infantil às quinquilharias e a vaidade que as faz valorizar as realizações mais do que as virtudes.

A história apresenta um temeroso catálogo de crimes que a astúcia delas provocou, quando as débeis escravas tiveram destreza suficiente para lograr seus mestres. Na França e em quantos outros países os homens têm sido déspotas luxuriosos, e as mulheres, ardilosas ajudantes? Isso prova que a ignorância e a dependência as domesticaram? Não é sua insensatez objeto de ridículo dos libertinos, que se distraem em sua companhia; e não se queixam continuamente os homens sensatos de que o gosto desmedido pelas roupas e a dissipação fazem com que uma mãe de família abandone o lar? Seu coração não tem sido corrompido pelo conhecimento nem sua mente desencaminhada por investigações científicas; ainda assim, não cumprem com os deveres peculiares que, como mulheres, a natureza lhes designou. Ao contrário, o estado de contenda que existe entre os sexos faz com que elas empreguem essas estratagemas, que com frequência frustram os mais sinceros desígnios da coerção.

Quando, portanto, chamo as mulheres de escravas, penso em um sentido político e civil, pois indiretamente elas obtêm poder demasiado e são corrompidas pelos meios que utilizam para conseguir seu domínio ilícito.

Deixemos que uma nação ilustrada<sup>[3]</sup> experimente que efeitos a razão teria ao devolvê-las à natureza e a sua obrigação; e, ao permitir-lhes compartilhar com os homens as vantagens da educação e do governo, vejamos se evoluem à medida que aumentam sua sabedoria e sua liberdade. O experimento não lhes pode ser prejudicial, pois não está em poder do homem torná-las mais insignificantes do que são no presente.

Para que isto seja possível, o governo deve instituir escolas diurnas para idades específicas, nas quais meninos e meninas sejam educados juntos. Para as crianças menores, dos cinco aos nove anos, a escola deve ser completamente gratuita e aberta a todas as classes<sup>[4]</sup>. Também deve ser escolhido um número suficiente de mestres por um comitê selecionado em cada paróquia, para os quais qualquer queixa de negligência etc. possa ser feita, se assinada por seis pais de alunos.

Os auxiliares, então, seriam desnecessários, já que acredito que a experiência

sempre demonstrará que essa espécie de autoridade subordinada é particularmente prejudicial para a moral dos jovens. O que, de fato, pode tender a depravar o caráter mais do que a submissão externa e o desprezo interno? Além disso, como se pode esperar que os meninos tratem um auxiliar com respeito, quando o mestre parece considerá-lo um criado e quase favorece o ridículo, que se torna o principal divertimento dos meninos durante as horas de recreio?

Mas nada do gênero poderia ocorrer em uma escola primária diurna, na qual os meninos e as meninas, os ricos e os pobres, estariam juntos. E, para evitar quaisquer distinções de vaidade, eles deveriam vestir uniformes, e todos seriam obrigados a se submeter à mesma disciplina, sob pena de deixar a escola. As salas de aula deveriam ser rodeadas por uma grande extensão de terreno, onde as crianças fariam exercícios proveitosos, pois nessa idade elas não deveriam ser confinadas a tarefas sedentárias por mais de uma hora seguida. Mas tal recreação se tornaria uma parte da educação elementar, pois muitas coisas desenvolvem e distraem os sentidos quando introduzidas como uma espécie de espetáculo, para cujos princípios, expostos de maneira árida, os meninos fariam ouvidos moucos. Por exemplo, a botânica, a mecânica e a astronomia. A leitura, a escrita, a aritmética, a história natural e alguns experimentos simples na filosofia natural poderiam preencher o dia, mas essas tarefas nunca deveriam invadir os jogos de ginástica ao ar livre. Os fundamentos de religião, história, história do homem e política também poderiam ser ensinados pelas conversações, ao modo socrático.

Após os nove anos, meninas e meninos, destinados a tarefas domésticas ou aos ofícios mecânicos, deveriam ser transferidos para outras escolas a fim de receber instrução na medida apropriada à destinação de cada um, ficando os dois sexos ainda juntos pela manhã; à tarde, as meninas deveriam frequentar uma escola onde se ocupassem de trabalhos simples, como a confecção de mantas, chapéus etc.

Aos jovens de faculdades superiores ou de fortuna poderiam ser ensinadas, em outra escola, as línguas vivas e mortas, os elementos da ciência, além de continuarem o estudo de história e política em uma escala mais extensa, a qual não excluiria a literatura refinada. “Meninas e meninos ainda juntos?”, ouço alguns leitores perguntarem. Sim. E eu não temeria qualquer consequência, além do surgimento de algum afeto precoce, o qual, enquanto tivesse o melhor efeito sobre o caráter moral dos jovens, poderia não concordar perfeitamente com as perspectivas dos pais, pois temo que levará um longo tempo até que o mundo

seja suficientemente esclarecido para que os pais, desejando apenas que seus filhos sejam virtuosos, permitam-lhes eleger por si mesmos seus companheiros para toda a vida.

Ademais, essa seria uma maneira segura de promover casamentos precoces, e destes fluem de modo natural os melhores efeitos físicos e morais. Que caráter tão diferente assume um cidadão casado do fanfarrão egoísta, que vive apenas para si mesmo e está com frequência temeroso de casar-se por medo de que não possa viver de acordo com determinado estilo. Exceto em grandes emergências, que raramente ocorreriam em uma sociedade na qual a igualdade fosse o fundamento, só se pode esperar que um homem esteja preparado para o cumprimento dos deveres da vida pública pela prática habitual dos deveres inferiores que o formam.

Nesse plano de educação, a constituição dos meninos não seria prejudicada pelas libertinagens precoces, que atualmente fazem o homem tão egoísta, nem se fariam as meninas tão frágeis e vazias mediante a indolência e as tarefas frívolas. Pressuponho, no entanto, que tal grau de igualdade deveria ser estabelecido entre os sexos à medida que excluísse a galanteria e o coquetismo, ainda que permitindo à amizade e ao amor temperar o coração para o cumprimento dos mais elevados deveres.

Essas seriam escolas da moralidade – e, sendo a felicidade do homem autorizada a fluir do manancial puro do dever e da afeição, que avanços não poderia fazer a mente humana? A sociedade só pode ser feliz e livre na proporção de sua virtude, mas as atuais distinções estabelecidas na sociedade corroem toda a virtude privada e destroem toda a virtude pública.

Já ataquei o costume de confinar as meninas às agulhas, excluindo-as de todas as tarefas políticas e civis, pois, mediante essa estreiteza mental, elas são tornadas incapazes de cumprir os deveres particulares que a natureza lhes atribuiu.

Ocupadas somente com os pequenos incidentes do dia, elas necessariamente crescem astutas. Minha alma muitas vezes se condói ao observar as maliciosas artimanhas praticadas pelas mulheres para ganhar algo tolo que seu insensato coração desejava. Sem permissão para dispor de dinheiro ou chamar qualquer coisa de sua, elas aprendem a ganhar um dinheirinho honestamente; ou, caso ofenda o marido ficar longe de casa ou suscite algum sentimento de ciúmes – um novo vestido ou qualquer bela bugiganga suavizam o cenho encolerizado de Juno<sup>[a]</sup>.

Mas essas *insignificâncias* não degradariam seu caráter se as mulheres fossem incitadas a se respeitar, se os temas políticos e morais fossem abertos a elas; e arriscarei afirmar que esse é o único meio para fazê-las devidamente atentas aos deveres domésticos. Uma mente ativa abrange todo seu conjunto de deveres e encontra tempo suficiente para tudo. Sustento que não é uma tentativa ousada de emular as virtudes masculinas, não é o encantamento das atividades literárias nem a constante investigação dos assuntos científicos que desencaminham as mulheres do dever. Não, são a indolência e a vaidade – o amor ao prazer e o amor ao domínio – que reinarão supremos em uma mente vazia. Digo vazia enfaticamente, porque a educação que as mulheres recebem atualmente mal merece este nome. O escasso conhecimento que elas são levadas a obter durante os importantes anos da juventude é simplesmente relativo a qualidades exteriores; e qualidades sem fundamento, porque, a menos que o entendimento seja cultivado, toda graça é superficial e cansativa. Como os encantos de um rosto maquiado, elas apenas atingem os sentidos em uma multidão, mas em casa, quando não existe atividade da mente, falta variedade. A consequência é óbvia: em cenários festivos de dissipação, encontramos mentes e rostos artificiais, pois aqueles que fogem da solidão temem, logo depois, o círculo doméstico; sem conseguir entreter ou interessar, elas sentem sua própria insignificância ou não encontram nada que as entretenha ou lhes interesse.

Além disso, o que seria mais indelicado do que o *debut* de uma jovem no mundo da moda? Em outras palavras, significa introduzir no mercado uma moça casadoura, cuja pessoa é levada de um local público a outro, ricamente enfeitada. Contudo, misturando-se no círculo frívolo sob restrição, essas borboletas anseiam por bater as asas em liberdade, pois o primeiro afeto de sua alma é para com sua própria pessoa, para as quais sua atenção é chamada com o mais diligente cuidado enquanto são preparadas para o período que decide seu destino por toda a vida. Em vez de seguir tal rotina ociosa, suspirando por uma exibição insípida e uma condição insensível, com que dignidade estabeleceriam vínculos os jovens de ambos os sexos nas escolas que eu resumidamente apontei, nas quais, com o passar dos anos, poder-se-ia admitir a dança, a música e o desenho como atividades recreativas, porque nessas escolas os jovens de fortuna deveriam permanecer, mais ou menos, até que atingissem a maioridade. Aqueles que fossem designados para profissões específicas poderiam assistir, três ou quatro manhãs na semana, às aulas apropriadas para sua imediata instrução.

No momento, apenas faço tais observações a título de sugestão, mais como um esboço do plano que tenho em mente do que como algo detalhado; mas devo acrescentar que aprovo inteiramente um preceito mencionado no panfleto<sup>[5]</sup> já aludido, aquele que torna as crianças e os jovens independentes dos mestres no que diz respeito a punições. Eles deveriam ser julgados por seus colegas, o que seria um método admirável para fixar na mente princípios íntegros de justiça e poderia ter um efeito mais feliz sobre o temperamento, que é muito cedo azedado ou irritado pela tirania, até que se torne impertinentemente astuto ou ferozmente arrogante.

Minha imaginação dispara em direção ao futuro com fervor benevolente para saudar esses grupos amáveis e dignos de respeito, apesar do escarnecer dos corações frios, que têm a liberdade de proferir com frígida presunção o maldito epíteto – romântico –, cuja força tentarei mitigar, repetindo as palavras de um eloquente moralista:

Eu não sei se as alusões de um coração verdadeiramente humano, cujo zelo torna tudo fácil, não são preferíveis àquela razão rude que tudo refuta e que sempre se mostra indiferente ao bem público, que é o primeiro obstáculo para qualquer coisa que a estimule.

Sei que os libertinos também exclamariam que a mulher seria despojada de seu sexo ao adquirir força física e mental, que a beleza, suave beleza que enfeitiça!, não mais adornaria as filhas dos homens. Tenho uma opinião diversa, pois acredito que, ao contrário, veríamos, então, uma beleza dignificada e uma graça verdadeira; para sua produção concorreriam muitas causas físicas e morais poderosas. Não uma beleza descansada, é verdade, nem as graças de um ser indefeso, mas aquelas que parecem fazer-nos respeitar o corpo humano como um majestoso sustentáculo apropriado para receber um nobre habitante, nas relíquias da Antiguidade.

Não esqueço a opinião popular de que as estátuas gregas não foram modeladas de acordo com a natureza. Quer dizer, não de acordo com as proporções de um homem em particular, mas que feições e membros belos foram selecionados de vários corpos para formar um todo harmonioso. Isso poderia, de certo modo, ser verdadeiro. A bela figura ideal de uma imaginação glorificada poderia ser superior à matéria-prima que o escultor encontrou na natureza e, assim, poderia com propriedade ser chamada de modelo da humanidade, em vez de modelo de homem. Não foi, contudo, a seleção

mecânica de membros e feições, mas a ebulição de uma imaginação fértil que irrompe à vista, e os sentidos refinados e o amplo entendimento do artista selecionaram a matéria sólida, que ele envolveu nesse foco brilhante.

Observei que não foi mecânico porque um todo foi produzido – um modelo daquela grandiosa simplicidade, daquelas energias concordantes, que prendem nossa atenção e exigem nossa reverência. Somente uma beleza insípida e sem vida pode ser produzida a partir de uma cópia servil da bela natureza. Todavia, independentemente dessas observações, acredito que a forma humana deve ter sido muito mais bela do que é no presente, pois a indolência extrema, as ataduras grosseiras e muitas causas que forçosamente a influenciam, em nosso suntuoso estado da sociedade, não retardaram sua expansão ou a tornaram disforme. O exercício e a limpeza parecem ser não apenas os meios mais seguros para conservar a saúde, mas também para promover a beleza, se forem consideradas apenas as causas físicas; contudo, isso não é suficiente, as causas morais devem ser levadas em conta, caso contrário, a beleza será meramente daquela espécie rústica que floresce no semblante inocente e saudável das pessoas do campo, cuja mente não foi exercitada. Para tornar a pessoa perfeita, a beleza física e a moral devem ser alcançadas ao mesmo tempo, cada uma delas emprestando e recebendo força por meio da combinação. O raciocínio deve residir na fronte, o afeto e o brilho da imaginação, no olhar, e a humanidade curva a bochecha, ou vão ser o brilho dos mais belos olhos ou a fineza elegante das mais belas feições; ao mesmo tempo que em cada movimento efetuado pelos membros ativos e articulações bem estruturadas a graça e a modéstia deveriam aparecer. Mas esse belo conjunto não é reunido por acaso; é a recompensa dos esforços planejados para sustentar um ao outro; porque o raciocínio só pode ser obtido por meio da reflexão, o afeto, por meio do cumprimento das obrigações, e a humanidade, por meio do exercício da compaixão para com toda criatura viva.

A humanidade em relação aos animais deveria ser particularmente incutida como parte da educação nacional, pois não é no momento uma de nossas virtudes nacionais. Na classe mais baixa, a ternura por seus humildes animais domésticos é mais frequentemente encontrada em uma condição selvagem do que em uma civilizada. Porque a civilização impede aquela relação que gera afeto em uma cabana grosseira ou em uma choupana de barro, e induz as mentes incultas, que são depravadas apenas pelos refinamentos que prevalecem na sociedade, onde elas são pisoteadas pelos ricos, a subjugar seus animais a fim de

se vingar dos insultos que são obrigadas a suportar de seus superiores.

Essa crueldade habitual é primeiramente vista na escola, onde um dos raros esportes dos meninos é atormentar os infelizes animais que cruzam seu caminho. A transição, quando eles crescem, da barbárie para com os animais à tirania doméstica sobre as esposas, as crianças e os empregados é muito fácil. A justiça, ou mesmo a benevolência, não será uma causa de ação eficaz, a menos que se estenda a toda criação; mais ainda, creio que possa ser considerado um axioma o fato de que aqueles que podem ver a dor sem se comover logo aprendam a infligi-la.

Os plebeus são dominados pelos sentimentos existentes e pelos hábitos que adquirem acidentalmente, mas não se pode depositar muita dependência sobre os sentimentos parciais, embora sejam justos, pois, quando eles não são fortificados pela reflexão, o costume os enfraquece até que sejam pouco perceptíveis. As inclinações de nossa natureza são reforçadas por meio da ponderação das reflexões e amortecidas pela prática irrefletida. O coração de Macbeth foi afetado mais pelo primeiro assassinato do que pela centena de outros subsequentes, necessários para respaldá-lo.

Mas, quando usei o epíteto plebeu, não pretendia confinar meus comentários aos pobres, já que a humanidade parcial, baseada nas sensações do momento ou no capricho, é igualmente notória, se não mais, entre os ricos.

A dama que derrama lágrimas pelo pássaro morto de fome em uma armadilha e maldiz os demônios em forma de homens que aguilhoam até a loucura o pobre boi ou chicoteiam o paciente asno, cambaleante sob uma carga acima de suas forças, manterá, todavia, o cocheiro e o cavalos esperando por ela durante horas, quando o frio é cortante ou a chuva bate contra as janelas bem fechadas, as quais não deixam um sopro de ar dizer-lhe com que força o vento sopra lá fora. E ela, que leva seus cães para a cama e os mima com uma sensibilidade ostensiva quando adoecem, consentirá que os filhos cresçam desonestos em um berçário. Tal ilustração de meu argumento é tirada de um fato real. A mulher a que faço alusão era bonita, reconhecida como muito formosa por aqueles que não sentem falta da mente, quando o rosto é rechonchudo e belo; mas seu intelecto não fora afastado dos deveres femininos pela literatura nem sua inocência foi depravada pelo conhecimento. Não, era bastante feminina, de acordo com a acepção masculina do termo; e, longe de amar esses animais mimados que preenchem o lugar que os filhos deveriam ter

ocupado, ela apenas balbuciava uma curiosa mistura sem sentido de francês e inglês para agradar aos homens que se reuniam a sua volta. A esposa, a mãe e a criatura humana foram todas engolidas pelo caráter artificial que uma educação imprópria e a vaidade egoísta da beleza produziram.

Não gosto de fazer uma distinção sem diferença e admito que me sinto tão desgostosa pela bela dama que aninhava junto ao peito seu cão de estimação, em vez de seu filho, quanto pela ferocidade de um homem que, ao golpear seu cavalo, declarava que sabia quando estava se comportando mal, assim como um cristão.

Essa atitude insensata mostra quão equivocados estão aqueles que, ao permitir que as mulheres deixem seus haréns, não cultivam seu entendimento, a fim de semear virtudes em seu coração. Porque, se elas tivessem bom senso, poderiam adquirir aquele gosto doméstico que as levaria a amar com subordinação racional toda sua família, desde o marido até o cão de guarda, e jamais insultariam a natureza humana na pessoa do mais humilde empregado por prestar mais atenção ao bem-estar de um animal do que ao de seu semelhante.

Minhas observações sobre a educação nacional são, obviamente, sugestões; desejo sobretudo reforçar a necessidade de se educarem os dois sexos juntos, para que ambos se aperfeiçoem, e de se fazer com que as crianças durmam em casa, para que possam aprender a amar o lar; contudo, para que os afetos privados apoiem os públicos, em vez de sufocá-los, elas devem ser mandadas à escola para que se relacionem com seus semelhantes, pois somente pelos confrontos de igualdade podemos formar uma opinião justa de nós mesmos.

Para fazer com que a humanidade seja mais virtuosa e, claro, mais feliz, ambos os sexos devem agir de acordo com os mesmos princípios; mas como isto pode ser esperado quando apenas a um deles se permite enxergar a razoabilidade desses princípios? Para fazer com que o pacto social seja verdadeiramente equitativo e a fim de difundir esses princípios esclarecedores, os únicos capazes de melhorar o destino do homem, deve-se permitir às mulheres que lancem os alicerces de sua virtude no conhecimento, o que é muito pouco possível, a não ser que sejam educadas com as mesmas atividades que os homens. Pois, atualmente, elas são tornadas tão inferiores pela ignorância e pelos desejos mesquinhos que não merecem ocupar a mesma posição que eles; ou então, por meio dos contorcionismos serpentinos da astúcia, elas escalam a árvore do

conhecimento e adquirem apenas o suficiente para desencaminhar os homens.

Pela história de todas as nações, fica evidente que as mulheres não podem ser confinadas às ocupações domésticas, pois não cumprirão os deveres familiares, a não ser que a mente deles tenha um campo mais vasto de ação; e, ao mesmo tempo que são mantidas na ignorância, elas se tornam escravas do prazer na mesma proporção em que são escravas do homem. Tampouco podem ser

das dos grandes empreendimentos, embora sejam incapazes de compreender que a estreiteza de sua mente frequentemente as prejudica.

A libertinagem de homens superiores, e até mesmo suas virtudes, sempre dará às mulheres de determinada categoria grande poder sobre eles; e essas mulheres fracas, sob a influência de paixões infantis e da vaidade egoísta, lançarão uma luz falsa sobre os objetos que os próprios homens, que deveriam iluminar seu julgamento, acabam vendo com o olhar delas. Os homens de imaginação e aqueles personagens otimistas que em sua maior parte comandam as questões humanas em geral se distraem na companhia das mulheres; e certamente não preciso mencionar ao mais superficial leitor de história os numerosos exemplos de vício e opressão que as intrigas privadas das favoritas têm provocado nem discorrer sobre o dano que naturalmente advém de intervenções disparatadas da insensatez bem-intencionada. Nas transações de negócios, é muito melhor ter de lidar com um patife do que com um tolo, porque um patife segue algum plano, e qualquer plano razoável é percebido muito mais depressa do que o voo repentino da insensatez. É notório o poder que mulheres vis e tolas exercem sobre homens inteligentes e de sensibilidade; mencionarei apenas um exemplo.

Quem traçou um caráter feminino mais glorificado do que Rousseau, ainda que no geral ele se esforçasse constantemente para degradar o sexo? E por que tinha tanta necessidade de fazê-lo? Em verdade, para justificar a si mesmo o afeto que a fraqueza e a virtude haviam-no feito nutrir pela tola Teresa. Ele não foi capaz de alçá-la ao nível comum de seu sexo e, portanto, empenhou-se para rebaixar as mulheres ao patamar dela. Encontrou nela uma companhia humilde e conveniente, e o orgulho o fez determinado a encontrar algumas virtudes superiores no ser com quem ele escolhera viver; mas sua conduta durante a vida e o que houve após sua morte não mostra de forma clara o quão grosseiramente ele se enganou quando a chamou de inocente celestial? Mais ainda, na amargura de seu coração, ele mesmo lamenta que, quando suas enfermidades físicas

impediram-no de tratá-la como mulher, ela deixou de sentir afeto por ele. E era muito natural que o fizesse, pois, tendo tão poucos sentimentos em comum, quando o vínculo sexual se rompeu, o que iria segurá-la? Manter o afeto, cuja sensibilidade estava confinada a um sexo, mais ainda, a um homem, requer bom senso para transformar a sensibilidade no amplo canal da humanidade. Poucas mulheres têm entendimento suficiente para sentir afeição por uma mulher ou amizade por um homem. Mas a fraqueza sexual, que faz a mulher depender do homem para a subsistência, provoca uma espécie de afeto semelhante ao do gato, levando uma esposa a ronronar perto do marido como ela faria perto de qualquer homem que a alimentasse e a acariciasse.

Contudo, frequentemente os homens se satisfazem com esse tipo de afeto, que é limitado a eles mesmos de modo animalesco; mas, se eles se tornarem mais virtuosos, desejarão conversar ao pé da lareira com uma amiga, quando deixarem de distrair-se com uma amante.

Além disso, o intelecto é necessário para dar variedade e interesse aos prazeres sexuais, pois muito abaixo na escala intelectual está a mente que pode continuar a amar quando nem a virtude nem o bom senso dão uma aparência humana a um apetite animal. Mas o bom senso sempre prepondera; e, se as mulheres não são, de modo geral, equiparadas aos homens, algumas mulheres superiores, como as cortesãs gregas, reunirão os homens talentosos a seu redor e arrancarão de suas famílias muitos cidadãos que teriam ficado em casa se suas esposas tivessem mais juízo ou as graças que resultam do exercício do entendimento e da imaginação, os pais legítimos do bom gosto. Uma mulher de talento, se não for absolutamente feia, sempre conquistará grande poder, suscitado pela fragilidade de seu sexo; e, na mesma proporção em que os homens adquirem virtude e delicadeza pelo exercício da razão, eles procurarão essas características nas mulheres, mas elas só podem obtê-las do mesmo modo que os homens.

Na França ou na Itália, as mulheres se confinaram à vida doméstica? Embora não tenham tido até agora uma existência política, não tem sido ilícito seu importante domínio, corrompendo a si e aos homens, com cujas paixões elas brincam? Em resumo, seja qual for a luz sob a qual considero o assunto, a razão e a experiência me convencem de que o único método de levar as mulheres a cumprir seus deveres pertinentes é libertá-las de toda restrição, permitindo-lhes participar dos direitos inerentes à humanidade.

Façam-nas livres, e elas rapidamente se tornarão sábias e virtuosas, como os

homens também se tornam, pois o aperfeiçoamento deve ser mútuo; caso contrário, existindo a injustiça a que metade da raça humana é obrigada a submeter-se, retorquindo a seus opressores, a virtude do homem será devorada pelo inseto cuja larva ele carrega sob seus pés.

Que os homens façam sua escolha. Homem e mulher foram feitos um para o outro, ainda que não para se tornarem um só ser; e, se eles não aperfeiçoarem as mulheres, elas os depravarão!

Falo do aperfeiçoamento e da emancipação de todo o sexo, porque sei que o comportamento de algumas mulheres que, de modo accidental ou seguindo uma forte disposição da natureza, adquiriram uma porção de conhecimento superior àquela do restante de seu sexo tem sido frequentemente arrogante; mas existem exemplos de mulheres que, obtendo conhecimento, não descartaram a modéstia nem pareceram desprezar de forma pedante a ignorância que elas se esforçaram para dispersar em sua própria mente. As exclamações, então, que qualquer conselho a respeito do aprendizado feminino comumente provoca, em especial de mulheres bonitas, muitas vezes surgem da inveja. Quando elas casualmente veem que mesmo o brilho de seus olhos e a alegre desenvoltura do coquetismo refinado nem sempre lhes assegurarão a atenção durante uma noite inteira, se uma mulher cujo intelecto é mais cultivado se esforça para dar um rumo racional à conversação, a fonte de consolo comum é que tais mulheres raramente têm um marido. Que artes não tenho eu presenciado mulheres tolas usarem para interromper pelo *flerte* – palavra muito significativa para descrever tal manobra – uma conversa racional, que tenda com que os homens esquecessem que elas eram mulheres formosas.

Mas, admitindo aquilo que é muito natural para o homem, ou seja, que a posse de habilidades raras é definitivamente calculada para suscitar um orgulho presunçoso, desagradável tanto em homens como em mulheres, em que estado de inferioridade devem ter se embotado as faculdades femininas, quando uma porção tão pequena de conhecimento como a que elas obtiveram – e que por isso são chamadas sarcasticamente de mulheres cultas – pode ser surpreendente? O suficiente para envaidecer a possuidora e despertar a inveja de suas contemporâneas, bem como de alguns do outro sexo. Mais ainda, um pouco de racionalidade não tem exposto muitas mulheres à mais severa censura? Refiro-me a fatos bem conhecidos, pois tenho ouvido com frequência mulheres sendo ridicularizadas a cada pequena fraqueza exposta, somente porque adotaram o

conselho de algum médico e se desviaram do caminho trilhado na maneira de tratar suas crianças. Realmente, ouvi essa aversão bárbara à inovação levada ainda mais longe e soube de uma mulher sensata estigmatizada como mãe desnaturada por ter sido prudentemente solícita para preservar a saúde de seus filhos, quando, em meio a seus cuidados, ela perdeu um deles em razão de algum dos acidentes da infância que nenhuma prudência poderia evitar. Seus conhecidos observam que isso foi consequência de teorias modernas – as teorias modernas de conforto e asseio. E aquelas que fingem sentir, ainda que há muito tenham se apegado a preconceitos que, de acordo com a opinião dos mais sagazes médicos, reduziram a raça humana, quase se alegram com o desastre que deu uma espécie de sanção à prescrição médica.

De fato, se fosse apenas por isso, a educação nacional das mulheres seria da maior importância, pois quantos sacrifícios humanos são feitos em nome desse preconceito de Moloch<sup>[b]</sup>! E de quantas formas as crianças são prejudicadas pela lascívia do homem? A necessidade de afeto natural em muitas mulheres, que são desviadas de seu dever pela admiração dos homens, e a ignorância de outras tornam a infância do homem um momento muito mais perigoso do que a dos animais; contudo, os homens não estão dispostos a colocar as mulheres em situações próprias a fim de capacitá-las a obter entendimento suficiente para saber até mesmo como devem cuidar de seus bebês.

Tal verdade me choca de tal maneira que dela partiria toda minha linha de raciocínio, pois qualquer coisa que tenda a incapacitar o caráter maternal subtrai a mulher de sua esfera.

No entanto, é inútil esperar que a estirpe atual de mães fracas cuide de forma razoável do físico de uma criança, o que é necessário para estabelecer as bases de uma boa constituição, supondo que não sofra pelos pecados de seus pais, ou para domar seu temperamento com tanto critério que a criança, ao crescer, não tenha de livrar-se de tudo o que a mãe, sua primeira instrutora, direta ou indiretamente lhe ensinou; e, a não ser que a mente tenha um vigor fora do comum, as tolices femininas perdurarão em seu caráter por toda vida. A fraqueza da mãe repercutirá em seus filhos! E, enquanto as mulheres forem educadas para depender do juízo do marido, essa será a consequência, pois não se pode aperfeiçoar um intelecto pela metade nem pode algum ser agir sabiamente por imitação, porque em toda circunstância da vida há uma espécie de individualidade que requer um esforço de julgamento para modificar as regras

gerais. O ser que pode pensar de modo justo em uma direção logo ampliará seu domínio intelectual; e aquela que tem juízo suficiente para orientar seus filhos não se submeterá, certa ou errada, ao marido nem às leis sociais que fazem da esposa uma nulidade.

Nas escolas públicas, as mulheres, para se prevenir contra os erros provocados pela ignorância, deveriam aprender os elementos da anatomia e da medicina, não apenas para capacitá-las a cuidar da própria saúde, mas também para fazer delas enfermeiras racionais de filhos, pais e maridos, uma vez que pois as listas de mortalidade são engrossadas pelos desatinos das velhas obstinadas que ministram suas próprias drogas, sem conhecer nada da estrutura humana. É igualmente apropriado, apenas na perspectiva doméstica, fazer as mulheres se familiarizarem com a anatomia da mente, permitindo aos sexos que se associem em todas as tarefas e levando-os a observar o progresso do entendimento humano no aperfeiçoamento das ciências e das artes – nunca esquecendo a ciência da moralidade ou o estudo da história política da humanidade.

Um homem é definido como microcosmo, e toda a família poderia ser chamada de Estado. Estados, em sua maioria, têm sido governados por meio de estratégias que desonram o caráter do homem, é verdade; e a falta de uma constituição justa e de leis igualitárias confunde as teorias de sabedoria universal, que fazem mais do que questionar se é razoável lutar pelos direitos da humanidade. Desse modo, a moralidade, contaminada no reservatório nacional, envia correntes de vício para corromper as partes que constituem o corpo político; mas, se princípios mais nobres, ou melhor, mais justos, regulassem as leis, que devem ser a orientação da sociedade, e não daqueles que as executam, o dever poderia se tornar a regra da conduta privada.

Além disso, ao exercitar o corpo e a mente, as mulheres obteriam aquela atividade mental tão necessária ao caráter maternal, aliada à força moral que distingue a firmeza de conduta da perversão obstinada da fraqueza. É perigoso aconselhar aos indolentes que sejam resolutos, porque eles se tornam instantaneamente rigorosos e, para se poupar de problemas, punem com severidade as faltas que a fortitude perseverante da razão poderia ter evitado.

Contudo, fortitude pressupõe força mental; e pode esta ser obtida com aquiescência indolente? Pedindo conselho, em vez de exercitar o raciocínio? Obedecendo por medo, em vez de praticar a tolerância de que todos nós precisamos? A conclusão que desejo traçar é óbvia. Façamos das mulheres

criaturas racionais e cidadãs livres, e elas rapidamente se tornarão boas esposas e mães – isto é, se os homens não negligenciarem os deveres de maridos e pais.

Ao discutir as vantagens que se poderiam esperar racionalmente de uma combinação de educação pública e privada, como aquela que delineei, estendi-me mais no que se relaciona de modo particular ao mundo feminino, pois penso que este é oprimido; contudo, a gangrena que os vícios engendrados pela opressão provocam não se limita à parte mórbida, mas espalha-se pela sociedade em geral, de tal modo que, quando desejo ver meu sexo transformar-se em agente moral, meu coração palpita com a esperança da propagação geral daquele contentamento sublime que apenas a moralidade pode difundir.

---

[1] Faço agora uma alusão particular às numerosas academias em Londres e nos arredores, bem como ao comportamento da parte comercial dessa metrópole.

[2] Lembro-me de um fato sobre o qual certa vez tomei conhecimento e que provocou minha indignação. Fui visitar um menininho em uma escola onde crianças pequenas eram preparadas para uma escola maior. O diretor levou-me para conhecer as salas de aula etc., mas, enquanto eu andava por um amplo caminho de cascalhos, não pude deixar de observar que a grama crescia luxuriante em ambos os lados. Imediatamente fiz algumas perguntas ao menino e descobri que não era permitido aos pobres alunos desviar do caminho e que o mestre às vezes permitia que ali se levassem as ovelhas para pastar, a fim de aparar a grama intocada. O tirano desse domínio costumava sentar-se perto da janela com vista para o quintal da prisão, e um recanto que o contornava, onde os pequenos desafortunados podiam divertir-se livremente, ele cercou e lá plantou batatas. Sua esposa também estava igualmente preocupada em manter as crianças em ordem, temendo que elas sujassem ou rasgassem as roupas.

[3] França.

[4] Ao tratar desse tema, tomei emprestadas algumas sugestões de um texto muito sensato escrito pelo antigo bispo de Autun, extraído de *Public Education*. [A autora se refere a Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, citado na dedicatória deste livro. (N. E.)]

[a] Na mitologia romana, Juno, casada com Júpiter, representa a esposa enérgica e exigente. (N. E.)

[5] Escrito pelo bispo de Autun.

[b] Personagem a quem supostamente se sacrificavam crianças; vem daí o significado de algum objeto de idolatria para o qual grandes sacrifícios são feitos. (N. E.)

**ALGUNS EXEMPLOS DA INSENSATEZ QUE A IGNORÂNCIA DAS MULHERES GERA E REFLEXÕES CONCLUSIVAS SOBRE O APERFEIÇOAMENTO MORAL QUE A REVOLUÇÃO NAS MANEIRAS FEMININAS NATURALMENTE PRODUZIRIA**

**H**á muitas formas de insensatez que são, em algum grau, peculiares às mulheres – pecados contra a razão tanto do cometimento quanto da omissão –, mas todas fluem da ignorância ou do preconceito. Assinalarei apenas aquelas que parecem ser particularmente danosas ao caráter moral das mulheres. E ao censurá-las, desejo provar especialmente que a fraqueza mental e física, que os homens têm se esforçado para perpetuar, impelidos por diversos motivos, impede que cumpram o dever peculiar de seu sexo; pois quando a fragilidade do corpo não lhe permite amamentar seus filhos e a fraqueza mental a faz estragar sua índole, está a mulher em um estado natural?

*Seção I*

Um exemplo evidente de fraqueza que procede da ignorância reclama desde o início a atenção e requer severa censura.

Nesta metrópole, um bom número de sanguessugas furtivas ganha a subsistência de maneira infame, valendo-se da credulidade feminina, fingindo prever o horóscopo, para utilizar uma expressão técnica; e muitas mulheres que, orgulhosas de sua posição e sua fortuna, desprezam as pessoas comuns, demonstrando desdém soberbo, por meio dessa credulidade dão mostras de que a distinção é arbitrária e que elas não cultivaram a mente o suficiente para se colocar acima dos preconceitos comuns. As mulheres, por não terem sido levadas a considerar o conhecimento de seu dever como a coisa necessária para conhecer

ou viver o momento presente mediante o cumprimento dele, estão muito preocupadas em espreitar o futuro, aprendendo o que elas têm de esperar para que a vida se torne interessante e para romper o vazio da ignorância.

Permitam-me protestar seriamente contra as senhoras que seguem essas falsidades vãs, pois as damas, senhoras de família, não se envergonham de viajar em suas próprias carruagens até a porta do homem ardiloso<sup>[1]</sup>. Se algumas delas lerem atentamente esta obra, eu lhes suplico que respondam ao próprio coração às seguintes perguntas, sem esquecer que estão na presença de Deus.

Crede que haja um único Deus e que Ele é poderoso, sábio e bom?

Crede que todas as coisas foram criadas por Ele e que todos os seres são dependentes Dele?

Confiais em Sua sabedoria, tão evidente em Sua obra e em Sua própria estrutura, e estais convencidas de que Ele ordenou todas as coisas que não chegam à percepção de seus sentidos, na mesma harmonia perfeita, para cumprir Seus desígnios?

Reconheceis que o poder de olhar o futuro e ver coisas que não são como se fossem é um atributo do Criador? E se Ele, por um sinal na mente de Suas criaturas, ponderar conveniente comunicar-lhes algum evento escondido nas sombras do tempo ainda por vir, a quem o segredo seria revelado por meio de inspiração imediata? O parecer do tempo responderá a esta pergunta – aos reverendos idosos, às pessoas diferenciadas por eminente devoção.

Os oráculos da Antiguidade eram apresentados pelos sacerdotes dedicados ao serviço de Deus, que supostamente os inspirava. O esplendor da pompa mundana que cercava esses impostores e o respeito prestado a eles por políticos ardilosos, que sabiam tirar o proveito adequado desse mecanismo útil para curvar o pescoço dos fortes sob o domínio da astúcia, espalhavam um véu de santidade sagrado e misterioso sobre suas mentiras e perversidades. Impressionada por tal encenação solene e devocional, uma dama grega ou romana poderia ser desculpada, caso interrogasse o oráculo, preocupada em espreitar o futuro ou questionar sobre algum acontecimento incerto; e suas indagações, ainda que contrárias à razão, não poderiam ser consideradas ímpias. Mas podem os mestres do cristianismo se esquivar dessa imputação? Pode um cristão supor que os favoritos do Altíssimo, os mais favorecidos, seriam obrigados a se ocultar sob disfarces e praticar os mais desonestos truques para tirar dinheiro das mulheres tolas, pelo qual os pobres clamam em vão?

Dizer não a tais questões é um insulto ao bom senso, porque é sua própria conduta, oh! vós, mulheres tolas!, que lança a repulsa sobre seu sexo! E essas reflexões deveriam fazer com que se horrorizassem com sua leviandade e sua devoção irracional. Não suponho que todas vocês deixem de lado sua religião, seja qual for, quando ingressam nessas misteriosas moradas, contudo, como julgo falar o tempo todo para mulheres ignorantes – porque ignorantes vós sois, no sentido mais enfático da palavra –, seria absurdo raciocinar convosco sobre a egrégia insensatez de desejar saber aquilo que a Suprema sabedoria ocultou.

É provável que vocês não me entendessem se eu tentasse lhes mostrar aquilo que seria absolutamente inconsistente com o grande propósito da vida, qual seja, tornar as criaturas humanas sábias e virtuosas, e que, se fosse aprovado por Deus, perturbaria a ordem estabelecida na criação. E, se não houver aprovação de Deus, esperam vocês escutar a verdade? Podem-se prever os acontecimentos, acontecimentos estes que ainda não assumiram uma forma para se tornar sujeitos ao exame dos mortais? Podem eles ser previstos por uma pessoa mundana e viciosa, que sacia seus apetites abusando dos tolos?

Talvez, contudo, vocês sinceramente acreditem no demônio e imaginem que, para transferir o problema, ele ajude seus fiéis; mas, se realmente respeitam o poder de tal ser, um inimigo do bem e de Deus, podem vocês frequentar a igreja depois de estar sob tal obrigação a ele?

A passagem dessas ilusões para aqueles embustes ainda mais em voga, praticados por toda a tribo de hipnotizadores, é muito natural. Com relação a esse assunto, é igualmente apropriado fazer algumas perguntas às mulheres.

Vocês sabem alguma coisa sobre a constituição da estrutura humana? Se não, convém que lhes diga o que até uma criança deve saber, ou seja, quando seu admirável organismo é desarranjado pela destemperança ou pela indolência, e não falo de distúrbios violentos, mas de doenças crônicas, ele deve ser reconduzido, pouco a pouco, a um estado saudável, e se as funções vitais não foram substancialmente danificadas, regime, sinônimo de moderação, ar puro, exercício e alguns remédios prescritos por pessoas que estudaram o corpo humano são os únicos meios descobertos para recobrar a inestimável bênção da saúde que suportarão ser investigados.

Vocês acreditam, então, que esses hipnotizadores, que, por meio de truques de prestidigitação, fingem operar um milagre, sejam delegados por Deus ou assistidos por aquele que resolve todas as dificuldades desse tipo, o demônio?

Quando eles afugentam, por assim dizer, os distúrbios que confundiram os poderes da medicina, estão trabalhando de acordo com a luz da razão? Ou efetuam essas curas maravilhosas mediante ajuda sobrenatural?

Por meio de uma comunicação com o mundo dos espíritos, um adepto poderia responder. Um nobre privilégio, deve-se admitir. Alguns ancestrais mencionam demônios familiares, que os guardavam do perigo ao insinuar com gentileza, não podemos adivinhar de que maneira, quando o risco estava à espreita ou apontavam o que deveria ser feito. Não obstante, os homens que reivindicavam esse privilégio fora da ordem da natureza insistiam que era a recompensa ou a consequência da temperança e da devoção superiores. Mas os atuais operadores de maravilhas não se situam acima de seus semelhantes pela temperança nem pela santidade excepcionais. Não curam por amor a Deus, mas ao dinheiro. Esses são os sacerdotes charlatões, embora seja verdade que eles não têm o devido expediente para vender missas às almas no purgatório nem igrejas onde expor muletas e reproduções de membros tornados sãos por um toque ou uma palavra.

Não sou familiarizada com os termos técnicos nem iniciada nos arcanos, portanto talvez fale de maneira imprópria; mas é claro que os homens que não estão em conformidade com a lei da razão e ganham o próprio sustento de maneira honesta aos poucos tornam-se afortunados por se relacionar com esses espíritos complacentes. Não podemos, de fato, reconhecer neles grande sagacidade nem bondade, caso contrário eles teriam escolhido instrumentos mais nobres quando desejaram se mostrar benévolos amigos do homem.

É, contudo, quase blasfêmia simular tais poderes!

A partir de todo o teor dos desígnios da Providência, parece evidente à sóbria razão que certos vícios provocam certos efeitos; e pode alguém insultar tão grosseiramente a sabedoria de Deus quanto supor que seria permitido a um milagre perturbar Suas leis gerais para devolver a saúde ao imoderado e ao vicioso, simplesmente para que estes prossigam no mesmo caminho com impunidade? “Seja íntegro e não peque mais”, disse Jesus. E os maiores milagres hão de ser realizados por aqueles que não seguem os passos Dele, que curava o corpo para atingir a mente?

A alusão ao nome de Cristo para impostores tão vis pode desagradar alguns de meus leitores – respeito sua indignação –, mas não esqueçam que os seguidores dessas ilusões portam o nome Dele e professam ser discípulos Daquele

que disse que pelas obras deveríamos conhecer quem eram os filhos de Deus ou os servos do pecado. Admito ser mais fácil tocar o corpo de um santo ou ser hipnotizado do que reprimir nossos apetites ou governar nossas paixões; mas a saúde física ou mental só pode ser recobrada por esses meios, caso contrário faremos o Juiz Supremo parcial e vingativo.

É Ele um homem que deve converter ou punir por ressentimento? Ele – o pai de todos – fere apenas para curar, diz a razão, e quando nossas irregularidades acarretam consequências, somos forçosamente apresentados à natureza do vício; aprendendo a distinguir o bem do mal por meio da experiência, podemos odiar uns e amar outros, na proporção da sabedoria que obtemos. O veneno contém o antídoto; e ou reformamos nossos maus hábitos e deixamos de pecar contra nosso próprio corpo, para usar a linguagem vigorosa das Escrituras, ou uma morte prematura, a punição dos pecados, rompe o fio da vida.

Aqui, um obstáculo terrível se interpõe às indagações. Mas por que eu deveria ocultar meus sentimentos? Considerando os atributos de Deus, creio que qualquer punição que se siga tenderá, como a aflição da enfermidade, a mostrar a malignidade do vício com o propósito de regenerar. O castigo explícito parece tão contrário à natureza de Deus, visível em todas as Suas obras e em nossa própria razão, que eu acreditaria antes que a Divindade não levou em consideração a conduta dos homens do que Ele teria punido sem o benévolo desígnio de regenerar.

Supor que um Ser todo poderoso e de suprema sabedoria, tão bom quanto grandioso, criaria um ser prevendo que, após cinquenta ou sessenta anos de febril existência, seria mergulhado na aflição eterna é blasfêmia. De que se alimentarão os vermes que nunca morrem? Da insensatez, da ignorância, dizeis vós – eu deveria me ruborizar com indignação ao chegar a tal conclusão natural, nela me incluir e desejar afastar-me da asa de meu Deus! Partindo desse princípio, falo com reverência, Ele seria um fogo devorador. Desejaríamos, ainda que em vão, fugir de Sua presença, quando o medo absorvesse o amor e a escuridão envolvesse todos os Seus conselhos!

Sei que muitas pessoas devotas vangloriam-se por se submeter à vontade de Deus cegamente, como a um cetro ou um bastão arbitrários, segundo o mesmo princípio com que os indígenas adoram o diabo. Em outras palavras, assim como as pessoas em seus interesses habituais da vida, elas homenageiam o poder e se encolhem sob o pé que pode esmagá-las. A religião racional, ao contrário, é uma

submissão à vontade de um Ser tão perfeitamente sábio que tudo que Ele deseja deve ser guiado pelo motivo adequado, deve ser sensato.

Portanto, se respeitamos Deus, podemos dar crédito às insinuações misteriosas que insultam Suas leis? Podemos acreditar, ainda que devêssemos ver com nossos olhos, que Ele operaria um milagre para permitir a desordem, sancionando um equívoco? Contudo, devemos ou admitir essas conclusões ímpias, ou tratar com desprezo toda promessa de restabelecer a saúde a um corpo enfermo por meios sobrenaturais e de predizer os incidentes que só Deus pode prever.

## *Seção II*

Outro exemplo dessa fraqueza do caráter feminino, muitas vezes provocada pela educação confinada, é um desvio romântico da mente, o qual tem sido muito propriamente chamado de *sentimental*.

As mulheres sujeitas a suas sensações pela ignorância e ensinadas apenas a procurar felicidade no amor refinam seus sentimentos sensuais e adotam noções metafísicas a respeito da paixão, que as levam vergonhosamente a negligenciar os deveres da vida, e com frequência, em meio a esses refinamentos sublimes, deixam-se cair no real vício.

Essas são as mulheres que se distraem com os devaneios dos romancistas tolos que, conhecendo pouco da natureza humana, elaboram narrativas antiquadas e descrevem cenas falsas, tudo contido em um jargão sentimental que tende igualmente a corromper o gosto e a afastar o coração das obrigações diárias. Não menciono o intelecto porque, nunca tendo sido exercitado, suas energias adormecidas jazem inativas, como partículas de fogo escondidas que se supõe universalmente penetrar a matéria.

As mulheres, de fato, a quem têm sido negados todos os privilégios políticos e que são proibidas de uma existência civil por ser casadas, exceto em caso de delito, têm sua atenção naturalmente desviada do interesse da comunidade como um todo para aquele das partes minúsculas, embora o dever privado de qualquer membro da sociedade seja cumprido de modo bastante imperfeito quando não se conecta com o bem geral. A tarefa preponderante da vida feminina é agradar e, sendo as mulheres impedidas de envolver-se em assuntos mais importantes pela opressão política e civil, seus sentimentos tornam-se acontecimentos, e a reflexão

aprofunda o que deveria e teria sido abolido caso ao intelecto tivesse sido permitido ampliar seu alcance.

Mas, limitadas a ocupações triviais, elas absorvem com naturalidade as opiniões que inspiram o único gênero de leitura calculado para interessar a uma mente inocente e frívola. Incapazes de compreender qualquer coisa grandiosa, é de surpreender que elas achem a leitura da história uma tarefa muito árida e as discussões voltadas ao intelecto intoleravelmente tediosas e quase ininteligíveis? Assim, elas são necessariamente dependentes dos romancistas para seu entretenimento. Todavia, quando falo contra os romances, pretendo contrastá-los com aquelas obras que exercitam o entendimento e regulam a imaginação. Considero qualquer tipo de leitura melhor do que deixar um espaço vazio, sem preencher, porque a mente deve receber certa abertura e obter um pouco de força por meio de um ligeiro exercício de suas competências mentais; além disso, mesmo as produções endereçadas apenas à imaginação elevam o leitor um pouco acima da satisfação vulgar dos apetites, para os quais a mente não outorgou nenhuma sombra de delicadeza.

Tal observação é o resultado da experiência – conheci diversas mulheres notáveis, e uma em particular, que foi uma mulher muito boa, tão boa quanto uma mente tão estreita lhe permitiu ser, e que tomou cuidado para que suas três filhas nunca lessem um romance. Como era uma mulher elegante e de posses, elas tiveram vários mestres para atendê-las e uma espécie de governanta subalterna para observar seus passos. Com seus mestres, elas aprenderam a dizer mesa, cadeira etc. em francês e italiano; mas, como os poucos livros atirados em seu caminho estavam muito acima de sua capacidade ou devoção, elas não adquiriram ideias nem sentimentos e passaram o tempo, quando não eram compelidas a repetir *palavras*, vestindo-se, brigando umas com as outras ou conversando com as empregadas furtivamente, até que foram apresentadas à sociedade como moças casadouras.

A mãe, uma viúva, esteve ocupada todo esse tempo em manter relações – conforme ela definia seus numerosos conhecidos –, por temer que faltasse às filhas uma introdução apropriada no grande mundo. E essas jovens senhoritas, com mentes vulgares, em todos os sentidos da palavra, e temperamentos estragados, adentraram a vida envaidecidas com opiniões sobre sua própria importância e olhando com desprezo aquelas que não podiam competir com elas em vestuário e ostentação.

Com respeito ao amor, a natureza ou suas enfermeiras cuidaram de ensinar-lhes o significado físico da palavra; e, como elas tinham poucos tópicos de conversação e ainda menos requintes de sentimento, não utilizavam frases delicadas ao expressar seus desejos vulgares quando falavam livremente, conversando sobre o matrimônio.

Poderiam essas jovens ter sido prejudicadas pela leitura de romances? Quase esqueci um aspecto obscuro no caráter de uma delas – ela simulava uma simplicidade que beirava a loucura e, com um sorriso tonto, fazia as observações e perguntas mais insolentes, cujo significado ela aprendera enquanto se achava reclusa do mundo e com medo de falar na presença de sua mãe, que as mantinha com pulso firme; elas eram todas educadas do modo mais exemplar, orgulhava-se a mãe; e liam capítulos e salmos após o café, jamais tocando em um romance tolo.

Esse é apenas um exemplo, mas me recorro de muitas outras mulheres que, mesmo não tendo sido levadas gradativamente a estudos apropriados e sendo proibidas de escolher por si mesmas, tornaram-se, de fato, crianças bem desenvolvidas ou obtiveram no contato com o mundo um pouco do que é chamado de bom senso, isto é, uma maneira distinta de ver ocorrências comuns, segundo suas diferenças; mas aquilo que merece o nome de intelecto, o poder de obter ideias gerais ou abstratas, ou mesmo algumas ideias intermediárias, estava fora de questão. A mente delas era inativa e, quando não estimuladas por objetos e ocupações sensíveis, elas se deprimiam, choravam ou iam dormir.

Portanto, quando aconselho meu sexo a não ler tais obras banais, é para induzir as mulheres a ler algo superior, pois tenho a mesma opinião de um homem sagaz que, tendo uma filha e uma sobrinha sob seus cuidados, seguiu um plano muito diferente para cada uma.

Antes de ser deixada sob sua tutela, a sobrinha, possuidora de consideráveis habilidades, tinha estado entregue a leituras irregulares. Ele se esforçou para encaminhá-la para a história e os ensaios morais, tendo sido bem-sucedido; mas à filha, cuja mãe fraca e afetuosa havia mimado e que, ~~conseq~~

mente, tornou-se avessa a qualquer coisa parecida com aplicação, ele permitiu ler romances; costumava justificar sua conduta dizendo que, se ela obtivesse satisfação ao lê-los, ele teria alguma base sobre a qual trabalhar, e que opiniões equivocadas eram preferíveis a nenhuma opinião.

De fato, a mente feminina foi tão completamente negligenciada que o conhecimento só podia ser obtido por meio dessa fonte turva, até o dia em que, lendo romances, algumas mulheres de talento superior aprenderam a desprezá-los.

O melhor método, creio, que pode ser adotado para corrigir a afeição por romances é ridicularizá-los; não indiscriminadamente, porque, então, teria um efeito insignificante. Mas, se uma pessoa sensata, com certo senso de humor, lesse diversos deles para uma jovem senhorita e mostrasse, tanto por meio de tons quanto por aptas comparações com incidentes patéticos e personagens heroicos da história, quão tola e ridiculamente os romances fazem uma caricatura da natureza humana, as opiniões justas poderiam substituir os sentimentos românticos.

Sob um aspecto, contudo, a maior parte dos dois sexos se assemelha e mostra igualmente uma falta de bom gosto e modéstia. As mulheres ignorantes, forçadas a ser castas para preservar sua reputação, permitem que sua imaginação se deleite com as cenas artificiais e vulgares esboçadas pelos romancistas de hoje, menosprezando como se fossem insípidas a dignidade sóbria e as graças matronais da história<sup>[2]</sup>, enquanto os homens carregam o mesmo gosto viciado para a vida e fogem dos encantos sem sofisticação da virtude e da austera respeitabilidade do bom senso para se divertir na libertinagem.

Além disso, a leitura de romances faz com que as mulheres, em particular as damas elegantes, apreciem o uso de expressões fortes e superlativas na conversação; e, embora a vida artificial e dissipada que elas levam as impeça de nutrir alguma paixão forte e legítima, a linguagem da paixão em tons afetados desliza a todo momento de suas línguas soltas, e qualquer ninharia provoca essas explosões fosfóricas que apenas imitam, na obscuridade, a chama da paixão.

### *Seção III*

A ignorância e a astúcia equivocada, que a natureza aguça nas cabeças fracas como um princípio de autopreservação, fazem com que as mulheres gostem muito de se vestir e provocam toda a vaidade que se pode esperar de tal inclinação, com exceção da rivalidade e da magnanimidade.

Concordo com Rousseau que a parte física da arte de seduzir consiste nos ornamentos e, por essa razão, eu preveniria as meninas com relação ao gosto

contagioso pelos vestidos, tão comum entre as mulheres frágeis que talvez nelas não restasse a parte física. Contudo, fracas são as mulheres que imaginam que podem agradar por muito tempo sem a ajuda da mente, ou, em outras palavras, sem a arte moral de agradar. Mas a arte moral, se não for uma profanação utilizar a palavra “arte” quando se alude à graça, que é um efeito da virtude, e não um motivo de ação, nunca será encontrada junto com a ignorância; a alegria da inocência, tão agradável aos libertinos refinados dos dois sexos, é muito diferente dessa graça superior em sua essência.

Uma forte inclinação pelos ornamentos externos sempre aparece nas comunidades bárbaras, mas são os homens, e não as mulheres, que se enfeitam, porque, quando se permite às mulheres estar no mesmo nível que eles, a sociedade avança, pelo menos, um passo na civilização.

Acredito ser natural no gênero humano a atenção com a indumentária, que tem sido vista como uma propensão sexual. Mas devo explicar-me de modo mais preciso. Quando a mente não está aberta o suficiente para ter prazer na reflexão, o corpo se adornará com um cuidado diligente, e a ambição será manifestada, tatuando-se ou pintando-se.

Essa primeira inclinação é levada tão longe que nem mesmo o jugo infernal da escravidão pode sufocar o desejo selvagem da admiração que os heróis negros herdaram de seus pais, pois todas as economias duramente ganhas por um escravo são, em geral, gastas em pequenos ornamentos vistosos. Raras vezes conheci um bom criado, homem ou mulher, que não fosse particularmente atraído por vestimentas. Suas roupas eram suas riquezas; e eu argumento por analogia que o gosto por se vestir, tão extravagante nas mulheres, surge da mesma causa – falta de cultivo da mente. Quando os homens se encontram, eles conversam sobre negócios, política ou literatura; mas, comenta Swift, “com que naturalidade as mulheres admiram as saias e os babados uma das outras”<sup>[a]</sup>. E é muito natural, pois elas não têm nenhum assunto que as interesse, não têm gosto pela literatura e acham a política árida, porque não adquiriram um amor pela humanidade, ao desviar seus pensamentos dos grandes propósitos que exaltam a raça humana e promovem a felicidade geral.

Além disso, vários são os caminhos para o poder e a fama que os homens perseguem, por acaso ou por escolha, e, ainda que eles se empurrem uns contra os outros, pois homens da mesma profissão raramente são amigos, há um número muito grande de seus semelhantes com quem eles nunca entram em

conflito. As mulheres, por sua vez, estão em uma situação muito diferente em relação umas às outras, pois são todas rivais.

Antes do matrimônio, seu ofício é agradar aos homens; depois, com algumas exceções, elas seguem a mesma encenação com toda a perseverante obstinação do instinto. Mesmo as mulheres virtuosas nunca esquecem seu sexo quando estão acompanhadas, pois estão sempre tentando se fazer *agradáveis*. Uma mulher bonita e um homem espirituoso se mostram igualmente ansiosos para atrair para si a atenção de sua companhia; e a animosidade da perspicácia contemporânea é proverbial.

Seria, então, surpreendente que, quando a única ambição da mulher centraliza-se na beleza e o interesse dá uma força adicional à vaidade, a consequência seja uma rivalidade perpétua? Elas todas estão competindo na mesma corrida e se colocariam acima da virtude dos mortais caso não vissem umas às outras com olhos de suspeita, ou mesmo de inveja.

Um gosto imoderado pela vestimenta, pelo prazer e pela dominação são as paixões dos selvagens, as paixões que ocupam aqueles seres não civilizados, que ainda não ampliaram o domínio da mente nem aprenderam a pensar com a energia necessária para concatenar o fluxo abstrato do pensamento que produz princípios. Acredito ser indiscutível que as mulheres, pela educação e pelo atual estado da vida civilizada, estejam na mesma condição. Rir delas ou satirizar a insensatez de um ser a quem nunca foi permitido agir livremente pela luz de sua própria razão é tão absurdo quanto cruel, pois o mais natural e certo é que aqueles que foram ensinados a obedecer cegamente à autoridade se esforçarão para iludi-la com astúcia.

Contudo, que se prove que elas devem obedecer implicitamente ao homem, e eu concordarei de imediato que é dever feminino cultivar o gosto pela vestimenta, a fim de agradar e como uma propensão à astúcia para sua própria preservação.

No entanto, as virtudes que são sustentadas pela ignorância serão sempre vacilantes – a casa construída sobre a areia não resistiria a uma tempestade. É quase desnecessário demonstrar a inferência. Se as mulheres têm de ser tornadas virtuosas pela autoridade – o que é uma contradição em termos –, deixemos que elas sejam enclausuradas nos haréns e admiradas por olhos ciumentos. Não há que se temer que os grilhões penetrem na alma delas, pois as almas que podem suportar tal tratamento são feitas de matéria-prima maleável, animada o

suficiente apenas para dar vida ao corpo.

Matéria demasiado suave para suportar um estigma tão duradouro  
E mais bem distinguida como morena, castanha ou loura.<sup>[b]</sup>

Os ferimentos mais cruéis, claro, logo cicatrizarão, e elas ainda serão capazes de povoar o mundo e se vestir para agradar o homem – propósitos para os quais foram criadas, conforme certos escritores célebres têm admitido.

#### *Seção IV*

Supõe-se que as mulheres possuem mais sensibilidade, e mesmo mais humanidade, do que os homens, e seus fortes vínculos e suas instantâneas demonstrações de compaixão são dados como prova disso; mas raramente há algo de nobre no afeto aderente da ignorância, que pode na maior parte das vezes se transformar em egoísmo, tanto quanto o afeto de crianças e de animais. Conheci muitas mulheres fracas cuja sensibilidade era inteiramente absorvida pelo marido; e, quanto a sua humanidade, era de fato muito tênue, ou melhor, apenas uma emoção passageira de compaixão. “A humanidade não consiste ‘em um ouvido delicado’”, disse um eminente orador. “Pertence à mente tanto quanto aos nervos.”

Essa espécie de afeto exclusivo, embora degrade o indivíduo, não deveria ser apresentada como uma prova da inferioridade do sexo, porque é a consequência natural de visões limitadas, pois mesmo mulheres de sensibilidade superior, tendo suas atenções desviadas para pequenas tarefas e planos individuais, raramente atingem o heroísmo, a menos que sejam estimuladas pelo amor! E o amor, enquanto paixão heroica, como a vocação, acontece muito raramente. Portanto, estou de acordo com o moralista que afirma “que as mulheres quase nunca têm tanta generosidade quanto os homens” e que seus afetos limitados, em nome dos quais a justiça e a humanidade são frequentemente sacrificadas, tornam o sexo aparentemente inferior, sobretudo porque são comumente inspirados pelos homens; mas sustento que o coração se expandiria à medida que o entendimento se fortalecesse, caso as mulheres não fossem oprimidas desde o berço.

Sei que pouca sensibilidade e grande fragilidade produzirão uma forte atração

sexual e que a razão deve consolidar a amizade; conseqüentemente, admito que há de se encontrar mais amizade no mundo masculino do que no feminino e que os homens têm maior senso de justiça. De fato, as afeições exclusivas das mulheres parecem se assemelhar ao mais injusto amor de Catão<sup>[c]</sup> por sua terra. Ele queria esmagar Cartago não para salvar Roma, mas para estimular sua vaidade; em geral, é por princípios semelhantes que a humanidade é sacrificada, pois os verdadeiros deveres se apoiam mutuamente.

Além disso, como podem as mulheres ser justas ou generosas quando são escravas da injustiça?

### *Seção V*

Como se tem insistido que a criação de filhos, isto é, o estabelecimento das bases para uma boa saúde tanto do corpo quanto da mente na nova geração, é o destino peculiar das mulheres, a ignorância que as incapacita deve ser contrária à ordem das coisas. Sustento que a mente delas pode dar muito mais de si, e assim deve fazê-lo, caso contrário elas nunca se tornarão mães sensatas. Muitos homens que se ocupam da criação de cavalos e supervisionam a organização do estábulo, por uma falta de senso e de sentimento!, considerar-se-iam degradados por dedicar qualquer atenção a seus filhos pequenos; contudo, quantas crianças são verdadeiramente assassinadas pela ignorância das mulheres! Mas quando elas escapam e não são destruídas nem pela negligência desnaturada nem pelo afeto cego, são poucas as conduzidas adequadamente com respeito à mente infantil! Tanto que, para domar o espírito, ao qual é permitido tornar-se vicioso em casa, a criança é enviada à escola; e os métodos lá utilizados, que devem servir para manter a ordem em um grupo de crianças, disseminam as sementes de quase todos os vícios no solo então forçosamente destruído.

Em algumas ocasiões, comparei as lutas dessas pobres crianças, que nunca deveriam ter sido reprimidas e nem o seriam, caso tivessem sido sempre seguradas por uma mão justa, com os saltos desesperados de uma enérgica potranca que vi sendo domada em uma praia; suas patas afundavam mais e mais na areia cada vez que se esforçava para desmontar seu cavaleiro, até que, por fim, subjugou-se soturnamente.

Sempre achei os cavalos, animais que aprecio, muito dóceis quando tratados com humanidade e equilíbrio, tanto que tenho dúvidas se os métodos violentos

utilizados para domá-los não os prejudicam substancialmente; contudo, estou certa de que uma criança nunca deveria ser assim forçosamente amansada, depois de ter-lhe sido permitido, de maneira insensata, correr em liberdade, pois cada violação da justiça e da razão no tratamento das crianças debilita sua razão. E tão cedo elas formam seu caráter que a base do caráter moral, a experiência me leva a inferir, é formada antes de seu sétimo aniversário, período em que se permite às mulheres a direção exclusiva das crianças. Posteriormente, acontece com muita frequência que metade da tarefa da educação é corrigir – o que é feito muito imperfeitamente, se com pressa – os defeitos que elas nunca teriam adquirido se as mães tivessem mais entendimento.

Um exemplo impressionante da insensatez feminina não deve ser omitido: a maneira pela qual elas tratam os criados na presença das crianças, permitindo-lhes supor que eles deveriam servi-las e suportar seus humores. Uma criança deveria sempre receber a assistência de um homem ou de uma mulher como um favor; e como primeira lição de independência, ela deveria ser ensinada de forma prática, pelo exemplo da mãe, a não exigir aqueles cuidados pessoais, o que é um insulto para a humanidade, quando está sã. Em vez de ser levada a assumir ares de importância, o senso de sua própria fragilidade deveria primeiramente fazê-la sentir a igualdade natural do homem. Contudo, quão frequentemente eu ouvi com indignação criados chamados imperiosamente para colocar as crianças na cama e mandados embora repetidas vezes, porque o pequeno patrão ou patroa estavam pendurados sobre a mamãe a fim de ficar um pouco mais. Assim, obrigados servilmente a atender ao pequeno ídolo, todos aqueles mais desagradáveis humores são manifestados e caracterizam uma criança mimada.

Em resumo, falando da maioria das mães, elas deixam seus filhos inteiramente sob os cuidados das criadas; ou, porque são seus filhos, tratam-nos como se fossem pequenos semideuses, embora eu sempre observe que as mulheres que idolatram seus filhos dessa forma raramente mostram humanidade comum aos criados ou sentem a menor ternura por qualquer criança que não a sua.

São, contudo, esses afetos exclusivos e uma maneira individual de ver as coisas, fruto da ignorância, que conservam as mulheres para sempre na estagnação com relação a seu aperfeiçoamento e fazem muitas delas dedicarem a vida a seus filhos, apenas para debilitar seu corpo e estragar seu temperamento, frustrando também qualquer plano de educação que um pai mais racional

pudesse adotar, pois, a não ser que a mãe colabore, o pai que reprime sempre será considerado tirano.

Mas, ao cumprir os deveres de mãe, uma mulher com uma constituição sã pode conservar sua pessoa escrupulosamente limpa e ajudar a manter sua família, se necessário, ou aperfeiçoar sua mente pela leitura e conversação com ambos os sexos, indiscriminadamente. Porque a natureza ordenou as coisas com tanta sabedoria que, se as mulheres amamentassem seus filhos, preservariam a própria saúde, e haveria um intervalo tal entre o nascimento de cada criança que seria raro vermos uma casa cheia de bebês. Se buscassem um plano de conduta e não desperdiçassem seu tempo seguindo os caprichos da moda, a administração de seu lar e de seus filhos não precisaria apartá-las da literatura nem impedi-las de se prender a uma ciência com o olhar resolutivo que fortalece a mente, tampouco de praticar uma das belas artes que cultivam o gosto.

Mas as visitas com o fim de exhibir os ornamentos, o jogo de cartas e os bailes, para não mencionar a ociosa agitação das futilidades matinais, afastam-nas de seus deveres para torná-las insignificantes, para torná-las agradáveis – de acordo com a acepção atual da palavra – a todo homem, com exceção de seu marido. Pois não se pode dizer que uma sucessão de prazeres nos quais os afetos não são exercitados aperfeiçoe o entendimento, embora seja chamado erroneamente de “ver o mundo”; contudo, o coração é tornado frio e avesso ao dever por tal relação sem sentido, que se faz necessária por hábito, mesmo quando não diverte mais.

No entanto, nós não veremos mulheres afetuosas até que se estabeleça mais igualdade na sociedade, até que as posições se misturem e as mulheres se libertem, tampouco veremos aquela felicidade doméstica dignificada, cuja grandiosidade não pode ser apreciada pelas mentes ignorantes ou viciadas; nem a importante tarefa da educação será adequadamente iniciada, até que a figura de uma mulher não seja mais apreciada do que sua mente. Pois seria tão sensato separar trigo do joio ou figos do cardo quanto imaginar que uma mulher tola e ignorante seria uma boa mãe.

## *Seção VI*

Não é necessário informar ao leitor sagaz, agora que entro em minhas considerações finais, que a discussão sobre esse assunto consiste meramente em

expor alguns princípios fundamentais e esclarecer algumas bobagens que os obscurecem. Mas, como nem todos os leitores são sagazes, permitam-me acrescentar algumas observações explicativas para que o tema fique claro ao raciocínio – àquele raciocínio apático que de forma indolente toma as opiniões por verdade e as apoia obstinadamente para poupar-se do trabalho de pensar.

Os moralistas são unânimes em concordar que, a não ser que a virtude seja alimentada pela liberdade, nunca obterá a devida força – e o que eles dizem do homem eu estendo à humanidade, insistindo que em todos os casos a moral deve ser fixada sobre princípios imutáveis e que não se pode chamar de racional ou virtuoso o ser que obedece qualquer autoridade que não seja a razão.

Para que as mulheres se tornem membros verdadeiramente úteis da sociedade, sustento que elas deveriam ser orientadas, pelo cultivo em grande escala de seu intelecto, a adquirir um afeto racional pelo país, baseado em conhecimento, porque é óbvio que temos pouco interesse por aquilo que não entendemos. Para demonstrar a real importância dessa ilustração geral, tenho-me empenhado em provar que os deveres individuais nunca são cumpridos de modo apropriado, a menos que o entendimento expanda o coração e que a virtude pública seja apenas uma agregada da virtude privada. No entanto, as distinções estabelecidas na sociedade solapam ambas, golpeando o ouro maciço da virtude até que se torne apenas o falso brilho que cobre o vício, pois enquanto a riqueza, mais do que a virtude, tornar um homem respeitável, a primeira será mais ambicionada do que esta última; e, enquanto as figuras femininas forem afagadas quando um sorriso afetado e infantil mostrar uma ausência de mente, a mente permanecerá inculta. Contudo, a verdadeira voluptuosidade deve originar-se da mente, pois o que pode igualar-se às sensações provocadas pelo afeto recíproco, respaldado pelo respeito mútuo? O que são as carícias frias ou febris do apetite, senão o abraço pecaminoso da morte, se comparadas com os modestos transbordamentos de um coração puro e de uma imaginação enaltecida? Sim, deixem-me dizer ao libertino fantasioso, quando ele despreza o entendimento na mulher, que a mente que ele menospreza dá vida ao afeto entusiasmado a partir do qual o êxtase, por mais breve que seja, pode fluir por si só! E que, sem a virtude, a atração sexual se extinguirá como uma vela de sebo no castiçal, gerando uma repulsa intolerável. Para prová-lo, preciso apenas observar que os homens que gastam grande parte da vida com mulheres, com as quais buscam o prazer com sede ávida, acolhem a opinião mais baixa do sexo. Virtude,

verdadeira purificadora da alegria! Se os homens tolos fossem te espantar da Terra, a fim de dar vazão a todos seus apetites incontrolados, alguma criatura voluptuosa de bom gosto escalaria o céu para convidar-te a regressar e dar sabor ao prazer!

Acredito ser indiscutível que as mulheres atualmente são tornadas tolas ou viciosas pela ignorância; e parece surgir da observação, pelo menos com uma aparente probabilidade, que os mais salutareos efeitos que tendem a aperfeiçoar a humanidade poderiam ser esperados de uma REVOLUÇÃO nos modos femininos. Pois, já que o matrimônio tem sido chamado de o pai das caridades afetuosas que afastam o homem da plebe selvagem, a relação corrupta que a riqueza, a ociosidade e a insensatez provocam entre os sexos é mais universalmente prejudicial à moralidade do que todos os outros vícios da humanidade considerados em seu conjunto. Os mais sagrados deveres são sacrificados à luxúria adúltera, porque, antes do casamento, os homens, por meio de uma promíscua intimidade com as mulheres, aprenderam a considerar o amor uma satisfação egoísta – aprenderam a separá-lo não apenas da estima, mas do afeto meramente construído em torno do hábito, que mescla com ele um pouco de humanidade. A justiça e a amizade também são desafiadas, e aquela pureza do gosto, que naturalmente levaria um homem a preferir as manifestações simples do afeto às aparências afetadas, está viciada. Mas aquela nobre simplicidade de afeto que se atreve a aparecer sem adornos tem poucos atrativos para o libertino, embora seja o encanto que, estreitando o vínculo matrimonial, assegura aos compromissos de uma cálida paixão a atenção parental necessária, pois as crianças nunca serão educadas apropriadamente, até que a amizade subsista entre os pais. A virtude foge de uma casa dividida – e uma legião inteira de demônios estabelece ali seu domicílio.

A afeição dos maridos e das esposas não pode ser pura quando eles têm tão poucos sentimentos em comum e tão pouca confiança é estabelecida no lar, o que é o caso quando seus interesses são demasiado diferentes. Aquela intimidade a partir da qual a ternura deve fluir não irá, e nem pode, subsistir entre os viciosos.

Afirmando, assim, que a distinção sexual na qual os homens têm insistido tão ardorosamente é arbitrária, detive-me em uma observação que vários homens sensatos, com os quais tenho conversado sobre o assunto, admitem ser bem fundamentada; e é simplesmente isto, ou seja, que a pouca castidade encontrada

entre os homens e o conseqüente menosprezo da modéstia tendem a degradar ambos os sexos. Ainda mais, que a modéstia das mulheres, caracterizada como tal, será frequentemente apenas o véu ardiloso da libertinagem, em vez de o reflexo natural da pureza, até que a modéstia seja respeitada universalmente.

Da tirania do homem, creio piamente, procede a maior parte das tolices femininas; e a astúcia, que admito ser no presente uma parte do caráter feminino, do mesmo modo repetidamente tentei provar que é resultante da opressão. Não foram os dissidentes<sup>[d]</sup>, por exemplo, uma classe de pessoas, na verdade estrita, caracterizada como astuta? E não posso colocar certa ênfase sobre esse fato para provar que, quando algum poder que não a razão controla o espírito livre do homem, a dissimulação é praticada e, de modo natural, se fazem apelos a subterfúgios diversos? A grande atenção ao decoro, que foi levada a um grau de escrupulosidade, todo aquele pueril alvoroço sobre ninharias e a conseqüente solenidade que a caricatura de um dissidente feita por Butler<sup>[e]</sup> traz ante a imaginação formaram suas pessoas tanto quanto suas mentes no molde da pequenez afetada. Falo em termos gerais, pois sei quantos ornamentos à natureza humana foram arrolados entre os sectários; contudo, asseguro que o mesmo estreito preconceito para com suas seitas que as mulheres têm para com suas famílias prevaleceu na parte dissidente da comunidade, por mais digna que fosse em outros aspectos, e também que a mesma tímida prudência ou esforços voluntariosos frequentemente desacreditaram o exercício de ambos. A opressão, assim, formou muitos traços de seu caráter em consonância perfeita com aquele da metade oprimida da humanidade, pois não é notório que os dissidentes tinham, assim como as mulheres, gosto por deliberar juntos e pedir conselhos uns aos outros, até que uma complicação de pouca importância pôs fim a tal prática? Uma preocupação semelhante em preservar sua reputação era evidente tanto no mundo dos dissidentes como no das mulheres, tendo sido provocada por uma causa similar.

Afirmando os direitos pelos quais as mulheres, juntamente com os homens, devem lutar, não tentei atenuar suas faltas, mas provar que elas são a consequência natural de sua educação e sua posição na sociedade. Assim, é razoável supor que mudarão seu caráter e corrigirão seus vícios e sua insensatez quando a elas for permitido ser livres no sentido físico, moral e civil<sup>[3]</sup>.

Que a mulher compartilhe dos direitos, e ela irá emular as virtudes do homem, pois se aperfeiçoará quando emancipada; caso contrário, que se

justifique a autoridade que escraviza um ser tão frágil a seu dever. Neste caso, será conveniente associar-se à Rússia para um novo comércio de chicotes; o presente que um homem sempre deveria dar ao genro no dia do casamento, para que o marido possa conservar a família em ordem pelos mesmos meios; e sem qualquer violação do reino da justiça, empunhando esse cetro, único senhor de sua casa, porque dentro dela ele é o único ser que possui razão: a divina e indefensável soberania terrena inspirada no homem pelo Senhor do universo. Admitindo essa posição, as mulheres não têm quaisquer direitos inatos a reclamar; e, pela mesma regra, seus deveres se esvanecem, pois direitos e deveres são inseparáveis.

Sede justos, então, vós, homens de entendimento! E não assinalai o que as mulheres fazem incorretamente com mais severidade do que as manobras viciosas do cavalo ou do asno, para quem vós provedes forragem; concedei a ela os privilégios da ignorância, a quem vós negais os direitos da razão, ou vós sereis piores do que os feitores egípcios, esperando virtude onde a natureza não deu entendimento!

---

[1] Certa vez, morei perto de um desses homens, um homem *bonito*, e vi com surpresa e indignação reunirem-se a sua porta mulheres cuja aparência e presença indicavam uma posição social na qual se espera que elas recebam uma educação superior.

[2] Não estou aludindo agora àquela superioridade da mente que leva à criação da beleza ideal, quando a vida, examinada com um olhar penetrante, parece uma tragicomédia, na qual pouco pode ser visto para satisfazer o coração sem a ajuda da imaginação.

[a] Jonathan Swift, *A Letter to a Young Lady on Her Marriage* (1727). (N. E.)

[b] Alexander Pope, *Moral Essays*. (N. E.)

[c] Catão (Marcus Porcius Cato, 234-149 a.C.), também conhecido como Catão, o Velho, foi um político romano, grande defensor e impulsionador da Guerra com Cartago. (N. E.)

[d] O termo “dissidente” costuma ser utilizado para designar todos os fiéis protestantes que não são membros da Igreja da Inglaterra. (N. E.)

[e] Samuel Butler (1613-1680) foi um poeta e satírico inglês. (N. E.)

[3] Tinha me estendido ainda mais sobre as vantagens que racionalmente poderiam ser esperadas como resultado de um aperfeiçoamento nos modos femininos em relação à reforma geral da sociedade, mas me

pareceu que tais reflexões seriam mais apropriadas para concluir o último volume.

## CRONOLOGIA

1759 – Nasce Mary Wollstonecraft, a segunda de sete filhos de Elizabeth Dixon e Edward John Wollstonecraft, em Londres.

1775 a 1783 – Guerra da Independência dos Estados Unidos.

1778 – Decide abandonar a casa dos pais e viver por conta própria, trabalhando como acompanhante de uma senhora viúva, Sarah Dawson.

1781 – Retorna à casa dos pais para cuidar da mãe, que estava muito doente.

1782 – Após a morte da mãe, muda-se para a casa da família de sua amiga mais próxima, Fanny Blood, na qual vive por dois anos.

1783 – Ajuda sua irmã Eliza, que enfrentava uma depressão pós-parto, a abandonar o casamento que a fazia infeliz. Junto com Fanny, as duas irmãs criam uma escola em Newington Green.

1785 – Mary deixa a escola para acompanhar sua amiga Fanny Blood, que estava vivendo em Portugal com o marido e adoecera gravemente durante sua primeira gravidez. A escola, em sua ausência, vai à falência. Mary consegue um emprego como governanta na casa da família Kingsborough, na Irlanda, onde permanece por três anos.

1786 – Inspirada em suas experiências como educadora, publica *Thoughts on the Education of Daughters*.

1788 – Ao retornar a Londres, passa a trabalhar como tradutora e assistente do editor Joseph Johnson. Publica seu primeiro romance *Mary: A Fiction*, no qual retrata uma mulher que é obrigada se casar por motivos financeiros mas encontra a realização amorosa em duas relações extraconjugais: uma com um homem e outra com uma mulher. Publica o livro infantojuvenil *Original Stories from Real Life*. Durante o trabalho com Johnson, Mary toma contato com os círculos radicais ingleses e com as chamadas academias dos dissidentes, para as quais Johnson atuava como editor.

1789 – Revolução Francesa e promulgação da célebre “Declaração dos direitos

do homem e do cidadão”.

1790 – Mary publica *A Vindication of the Rights of Men, in a Letter to the Right Honourable Edmund Burke; Occasioned by His Reflections on the Revolution in France*, na qual ataca as posições de Burke em defesa de uma monarquia constitucional e defende uma República e uma sociedade igualitárias. O Marquês de Condorcet publica *Sur l'admission des femmes au droit de cité*.

1791 – A escritora e revolucionária francesa Olympe de Gouges publica sua *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*. Início da Revolução Haitiana que libertaria o país da dominação francesa, aboliria a escravidão e fundaria a primeira república negra do mundo.

1792 – Publicação da *Reivindicação dos direitos da mulher*. Mary chega à França em dezembro e inicia uma relação amorosa com Gilbert Imlay, um comerciante e aventureiro norte-americano.

1794 – Mary tem uma filha de Imlay e dá a ela o nome de Fanny, em homenagem à sua falecida amiga. Em dezembro publica *An Historical and Moral View of the Origin and Progress of the French Revolution*.

1795 – A relação com Imlay é conflituosa e ele parte para Londres, para onde Mary também vai em seguida. Após o término definitivo da relação, Mary tenta o suicídio ingerindo láudano.

1796 – Viaja apenas com a filha e uma criada para a Escandinávia, para ajudar nos negócios de Imlay. Suas cartas a ele sobre a viagem foram parcialmente compiladas na publicação *Letters Written During a Short Residence in Sweden, Norway and Denmark*. Após retornar a Londres, tenta o suicídio pela segunda vez atirando-se no rio Tâmisia.

1797 – Mary envolve-se com o escritor William Godwin, um conhecido de longa data, e engravida pela segunda vez. Para que a criança fosse considerada legítima, decidem se casar, mas moram em casas contíguas para manter a independência. Em agosto nasce Mary, que se tornaria famosa como autora do romance *Frankenstein*. Mary Wollstonecraft morre dez dias após o parto devido a uma infecção puerperal. Ela tinha 38 anos.

1798 – William Godwin publica *Memoirs of the Author of A Vindication of the Rights of Woman*. Publicado postumamente o romance inacabado de Wollstonecraft, *Maria: or, The Wrongs of Woman*, no qual retrata uma mulher aprisionada em um manicômio por seu marido.

1892 – A edição centenária de *Reivindicação dos direitos da mulher* traz o prefácio

da sufragista Millicent Garrett Fawcett, que se refere a Wollstonecraft como uma precursora da luta pelo direito ao voto feminino.

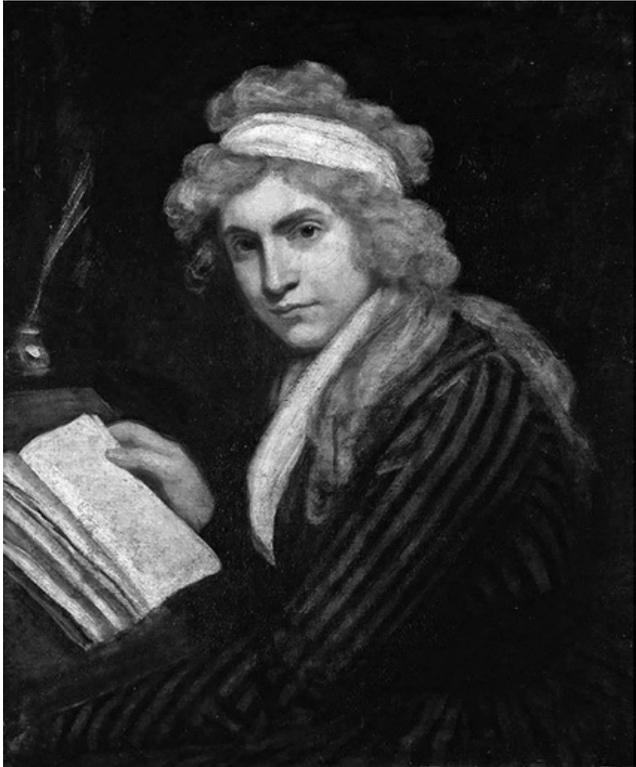
# Mary Wollstonecraft em quadrinhos<sup>[a]</sup>

Adaptação de Fred Van Lente  
Arte de Ryan Dunlavey

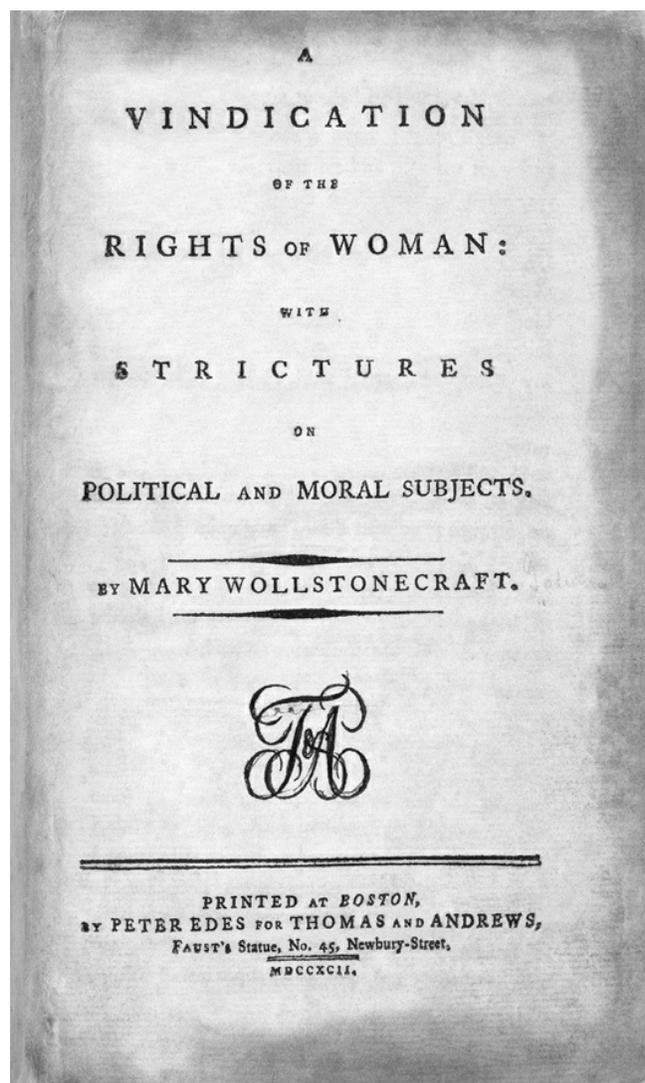


[a] A adaptação em quadrinhos a seguir faz parte do volume 1 do *Cânone gráfico*, publicado em 2014 pelo selo Barricada, da Boitempo. A tradução é de Magda Lopes, e as letras são de Lilian Mitsunaga. (N. E.)





Retrato de Mary Wollstonecraft por John Opie, óleo sobre tela, *c.* 1790-1791 (Tate Britain, Londres).



Folha de rosto da primeira edição norte-americana de *Reivindicação dos direitos da mulher*, de 1792 (Library of Congress).



Placa afixada no local da última residência de Mary Wollstonecraft, onde ela morreu em 1797 (foto de Ella Roth, 2011).



Ilustração de William Blake para a segunda edição do livro *Original Stories from Real Life*, de autoria de Mary Wollstonecraft e publicada por Joseph Johnson em 1791 (William Blake Archive).



“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”,  
Rosa Luxemburgo.

Publicado em março de 2016, quando se comemoram os 145 anos do nascimento da revolucionária Rosa Luxemburgo, mundialmente reconhecida por sua obra teórica e, assim como Mary Wollstonecraft, uma mulher de pensamento livre e fiel a seus ideais.

Copyright da edição © Boitempo, 2016

*Direção editorial*

Ivana Jinkings

*Edição*

Bibiana Leme

*Coordenação de produção*

Livia Campos

*Assistência editorial*

Thaisa Burani

*Tradução*

Ivania Pocinho Motta

*Preparação*

Mariana Tavares

*Revisão*

Thais Rimkus

*Diagramação*

Fernanda Peluci

*Cronologia*

Natália Angyalossy Alfonso

*Pesquisa de imagens*

Juliana Daguer Esposito

*Capa*

Michaela Pivetti

(frente sobre “Romance - nude study”, ilustração a grafite de autoria de Kenyon Cox, c. 1896; verso sobre ilustração “Journées révolutionnaires des 5 et 6 octobre 1789” [Bibliothèque Nationale de France] e foto de Mídia Ninja)

*Equipe de apoio:* Allan Jones / Ana Yumi Kajiki / Artur Renzo / Eduardo Marques / Elaine Ramos / Giselle Porto / Isabella Marcatti / Ivam Oliveira / Kim Doria / Leonardo Fabri / Marlene Baptista / Maurício Barbosa / Renato Soares / Thaís Barros / Tulio Candiotto

*Versão eletrônica*

*Produção*

Kim Doria

*Diagramação*

Schäffer Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

W846r

Wollstonecraft, Mary 1759-1797

Reivindicação do direito das mulheres [recurso eletrônico] / Mary Wollstonecraft ; tradução Ivania Pocinho Motta. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo : Iskra, 2016.  
recurso digital

Tradução de: A vindication of the rights of woman

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7559-492-6 (recurso eletrônico)

1. Feminismo na literatura - Inglaterra - História. 2. Direitos das mulheres na literatura - Inglaterra - História. 3. Mulheres - Inglaterra - Condições sociais. 4. Livros eletrônicos. I. Motta, Ivania Pocinho. II. Título.

16-33364

CDD: 305.4201

CDU: 141.72

---

27/05/2016 30/05/2016

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: maio de 2016

BOITEMPO EDITORIAL

[www.boitempoeditorial.com.br](http://www.boitempoeditorial.com.br)

[www.boitempoeditorial.wordpress.com](http://www.boitempoeditorial.wordpress.com)

[www.facebook.com/boitempo](https://www.facebook.com/boitempo)

[www.twitter.com/editoraboitempo](https://www.twitter.com/editoraboitempo)

[www.youtube.com/tvboitempo](https://www.youtube.com/tvboitempo)

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869

[editor@boitempoeditorial.com.br](mailto:editor@boitempoeditorial.com.br)

## Siga a Boitempo

---

**BOITEMPOEDITORIAL.COM.BR**

 /blogdaboitempo.com.br

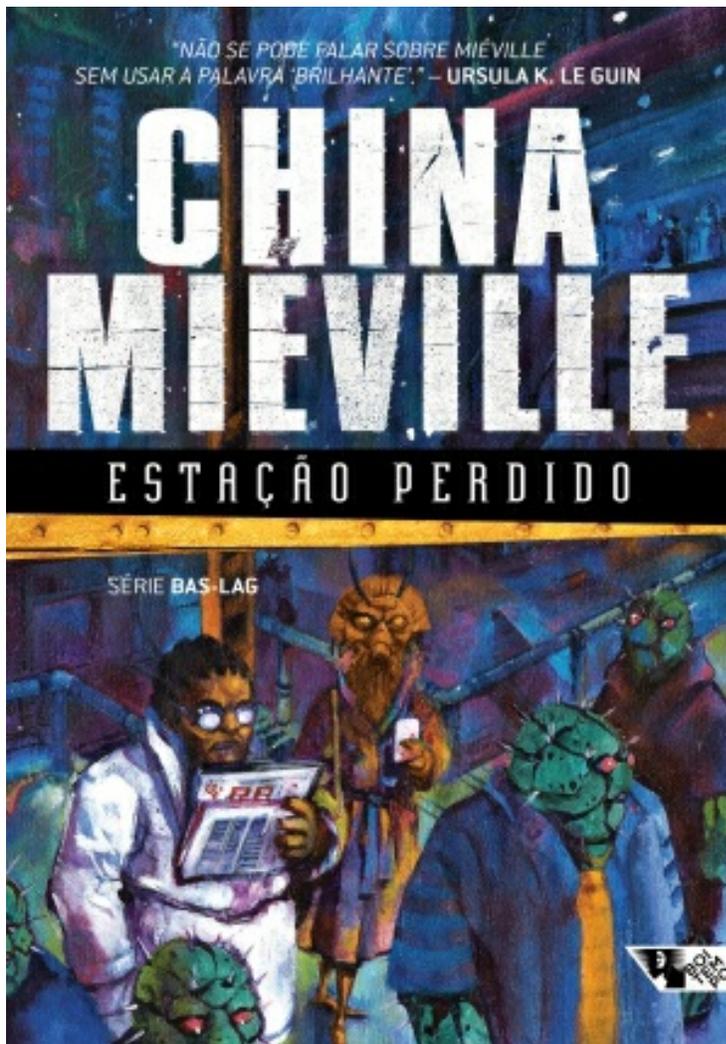
 /boitempo

 @editoraboitempo

 /imprensaboitempo

 @boitempo





## Estação Perdido

Miéville, China  
9788575594902  
610 páginas

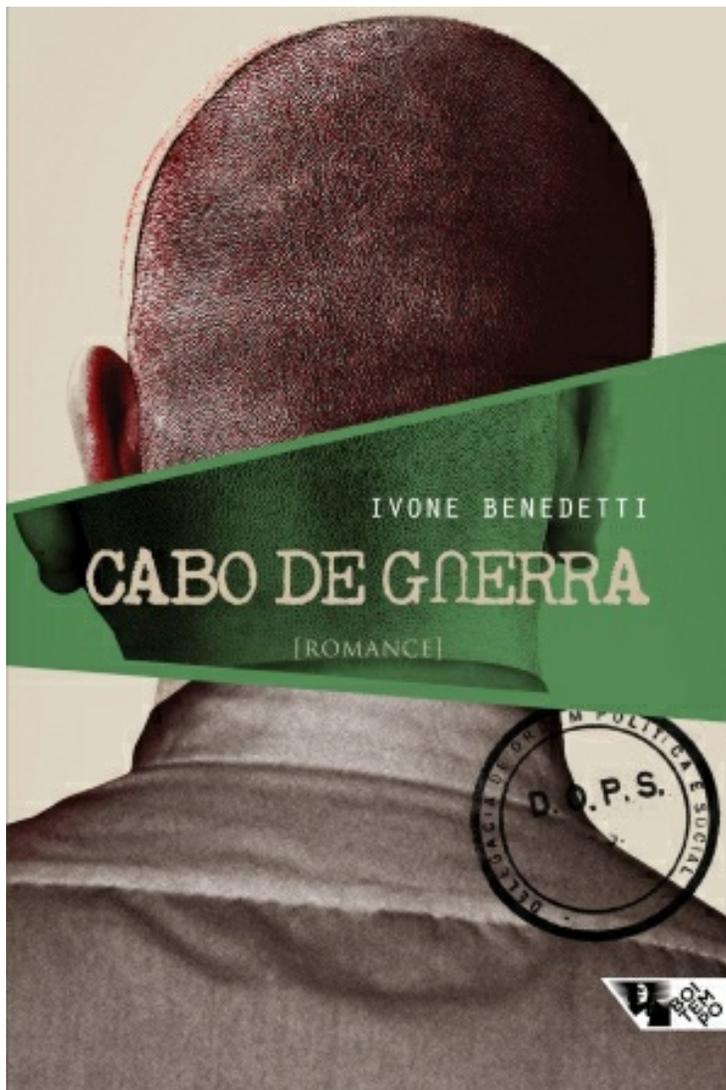
[Compre agora e leia](#)

"Com seu novo romance, o colossal, intrincado e visceral Estação Perdido, Miéville se desloca sem esforço entre aqueles que usam as

ferramentas e armas do fantástico para definir e criar a ficção do século que está por vir." – Neil Gaiman "Não se pode falar sobre Miéville sem usar a palavra 'brilhante'." – Ursula K. Le Guin

O aclamado romance que consagrou o escritor inglês China Miéville como um dos maiores nomes da fantasia e da ficção científica contemporânea. Miéville escreve fantasia, mas suas histórias passam longe de contos de fadas. Em Estação Perdido, primeiro livro de uma trilogia que lhe rendeu prêmios como o British Fantasy (2000) e o Arthur C. Clarke (2001), o leitor é levado para Nova Crobuzon, no planeta Bas-Lag, uma cidade imaginária cuja semelhança com o real provoca uma assustadora intuição: a de que a verdadeira distopia seja o mundo em que vivemos. Com pitadas de David Cronenberg e Charles Dickens, Bas-Lag é um mundo habitado por diferentes espécies racionais, dotadas de habilidades físicas e mágicas, mas ao mesmo tempo preso a uma estrutura hierárquica bastante rígida e onde os donos do poder têm a última palavra. Nesse ambiente, Estação Perdido conta a saga de Isaac Dan der Grimnebulin, excêntrico cientista que divide seu tempo entre uma pesquisa acadêmica pouco ortodoxa e a paixão interespecies por uma artista boêmia, a impetuosa Lin, com quem se relaciona em segredo. Sua rotina será afetada pela inesperada visita de um garuda chamado Yagharek, um ser meio humano e meio pássaro que lhe pede ajuda para voltar a voar após ter as asas cortadas em um julgamento que culminou em seu exílio. Instigado pelo desafio, Isaac se lança em experimentos energéticos que logo sairão do controle, colocando em perigo a vida de todos na tumultuada e corrupta Nova Crobuzon.

[Compre agora e leia](#)



# Cabo de guerra

Benedetti, Ivone

9788575594919

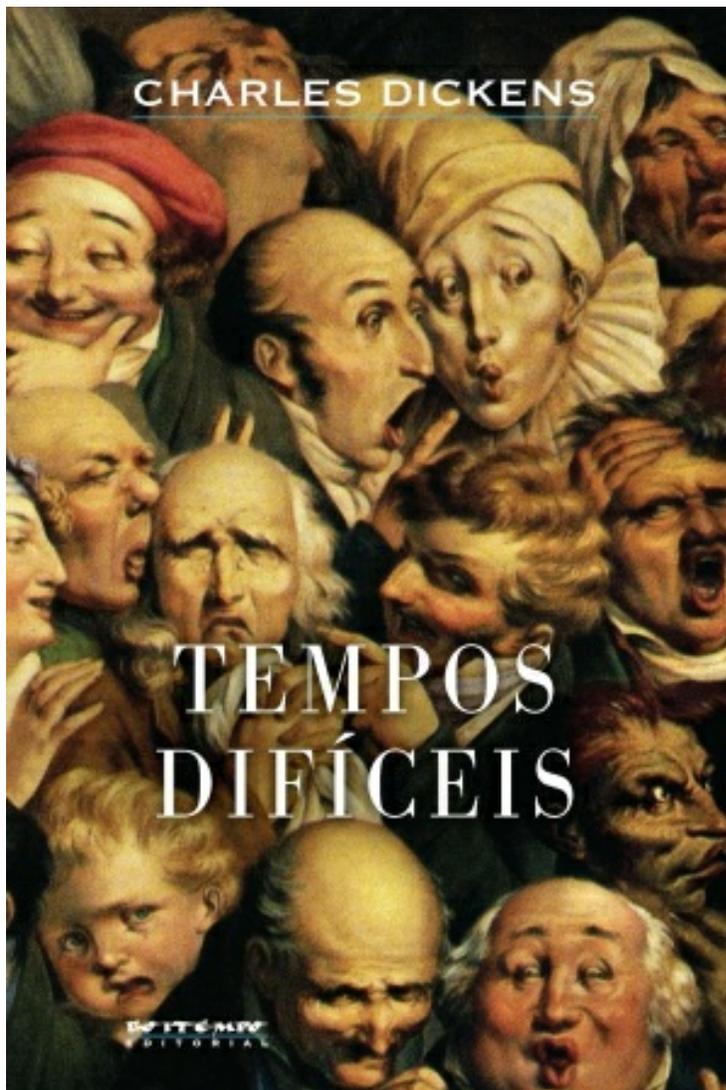
306 páginas

[Compre agora e leia](#)

Finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2010, Ivone Benedetti lança pela Boitempo seu segundo romance, o arrebatador Cabo de

guerra, que invoca fantasmas do passado militar brasileiro pela perspectiva incômoda de um homem sem convicções transformado em agente infiltrado. No final da década de 1960, um rapaz deixa o aconchego da casa materna na Bahia para tentar a sorte em São Paulo. Em meio à efervescência política da época, que não fazia parte de seus planos, ele flerta com a militância de esquerda, vai parar nos porões da ditadura e muda radicalmente de rumo, selando não apenas seu destino, mas o de muitos de seus ex-companheiros. Quarenta anos depois, ainda é difícil o balanço: como decidir entre dois lados, dois polos, duas pontas do cabo de guerra que lhe ofertaram? E, entre as visões fantasmagóricas que o assaltam desde criança e a realidade que ele acredita enxergar, esse protagonista com vocação para coadjuvante se entrega durante três dias a um estranho acerto de contas com a própria existência. Assistido por uma irmã devota e rodeado por uma série de personagens emersos de páginas infelizes, ele chafurda numa ferida eternamente aberta na história do país. Narradora talentosa, Ivone Benedetti tem pleno domínio da construção do romance. Num texto em que nenhum elemento aparece por acaso e no qual, a cada leitura, uma nova referência se revela, o leitor se vê completamente envolvido pela história de um protagonista desprovido de paixões, dono de uma biografia banal e indiferente à polarização política que tanto marcou a década de 1970 no Brasil. Essa figura anônima será, nessa ficção histórica, peça fundamental no desfecho de um trágico enredo. Neste Cabo de guerra, são inúmeras e incômodas as pontes lançadas entre passado e presente, entre realidade e invenção. Para mencionar apenas uma, a abordagem do ato de delação política não poderia ser mais instigante para a reflexão sobre o Brasil contemporâneo.

[Compre agora e leia](#)



# Tempos difíceis

Dickens, Charles

9788575594209

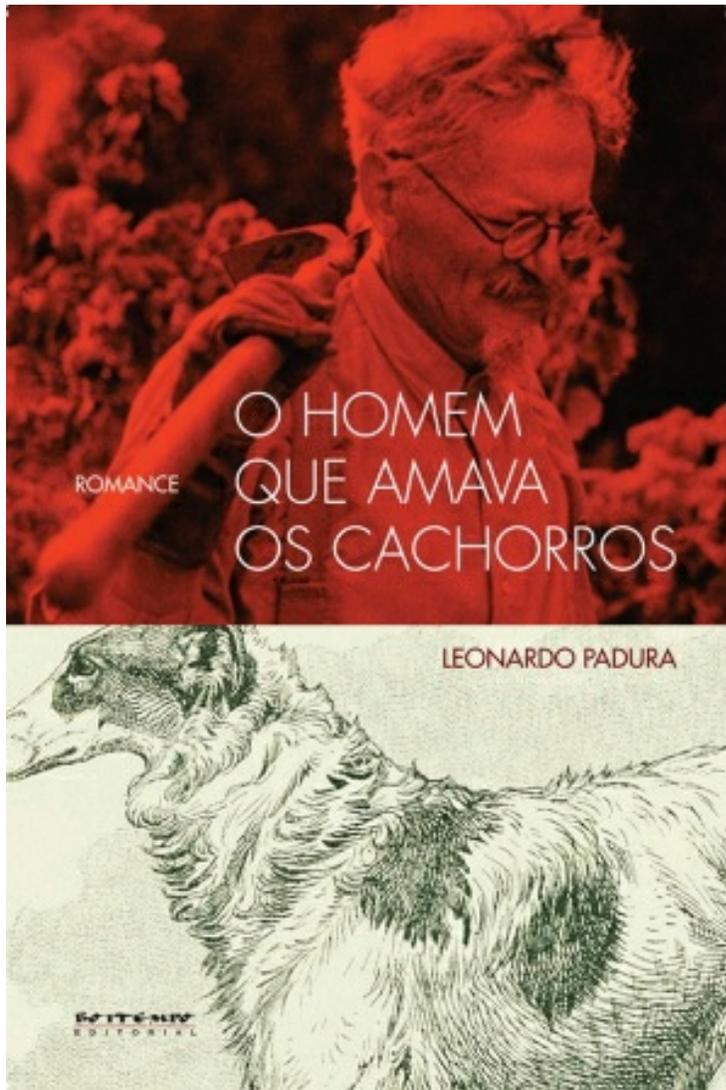
336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste clássico da literatura, Charles Dickens trata da sociedade inglesa durante a Revolução Industrial usando como pano de fundo a

fictícia e cinzenta cidade de Coketown e a história de seus habitantes. Em seu décimo romance, o autor faz uma crítica profunda às condições de vida dos trabalhadores ingleses em fins do século XIX, destacando a discrepância entre a pobreza extrema em que viviam e o conforto proporcionado aos mais ricos da Inglaterra vitoriana. Simultaneamente, lança seu olhar sagaz e bem humorado sobre como a dominação social é assegurada por meio da educação das crianças, com uma compreensão aguda de como se moldam espíritos desacostumados à contestação e prontos a obedecer à inescapável massificação de seu corpo e seu espírito. Acompanhando a trajetória de Thomas Gradgrind, "um homem de fatos e cálculos", e sua família, o livro satiriza os movimentos iluminista e positivista e triunfa ao descrever quase que de forma caricatural a sociedade industrial, transformando a própria estrutura do romance numa argumentação antiliberal. Por meio de diversas alegorias, como a escola da cidade, a fábrica e suas chaminés, a trupe circense do Sr. Sleary e a oposição entre a casa do burguês Josiah Bounderby e a de seu funcionário Stephen Blackpool, o resultado é uma crítica à mentalidade capitalista e à exploração da força de trabalho, imposições que Dickens alertava estarem destruindo a criatividade humana e a alegria.

[Compre agora e leia](#)



## O homem que amava os cachorros

Padura, Leonardo

9788575593622

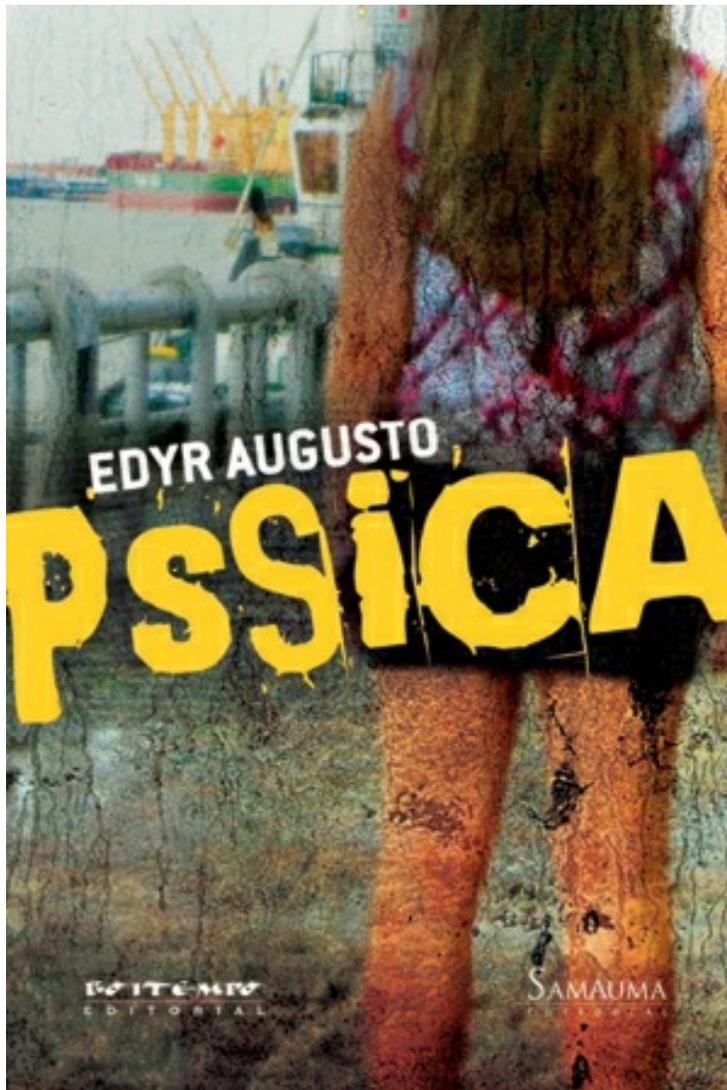
592 páginas

[Compre agora e leia](#)

Esta premiadíssima e audaciosa obra do cubano Leonardo Padura, traduzida para vários países (como Espanha, Cuba, Argentina,

Portugal, França, Inglaterra e Alemanha), é e não é uma ficção. A história é narrada, no ano de 2004, pelo personagem Iván, um aspirante a escritor que atua como veterinário em Havana e, a partir de um encontro enigmático com um homem que passeava com seus cães, retoma os últimos anos da vida do revolucionário russo Leon Trotski, seu assassinato e a história de seu algoz, o catalão Ramón Mercader, voluntário das Brigadas Internacionais da Guerra Civil Espanhola e encarregado de executá-lo. Esse ser obscuro, que Iván passa a denominar "o homem que amava os cachorros", confia a ele histórias sobre Mercader, um amigo bastante próximo, de quem conhece detalhes íntimos. Diante das descobertas, o narrador reconstrói a trajetória de Liev Davidovitch Bronstein, mais conhecido como Trotski, teórico russo e comandante do Exército Vermelho durante a Revolução de Outubro, exilado por Joseph Stalin após este assumir o controle do Partido Comunista e da URSS, e a de Ramón Mercader, o homem que empunhou a picareta que o matou, um personagem sem voz na história e que recebeu, como militante comunista, uma única tarefa: eliminar Trotski. São descritas sua adesão ao Partido Comunista espanhol, o treinamento em Moscou, a mudança de identidade e os artifícios para ser aceito na intimidade do líder soviético, numa série de revelações que preenchem uma história pouco conhecida e coberta, ao longo dos anos, por inúmeras mistificações.

[Compre agora e leia](#)



# Pssica

Proença, Edyr Augusto

9788575594506

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após grande sucesso na França - onde teve três livros traduzidos -, o paraense Edyr Augusto lança um novo romance noir de tirar o fôlego.

Em Pssica, que na gíria regional quer dizer "azar", "maldição", a narrativa se desdobra em torno do tráfico de mulheres. Uma adolescente é raptada no centro de Belém do Pará e vendida como escrava branca para casas de show e prostituição em Caiena. Um imigrante angolano vai parar em Curralinho, no Marajó, onde monta uma pequena mercearia, que é atacada por ratos d'água (ladrões que roubam mercadorias das embarcações, os piratas da Amazônia) e, em seguida, entra em uma busca frenética para vingar a esposa assassinada. Entre os assaltantes está um garoto que logo assumirá a chefia do grupo. Esses três personagens se encontram em Breves, outra cidade do Marajó, e depois voltam a estar próximos em Caiena, capital da Guiana Francesa, em uma vertiginosa jornada de sexo, roubo, garimpo, drogas e assassinatos.

[Compre agora e leia](#)